Shadows in the Silence

AN Angelfire NOVEL



COURTNEY ALLISON MOULTON

Sua força no coração e na mão cairá...

Ellie sabe que os momentos mais sombrios ainda estão por vir e ela tem tudo pelo que lutar.

Ela deve lutar por Will.

Os demoníacos recorreram às suas armas mais cruéis para colocar Will em perigo mortal, e Ellie faz uma improvável aliança para salvá-lo e parar Lilith e Sammael, que procuram afogar o mundo em sangue e rasgar um buraco no céu.

Ela deve lutar pela humanidade.

Enquanto os exércitos do Inferno se elevam e se reúnem para o iminente Fim dos Dias, Ellie e seu grupo de aliados viajam para as regiões mais escuras e antigas do mundo em sua busca de alcançar sua glória como o Arcanjo Gabriel.

E Ellie deve se salvar.

Sua humanidade murcha sob o peso de seu poder frio de arcanjo, mas Ellie deve segurar firme quem ela é e quem ela ama enquanto se prepara para a batalha final pelo céu e a terra.

Neste trecho final da trilogia Angelfire, Courtney Allison Moulton traz seu sombrio mundo de batalhas épicas e romance alucinante para uma empolgante e brilhante conclusão.

PARTE UM

Pesadelo do Inferno

1

O DEMÔNIO TINHA TENTADO ME MATAR UMA e outra vez, mas mesmo com o meu vestido encharcado pelo sangue de Will, eu fiquei de pé. Esta noite começou tão lindamente e tão cheia felicidade, e terminou em terror e sangue. Mas isso ainda não acabou. Will não estava morto. O demoníaco fizera isso com ele, e agora apenas um ceifeiro demoníaco poderia salvá-lo.

A ponta da minha espada apontou para o peito de Cadan, mas ele parecia mais preocupado comigo do que com medo por sua vida. Os outros – Ava, Marcus e Sabina – não conseguiram me ajudar, mas eu sabia que o irmão de Will poderia. Ele era a única pessoa que eu conhecia que conheceu um Grigori, os anjos ligados à Terra em vez do Inferno, e o Grigori sabia tudo sobre magia e medicina angelical. Will estava morrendo por causa do veneno do Ceifeiro, e apenas um Grigori saberia como curá-lo. Eu precisava do Will ao meu lado para ganhar esta guerra. Eu não poderia derrotar Sammael e Lilith e suas legiões demoníacas sem ele.

O olhar opalescente de Cadan era ardente e duro no meu. — Ellie, você pode abaixar sua espada. Conte-me o que aconteceu.

— Eu não pediria isso se soubesse outra maneira — disse eu a ele. — Você é a única pessoa que pode me ajudar. — Apontei a espada para alguém que me amava e pedi a ele para salvar a vida daquele que eu amava. Isso estava tão errado.

— Eu lhe disse que faria qualquer coisa por você — disse ele, mas percebi a hesitação em sua voz. — Eu mantenho minhas promessas.

— Não me importo com o que eu tenho que fazer ou quão perigoso é. — Eu funguei, minha mão e espada tremendo. — Eu só preciso salvá-lo.

— Ellie. — Ele se moveu lentamente em minha direção, sua mão estendida. Sua mandíbula apertou em dor quando o Fogo Angelical lambeu o braço até a manga enrolada. Ele pegou meu pulso e afastou meu braço antes que a queimadura causasse algum dano permanente em sua pele. Seu corpo estava perto de mim, tão perto que eu queria cair nele e ser envolta em seus braços, apenas para ser abraçada e chorar até a exaustão. Will sempre fez isso por mim. Esse não era o trabalho de ninguém além dele.

Com um soluço, deixei minha espada desaparecer, e Cadan exalou de alívio, me puxando para ele, seus olhos percorrendo meu vestido ensanguentado e esfarrapado. Suas mãos caíram na minha cintura e seu polegar pressionou fortemente a minha pele, testando-me, presumi, por lesão. Quando não recuei de dor, ele suspirou novamente.

— Tudo isso é sangue de Will? — perguntou ele.

Assenti, e enxuguei as lágrimas no meu rosto. — Merodach trouxe outro ceifeiro com ele – Rikken. Will o matou, mas não antes de ser mordido. É algum tipo de veneno. Eu não sei.

— Eu conheci Rikken — disse Cadan. — Um parasita que Bastian pegou quando descobriu o que Rikken poderia fazer. Bastian recolhia os incomuns e garantia que eles permanecessem leais para quando ele precisasse de suas habilidades.

— Os Grigori sabe de tudo, certo? — perguntei, trêmula. — Sobre medicina angelical e magia? Eles saberiam como salvá-lo. Eles têm que saber!

— É provável — disse Cadan. — Mas o Grigori que eu conheço é perigoso. Levar você até Antares poderia fazer mais mal do que bem. Eu tenho um amigo que pode nos dar uma vantagem melhor.

— Antares? O Observador do Oeste? *Ela* é o Grigori que você conhece?

Ele assentiu cansado. — Ela é um dos quatro senhores Cardeais elementais. Ela também é a Grigori da qual eu – e Will – descendemos. A linhagem de Bastian.

— Mas Bastian era demoníaco — disse eu, confusa. — Somente os ceifeiros angelicais são descendentes dos Anjos caídos de Grigori. Os ceifeiros demoníacos são descendentes de Sammael e Lilith. Isso não faz nenhum sentido.

— O pai de Bastian era angelical.

— Você está brincando — disse eu. — Não há como Bastian ser meio-angelical.

— Meu avô era um filho direto de Antares. Este é um segredo muito bem guardado. O sangue de Antares em nossas veias nos torna mais poderosos, mas nosso sangue não é tão puro quanto o de um ceifeiro mais perto da fonte, como Merodach e Kelaeno. Eles vieram diretamente do útero de Lilith.

— Will matou Kelaeno — disse eu, desafiando sua afirmação. — E meu Fogo Angelical marcou Merodach. — Aqueles dois tinham uma força monstruosa, mas Will e eu provamos que eles não eram invencíveis.

Cadan me deu o menor dos sorrisos. — Você é um arcanjo e Will é meio que uma anomalia. Você tem sorte de tê-lo como seu guardião.

Lágrimas queimaram meus olhos. — Mas eu não terei, se ele morrer. — Eu precisava de Will. Eu o amava e não conseguia fazer isso sem ele.

— Ellie, por favor, sente-se por apenas um minuto. Vou pegar algo para você beber.

Ele me direcionou para o sofá e atravessou a sala para a cozinha. Sozinha, não pude deixar de olhar em volta. Seu apartamento era espaçoso e decorado com muito vidro e obras de arte moderna. Do outro lado da sala havia uma parede de janelas que se estendia do chão ao teto e dava para uma grande varanda. Além dela, a cidade brilhava. De repente, percebi que estava sozinha na casa de um ceifeiro demoníaco. Era tão *normal* aqui, e essa observação me surpreendeu. Eu esperava que os ceifeiros demoníacos morassem em cavernas ou em uma árvore oca em algum lugar? Às vezes eles eram tão... humanos.

Cadan voltou com um copo de água. Eu aceitei, mas só pude tomar um gole antes de começar a me sentir mal.

— Vou levá-la ao lugar que meu amigo frequenta — disse ele. — Ele conhece um Grigori chamado Virgil, então nós vamos olhar para essa pista antes de pular para uma mais perigosa.

— Então vamos. — Fiquei de pé. — Estamos ficando sem tempo.

Ele lambeu os lábios e seu olhar passou pela sala nervosamente. — Espere. Primeiro você tem que entender que para onde vamos, encontraremos com Vir demoníacos. Eles estarão em todo lugar. Podemos entrar e sair, bem e fácil, *se* tivermos cuidado. Não podemos deixar ninguém saber quem você é.

— Tudo bem — concordei. — Qualquer coisa. Apenas vamos.

— Você realmente entende o que estou dizendo? — perguntou ele. — Nem mesmo você poderia lidar com cem Vir de uma vez.

Olhei para ele, meu olhar feroz. — Eu entendo, mas temos que nos apressar.

— Você tem uma muda de roupa?

— O quê?

— Você precisa usar algo diferente desse vestido — disse ele muito sério.

— Não me importo com o que eu pareço!

— Para onde vamos, você não quer estar encharcada com o sangue de um anjo da morte. Isso pode atrair atenção indesejada.

Meu coração acelerou no meu peito. Olhar para o meu vestido era uma lembrança cruel dos eventos horrorosos da noite que começou tão maravilhosamente. — Isso é tudo que eu tenho — disse eu em voz baixa.

— Então nós temos que pegar uma muda de roupa da sua casa. Vamos.

— Tudo bem — concordei, e o segui sem outra discussão.

* * *

Cadan e eu voltamos para a casa da minha avó, onde Cadan me seguiu pelos degraus da varanda e Nana irrompeu pela porta da frente, a mão sobre a boca.

— Não pode ser — suspirou ela, os olhos arregalados e olhando para Cadan e depois para o meu vestido encharcado de sangue. — *Ellie!*

— Não enlouqueça — disse eu, cuidadosamente. — Ele é meu amigo.

— O que aconteceu? — Ela engasgou, me puxando para perto e me examinando por lesão. — Pensei ter sentido energia demoníaca...

— Ele não fez isso. — Eu me afastei e caminhei por ela até a casa. — Esse é Cadan. Ele está aqui para me ajudar.

— Por quê? — perguntou ela, cambaleando contra a parede. — O que você está fazendo com um ceifeiro demoníaco? O que está acontecendo?

— Will está ferido — disse eu, surpresa com a frieza na minha voz. Eu estava tão emocionalmente exausta que agora sentia quase nada. — Vamos encontrar alguém que possa salvá-lo.

Toquei o corrimão das escadas e virei para Cadan. — Vou me trocar e já volto. Não vá a lugar nenhum.

Então eu deixei o ceifeiro demoníaco com a minha avó e fui para o meu quarto. Vasculhei através da cômoda e tirei jeans e uma camiseta. O vestido outrora bonito era agora uma pilha de panos ensanguentados aos meus pés. Resisti ao desejo de pegá-lo, alisar o tecido e colocá-lo em minha cama. Eu não podia esperar mais. Precisava salvar Will.

Voltei correndo para descobrir que Cadan e minha avó não se mexeram. Ela relaxou quando me viu, e a expressão de Cadan era agradável, mas ele parecia um pouco desconfortável.

— Cadan estava apenas me dizendo que ele é irmão de Will — ofereceu Nana educadamente.

— Meio irmão — corrigiu ele.

Passei por ele. — Vamos lá.

Cadan não disse nada e me seguiu.

— Eu voltarei — disse eu à minha avó. — Mas não sei quando. Não se preocupe comigo. Eu tenho que fazer isso.

Olhei para ela uma vez para vê-la acenar e sorrir fracamente.

Então saímos.

* * *

Cadan nos levou ao centro da cidade. Detroit estava viva como sempre foi durante a noite, e mesmo dentro do carro eu podia ouvir vozes alegres e risonhas, e música jazz saindo de alto-falantes invisíveis acima das calçadas. Cadan parou em uma garagem e encontrou um lugar vazio no segundo nível. Não esperei por ele e saí de seu carro. Eu andei na direção da escada e ele me alcançou em poucos passos. A pesada porta de aço se fechou atrás de nós e ecoou nas paredes brancas e desgastadas. Ele agarrou meu braço e eu encarei seu rosto.

— Preciso da sua cabeça no jogo — disse ele em voz baixa.

— Solte-me — ordenei geladamente e puxei meu braço.

— Você se lembra do que eu disse?

— Sim — assobiei.

Sua mandíbula se contraiu. — Mantenha os olhos abaixados e segure seus comentários. Apenas vá com o que eu digo, ok? E suprima seu poder a um nível mais fraco do que o adormecido. *Não* atraia a atenção ou você será morta. Mesmo que você não se importe consigo mesma, pare e lembre-se que estamos aqui para salvar a vida do seu Guardião.

Estreitei meu olhar e me afastei dele. Ele estava certo. Eu precisava me acalmar para podermos fazer isso com sucesso. Esmaguei minha energia o mais baixo que consegui, esperando poder andar entre os ceifeiros sem ser detectada –

desde que nenhum deles reconhecesse meu rosto. A probabilidade disso deveria ser pequena. Não eram muitos ceifeiros demoníacos que viram meu rosto e viveram outro dia.

Andamos dois quarteirões, nos aventurando cada vez mais longe dos bares e restaurantes movimentados, em ruas mais escuras e mais silenciosas. Passamos por um pequeno terreno vazio com um perímetro de cercas de arame enferrujadas, e a pressão sobrenatural me atingiu. Poder demoníaco escorria do prédio escuro como nevoeiro, fazendo cócegas na minha pele como pernas de aranha, com garras que rasgavam meus lábios, tentando empurrar-se na minha garganta. Eu tossi de desconforto e Cadan olhou para mim.

— Você está bem? — perguntou ele em voz baixa.

— Perfeitinha.

— Mantenha-se perto — disse ele. — Só fica mais perigoso a partir daqui.

Dei um tapinha no ombro dele. — Não tenha medo. Eu protegerei você.

Ele deu um sorrisinho. — Lembre-se do que eu disse.

A energia demoníaca que crepitava no ar ficou mais forte e mais forte à medida que descíamos um beco e nos dirigíamos para uma porta de metal sob uma clara luminária fluorescente. De pé em frente à porta estava um forte ceifeiro demoníaco que parecia completamente humano do lado de fora – sem chifres, asas ou presas salientes – mas sua energia estalou no ar ao meu redor e a entregou.

O segurança colocou a mão no meu ombro, me impedindo antes que eu pudesse passar. Ele precisava ter certeza que eu era humana e eu esperava que fosse tudo o que ele sentia. Eu recuei, com vontade de afastá-lo, mas mordi meu lábio para acalmar meu temperamento. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Cadan se adiantou.

— Ela está comigo — disse ele.

— Encontro? — perguntou o segurança com curiosidade, seus olhos vagando, medindo meu corpo.

Cadan pegou minha mão e piscou para ele. — Jantar.

Apertei-me em volta dele – mas não para conforto. Enterrei minhas unhas em sua pele, um aviso. Todo seu braço tencionou e estremeceu sob a minha força, e ele me puxou para mais perto. Um aviso para mim. Respirei fundo e lembrei que qualquer demonstração de poder, mesmo um tão pequeno como o que eu acabara

de fazer, arriscaria expor o que eu realmente era para os ceifeiros demoníacos e fazer com que ambos morrêssemos.

Ele começou a me guiar, mas o segurança pressionou uma palma no peito de Cadan, impedindo-o.

— Eu conheço o seu rosto — disse ele, estreitando os olhos. — Você é Cadan. O filho de Bastian.

Cadan mostrou um sorriso encantador cheio de dentes brancos brilhantes. — Culpado.

— Há rumores de que você matou Bastian.

Seu sorriso escureceu. — Não é apenas um boato.

— Há rumores de que você não é confiável.

— Também não é apenas um boato.

— Me faz pensar que eu não deveria deixar você entrar aqui.

— Eu gostaria de ver você tentar me impedir — disse Cadan friamente. — Há rumores, eu matei Bastian.

Apertei a mão de Cadan novamente, desta vez gentilmente e por conforto. Eu não deixaria este confronto se transformar em um circo de testosterona em que eu teria que salvar a bunda dele.

— Afaste-se — ordenou Cadan.

O segurança obedeceu, finalmente levando Cadan a sério. Cadan avançou, arrastando-me atrás dele, e olhei de relance para o segurança, cujos olhos estavam colados aos meus. Eles brilharam vermelhos como chamas por um instante e depois sumiu.

Dentro do clube, uma luz cobalto escura filtrava nuvens de fumaça de cigarro. As paredes eram cobertas por cortinas de cetim azul-escuro e o piso de ladrilho escuro e lustroso vibrava com a batida constante, lenta e pesada de música que era mais ruído eletrônico do que qualquer coisa. Este lugar era diferente de qualquer clube que eu já imaginei. Ninguém estava dançando com a música, mas ceifeiros – todos demoníacos pelo que eu podia sentir, alguns reunidos em pequenos grupos conversando, sentados em mesas altas e em cabines, alguns passando por mim – olharam para Cadan e eu com curiosidade. Uma mulher olhou para o meu rosto e diminuiu a velocidade, estreitando o olhar ao se aproximar, mas Cadan me puxou para perto dele e mostrou seus olhos de opala para o outro Vir como para estabelecer que eu era dele, me deixando extremamente desconfortável.

Ela continuou se movendo. Acho que ela não me reconheceu, mas certamente ela cheirava que eu era humana, o que era muito provável ser uma ocorrência rara aqui. E ela não foi a única a me observar.

2

OS LÁBIOS DE CADAN ESCOVARAM MEUS OUVIDOS. — FIQUE perto e não faça contato visual — sussurrou ele apenas alto o suficiente para eu ouvi-lo. — Os demoníacos são competitivos, e aquela estava tentando tirar você de mim. Você teria que perder seu disfarce para se proteger.

Respirei fundo. — Onde está esse seu amigo?

— Lá.

Algumas mesas de onde estávamos parados havia um ceifeiro demoníaco com cabelo avermelhado e desgrenhados presos em tufos grossos. Seus olhos laranja-tangerina se arregalaram e brilharam, e depois se transformaram em uma carranca quando avistou Cadan.

— Pensei que você disse que ele era um amigo? — perguntei a ele, irritada.

Cadan pegou minha mão e me levou diretamente para a mesa. — A maioria dos meus amigos me odeia.

— Surpresa, surpresa.

O outro Vir ficou de pé, quase derrubando a cadeira enquanto levantava. — Que inferno você está fazendo aqui? — cuspiu ele, e sua energia estremeceu defensivamente.

— Relaxe, Ronan — disse Cadan com firmeza. — Estou aqui apenas para conversar.

Ele me deu um olhar mordaz e ainda faminto. — Com um pequeno animal de estimação?

Não desviei meus olhos dele, nem mostrei nenhum medo.

— Sente-se, Ronan — ordenou Cadan. — Caso contrário, eu mesmo sentarei você. Preciso de um favor.

Ronan obedeceu, mas ele não estava satisfeito com isso. — Por que eu faria algum favor para você?

— Nem mesmo para um velho amigo?

— Você não é meu amigo! — rosnou Ronan, seus olhos uma chama de laranja vibrante. — Você tirou Emelia de mim!

Revirei os olhos para Cadan. — Você roubou a namorada dele?

— É sua culpa que ela está morta! — falou Ronan, apertando as mãos em punhos sobre a mesa.

— Você *matou* a namorada dele?

— Ellie — respondeu Cadan bruscamente, sem olhar para mim.

Ronan me ignorou. — Eu te disse que eu rasgaria seu rosto caso o visse novamente. Você e essa cadela, Ivar. Eu vou matar vocês dois.

— Ivar está morta — respondeu Cadan, seu olhar hesitante por um batimento cardíaco, apertando a mandíbula. — Eu mesmo a matei.

Ronan olhou para ele espantado e depois bufou de indiferença. — Bem, é tarde demais. Emelia está morta e eu te culpo.

Será que Ivar matou essa Vir demoníaca, Emelia, pela mesma razão que ela tentou me matar naquela noite que me atacou saindo da biblioteca – por causa do carinho de Cadan?

— Não tenho tempo para...

Ronan riu amargamente, cortando Cadan. — *Você*. É sempre sobre você. O que você quer, o que você não tem, o que você está disposto a fazer. O que você não dá a mínima quando o tem.

— Eu não poderia ter feito nada para protegê-la — disse Cadan, sua voz plana. — Se pudesse eu teria feito.

— Então por que agora? — cuspiu Ronan. — Por que esperar oitenta anos para vingá-la? Se você a amasse, então teria matado Ivar décadas atrás.

— Emelia teria morrido de qualquer maneira. Ela era humana, Ronan.

O outro Vir sentou-se pesadamente na cadeira e cruzou os braços grossos sobre o peito. Ele balançou a cabeça e sua boca torceu em desgosto. — Você é um bastardo frio. Só porque ela tinha uma data de expiração então não significava nada a vida dela ser apagada?

A dureza de Cadan se rompeu, revelando suas emoções através de seus olhos. Ele se inclinou sobre a mesa e baixou a voz. — Por favor, Ronan. Amanhã nós podemos brigar por isso. Esta noite eu só preciso da sua cooperação. Não é para mim, é para ela.

Ronan fez um barulho feio e seu olhar se fixou em mim. — Essa coisinha? Uma substituta para Emelia? Ou você finalmente descobriu um gosto pela carne humana?

Eu não conseguia mais segurar minha língua. — Você fala de mim como se eu fosse um pedaço de comida e só insulta a memória de Emelia fazendo isso. Ela era apenas um *pedaço de carne* para você também?

Ronan pulou na mesa para mim, garras brotando das pontas dos dedos, presas malignas saltando de suas gengivas. Meu instinto era me afastar dele e invocar minhas espadas, mas antes que eu fizesse isso, Cadan estava de pé, passando por mim, e agarrou Ronan pela garganta, empurrando-o de volta em seu assento. Mais uma vez, eu quase acabei expondo meu disfarce, e Cadan reiterou esse fato com um olhar frustrado em minha direção.

Ele se virou para Ronan. — Vou rasgar seu esôfago se você fizer um movimento para ela novamente. Estamos entendidos?

— Como o *vidro* — assobiou Ronan, mostrando suas presas antes que elas recuassem para dentes de tamanho normal.

Quando Cadan se sentou novamente, tentei não notar os muitos pares de olhos agora concentrados em nós três. Meu coração começou a pulsar mais forte quando meus nervos chegaram até mim. Este plano não estava indo bem. Eu queria apenas ir embora, mas precisávamos dessa informação. Eu precisava salvar Will. Eu tinha que fazer isso.

Ronan estudou meu rosto e inclinou a cabeça com curiosidade. Seus ombros subiram e desceram enquanto tentava acalmar sua raiva, mas quanto mais ele olhava para mim, mais ansioso ficava. — Eu acho que sei o que está acontecendo. Eu ouço tudo sobre você, Cadan, e o que você tem feito.

— Pela última vez, isso não é sobre mim — respondeu Cadan com firmeza.

— Não, isso não é, certo? — perguntou Ronan, seus lábios puxando em um sorriso desagradável. — Ninguém traz humanos aqui, e sei que você não colhe mais do que eu. Eu sei quem ela é.

— Você não sabe do que está falando — disse Cadan, descartando a acusação de Ronan. — Onde está virgil?

Os olhos de Ronan se arregalaram e sua cabeça caiu para trás enquanto ele ria. — Isso confirma tudo! Você quer sabe onde está um Grigori? Seu animal de estimação não é quem você diz que é.

— Ela é humana — rosnou Cadan. — Não faça isso. Estou te implorando. Eu a amo, Ronan.

O sorriso sombrio de Ronan se alargou. — E você a trouxe direto para a toca dos lobos. Você deve estar apaixonado por ela se você a quer morta.

O corpo de Cadan ficou duro como pedra. — Vamos — disse ele para mim, em voz baixa e rápida. — Isto foi um erro.

Comecei a empurrar minha cadeira quando Ronan falou novamente. — Eu sei porque você quer um Grigori, pequeno Cordeiro. Nós, lobos, temos orelhas grandes. Como está o poderoso martelo? Fervendo de dentro para fora, não é?

Cadan já estava em pé enquanto eu congelava e olhava para Ronan.

— Ellie. — Cadan tentou me puxar, mas permaneci presa à cadeira.

— Seu Guardião está morto — zombou Ronan. — Assim como o inútil, bastardo hipócrita que deveria ser.

Cadan amaldiçoou, mas ele não tinha poder para me impedir quando eu explodi e o mundo se moveu muito devagar para me acompanhar. Minha energia detonou e levantei a mesa com as mãos. Ronan estava de pé, mas eu já havia saltado no ar, voando sobre a mesa, minhas espadas brilhando e explodindo de Fogo Angelical. Uma lâmina cortou o peito de Ronan em um lampejo de sangue e fogo branco, rasgando sua camisa e pele. Ele rugiu e cambaleou para trás, segurando o peito sangrando quanto aterrissei.

O clube entrou em caos.

Ceifeiros demoníacos atacaram-me por todos os lados e libertei a minha glória de arcanjo. Cadan deu uma olhada para mim e se escondeu atrás da mesa virada. Rostos rosnando e olhos ardentes eram abafados pela luz divina branca e cegante que era ainda mais mortal que meu Fogo Angelical. Corpos explodiram em chamas e cinzas quando minha glória varreu a multidão, encharcando-os em luz ardente. Eu perdi o rastro de Ronan enquanto girava e balançava minhas espadas Khopesh, as chamas brancas iluminando dezenas de rostos demoníacos – tudo o que restava da horda depois que liberei minha glória. Quando uma lâmina varreu o pescoço de um ceifeiro e a segunda lâmina enterrou no peito de outro, eu tive que me lembrar de que Cadan estava lá fora em algum lugar, lutando comigo. Ele não era Will, que era imune ao meu Fogo Angelical. Minhas armas eram tão mortais para Cadan quanto para meus inimigos.

Cortei a parede dos ceifeiros, minha pele rasgando contra as unhas afiadas e meus ouvidos cheios de guinchos animalescos e rosnados. Sangue quente manchou meu rosto e braços, endureceu minha roupa, escorreu pelo meu cabelo. Dividi um ceifeiro do umbigo ao pescoço e peguei o olho de Cadan através das chamas. Ele arrancou a espada do coração de um Vir e chutou o corpo para longe. Aos seus pés havia uma crescente pilha de corpos.

Uma mão se fechou ao redor do meu pescoço e me empurrou ao redor. Mais mãos agarraram meus braços, parando meus golpes de espada, e eles arrancaram as espadas Khopesh do meu aperto. Lutei contra eles, mas pelo menos três ceifeiros me seguraram – havia tantos corpos, tantos que eu não conseguia focar, eu não podia pensar. Podia me mover e me jogar ao redor. Gabriel estava chegando, eu podia sentir essa parte de mim nadando para a superfície das profundezas negras. Eu podia ver o reflexo do meu rosto nos brilhantes olhos negros do ceifeiro demoníaco me sufocando. Meus próprios olhos estavam se enchendo de branco quando comecei a me perder no meu poder, mas eu não podia deixar isso acontecer. Contive todo o meu corpo, esforçando-me para manter minha sanidade, ficar aqui. Se eu me soltasse, tinha certeza que eu poderia destruir cada um dos ceifeiros da sala, mas isso incluía Cadan.

Cadan

Ele estava lá, aparecendo do nada, cortando a cabeça de um dos ceifeiros segurando meu braço direito. Agora que eu estava parcialmente livre, eu me concentrei na ceifeira apertando minha garganta. Bati minha mão no ponto fraco em seu braço, na articulação do seu cotovelo. O osso estalou e ela me liberou enquanto jogava a cabeça para trás e gritava de dor e raiva. Esmaguei minha palma em seu rosto, quebrando seu nariz, afundando ossos e cartilagens tão profundamente no crânio que ela virou pedra imediatamente - morta.

Virei-me para o último ceifeiro segurando meu outro braço e enterrei meu joelho em seu estômago, fazendo-o dobrar com um grunhido. Uma sombra caiu sobre nós e olhei para cima, ofegante, com apenas tempo suficiente para mergulhar de lado enquanto Cadan golpeava sua espada pelo pescoço do ceifeiro, quase me acertando com isto. O aperto do ceifeiro se afrouxou e ele desmoronou em pedra na minha frente.

Energia demoníaca explodiu na minha cara, me fazendo voar pela sala como uma boneca chutada. Aterrissei fortemente em uma mesa, dor subindo e descendo

pela minha espinha, madeira quebrando embaixo de mim. Olhei para cima e para o rosto da Vir quando ela desceu pelo ar. Saí da mesa e caí no chão assim que ela atingiu a mesa, quebrando-a sob seu peso. Eu me movi em direção às minhas espadas. Ela me atacou, as garras enganchando minhas roupas enquanto minhas mãos encontravam os elos de prata. Levantei e cambaleei até ela. Minha espada desapareceu em seu peito, deslizando sob seu peito e rasgando seu coração. Ela gritou quando seu corpo pegou fogo, e outra presença demoníaca apareceu atrás de mim.

Virei meu corpo com um grito de desespero, minha lâmina subindo em direção a uma garganta nua – e parei, minha espada a menos de um centímetro de arrancar a cabeça de Cadan enquanto ele olhava para mim. Suspirei e o Fogo Angelical sumiu. Eu abaixei a Khopesh e ele engoliu em seco com uma respiração profunda.

— Desculpe — murmurei, envergonhada por quase matá-lo.

— Sem problema. — Ele olhou em volta desconfortavelmente, mas nós destruímos todos os Vir demoníacos. A fêmea foi a último deles – além de Cadan, pelo menos. Levei um momento para perceber que eu nunca esperei me encontrar lutando ao lado de um ceifeiro demoníaco. Mas ele estava de costas, muito parecido com o que Will sempre fizera.

Então lembrei por que viemos aqui. — Ronan — gemi, e procurei pelo clube em pânico.

Eu o vi correndo para a porta ao mesmo tempo que Cadan, mas ele foi mais rápido que eu. Ele se moveu com velocidade ultrarrápida de ceifeiro, desaparecendo de vista e reaparecendo no caminho de Ronan. Ele bateu a palma da mão no peito de Ronan com uma onda de força demoníaca e enviou-o voando pelo ar. O corpo dele bateu através de mesas e cadeiras enquanto caía no chão. Ronan se debateu e ficou de pé em instantes, mas Cadan agarrou a garganta dele, levantou-o e bateu suas costas no chão, quebrando o azulejo.

— Fique! — rugiu Cadan no rosto do outro ceifeiro.

Ronan soltou um gemido raivoso de dor, apertando os olhos, as presas se alongando em agonia e Cadan recuou, me deixando aproximar. Ronan olhou para cima quando apoiei meu pé em sua garganta e apontei uma Khopesh flamejante no rosto dele. Lentamente, ele levantou as mãos em derrota.

Meu peito arfava enquanto eu recuperava o fôlego. — Acabou — disse eu a ele. — Você é o único que sobrou. Não há ninguém vindo salvar sua bunda agora. — O clube foi aniquilado. Cinzas e pedra cobriam o chão como se tivesse ocorrido um deslizamento de terra. Mesas e cadeiras estavam quebradas, sofás rasgados, o chão rachado e arrancado. Olhei para Ronan, que não ousou deixar o seu olhar vagar pelo meu.

— Você... É poderoso, Gabriel — engasgou Ronan. — Eu vejo por que ele segue você.

Eu não sabia se ele falava do meu Guardião ou Cadan. Isso não importava agora. — Não precisa haver mais sangue neste andar. Você vai me ajudar livremente ou tenho que forçá-lo?

— Nem todos nós somos guerreiros do Inferno — respondeu o ceifeiro cuidadosamente. — Alguns de nós só querem viver.

Levantei meu queixo e olhei por baixo do meu nariz para o ceifeiro demoníaco, mostrando a ferocidade de Gabriel, dando a Ronan meu melhor rosto assustador de arcanjo. — Você parece ter sido enganado pelo meu recipiente mortal. Porque você é um ceifeiro demoníaco que não colhe, estou disposta a demonstrar misericórdia do Céu ao invés de te transformar em fogo e cinzas. Se você quiser viver, então vai me dizer o que sabe. Onde posso encontrar o anjo Grigori conhecido como Virgil?

— Sinto muito, Gabriel — disse Ronan, seu olhar hesitante por um instante. — Mas tenho más notícias. Virgil está morto. Ele foi morto junto com vários outros Grigori nas últimas semanas, presumivelmente pela besta que Bastian desencadeou.

— Sammael — rosnei, provando algo amargo na minha língua. — Ele está acabando com os Grigori.

Ronan assentiu. — Ouvi dizer que ele está tentando eliminar qualquer coisa, mesmo remotamente angelical, que possa ser uma ameaça para ele. Uma vez que estiver forte o suficiente, ele irá atrás dos Cardeais.

— Você quer dizer os senhores Grigori? — perguntei. — Do Norte, sul, leste e Oeste?

— Sim. Os Vigilantes podem estar acorrentados à terra, mas eles são o mais próximo de um poder arcanjo neste reino... além de você, é claro.

Cadan soltou um suspiro frustrado. — Ele vai atrás de Antares, o Senhor do Oeste, primeiro, porque ela está mais perto. Ela está ligada às montanhas, nas Montanhas Rochosas.

Balancei a cabeça em descrença. — Os Cardeais podem *ser* mortos?

— Qualquer coisa feita pelo poder divino pode ser desfeita pelo poder divino — falou Ronan. — Todas as coisas são limitadas pelo equilíbrio.

O que incluía arcanjos – e até mesmo o próprio Sammael. Sammael já foi um anjo. E se ele foi criado, então poderia ser destruído. Isso me deu um lampejo de esperança. Nós tínhamos a chance de salvar um dos Senhores Grigori de Sammael. E uma vez que Will fosse curado, poderíamos derrotar Sammael antes que ele pudesse matar mais dos Vigilantes.

— Virgil está morto — repeti, pensando em voz alta. — Há algum outro Grigori por perto, Ronan? Qualquer um que poderia curar o veneno de um demônio demoníaco?

— Mais uma vez — respondeu Ronan, sua voz fraca, — Eu sinto muito, mas não tenho nada que possa ajudá-la. Desejo-lhe boa sorte. Sammael não vai parar até terminar o que ele começou.

Soltei Ronan e deixei minhas espadas desaparecerem enquanto ele se levantava. — Cadan — suspirei, virando-me para o meu amigo. — Temos que encontrar Antares antes de Sammael. Se ele matá-la primeiro, então não haverá como salvar Will.

Ele fechou os olhos. — Podemos encontrar outr…

— *Não!* — Meu grito ecoou pelo clube vazio, fazendo os dois ceifeiros demoníacos pularem e se assustarem com sua nitidez. Respirei fundo para me acalmar, mas meus lábios não pararam de tremer. — Temos que fazer isso. Se não quiser me ajudar, eu a encontrarei sozinha. Sammael tem o grimório e eu não tenho pistas sobre a cópia desaparecida que Nathaniel fez. Se Antares ficar hostil, então eu lutarei com ela!

— Ellie — protestou ele. — Vamos passar o resto da noite a pensar…

— Não temos *tempo* para sentar e pensar mais! — chorei. — O Senhor do Oeste está a apenas alguns estados de distância e nós podemos chegar lá em apenas algumas horas. Você não quer me ajudar? Não quer salvar Will?

— Eu não me *importo* com ele! — gritou Cadan, seus olhos de opala brilhando ofuscantemente brilhantes. — Eu me importo com *você*! Ajudarei a salvar sua vida por *você*, porque *você* o ama. É tudo por *você*!

Lágrimas escorriam pelo meu rosto e o enterrei em minhas mãos. Talvez isso fosse pedir demais e não estava certo usá-lo do jeito que eu estava fazendo. Nós lutamos com pelo menos uma dúzia de Vir demoníacos minutos atrás, e ele até salvou minha vida.

— Estou apenas te machucando — choraminguei. — Eu sinto muito.

— No segundo que Will acordar, ele tentará me matar — disse Cadan sem fôlego. — Eu vou ajudar você a salvá-lo e não vou impedi-lo quando ele vier atrás de mim.

Olhei para ele. — Não posso deixar você jogar sua vida fora assim.

Seu olhar combinou com o meu. — E eu não posso deixar você jogar fora a sua também.

Esqueci completamente que Ronan ainda estava lá, que ainda estávamos naquele clube. Cadan não fez um movimento para me tocar, mas ele estava tremendo como se lutando com tudo o que tinha.

— Eu vou encontrar Antares com ou sem sua ajuda — disse eu finalmente. — Mas seria muito mais fácil *com* a sua ajuda.

Seus olhos procuraram os meus e fomos novamente presos naquele silêncio frágil, equilibrando na borda de um penhasco, esperando por uma rajada de vento para soprar um de nós para o abismo. — Eu quero te ajudar. Irei contigo.

— Obrigada — disse eu a ele, tremendo.

— Antares saberá o que é necessário para curar Will — disse ele. — Ela saberá tudo o que precisamos, porque ela… ela é a autora original do grimório.

— *Antares* escreveu o grimório? — Eu quase gritei.

Cadan assentiu, abaixando seu olhar.

— Então nós temos que ir até ela — disse eu, meu coração acelerou. — Ela sabe tudo sobre magia divina. Por que você não me contou? Por que tentaria encontrar outro Grigori antes dela? Nós precisamos somente dela!

Eu estava ficando louca de esperança, e ele segurou meu rosto com as mãos para me firmar. Seus olhos encontraram os meus. — Porque Antares não desistirá da informação de bom grado. Se ela não apenas nos matar, então ela indicará um preço, e não sei o que será.

Minhas mãos alisaram as dele e as guiaram para baixo. — Qualquer coisa. Eu daria tudo para salvá-lo.

Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente, os olhos se fechando por um momento. — Ellie, um Grigori não é como você, nem Michael, nem Azrael. Eles ainda são anjos caídos. Eles estão presos aqui. A Terra é a prisão deles. Antares é um dos únicos quatro cardeais do mundo e o mais poderoso de sua espécie. Eles são os Vigilantes e estão ligados ao lugar onde caíram.

Balancei a cabeça, não entendendo. — O que você quer dizer?

— Quero dizer — começou ele —, que Antares caiu antes do tempo começar, e ela está presa lá. Os Vigilantes estão praticamente loucos, Ellie. Eles foram forçados a assistir o mundo passar com pouco ou nenhum contato com alguém pelo tempo que se tornaram elementais. E você… você é um arcanjo. Você a colocou lá. Não sei o que ela faria se visse você.

Eu tinha a força, no meu corpo humano, para lutar contra ela caso ela me atacasse? Que tipo de preço ela exigiria de mim pela cura de Will?

— Ele está certo — disse Ronan atrás de nós. — Ouvi histórias, mas Cadan é a única pessoa que conheço que conheceu um dos senhores. Você seria sensata em seguir o conselho dele.

Eu me virei para encará-lo, estreitando meus olhos. Minhas mãos tremiam e eu as apertei em punhos para mantê-las firmes. — Não tenho tempo para ser sábia enquanto meu Guardião está morrendo. Preciso fazer o que puder para salvá-lo. Você não teria feito o mesmo por Emelia?

Seus olhos brilharam quase imperceptivelmente. — Se eu tivesse sido tão louco quanto você, ela ainda poderia estar viva.

— Às vezes, loucura é um último recurso surpreendentemente bem-sucedido — respondi. Cadan e eu fomos para a saída.

— Cadan — chamou Ronan, e nós olhamos para ele. — Se você a ama, então deixe-a ir. Você sabe que precisa.

Os dentes de Cadan cerraram, mas ele não fez nenhum movimento ou resposta ao outro Vir. Coloquei minha mão no braço dele e o guiei comigo.

— Vamos — disse eu suavemente. — Ele não tem mais nada a dizer.

Ele me deixou levá-lo para fora do clube e nós caminhamos até o carro dele em silêncio. Muitos pensamentos corriam pela minha cabeça para conversar, e assumi o mesmo para ele. Nós dois sabíamos que eu estava usando-o, mas ele

estava disposto a colocar sua vida em perigo para me ajudar. Eu não conseguia processar o que estava acontecendo. Tudo o que eu conseguia pensar era em Will morrendo em uma mesa de cozinha.

Subi no banco, prendi meu cinto e me inclinei para trás. Meus olhos se abriram e fecharam enquanto Cadan entrava no carro e ligava a ignição. Ele olhou para mim.

— Você deveria tentar dormir — ofereceu, sua voz calma.

Balancei a cabeça, lutando para manter meus olhos abertos. — Não consigo dormir.

E então eu dormi.

3

ANTES DE ABRIR MEUS OLHOS, senti o ar frio e úmido no meu rosto e cheirava ao mar. O vento estava frio, penteando meu cabelo e puxando minhas roupas. Abri meus olhos e olhei para o oceano à minha frente – e no segundo seguinte percebi horrorizada que o oceano estava a centenas de metros *abaixo* de mim. Ondas gigantescas batiam em pedras irregulares no sopé do penhasco em que eu me inclinava. Um suspiro agudo me escapou e agitei para trás, meu coração batendo contra o meu peito.

Olhei em volta para a paisagem ondulante e rochosa, desesperada para saber como cheguei aqui – e onde *aqui* era exatamente. O céu estava escuro e cinzento, o mar revolto abaixo ainda mais escuro e impiedosamente atirando-se contra a parede do penhasco. As ondas afogaram os gritos das gaivotas no alto.

— Ellie?

Sua voz tomou conta do meu coração e eu me virei para encontrá-lo, para olhar em seu rosto. Fazia apenas algumas horas, mas eu senti como se tivesse esquecido como seus olhos eram verdes. Ele me observou com um olhar perplexo, tão chocado ao me ver como eu estava sobre tudo, mas ele parecia saudável parado ali na minha frente.

— O que você está...?

Não esperei que Will terminasse antes de me jogar em seus braços, segurando-o com força. Algo não estava certo aqui, eu sabia disso, mas isso não importava. Ele estava aqui e estava bem. — A última coisa que eu lembro é Cadan me levando para casa. Não tenho ideia de como cheguei aqui.

Ele se afastou um pouco. — Cadan? Por que você estava com ele?

— Ele está me ajudando a salvar você — disse eu, torcendo meus dedos em seu suéter. Ele estava quente como sempre, e eu queria me envolver nele.

Will piscou e pareceu ainda mais perplexo. — Me salvar? Eu estou bem, Ellie.

— Você parece bem agora — disse eu, ainda juntando o quebra-cabeça na minha cabeça. — Mas você está doente. Devo estar sonhando. Eu devo ter adormecido ou algo assim.

— Você acha que está sonhando? — perguntou ele.

Saí de seus braços e estudei a bela paisagem. As falésias e o mar eram familiares, mas esse local em particular era desconhecido para mim. Eu tinha certeza que nunca estive aqui. — Onde estamos? Esta é a Escócia, não é?

Ele olhou para mim com carinho. — Sim, a ilha de Skye. Aqui é onde eu cresci, na casa da colina. Além disso, é uma aldeia humana. Minha mãe gostava de manter uma pequena distância deles.

Atrás dele havia uma casinha de pedra, sua chaminé fumegando suavemente. Nunca vi sua casa de infância. Não havia como eu ter imaginado essa cena tão vividamente. — Este não é o meu sonho — disse eu, voltando-me para Will. — É seu.

Sua expressão era determinada e talvez um pouco triste quando ele aceitou isso e olhou além de mim para o mar. — Sinto saudades desse lugar. É bom estar de volta aqui.

— É incrivelmente lindo — disse eu, mas meu olhar estava sobre ele, em vez da paisagem. — Você sonha com isso muitas vezes?

Ele franziu a testa, sua testa escurecendo os olhos. — Não com frequência, mas o suficiente para nunca esquecer esse lugar. Eu sonho com muitas coisas.

— Recordações?

— Sim — respondeu ele. — Boas lembranças, lembranças terríveis, coisas pelas quais anseio e coisas que temo. — Por fim, ele olhou para mim, mas sua forma parecia enevoar-se, desmaterializar-se e tornar-se sólida outra vez, tudo num instante. — Cuidado com a serpente — disse ele em uma voz oca que não parecia sua. — Ele vem para você, como fez o doador da vida. O veneno de Deus tentará tentá-lo, Gabriel. Você deve ser vigilante e forte contra o íncubo.

Prendi minha respiração, olhando para ele surpresa. — O quê?

Will se desvaneceu mais uma vez antes de voltar ao normal, quase como uma falha em um programa de computador. — Eu perguntei como você está. Você está bem?

— E-eu estou bem — gaguejei, lutando para reunir meus sentidos. — Pendurada aqui.

Eu queria perguntar sobre o que havia acabado de acontecer com ele, o que ele disse, mas me lembrei de que isso era um sonho, e se havia uma coisa que eu sabia sobre sonhos era que eles não faziam muito sentido. Mas quando contemplei as palavras enigmáticas vindas de Will, que não poderiam pertencem a ele, comecei a perceber que faziam mais sentido do que aparentava pela primeira vez. Era meu subconsciente assumindo aqui, ou era algo completamente diferente? A serpente, o veneno de Deus... aquele era Sammael, ele que tentou Eva, o doador da vida, sob o disfarce de uma cobra. O aviso significava que Sammael, o íncubo, me tentaria? Ele teria que simplesmente tentar me matar, porque de jeito nenhum eu tocaria nele. Mas *por que* ele tentaria me tentar? Só porque achava que podia, ou havia um propósito?

Will tocou minha bochecha, empurrando meu cabelo para trás da minha orelha e estudando as mechas entre seus dedos como às vezes fazia. O gesto era tão familiar e reconfortante que fui capaz de afastar meus temores agitados sobre Sammael. — Seu cabelo... é como fios de brasas que piscam com luz de fogo. Minha deusa do fogo. Estou com frio para o seu calor.

Dei-lhe um pequeno sorriso. — Você está falando como um marciano louco de novo.

Ele sorriu. — Você me deixa louco.

— De volta para você — disse eu brincando, e beijei a palma da mão dele antes de me aproximar. Envolvi meus braços ao redor de suas costas e ele me segurou firme.

— Estes são os sonhos que eu gostaria de ter sempre — sussurrou contra o meu cabelo. — Não quero mais nenhum dos outros sonhos onde eu te perco. Eles são pesadelos e são memórias.

— Não pense neles — disse eu, e aumentei meu aperto como se ele fosse flutuar para longe. — Concentre-se no agora, onde estou aqui e estamos seguros.

— Não posso evitar. — Suas palavras foram estranguladas por sua respiração superficial. Seu corpo ficou tenso contra mim e senti seu medo tão vividamente que pude prová-lo em minha língua como cítricos maduros demais. — Suas mortes me assombram. Vejo seu rosto em meus pesadelos, seu sangue no chão e a luz deixando seus olhos. As chamas se apagam e suas brasas morrem.

Eu me afastei dele e olhei em seu rosto enquanto meu pulso acelerava com o meu terror crescente. — Will, não fale assim. Não somos tão emo...

— Toda vez que você caía, eu ficaria feliz em tomar o seu lugar — disse ele com voz rouca. — Eu rezo para o meu próprio corpo ficar parado, e ele nunca escuta. Eu rezo para você se levantar e você não levanta. Fecho meus olhos, mas não ouço nada além das minhas próprias orações. Ele se esqueceu de mim. — Will escorregou completamente dos meus braços e passou por mim.

— Está tudo bem, eu juro — disse eu para suas costas. — Não se culpe. Está deformando você.

Nuvens negras rolavam pelo céu, devorando a luz da tarde até a paisagem ficar tão escura que parecia que de repente estávamos presos em um quarto escuro como breu. Engasguei quando nossas formas desapareceram na sombra, mas assim que a luz se apagou, um brilho fraco como o luar veio de uma fonte invisível. Tudo que eu podia ver era ele e eu.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Você está fazendo isso?

— Não posso parar os pesadelos — respondeu ele distraidamente. — Tudo o que posso fazer é lutar. É tudo que eu faço, mas não sei mais nada. — Sua espada brilhou, o súbito brilho prateado me cegando por um momento.

Então ele estava balançando. As formas dos ceifeiros lupinos se materializaram na escuridão, peles negras brilhando em luz que parecia vir do nada, e invoquei minhas espadas por instinto. Árvores cresceram do chão, germinando rapidamente. Os ceifeiros vieram das árvores como uma praga de ratos, rosnando e estalando suas mandíbulas, e do outro lado de Will, eu *me* vi.

No meio do enxame de ceifeiros, eu – ou melhor, a projeção mental de Will de mim – balançou as inconfundíveis espadas Khopesh engolidas em Fogo Angelical branco. O meu eu dos sonhos lutou sem esforço, com golpes de espada fluidos e bem colocados. Eu nunca me vi lutar. Era como se o meu fantasma soubesse os próximos movimentos de seus inimigos antes que eles ocorressem, lâminas encontrando carne, cinzas e fogo ondulando em direção ao dossel da floresta, um por um, os ceifeiros encontraram suas mortes por sua mão. Os vislumbres que peguei de seu rosto fez minha respiração parar. Ela era todo o anjo vingador que derrubava seus inimigos, seu rosto endureceu com determinação, e as sombras em seus olhos a fizeram parecer mais velha. Will combinava com ela em todos os movimentos, mas não importava quantos inimigos eles cortassem, havia muitos.

Ela soltou um grito sufocado de dor e seu sangue pintou o chão.

— Não! — rugiu Will, e destruiu o ceifeiro entre eles com um balanço final de prata através da carne. Ele se moveu rápido, pegando o meu eu do sonho antes de seus joelhos baterem na grama. Sua espada desapareceu e ela estava nos braços dele, e então eles foram para o céu em retirada. A sensação de ser retirada do chão como um foguete achatou meu estômago e quase perdi o equilíbrio. Suas formas desfocaram e reapareceram quando Will se ajoelhou e gentilmente colocou meu sonho na grama em um bosque tranquilo de árvores. Ela gemeu e apertou seu peito. Sangue constantemente vazava de marcas de garras profundas e irregulares que rasgaram suas roupas e pele.

Will afastou freneticamente o cabelo das feridas e arrancou a manga da camisa, revelando o braço direito tatuado e pressionando o pano contra o peito dela. O tecido ficou vermelho brilhante imediatamente. Ele murmurou coisas temerosas sob sua respiração e segurou a bochecha dela.

— Sinto muito — sussurrou ele, e foi tudo o que eu pude entender. — Eu sinto muito.

Ela gargarejou algo, sufocando-se com o próprio sangue. Eu me senti estranhamente distante do momento, vendo-me morrer em agonia. Eu não conseguia me mexer, não conseguia falar enquanto observava o horror desdobrar diante de mim. Seu corpo ficou flácido nos braços de Will, sua angústia nua em seu rosto e seus olhos perderam o foco.

Will se inclinou sobre ela, apertando-a com força contra o peito dele, antes de deitá-la na grama. — Eu nunca consigo te salvar. Você sempre morre assim, em meus braços, e não posso te trazer de volta.

Assisti meu eu do sonho estremecer em silêncio, o sangue vazando dela como um rio. — Essa não sou eu — disse a ele, finalmente encontrando minha voz. — Bem, fui eu, mas estou bem aqui. Isso é apenas uma lembrança. Um sonho. Isso não é real.

— É sempre real. — Seus dedos roçaram a bochecha do meu eu do sonho enquanto sua mandíbula apertava e ele fechava os olhos. — Isso machuca muito. Você está morrendo, e posso sentir como ácido em minhas veias, através dos meus ossos. Você está tão triste e eu sei que sua tristeza é por mim, não por você. Eu sinto tudo o que você sente.

— Então me sinta — implorei. Ajoelhei-me ao lado dele, tentando me concentrar nele e não no meu eu do sonho morrendo no chão. Peguei seu rosto em

minhas mãos e o fiz me olhar. Esquecido, o corpo desapareceu. — Sinta que estou bem aqui. Meu coração está batendo. Estou viva e estou bem ao seu lado. Eu não estou ferida, não pode ver?

Seu lábio tremeu quando seus olhos vagaram por mim. Uma lágrima escorregou por sua bochecha e desapareceu. — Como? Como você está aqui?

— Você está sonhando, Will — disse eu, alisando a mão sobre o seu cabelo, tentando parar minhas próprias lágrimas. — Acredite em mim. Isso não é real, mas eu sou. Estou bem aqui.

— Você está bem?

Sua voz estava tão arrasada que fiquei sem fôlego por alguns segundos. Assenti e tomei uma respiração trêmula. — Sim — sussurrei. — Eu estou bem. — Peguei a mão dele e apertei no meu peito. — Sinta meu batimento cardíaco? Estou bem, prometo.

Ele engoliu em seco e seus ombros cederam de alívio. Ele apertou os olhos e enterrou seu rosto no meu ombro, me puxando para ele. — Ellie — suspirou. — Sinto sua falta onde estou. Está escuro aqui.

Eu o abaixei, descansando minha bochecha contra seu cabelo. — Eu estou com você. Estou bem aqui.

A cena mudou e nós estávamos novamente nos penhascos da Escócia, e o vento enevoado empurrava contra mim, mas não senti o frio. As ondas quebrando e gaivotas chilreando estavam à distância e era só ele e eu.

Ele levantou a cabeça, seus olhos verdes brilhantes e olhando para mim. Ele me puxou para o seu colo e meus joelhos afundaram na grama fresca em ambos os lados dele. Ele segurou meu rosto, roçando sua bochecha contra minha pele, movendo-se contra mim, puxando meu cabelo sobre meus ombros e pressionando seus lábios nas mechas enquanto inspirava. — Jasmim — sussurrou ele, e sorriu melancolicamente.

Assenti e um soluço suave me escapou. Eu ainda usava o perfume que usei no baile. — Sim, Will.

— Eu sinto sua falta — disse ele novamente.

— Também sinto sua falta.

— Continuo procurando a luz, mas não consigo encontrá-la. Volte para mim.

Meus dedos roçaram seus lábios e pressionei minha testa na dele. — Eu irei, eu prometo.

Ele inclinou a cabeça para trás e sua boca se abriu contra a minha, seus lábios macios, e derreti nele. Ele me segurou o mais perto que podia fisicamente, suas mãos suaves, mas firmes, como se estivesse com medo de eu ser um minúsculo pássaro que poderia voar se isso escapasse. Uma onda esmagadora de tristeza e saudade passou por mim, porque eu sabia que isso não era real, que não estávamos realmente juntos. Seu tormento partiu meu coração e senti como se estivesse caindo no céu, como se o chão não estivesse realmente abaixo de mim, como se meu corpo não estivesse realmente contra o dele. Nada disso era real. Nada disso.

Isso não é real.

Não importa o quanto eu tentasse acreditar nas palavras circulando em minha mente, eu só poderia me concentrar em Will, que me beijou como se precisasse dos meus lábios para respirar, como se estivéssemos afundando sob o oceano além dos penhascos e nós nos afogaríamos se ele se afastasse. Eu só conseguia pensar em quanto tempo eu perdi, todos esses séculos negando o quanto eu estava apaixonada por ele, e agora ele estava morrendo.

Algo puxou meu núcleo, puxando meu estômago pelas minhas costas. Quebrei nosso beijo e olhei para o rosto dele, confusão ao meu redor. Meu corpo estremeceu involuntariamente e ele aumentou seu aperto em mim.

— Ellie — chamou ele.

— Não sei o que é isso — confessei, segurando-o.

— Por favor, não me deixe — implorou. — Por favor, fique aqui, então não estou sozinho.

Um vício apertou meu coração. — Não posso controlar isso.

— Ellie…

Então, algo me puxou em uma velocidade relâmpago e a forma de Will ficou embaçada ao nada no fim de um túnel escuro enquanto ele gritava meu nome. A sensação de voar pelo ar parou quando acordei em uma cama macia. Eu me desembaralhei dos lençóis com um suspiro desesperado de susto e me levantei. Meu pulso martelou sob a minha pele, que estava úmida de suor frio. Mais uma vez, eu não tinha ideia de onde estava, mas esse lugar era real. Eu estava verdadeiramente acordada desta vez.

A sala ao meu redor estava escura e desconhecida, e puxei os lençóis para me encontrar ainda vestindo minhas roupas de antes. Elas estavam rasgadas e sujas pela luta na boate. Quando comecei a descer da cama, uma porta na parede oposta se abriu e Cadan apareceu com um olhar assustado no rosto.

— Você está bem? — perguntou ele. — O que há de errado?

— Onde estou? — exigi, ignorando sua preocupação.

— Relaxe. Estamos no meu apartamento. Você adormeceu no caminho, então eu te trouxe aqui. Tentei te acordar, mas você não respondia. Eu percebi que você estava exausta, então deixei você dormir na minha cama. Você está chateada? Me desculpe se eu...

Percebi que as lágrimas encharcavam minhas bochechas e as enxuguei. — Não, está tudo bem. Tive um pesadelo ou algo assim. Eu não sabia onde estava por um segundo. Apenas me assustou um pouco.

Ele se sentou na cama ao meu lado e alisou meu cabelo para trás. — Você sempre dorme assim?

— Assim como? — perguntei na defensiva. Toquei o canto da minha boca para verificar se havia baba.

Ele me estudou curiosamente, seus olhos de opala brilhando na luz fraca que entrava pela porta. — Você estava praticamente fria. Eu estava muito preocupado com você.

Balancei a cabeça. — Só um sono profundo às vezes, eu acho. — Eu não estava prestes a confessar o que realmente aconteceu. Como fui sugada pelo sonho de Will era um mistério, mas parte de mim queria cair imediatamente de volta ao sono, caso eu pudesse estar com ele novamente. Eu ainda podia sentir o vento do oceano, seu toque na minha pele, meus lábios entorpecidos de seus beijos. Fechei meus olhos pela memória e inalei, mas em vez do cheiro de Will, senti o de Cadan.

— Você deveria voltar a dormir — ofereceu Cadan. — Fique aqui mais algumas horas e podemos elaborar um plano uma vez que você tenha mais algum descanso.

— Dormir... aqui? — perguntei, de repente lembrando que estava na cama de Cadan.

— Tudo bem — disse ele. — Eu tenho um sofá. — Ele me deu um sorriso gentil que me fez sentir um pouco tranquilizada.

— Não quero tomar sua cama.

— Dormir. Apenas saia quando estiver pronta. O mundo não acabará se você dormir um pouco mais.

Eu queria tirar a minha roupa suja, mas estava cansada demais para pensar em uma alternativa. Eu me arrastei para a cama e afundei nos lençóis de seda. Cadan se levantou e caminhou em direção à porta. Descansei minha cabeça contra o travesseiro e observei-o.

Ele fez uma pausa com uma mão na maçaneta. — Doces sonhos — disse ele suavemente, e fechou a porta do quarto.

Eu só pude refletir sobre a frase estranha e quase arcaica por alguns momentos antes de cair em um sono intermitente, em que Will estava visivelmente ausente.

4

QUANDO ACORDEI NA MANHÃ, EU ESTAVA MUITO CIENTE do sangue na minha pele e roupas da noite anterior. Meu cabelo estava duro e grudado em várias coisas, e havia até sangue sob minhas unhas. Eu estava tão acostumada a ferir agora que, em vez de estar tão abatida por isso como costumava ficar, eu achei chato. Eu senti pena de dormir na cama de Cadan, enquanto estava coberta de sujeira. O sol da tarde atravessava o tapete e as paredes pelas janelas do chão ao teto. Eu me banhei no calor por alguns preciosos segundos antes que a tarefa à minha frente rasgasse meus pensamentos.

Saí do quarto e encontrei o caminho para a sala de estar, que era anexa à cozinha. Além do balcão do bar, eu vi Will vasculhando vários armários, e minha respiração ficou presa na minha garganta. Eu pisquei e, em seguida, vi que não era ele; era Cadan. Fiquei congelada, incapaz de me aproximar dele até meu pulso se estabelecer. Uma memória me atingiu com força, a memória de acordar tarde depois daquela festa de faculdade idiota para encontrar Will preparando o café da manhã. Quando olhei para Cadan, agora que eu sabia que Will era seu meio irmão mais novo, eu pude ver quão fortemente ele se parecia com Will. Era a curva dos lábios, a retidão do nariz, a espessa linha de cílios sobre os olhos. Mas eles não eram olhos verde-esmeralda. Os opalas de fogo que compunham as íris de Cadan piscaram quando ele me viu, as chamas do prisma girando por um batimento cardíaco.

— Espero que você tenha dormido bem — disse ele, e se concentrou na comida à sua frente. — Não sei cozinhar, então pedi o almoço. Você deve estar morrendo de fome.

De fato, eu estava. Mas quando olhei para o sangue em minhas unhas, não consegui imaginar comer antes de tomar banho. — Isso foi generoso da sua parte — respondi —, mas preciso me limpar. Estou tão nojenta agora. Ainda há sangue e... *Coisas*... em todo lugar. Você se importa se eu tomar um banho primeiro?

— Não, claro que não. — Ele me levou ao banheiro e me ofereceu uma toalha limpa. Eu tomei um banho e me esfreguei até que minha pele estava crua, mas

limpa. Cautelosamente vesti novamente minhas roupas sujas, infelizmente eu não tinha mais nada para vestir.

De volta à cozinha, Cadan e eu conversamos enquanto eu comia. Era óbvio o quanto ele tentou. — Muito obrigada. Eu deveria ir.

Ele assentiu. — O que você acha que deveria ser o plano? Em relação a Antares?

— Nós a encontramos — disse eu claramente e com certeza. — Se ela estiver nas Montanhas Rochosas, o mesmo lugar que você a viu pela última vez, então nós vamos lá. Vou fazer as malas e podemos ir hoje.

— Hoje à noite — corrigiu ele. — A luz do sol e eu não nos damos bem.

— Certo. — Surpreendi-me com a facilidade com que sua natureza demoníaca me escapou. — Tudo bem. Por que não você organiza planos de viagem para nós? Preciso de você comigo. Você é o único que sabe onde fica Antares.

Ele olhou para mim, seu olhar firme e focado. — Tem certeza que você me quer junto?

— Absolutamente — disse eu, lembrando quão bem nós lutamos juntos na noite passada. — Somos uma boa equipe.

Ele me observou por um momento a mais antes de afastar os olhos e colocar a comida em um saco e deslizá-lo pelo balcão em minha direção. — Espero que você goste de stir-fry[1]. É do meu restaurante tailandês favorito. Um pequeno buraco no centro da cidade. Você deveria ir lá algum dia.

Sorri para ele. — Eu te agradeço por isso... tudo o que você fez por mim. Obrigada.

O canto da sua boca curvou por um instante antes de encolher os ombros. — Tudo certo. Saia daqui, então você pode voltar. Vou encontrar passagens de avião para Denver.

Enquanto saía, olhei para ele. Ele se inclinou sobre o balcão pesadamente em suas mãos e tinha uma expressão dura com determinação e preocupação. Eu tive que me forçar a continuar.

* * *

1 É uma técnica da culinária chinesa na qual os ingredientes são fritos em uma pequena quantidade de óleo muito quente enquanto são mexidos em uma frigideira.

— Estou começando a não gostar de ver você chegar em casa coberta de sangue — disse Nana quando me arrastei pela porta da frente. Ela não pareceu nem um pouco satisfeita. — Temos um visitante também.

Marcus entrou no vestíbulo, sua expressão uma mistura de alívio e irritação. — Onde no...

— Guarde isso — assobiei.

— É melhor que meu carro esteja inteiro — rosnou ele, e empurrei seu ombro. Então, ele agarrou meu braço. — Ei...

Eu me afastei dele e dei-lhe um olhar severo. — Não se atreva a me tocar, ou queimarei seu carro estúpido.

Ele não se divertiu. — Onde você esteve? Pelo amor de Deus, por favor, me diga que você não estava com aquele Vir demoníaco.

— Isso não é da sua conta.

— Com certeza é!

Eu ri amargamente. — Como é o seu negócio? Você não é meu Guardião e estou fazendo o que quer que seja necessário para salvar aquele que é. Não estou sentada na minha bunda como você enquanto ele se afasta!

— Você vai *matar* sua bunda, é o que você está fazendo!

Apertei meus dentes com tanta força que eles rangeram. — Saia do meu rosto, ceifeiro.

— Você é uma idiota — disse ele exausto. — Fugindo com Cadan? Qual o problema com você?

— Não se atreva a dizer uma palavra contra ele — avisei Marcus. — Tudo o que ele fez foi me ajudar. Ele me disse que Bastian encontrou o sarcófago, sobre o colar que eles usariam para dar forma corpórea a Lilith – para não mencionar que ele *matou* Ivar e Bastian para me proteger. Foi ele quem me avisou que Bastian temia que encontrássemos algo chamado gládio sagrado, uma arma que pode destruir os Caídos. Uma vez que Will estiver melhor, vamos encontrá-la.

— Não posso acreditar que você confiaria em um ceifeiro demoníaco, que arriscaria tudo ao fazer isso.

— Não sou uma idiota por arriscar tudo por Will — retruquei. — Ele fez o mesmo por mim centenas de anos. Eu vou salvá-lo e farei o que for preciso.

— Ele odiaria você arriscar sua vida por ele...

— Que pena! — gritei. — Cadan sabe onde Antares está e ele me levará lá.

Seus olhos se arregalaram. — Antares? É atrás de quem você irá depois? Você é louca por ir atrás de um Grigori, muito menos de um Senhor Cardeal. Ela vai te comer vivo.

Levantei meu queixo em desafio. — Se ela tentar, então pelo menos eu garantirei receber dela o que preciso primeiro.

— *Ouça*-me — murmurou ele apressadamente, inclinando-se sobre mim. — Os Grigori são poderosos e além de perigosos. Você não sabe...

— Eu *sei*, na verdade — respondi. — Cadan já me avisou. Vocês parecem esquecer quem eu sou. Eu sou o Arcanjo Gabriel. Comandei a legião do céu que derrotou e baniu os Grigori para a Terra eras antes dos primeiros ceifeiros serem criados. Eu sei melhor do que ninguém do que eles são capazes. Antares pode ser demais para um ceifeiro, mas ela sabe quem eu sou tão bem quanto a conheço.

Ele pareceu se esvaziar. — Bem. Então vá. Você está cometendo um grande erro.

Segurei um rosnado. — Eu gostaria que todo mundo parasse de me dizer como sou estúpida e pelo menos me oferecesse ajuda.

Ele ficou em silêncio. Após o mais longo momento, eu balancei a cabeça e caminhei até o meu quarto para mudar de roupas e arrumar uma mala. Vesti jeans, peguei blusas quentes e frias, produtos de higiene e, em seguida, desci correndo as escadas e descobri que Marcus e seu carro desapareceram. Nana estava na varanda, os braços cruzados sobre seu peito. Eu me aproximei dela cuidadosamente, percebendo o olhar triste em seu rosto.

— Volte, ok? — disse ela.

Lutei com um soluço na garganta e joguei minha mochila no chão antes de abraçá-la com força. — Eu prometo, Nana. Eu te amo.

— Também te amo — respondeu ela. — E confio em seu julgamento. Ninguém é perfeito, mas acredito que você sabe qual o caminho certo. Faça o que precisa fazer e eu estarei aqui esperando. Vá salvar seu Guardião.

Foi tão difícil me afastar, mas eu precisava me apressar. Joguei minhas coisas no meu carro e saí da calçada, forçando-me a não olhar no espelho retrovisor.

* * *

Cadan e eu pegamos um voo direto para Denver e dormi quase todo o caminho. Ele alugou um SUV que era todo escuro para oferecer proteção contra o sol, e dirigimos para o noroeste em direção às Montanhas Rochosas. Depois de algumas horas dirigindo, eu o deixei pegar o volante para poder descansar. Quando acordei de novo, já estava escuro e meus ouvidos estavam estourando pela altitude. Em algum lugar nas montanhas, nos encontraríamos com outro dos *amigos* de Cadan, mas ele me assegurou que este era completamente amigável. A localização de Antares era remota demais para o acesso de carro, então viajaríamos os últimos quilômetros a cavalo e a pé.

— Você vai precisar dormir aqui muito em breve — disse ele, olhando para mim. — Em uma cama de verdade, onde pode descansar um pouco, em vez de em um avião ou carro.

Observei os faróis pintarem a estrada sinuosa à frente de um amarelo fosco. Quanto mais alto subíamos as montanhas, mais revoltado meu estômago ficava. — Estou bem. Apenas continue dirigindo.

Ele bufou. — Pegarei um quarto na próxima cidade. Não lidarei com sua atitude o tempo todo enquanto estou arriscando minha bunda por você. Você pelo menos me deve um bom humor e um café da manhã continental.

Revirei os olhos e ignorei o comentário dele. — É melhor que haja um quarto com duas camas. Se tivermos que dividir uma, eu ficarei ainda mais rabugenta.

— Eu monopolizo os cobertores, de qualquer maneira.

— Eu chuto no meu sono.

Um sorrisinho curvou seus lábios e ele me pegou observando-o do canto do meu olho. Fixei meu olhar na estrada. — Então dormimos por algumas horas, pegamos uma baguete de manhã e saímos. Combinado?

— Combinado.

Ele conseguiu achar um motel moderadamente não-decadente em uma cidadezinha com alguns sinais de trânsito. Uma vez que nós fizemos o check-in, eu arrastei minha mochila para o quarto e a joguei na cama mais próxima do calor do aquecedor, aumentando ao máximo. Era quase junho e, no entanto, o Colorado não havia percebido.

Cruzei meus braços contra o peito e, exausta, me joguei na cama.

— Você precisa do chuveiro? — perguntou Cadan.

— Ainda não — resmunguei —, quero apenas deitar aqui pelo resto da minha vida.

Ele bufou uma risada curta. — Certo. Sairei em alguns minutos.

Devo ter adormecido, porque abri meus olhos no que parecia ser segundos depois e ele já havia saído. Ele estava nu da cintura para cima e procurando por uma camisa na sua mochila. Tentei não olhar muito, decidindo então que os ceifeiros vinham automaticamente com peitos, braços e abdominais com Photoshop. Ridículo.

— Todo seu — disse ele sem olhar para mim.

Peguei a nécessaire com o meu xampu e outras coisas, e antes que eu desaparecesse no banheiro, peguei um vislumbre das costas musculosas de Cadan pelo canto do meu olho. Minha respiração ficou presa. Cicatrizes de queimadura foram marcadas em suas costas, um corte marmorizado e brilhante. Elas espelhavam quase exatamente as cicatrizes de Marcus, e eu sabia que apenas fogo divino poderia causar uma lesão tão permanente. Cadan tinha cicatrizes de Fogo Angelical.

Ele olhou por cima do ombro para mim antes de puxar uma camisa sobre a cabeça. — Não esqueça que eu sei no que estamos prestes a entrar — disse ele, entendendo o que eu estava olhando. — Nunca temo nada, a menos que eu tenha um bom motivo para isso.

Eu não disse nada, ou melhor, não consegui pensar em nada para dizer e fechei a porta do banheiro.

Parei por um minuto, absorvendo o que rapidamente comecei a entender. Somente anjos poderiam exercer o Fogo Angelical, e o único anjo que Cadan conhecia além de mim era Antares. Ela deve ter feito isso com ele, quase o matou.

Eu me despi e liguei a água tão quente quanto pude antes de entrar no chuveiro. A água praticamente me escaldou, mas eu saboreei. Por mais que tentasse, não conseguia pensar em mais nada além do que aconteceria amanhã. Somente quando encontrássemos Antares eu saberia se poderia salvar a vida de Will. E se Antares não estivesse lá? E se ela se recusasse ou não pudesse me ajudar? E se Marcus ou Ava ligassem para me dizer que Will morreu durante a noite? Enquanto as lágrimas lutavam para se libertar, fiquei embaixo da água e deixei-a acertar meu rosto, o calor e a pressão pungentes me impedindo de me concentrar demais nos pensamentos horríveis. Se eu chorasse, Cadan certamente

me ouviria com sua estúpida super audição de ceifeiro, e então ele me incomodaria com perguntas. Por que as pessoas sempre perguntavam por que você está chorando? Se você está chorando, então algo de merda aconteceu e você não quer pensar nisso. Nesse caso especialmente, era melhor eu ficar sozinha.

A água quente deixou minha pele rosada, mas não escondia meus olhos inchados e a aparência geralmente ruim. Se eu tivesse sorte, Cadan manteria as perguntas para ele mesmo. Penteei os emaranhados no meu cabelo e deixei a cortina úmida cair sobre os meus ombros. Meu pijama nunca pareceu tão confortável. Eu me sentia dolorida e cansada em todos os lugares, mas minha jornada mal começou.

Quando saí do banheiro, me sentei na beira da cama e Cadan desligou a TV. Ele se sentou na minha frente e apoiou os cotovelos nos joelhos, olhando atentamente para o meu rosto.

— Seria estúpido perguntar se você está bem — disse ele suavemente.

Dei um sorriso patético. — Ainda bem que você não é idiota. — Eu esperei que ele respondesse, mas ele ficou quieto. — Seria estúpido perguntar se você está bem?

— Estou bem, eu juro. E tudo mais ficará bem também. Antares estará onde eu a deixei. Já faz alguns anos, mas tenho certeza que ela se lembrará de mim.

— Você deixou uma impressão muito grande, hein? — brinquei.

— De certa forma. — Seu tom era sério.

— O que ela fez para você tentar matá-la? — Eu estava tão sombria naquele momento.

— Eu não queria — respondeu ele. — Bastian fez. Ele queria o grimório. Ela não tinha, mas pensei que ela estava mentindo. Bastian ordenou que eu lhe trouxesse o livro e eu o rastreava por anos, então não havia alternativa, e eu estava desesperado. É claro que ela me bateu em uma polpa, mas ela me atirou além do alcance de suas amarras e não conseguiu acabar comigo. Tive mais sorte de escapar vivo de Bastian depois que ele me disciplinou.

— Não deve ter sido fácil crescer com ele e depois trabalhar para ele.

Ele tinha um olhar distante, lambendo os lábios como se saboreando a resposta que queria. — Eu suponho. Um nascimento de qualquer ceifeiro é raro, mas as coisas são diferentes para os demoníacos. Minha mãe trabalhou para Bastian, seguindo os exércitos cristãos que invadiram a Terra Santa. Ela tinha um

gosto pela mais piedosa das almas. Isto foi fácil para ela. Ela era boa em caçar humanos e lutar contra os angelicais. Quando nasci, ela voltou imediatamente e eu fui entregue a outros para ser criado, como a maioria das crianças demoníacas. Bastian acreditava que seus deveres paternais pararam ao me ensinar o que ele considerava importantes lições de vida. Ele me ensinou como lutar, como matar e como usar o poder que ele me deu através de seu sangue. Ele era cruel, mas se não fosse, então eu teria morrido em batalha muito tempo atrás. Mas, novamente, olhe para Will.

Cadan estava certo. A mãe de Will e Nathaniel os criaram com amor, e ele era melhor lutador do que qualquer um. Eu me perguntei como Will teria sido se Bastian soubesse que Will era seu filho o tempo todo.

— Sinto muito — disse eu a Cadan.

Ele encolheu os ombros. — Não conheço nada diferente. — Ele me observou cuidadosamente, curiosamente. — Eu gostaria de conhecer, no entanto.

— Qual é o nome da sua mãe? — perguntei. — Ela ainda está por aí?

— Isolda — respondeu ele. — Eu só a vi algumas vezes. Ela não estava interessada em cuidar de mim e eu sabia que ela havia morrido. Em batalha, é claro. Bastian nunca lamentou por ela. Eu lembro que ela tinha o cabelo como o meu, mas mais prateado. Olhos frios como ametista. Eu acho que pareço um pouco mais com meu pai, exceto pelo meu cabelo. Will parece um pouco com Bastian também. É a nitidez dos olhos dele que desvia sua linhagem. Olhos que veem diretamente o poço da sua alma. Nunca gostei quando Bastian olhava para mim com raiva. Tanto ele quanto Will dão a impressão de que eles não vão matar você – eles vão acabar com você.

Eu vi aquele olhar nos olhos de Will infinitas vezes, e toda vez que ele dava aquele olhar, ele destruía. Ele não era conhecido por sua misericórdia sobre aqueles que tentaram me machucar. — Eu queria que Bastian não tivesse que morrer, mas acho que é um pouco ingênuo esperar que pudéssemos resolver as coisas. Ele ainda era seu pai. E sempre será. Família é família. Eles são um pedaço de você, não importa o que aconteça.

— Não é ingênuo esperar que mude — continuou Cadan. — Mas para Bastian era tudo o que ele sempre conheceu. Ele sabia que tinha um propósito na Terra, como o resto da nossa espécie, que estamos em guerra com os angelicais, e que estamos na véspera de uma guerra ainda maior, a qual poderia destruir as

raças da Terra e do Céu. Ele cresceu aprendendo que os humanos, anjos e ceifeiros angelicais são seus opressores, e esta guerra provou o que ele havia aprendido. Minha vida tomou o mesmo caminho, mas meu coração não é tão frio quanto o de Bastian. Ele não podia ver além do ódio que era condicionado a sentir. Talvez nunca saibamos se os demoníacos nascem maus ou os anjos nascem bons. O que realmente determina o bem e o mal, afinal?

— Tenho tentado descobrir isso por um longo tempo — disse eu. — Você é meu argumento contra perfeito mal e bem perfeito.

— Nunca é tarde demais para recomeçar — meditou ele. — Depois de oitocentos anos, este cão ainda pode aprender novos truques.

Isso me fez sorrir um pouco, mas desapareceu tão rapidamente quanto apareceu. — Eu gostaria que o mesmo tivesse sido verdade para Bastian. Deveria ter algo de bom nele. — Eu me lembrei do que ele havia dito a Will – que ele amava a mãe de Will, Madeleine. Se ele podia amar, podia sentir amor verdadeiro, então havia esperança de que ele pudesse ter mudado. Mas agora era tarde demais para salvá-lo, e considerar o que poderia ter sido, apenas pesava no meu coração ainda mais.

Cadan considerou minhas palavras pensativamente. — Não sei se ele era inerentemente mau. Ele foi um homem razoável e lógico, embora seu raciocínio tenha tomado um rumo mais sombrio. Ele viveu mais de mil anos no mundo dos ceifeiros demoníacos. Eles eram o seu povo, o seu tipo – o nosso tipo – e ele queria nos ajudar. Para ele, para muitos de nós, os demoníacos não são *maus*. Os caídos no inferno não são monstros. Eles – *nós* - são apenas mais um grupo com visões diferentes dos anjos e seus ceifeiros angelicais. Eu cresci acreditando que os angelicais eram nossos opressores, que realmente havia um lugar para nós em uma vida após a morte pacífica. Que poderíamos ir para o céu se os humanos não estivessem em nosso caminho. Agora, porém, percebo o que é verdade. Que todos os ceifeiros são um acidente, brinquedos do divino que nunca foram feitos para ser. Ceifeiros são peões em uma guerra por procuração. Eu sempre duvidei do que os outros acreditavam, desde que descobri que o sangue de Antares corre pelas minhas veias. Seu poder diluído mistura com minha linhagem, e é isso que nos faz muito mais forte que os outros ceifeiros. Estamos tão perto da fonte pura, do puro poder divino.

Fiquei tão inquieta ao pensar que fiquei de pé e caminhei ao longo da parede. Eu me perguntei se o pequeno pedaço de linhagem angelical foi o que levou Cadan a querer ser bom, mas percebi que Bastian tinha sangue ainda mais angelical, e ele estava menos inclinado a ver a luz. Não fazia sentido, mas me fez perceber que ele deveria estar certo: que, apesar da herança e das tendências de um ceifeiro, ele podia mudar, tornar-se o tipo de pessoa que queria ser. Bastian não tinha coração, nem bondade nele, mas seu primeiro filho, que tinha sangue ainda menos angelical nele, escolheu deixar o demoníaco para trás.

Cadan se levantou e caminhou em minha direção, movendo-se como uma onda. Pressionei minhas costas na parede quando ele parou a centímetros de mim. — O que quer que eu seja, eu não sou mau.

— Eu sei que você não é — disse eu e engoli, totalmente consciente de cada parte dele e sentindo o calor de sua proximidade. — Você tem um bom coração.

Ele descansou a cabeça pesadamente contra a parede e fechou os olhos, respirando fundo. Ele levantou uma mão para tocar meu braço, mas parou e a abaixou. Seus olhos se abriram para os meus. — Estou tentando mudar. Eu sei tudo o que fiz de errado, as coisas que deixei os outros fazerem porque eu era muito covarde para pará-los. Eu quero – preciso – de redenção. E sei que você pode me dar isso.

Ele me tocou então, deslizando a mão no meu braço, os dedos pegando a alça da minha blusa antes de envolver minha nuca. Ele virou meu rosto para o dele e sua mão moldou a curva da minha mandíbula, levantando meu queixo.

— Eu quero ajudá-lo — disse eu a ele. — Você fez muito por mim.

Seu olhar caiu nos meus lábios por um batimento cardíaco. — Você é um arcanjo e eu posso sentir sua bondade tão fortemente. Eu senti isso em você antes mesmo de saber o que você era. Na noite em que nos conhecemos era apenas você naquela multidão para mim. Entrei naquela festa, sabendo que você estava em algum lugar, mas eu podia sentir você a uma milha de distância. Eu precisava te conhecer. Eu tinha certeza de que, se eu pudesse te salvar, você poderia me salvar. Deus sabe que eu preciso disso. — Ele apenas sorriu, e algo como asas bateu no meu peito. O polegar dele escovou minha bochecha e meus lábios, e meu coração disparou quando considerei o que mais ele queria que eu permitisse que ele fizesse.

— Você já fez muito para se salvar — disse eu. — Você é forte, Cadan. Você só precisa perceber isso.

— Eu sei — respondeu ele, seu sorriso se alargando enquanto ele me observava. — Você me faz sentir forte, como se eu pudesse sair desse inferno em que nasci. Eu amo o jeito que você me faz sentir. Eu amo você, Ellie. Eu realmente amo.

— Cadan...

— Eu sei que você não acha que é real — disse ele, me interrompendo. — Mas isso é. Nada de falso pode parecer tão poderoso, tão *invencível*. Estou ciente do efeito que você tem em todos os ceifeiros, mas não sinto o que outros demoníacos sentem. Nenhum deles sente o mesmo que eu a respeito de você. Eu sei o que é isso, porque senti apenas uma vez. E não deixarei as coisas acontecerem da mesma maneira que da última vez.

— Eu não sou Emelia — disse eu, meu lábio tremendo.

Ele fechou os olhos por um batimento cardíaco, e seus dedos se espalharam em meu cabelo. Ele abriu os olhos novamente, e seus olhos brilhantes capturaram os meus. — Eu sei que você não é. Ninguém nunca será ela, mas ninguém será você também. Nada que já pôs os pés nesta Terra em incontáveis milênios poderia ser comparado a você. E eu sei que você nunca será minha. — Sua voz quebrou nessas últimas palavras e sua mandíbula apertou.

Exalei sem palavras. Nada que eu pudesse dizer faria com que ele se sentisse melhor. Eu me importava com ele profundamente, mas os limites para o que eu sentia por ele nunca seriam suficientes para satisfazê-lo.

— Eu sei que você é dele — respirou Cadan —, mas, por favor, um beijo. Isso é tudo que eu peço antes de desistir de você para sempre.

Engoli em seco. — Se eu sou dele, então não posso beijar você. Não vou. Nem sequer uma vez.

Ele empurrou seu peito no meu, mergulhando a cabeça tão perto que eu podia sentir o cheiro dele. Ele estava em cima de mim, preenchendo todos os meus sentidos.

— Por favor, me dê apenas um beijo. Eu só quero saber...

— Cadan, eu vou te bater.

Quando senti seus lábios escovarem os meus, bati nele. Ele quase caiu no chão, mas me soltou e cambaleou para ficar de pé. Ele pressionou uma mão na parede ao meu lado para manter o equilíbrio e tocou sua mandíbula vermelha com

a outra. Seus olhos de opala encaravam o chão em surpresa, e depois de alguns momentos, ele piscou para mim.

— Eu sinto muito — engasgou.

— Isso foi errado — disse a ele com firmeza. — Se você sabe a diferença entre certo e errado, então você tem que se sentir como um idiota agora. Não vou te beijar quando Will está deitado no leito de morte a mil milhas de distância. Cadan, você é meu amigo. Não estrague isso.

Ele virou as costas para a parede e deslizou para o chão, os ombros caídos e a cabeça pendurada pesadamente. — Eu sou tão idiota.

— Sim, você é. — Eu me sentei ao lado dele. — Como está sua mandíbula?

— Dói como o inferno — respondeu ele, movendo a mandíbula para trás e para frente com uma mão. — Se você realmente colocasse alguma força atrás disso, estaria quebrada.

— Bem, eu não ia quebrar o seu queixo — disse eu. — Isso faria uma bagunça e o hotel me faria substituir o tapete. Tenho coisas mais importantes para me preocupar do que carpete e desalojar partes do corpo.

— Sinto muito, Ell. Eu me perdi por um segundo. Eu me senti destemido, pensando que poderia ter você se eu te tirasse dele. Isso nunca teria acontecido.

— Eu amo o Will. Eu amo por um longo tempo. Não sinto muito por isso.

— Eu não sou ele — disse ele quando o ar saiu de seus pulmões em um suspiro terrível e derrotado. — Eu nunca serei bom o suficiente, serei?

— Não é disso que se trata — assegurei a ele. — Não posso explicar o que há entre Will e eu. E se as coisas fossem diferentes...

— Se eu fosse angelical, você quer dizer.

— Não. Não é sobre o que você é, também. Isso não significa nada. É com quem você é que eu me importo, e o que faz de você meu amigo. — Toquei sua mandíbula, que não parecia mais tão vermelha. — E se você fosse tudo menos o que você é, se fosse humano, então eu estaria correndo para a máquina de gelo para conseguir algo para este olho roxo que eu acabei de te dar.

Ele me deu um sorrisinho e soltei seu rosto. Fui até minha cama, puxei o cobertor e me estabeleci no colchão firme.

Cadan foi mais lento para alcançar sua própria cama. Ele sentou na beirada e se inclinou. Ele correu uma mão pelo seu cabelo e exalou. — Eu sinto muito, Ellie. Eu realmente sinto.

— Está tudo bem — disse eu, olhando para ele do meu travesseiro. — Descanse um pouco. Nós dois precisamos disso.

— Você tem um coração melhor do que eu.

— Você tem um coração e uma alma de ouro — disse a ele. — Você simplesmente não descobriu como explorar tudo isso ainda. Tenho fé em você, Cadan. Eu acredito em você. Uma vez que você passar a acreditar em si mesmo, você realmente poderá fazer o bem, você verá uma enorme diferença em si mesmo.

— Obrigado, Ell.

— Agora, durma — disse eu com firmeza. — Não me faça bater em você de novo.

Ele balançou a cabeça e riu gentilmente. — Ok. Durma bem.

Sorri para ele. — Durma bem também.

5

SONHEI DE NOVO, MAS DESTA VEZ A paisagem era familiar. Os pântanos no sul da França eram úmidos e terrosos, mas eram incrivelmente bonitos. O sol estava nascendo e seguimos sua projeção de sonhos para uma aldeia próxima depois de perseguir um ceifeiro demoníaco que havia aparecido na cidade. O trecho da floresta densa que navegamos dificultou ainda mais a viagem, e à frente de Will e eu, o meu eu dos sonhos precisava passar as espadas Khopesh pelos arbustos e trepadeiras grossas. Seu vestido estava esfarrapado e o tecido dourado estava coberto de lama, e seu cabelo, longo e selvagem, se soltou de suas fitas. Com toda a honestidade, ela necessitava desesperadamente de um banho e um par de moletons para relaxar. Eu me lembrei de usar calções e botas de meninos durante as caçadas nos dias em que não era apropriado que as meninas usassem qualquer coisa além de vestidos, mas essa caçada foi inesperada. Vestidos eram muito inconvenientes quando se matava monstros no escuro.

— Will — chamei, e ele olhou para mim. — Por que essa memória? A luta já aconteceu e o sol está chegando. Não haverá mais demoníacos aqui.

— Este foi um momento significativo na minha vida — respondeu ele casualmente, quase um pouco distante. É claro que o meu eu do sonho estava em seu próprio mundinho, caminhando pelo pântano completamente alheia a minha presença e minha conversa com Will.

— Como assim? — perguntei, mas não obtive resposta dele.

Através das árvores, eu podia ver uma clareira, e o sol nascente estava quase cegando. Quando nós nos aproximamos da linha das árvores, eu protegi meus olhos com um braço e segui o meu eu do sonho e Will em um prado exuberante. Assim que meus olhos se ajustaram, minha respiração parou. No centro do prado, presos no brilho dourado da aurora, estava um bando de cavalos brancos.

Nós paramos logo depois das árvores e os cavalos levantaram suas cabeças, mandíbulas balançando enquanto eles mastigavam a rica grama. Seus pescoços, grossos de músculos balançavam, e longos e emaranhados cabelos brancos caíam

como mechas sobre seus rostos e olhos. Alguns levantaram seus narizes para pegar nossos aromas e bufaram.

— Os cavalos? — perguntei, tomada pela visão. — São eles que tornam essa memória importante para você?

O canto de seus lábios se curvou em um pequeno sorriso e ele balançou a cabeça. — Não. Nunca os cavalos. Eles são apenas animais para mim, mas para você... você sempre os amou.

O meu eu dos sonhos se moveu em direção a eles com cuidado, seu vestido esfarrapado arrastando-se pela grama espessa e alta, e ela estalou suavemente conforme levantava a mão para persuadi-los em direção a ela.

Assim que Will deu um passo à frente, os cavalos brancos assustaram, gritaram e galoparam para arbustos mais espessos, espirrando lama e água.

— Will! — O meu eu do sonho estourou em frustração, girando ao redor para olhar para ele. O cabelo dela, vermelho escuro no nascer do sol ardente, soprou no vento, os fios presos em seus lábios e cílios. — Você os assustou!

Ele parecia não estar afetado enquanto cruzava os braços sobre o peito. — Os animais geralmente não gostam de ceifeiros. Você estava tão brava comigo por assustar os cavalos, não que eu realmente me importasse. Você era uma pirralha às vezes – a pessoa mais autoritária que já conheci.

— Obrigada, idiota — resmunguei.

Meu eu onírico começou a seguir os cavalos, mas voltou a olhar para Will mais uma vez. — Não chegue mais perto, ok? — pediu ela, sua voz mais suave agora. — Eles podem sentir seu cheiro e você os assusta, então fique aí. Por favor. Eu só quero vê-los.

Ela se aproximou da borda do prado onde os cavalos estavam e estendeu a mão mais uma vez. Um grande cavalo – o garanhão líder – lentamente saiu das árvores à sua esquerda, seu corpo fluindo como espuma no mar, músculo poderoso ondulando sob seu pelo branco. Ele bufou e deu um gargarejo gutural, seu nariz cinzento em busca da mão estendida do meu eu do sonho. O sol nascente lançou um brilho suave sobre o pelo, como a aurora dourada na neve recém caída.

— Eu acho que não respirei o tempo todo em que você estava lá — sussurrou Will. — O garanhão poderia ter se assustado a qualquer momento. Mesmo agora, parece que eu quero segurar minha respiração.

Ele não era o único. Assisti o cavalo branco esticar o nariz para as pontas dos dedos do meu eu do sonho. Ele fungou, bufou, recuando por um instante e a decepção pairou sobre o rosto dela. E então ele pressionou o nariz na palma da mão dela, empurrou-a e fechou os olhos, os longos cílios se fechando. Todo o seu corpo parecia afundar e relaxar, como se seu toque – meu toque – tivesse feito isso.

Atrás dele, um por um, seu bando de éguas brancas e pequenos potros cinzentos escorregou pelas árvores e avançou fluidamente. Eles se moviam como um grupo em direção ao meu eu onírico, cercando-a, ousando esticar seus próprios narizes para cheirá-la, tocá-la. Ela sorriu brilhantemente, seus olhos brilhando na luz do amanhecer, a cor de seu cabelo se intensificando até que ele brilhou como chamas pelas costas e ombros.

— Eu não podia acreditar — respirou Will —, como todos eles saíram das árvores, como se eles fossem atraídos por você, atraídos por você como eu. Como se eles pudessem te sentir como eu. Até hoje, nada que eu tenha experimentado foi mais doce do que o seu toque ou a sua voz – quando você não estava mexendo comigo, é claro. Você parece e cheira a luz do sol, como a graça de Deus.

Desviei meu olhar dos cavalos e para Will, cujos lábios se separaram em admiração, seus olhos verdes esmeraldas brilhando. Eu pisei ao lado dele, doendo para tocá-lo, mas com medo. Ele parecia preso em um mundo em que eu não poderia me juntar a ele.

— Havia muitos deles — continuou. — Até aquela manhã, eu nunca vi a verdadeira beleza em sua forma mais pura. Nada comparado a isso, vendo-a lá, cercada por cavalos brancos, em um momento de serenidade tão calma após uma noite de carnificina e derramamento de sangue. Eu nunca esquecerei isso enquanto eu viver, e ainda mais se eu tiver uma vida depois dessa. A imagem está queimada em minha mente, nas regiões mais profundas, mais intocáveis. Eu nunca esquecerei isso.

Embora eu não estivesse tão perto dos cavalos quanto o eu do sonho, lembrei-me do cheiro deles, aromas de grama molhada e terra macia em seus cascos brancos. As baforadas de sua respiração contra minhas mãos, focinhos enterrando-se no meu cabelo, a maciez de seus pelos sob as pontas dos meus dedos. Fechei meus olhos e lembrei-me de estar cercada pelos cavalos brancos, aquela estranha mistura de contentamento e alegria. Lembrei-me de sorrir de orelha a orelha naquele dia a tanto tempo e olhar para as árvores em Will, que deu

aquele sorriso discreto, e senti uma corrente de saudade e tristeza arrastar meu coração de volta ao mar.

Will falou novamente, sua voz ainda mais suave, seu olhar pensativo e distante. — Você era uma dor às vezes, e tornou-se tão difícil no começo para eu cair no meu dever como seu Guardião, obedecer-lhe, quando na maioria das vezes eu só queria voltar para você. Mas você nunca desistiu, e lutou com tudo que tinha. Eu vi sua bondade, sua abnegação insondável e imensurável beleza divina. Foram momentos como estes, onde até os cavalos selvagens não conseguiam negar a força da sua presença e coração, que me fez querer lutar até que eu não pudesse mais – só para estar ao seu lado. Lembro-me desta madrugada, deste mesmo prado entre os cavalos brancos, porque neste exato momento eu percebi que estava apaixonado por você.

Abri meus olhos e estava de volta ao meu corpo, ao lado de Will neste sonho de memória, observando sua projeção de mim, e olhei para o rosto dele.

— Eu quero voltar a este lugar — disse ele com um sorriso. — Já faz muito tempo. Eu gostaria de ver isso novamente. Contigo. Talvez os descendentes desses cavalos ainda estejam lá.

— Ok — disse eu, assentindo. Meus olhos começaram a queimar com lágrimas salgadas.

— Eu sei que estou morrendo e não quero morrer — disse ele —, porque você ficará triste.

— Eu vou te salvar — prometi. — É a minha vez de protegê-*lo* agora.

Ele ficou quieto, respirando suavemente enquanto observava os cavalos. — Não posso morrer ainda. Quando eu acordar, tenho algumas coisas para cuidar. Eu quero que esta guerra termine, e se minha mãe estiver viva, quero encontrá-la. Então voltarei aqui.

— Nós voltaremos — disse eu. — Vamos fazer todas essas coisas. — Toquei sua bochecha e virei seu rosto para o meu. — Você tem que continuar lutando do jeito que você me disse para continuar lutando. Entendeu?

— Você voltará para mim?

Eu sorri. — Eu sempre volto.

Ele fechou os olhos e tocou a testa na minha. Eu me senti acordando, mas lutei. Eu não queria deixar este lugar – deixá-*lo*.

Apertei minha mandíbula em decepção e pressionei meu corpo contra o dele. — Mas por enquanto eu tenho que ir. Preciso voltar para o mundo real.

— Não quero que você vá embora — respirou ele, suas mãos cobrindo meu rosto.

— Não posso te salvar se estou dormindo — respondi gentilmente. Eu o beijei e me forcei a recuar. — Eu te amo e voltarei para você.

Ele não disse nada quando a visão ficou turva e desbotada. Um momento depois, ele se foi, e assim foram os cavalos. Acordei para um amanhecer diferente da minha cama no quarto do hotel no Colorado. Eu olhei para a outra cama, mas Cadan havia saído. O chuveiro estava ligado. Eu me virei, puxando os cobertores para o meu queixo, enterrando meu rosto no travesseiro enquanto o tecido ansiosamente bebia minhas lágrimas.

* * *

— Você está muito quieta esta manhã.

Olhei para Cadan enquanto dirigia, mas esse segundo foi longo o suficiente para eu absorver o olhar preocupado em seu rosto. De volta à estrada, decidi que não poderia revelar meus sonhos com Will. Até mesmo eu não entendia completamente como nossas mentes poderiam se unir durante o sono. Deveria ser o elo que a magia angelical forjou entre nós nas tatuagens no braço dele. Quanto mais me aproximo de Gabriel, mais forte isso deveria crescer, e mais próxima eu deveria ficar de Will. Mesmo agora, a mil milhas de distância, e apesar de sua condição grave, eu o sentia. Quando fechei meus olhos, eu podia sentir seu cheiro. Mas quando os abri, Cadan estava sentado ao meu lado e o cheiro de Will se afastou.

— Estou focada — respondi.

— Você vai me deixar saber caso precise de uma pausa, certo? — perguntou ele, e a incerteza era clara em seu tom.

Eu exalei, mas o som era mais como um grunhido. — Você continua dizendo isso e… sério. Quando eu precisar de uma pausa, vou parar. E não preciso de uma pausa, eu preciso continuar. Se eu quisesse trazer minha avó comigo, eu teria trazido, mas eu não quis, então cale a boca.

Ele abriu a boca para responder, mas sabiamente a fechou. Acelerei o SUV. Não conversamos muito durante a próxima hora e meia, até que o GPS me puxou para uma estreita estrada de terra cheia de buracos. Logo nós passamos uma placa para o Rancho Red Mountain, e não muito tempo depois, o próprio rancho apareceu. Conduzi o SUV para dentro, passando sob o arco de um portão de ferro enferrujado, e encontrando guardas de gado embaixo das rodas. Havia alguns bois ao ar livre que tive que evitar, incluindo algumas galinhas que, agitando suas asas patéticas e pulando seus corpos gordos em distâncias curtas sobre o solo, pareciam mais inclinadas a sair do caminho do carro do que o gado.

— Pare bem na frente da casa — instruiu Cadan.

Dirigi para uma longa e desconexa casa de um só andar com uma varanda bamba que envolvia a frente e lado oeste. Ficava de frente para um pasto cheio de gado preto e póneis malhados. Atrás da casa havia um celeiro que viu dias melhores, mas era a idade, não a negligência, que o desgastava. Alguns peões do rancho apressaram-se para suas tarefas, levando animais para dentro e para fora do celeiro, arrastando mangueiras para as barracas de água e cochos do pasto. Desliguei o carro e saí com Cadan assim que a porta da frente da casa se abriu e um homem alto, magro e idoso, com um chapéu de cowboy, camisa xadrez, jeans e botas de cowboy saiu, limpando as mãos em um pano de prato limpo. Ele tinha um bigode grisalho e até um brilho nos olhos. Eu gostei dele imediatamente.

— Cadan — falou o homem alegremente. — Gostaria de poder dizer que fiquei feliz em vê-lo, mas a velha senhora está na casa e sei que assim que ela olhar para você, ela vai me deixar. Mesmo depois de trinta e dois anos. Por que eu continuo ficando mais velho e você está mais novo do que nunca?

Cadan sorriu – e jurei ter visto uma pequena cor em suas bochechas – ele correu uma mão através de seu cabelo. — Bons genes, eu acho. Ótimo ver você, Judah.

O vaqueiro sorriu para mim em seguida. — E essa... essa deve ser ela. — Ele desceu os degraus da varanda e alcançou minha mão, mas antes de pegá-la, ele perguntou: — Posso?

Eu o observei confusa, sem saber se ele estava realmente pedindo permissão para me tocar. Eu pisquei e assenti.

Judah tomou a minha mão, finalmente segurando-a com as suas. — Bem-vinda — disse ele. — Eu sei quem você é, então não seja tímida. Eu sei quem é aquele bandido lá também.

Olhei para Cadan, que me assistiu quase com tristeza. Surpreendeu-me que Cadan conhecesse esse humano e até se revelasse a ele. Quanto sabia Judah? Se ele disse que sabia quem eu era, isso significava que ele sabia que meu nome era Ellie – ou Gabriel?

Judah soltou minha mão e colocou a sua nos quadris estreitos, sorrindo para mim. — Eu pedi aos meninos para selarem os cavalos para vocês. Tenho certeza que vocês querem prosseguir. Grace está preparando sanduíches de carne de porco para a viagem. Vocês deveriam comer um antes de ir.

Meu estômago roncou com o pensamento, tão alto que Judah ouviu e riu. — Isso soa incrível — disse eu.

Ele se virou para a casa e acenou para entrarmos. A porta da frente levava para a cozinha, onde uma mulher trabalhava no balcão em cima de pilhas de carne desfiada, pão, e pequenos baggies para cada sanduíche.

— Separe um pouco daqueles para mim, sim, Grace? — falou Judah com um tapinha no ombro dela. — Os hóspedes estão aqui.

Ela sorriu para Cadan e eu com olhos brilhantes e bochechas coradas. — Cadan. — Ela cumprimentou-o calorosamente e puxou-o para um abraço de um braço só com um beijo na bochecha dele.

— Ei, agora — disse Judah, a diversão em sua voz passando por sua carranca. — Não me faça lutar com o garoto por minha honra.

Grace revirou os olhos e se afastou dos dois. — Isso seria imprudente, querido. Quem é a garota? Você é uma visão, querida. Você é como ele? — gesticulou ela para Cadan, mas deu um sorriso com isso.

— Ela não é nada como eu — interrompeu Cadan gentilmente, seu olhar evitando o meu.

— Não é um ceifeiro — supôs Grace. — Só uma garota de sorte, então. Qual é o seu nome, querida?

— Ellie — disse a ela.

— Como vocês se conheceram?

Cadan abriu a boca para falar, mas Judah foi mais rápido. — Grace.

Ela parecia entender o tom de sua voz e não levou mais adiante. Ela pegou um sanduíche para cada um de nós, serviu dois copos de chá gelado e os colocou na mesa redonda da cozinha. Mais uma vez, enquanto eu comia o sanduíche e o chá, fiquei me perguntando o que exatamente esse casal sabia sobre Cadan e eu. Eu temia dizer qualquer coisa.

— Terminaram? — perguntou Grace com um sorriso.

Cadan recostou-se na cadeira e expirou. — Isso estava delicioso, como sempre. Muito obrigado.

Ela levou nossos pratos para a pia. — Por que você não vem comigo e nós vamos garantir que seus pacotes estão prontos? Verifiquei novamente a tenda e ela não tem buracos, mas vamos ver quantos cobertores você precisará. Lembre-me de pegar os sacos de grãos para os cavalos.

Ela acenou para Cadan e ele a seguiu da cozinha. Então era apenas Judah e eu. Um canto da boca do velho cowboy se curvou em um sorriso conhecedor sob o bigode desalinhado.

— Grace faz a melhor carne de porco desfiada no Colorado — disse ele. — Tenho certeza que é por isso que ele continua voltando aqui.

Estudei seu rosto com cuidado. — Você sabe que ele é um ceifeiro?

— Eu sei — respondeu Judah, respirando fundo.

— E você sabe o que significa para ele ser o que é?

— Eu sei que ele parece muito bom para a idade dele.

— Você sabe a diferença entre um ceifeiro demoníaco e um ceifeiro angelical?

— Eu sei a diferença entre um homem bom e um mau — respondeu ele. — Ninguém é perfeito, e esse menino usa seu coração na manga[2]. Eu também sou um homem imperfeito. Quem sou eu para julgar outra pessoa com base em onde eles vêm? O que conta é o que aquele homem faz com sua vida e pelos outros.

— Concordo com você — disse eu. — Cadan lhe disse quem eu sou?

Judá inclinou-se e apoiou um dos braços na mesa. — Sim, mas Grace não sabe. Você parece surpresa que eu confie nele, mas estou ainda mais surpreso que *você* confie nele.

---

2 Exibe abertamente os seus sentimentos.

— O que conta é o que aquele homem faz com sua vida e pelos outros — respondi, repetindo suas próprias palavras. — E Cadan ganhou minha confiança dez vezes.

— Ele não está tão perdido quanto costumava estar. Acho que ele finalmente encontrou a trilha certa.

— Você é um dos médiuns? — perguntei. — É assim que você o conhece?

Judah sacudiu a cabeça. — Não. Cadan me contou sobre eles, no entanto. Não, eu o encontrei despedaçado na montanha um dia, muito tempo atrás. Pensei que um urso o atacou. Parecia ter se arrastado por um longo caminho, mas ele estava frio quando me deparei com ele. Eu o joguei sobre o meu cavalo e voltei para casa. Grace me ajudou a parar o máximo possível do sangramento, mas antes mesmo de nós o colocarmos no caminhão para levá-lo ao hospital, notamos que havia algo estranho naquele menino. A pele não se unia novamente sem uma agulha e linha. Não sabíamos o que fazer com isso. Quando chegou a hora, ele estava quase completamente curado, exceto pelas cicatrizes novas em suas costas. Imagino que ele deve ter tido um dia infernal, mal sobrevivendo a um ataque de urso e a um incêndio. Grace está cansada das minhas piadas sobre defumar, então eu pouparei você.

— Mas foi um Senhor Grigori — disse eu.

— Foi disso que ele chamou também — continuou Judah. — Nós nunca aprendemos sobre eles na igreja. Todas essas coisas do livro de Enoch, e o Pastor Jim não gosta disso. De qualquer forma, aquele menino que encontramos tinha muita explicação para dar. Depois do que vimos, não foi muito difícil aceitar o que ele nos disse. Ele ficou aqui por algumas semanas e pareceu nunca querer sair. Ele disse que quando voltasse de mãos vazias alguém ficaria muito bravo com ele, e que ninguém como Grace e eu estaria lá para certificar-se de que ele curaria com segurança.

— Então ele te contou tudo? — perguntei, totalmente surpresa. — Sobre os ceifeiros, sobre o meu papel, os anjos, e os caídos?

— Sim. Ele disse que o livro que ele estava procurando na montanha seria o que te impediria no final, você é a assassina da espécie dele. Foi interessante ao longo dos anos, observá-lo nunca envelhecer enquanto eu fico velho e cansado. Ele mudou muito, de outras maneiras. Ele me disse o que os ceifeiros demoníacos fazem para humanos, mas nunca nos machucou, e acredito nele quando diz que

só lutou contra outros Ceifeiros. Eu costumava perguntar a ele: *Rapaz, por que você acha que Prey-lee-seja-lá-isso mata ceifeiros? Há uma razão pela qual você não caça humanos. Você acha que é errado, e ela também. Não faz sentido?* Então, eu acho que sim, porque agora você está sentada na minha cozinha comendo sanduíches de carne de porco da minha esposa.

Senti meus olhos queimarem, mas antes de qualquer emoção romper, passos soaram pela casa. Cadan e Grace retornaram.

— Tudo parece bem — disse Cadan para mim. — Você está pronta?

Dei um sorriso, mas senti um tremor. — Sim. Vamos pegar os cavalos.

Nós seguimos Judah para fora da casa e para o celeiro. O ar cheirava densamente a feno, e no corredor estavam três cavalos amarrados. Dois cavalos estavam sendo sobrecarregados com equipamentos pesados enquanto o terceiro já estava carregado com equipamentos de camping e alguns sacos extras.

— Você montará o Peewee — disse-me Judah, e deu um tapinha na barriga gorda de uma égua baia bonita com meias. Ela virou a cabeça para empurrar os bolsos por um deleite. — Cadan, você leva Savvy.

— Você está me deixando montar Savvy? — perguntou Cadan. — Estou honrado, Judah. Obrigado.

— Quanto tempo nós vamos ficar lá? — perguntei, espiando em um par de sacos no cavalo de carga chamado Star e encontrando comida e água. Acariciei o rosto peludo do cavalo e segui em frente para dar um tapinha no pescoço do cavalo cinza de Cadan.

— Dois dias de viagem — respondeu Cadan. — E esperançosamente dois dias para voltar. Vamos acampar confortavelmente, eu prometo.

Instintivamente, eu queria contar uma piada para ele sobre nossas diferenças na definição de conforto, mas quando deslizei minha mão pelo pescoço do cavalo, a seda quente de seu pelo trouxe outra picada dolorosa aos meus olhos. Eu me lembrei do meu sonho com Will tão vividamente que quando fechei meus olhos por um instante, foi o pelo de um cavalo branco na França que eu toquei e não aquele grande cavalo cinza chamado Savvy. Will havia me prometido meses atrás que ele me levaria para cavalgar algum dia. Eu deveria estar com ele agora e não com outra pessoa.

— Você está bem? — Cadan estava ao meu lado, sua cabeça baixa e perto da minha, a respiração de suas palavras contra o meu cabelo.

Tentei olhar para ele, mas um olhar era tudo que eu poderia reunir, e descansei minha bochecha contra o ombro do cavalo. Sua perna pisou em uma mosca e ele deu uma boa sacudida na cabeça. Meus dedos entrelaçaram em torno de sua juba quando ele virou a cabeça para acariciar meus bolsos.

— Vamos — disse eu, e virei minhas costas para Cadan. Eu não choraria. Eu não me permitiria. Tudo o que Cadan queria era me consolar. Ele era doce, mas a única coisa que poderia me confortar agora era encontrar Antares e fazer com que ela curasse Will.

* * *

O céu constantemente nublado durante o dia e o denso dossel da floresta eram uma bênção para Cadan. Eu me preocupava com ele estar no sol, mas ele parecia lidar com isso muito bem, contanto que não cruzasse a luz do sol direta. No momento em que o crepúsculo caiu e as nuvens foram embora para revelar um belo céu estrelado, meu corpo parecia ter caído por toda a montanha em vez de andar a cavalo todo o caminho até ali. Como algo poderia deixar alguém tão dolorido?

De repente, todos os três cavalos ficaram rígidos e nervosos enquanto bufavam, suas respirações ondulando no ar frio. Eles dançaram, com medo, e fizeram ruídos lentos e retumbantes na trilha. Seus cascos levantaram neve e eles olharam em volta, com olhos arregalados e aterrorizados. Puxei com força as rédeas para manter Peewee controlada, mas ela, Savvy e Star estavam prontos para fugir a qualquer momento.

— Qual é o problema com eles? — falei para Cadan, que estava tendo tantos problemas quanto eu para controlar seu cavalo.

— Eles cheiram ceifeiros demoníacos — respondeu ele, estranhamente calmo.

— Eles só *agora* notaram você?

Ele balançou a cabeça, uma das mãos segurando as rédeas, a outra acariciando o pescoço de Savvy. — Não, eu não. Os cavalos me conhecem. É outra pessoa. Eu também posso sentir o cheiro deles.

Meu olhar endureceu enquanto eu examinava as árvores ao redor. — Eles devem estar atrás de nós ou com Antares. De jeito nenhum podemos cuidar disso a cavalo. Eles estão enlouquecendo.

— Vamos desmontar e amarrá-los — sugeriu Cadan e saltou de Savvy.

Segui sua liderança e ajudei a amarrar os cavalos em galhos robustos. Eles ainda pareciam assustados enquanto nós nos arrastávamos para longe, mas quanto mais cedo nós interceptássemos quem quer que fosse os ceifeiros que estivessem aqui conosco, mais cedo os cavalos se acalmariam e poderíamos continuar subindo a montanha.

Eu senti uma onda de energia não muito longe de nós, e quando olhei para Cadan, ele sinalizou que havia sentido isso também. Invoquei minhas espadas e deixei minha própria energia zumbir, sabendo que os ceifeiros demoníacos a sentiriam da maneira como um tubarão cheira sangue, e viriam direto para mim. Eu tinha razão.

O primeiro ceifeiro surgiu pelas árvores à minha direita. O segundo foi um borrão a muitos metros de distância, e Cadan decolou atrás dele. Algo pesado me acertou, me derrubando no tronco de uma árvore. Mãos com garras lutaram por mim e eu cegamente lancei uma espada. Um grunhido do meu atacante me assegurou que eu acertei em carne e ele fez uma pausa apenas o tempo suficiente para eu mudar o foco. Golpeei novamente, desta vez com precisão impecável. A cabeça flamejante do ceifeiro bateu na neve, rolou e se desfez em cinzas com o resto do seu corpo.

— Cadan? — chamei, esperando que ele tivesse eliminado o outro ceifeiro com a mesma facilidade.

Choramingos sufocados me disseram o contrário. — Aqui — veio sua resposta.

Segui sua voz para encontrá-lo em pé sobre um corpo lutando deitado em uma poça de sangue na neve, espetado por sua longa e fina espada. A mulher ceifeira demoníaca, cujos braços foram cortados no cotovelo, parecia ter estado na floresta por um tempo. Sua pele estava suja e o cabelo emaranhado e desgrenhado. Suas roupas estavam rasgadas e fediam a algo sujo.

— Olha — disse Cadan, radiante. — Encontrei um novo amigo. Ela estava prestes a me dizer o que está fazendo aqui.

Seus olhos, brilhantes bolas vermelhas de fogo, fixaram no meu rosto. — Preliator!

— Excelente palpite — disse Cadan, e chutou-a na barriga. Ouvi um estalo e ela se contorceu e uivou.

— Eu nem sequer pensei em manter um vivo para interrogatório — disse eu, e me agachei ao lado da ceifeira caída. — Jogada inteligente. Então, novo amigo, o que te traz aqui?

Ela estalou sua mandíbula para mim antes de se encolher e gargalhar. — Procurando por um anjo, mas nós encontramos o errado.

— Isso dói — disse eu, franzindo a testa. — Mesmo. Meu coração. Está quebrado.

— Você está atrás de Antares? — exigiu Cadan.

Os cotos em seus braços vazaram sangue suavemente, como se ela estivesse quase sem ele. — Merodach nos enviou atrás do Senhor Cardeal. Devemos estar perto, desde que nos deparamos com você, Preliator.

— Sammael quer todos os Grigori mortos, não é? — Meu tom ficou sério, todo o humor se foi.

Ela ofegou de dor, fechando os olhos. — Como eu deveria saber? Estou apenas procurando pela fera.

— Há outros procurando o resto dos Grigori?

Ela rosnou para mim. — Vamos expurgar este mundo de todas as coisas divinas.

— Estou aceitando isso como um sim — disse eu e voltei meu olhar para Cadan. — Vamos cuidar dela e sair daqui. Temos que encontrar Antares antes que alguém o faça.

Eu me levantei e virei de costas para o ceifeiro espetado. Enquanto eu voltava para onde nós deixamos os cavalos, eu escutei em quatro línguas diferentes as obscenidades sobre Cadan, até que ele a silenciou com um balanço final de sua espada.

6

EU QUERIA CONTINUAR, MAS CADAN INSISTIU que nós dois e os cavalos precisavam descansar. Relutantemente aceitei a derrota e encontramos um lugar para acampar. Eu estava tão distraída com pensamentos sobre os ceifeiros demoníacos nos seguindo até Antares que nem percebi que havíamos trazido apenas uma barraca até Cadan estar na metade da montagem.

— Por que só uma? — perguntei nervosamente, lentamente removendo as estacas do saco nas costas de Star. Olhei para nossos cavalos amarrados a uma árvore próxima. Savvy cochilou enquanto Peewee me olhava atentamente entre mastigadas de grama. Toda vez que ele soltava um ronco suave, ela prendia as orelhas e inclinava a cabeça para ele.

Cadan pegou uma estaca da minha mão. — Nós só poderíamos levar um cavalo de carga para nós dois, e o cavalo só pode transportar um saco de tenda. Está tudo bem. Eu trouxe isso apenas para você.

— Onde você vai dormir?

Ele deu um sorriso tranquilizador. — Lá fora. Eu estive pior, acredite em mim. E além disso, as estrelas no meio do nada são incríveis. Prefiro ficar aqui fora, na verdade.

Eu o ajudei a pregar as últimas estacas no chão. Ainda estava um pouco desconfiada dele, e não queria uma repetição desajeitada da noite passada. Apesar de me sentir melhor com os arranjos para dormir, eu estava congelando. A temperatura deve ter caído pela metade quase tão logo o sol começou a se pôr e as nuvens se desvaneceram. Coloquei um moletom com capuz sobre a minha camisa de manga comprida e envolvi um cobertor em volta do meu corpo, mas ainda tremia. Cadan acendeu um fogo e espalhei meu saco de dormir no chão perto dele, aproveitando o calor.

— Temos alguns sanduíches sobrando, se você estiver com fome — ofereceu Cadan, vasculhando o saco de comida.

Meu estômago roncou e se apertou. — Sim, por favor. Estou morrendo aqui.

Ele arrastou seu próprio saco de dormir no chão ao lado do meu e deixou cair uma garrafa de água e sanduíche no meu colo. Enquanto comia, ouvi uma coruja nas proximidades e finalmente dei ao céu noturno uma boa olhada. Minha respiração ficou presa. Fazia tanto tempo desde que eu vi estrelas tão brilhantes. O céu parecia quase multifacetado enquanto as estrelas cintilavam. A enorme lua estava tão clara e próxima que parecia irreal.

— Você estava certo sobre o céu — disse a Cadan.

Ele se mexeu ao meu lado quando terminou seu sanduíche. — Não há muitos lugares na Terra que têm uma visão como esta.

— Não, não há — concordei. O frio começou a rastejar pelas minhas camadas, então eu me enrolei no saco de dormir como um burrito. Cadan, como todos os ceifeiros, parecia não ser afetado pelo ar gelado, e olhei amargamente para ele. — Você já encontrou algo mais sobre o gládio sagrado?

Ele balançou sua cabeça. — Tenho tentado desenterrar informações, mas ninguém parece saber o que é. Precisamos encontrar um especialista em relíquias ou algo assim. Eu nem sei por onde começar.

Fiz uma careta, pensando em Nathaniel. Ele era um gênio, e parecia saber tudo o que havia para saber do nosso mundo. Ele teria sido útil agora – não apenas para nos ajudar a descobrir sobre esta arma misteriosa, mas eu realmente poderia apreciar uma de suas terríveis piadas. Mas ele morreu, e minha mãe também. E Will iria também se não tivéssemos sucesso. Estudei Cadan, que sempre parecia tão frio e calmo. Nunca imaginei que ele tivesse perdido alguém que ele amava. — Posso perguntar algo?

— Claro.

— Posso te perguntar sobre Emelia?

Ele soltou um suspiro longo e cansado. — Certo. O que você quer saber?

— O que aconteceu com ela? — perguntei. — Se você não se sente à vontade falando sobre ela, está tudo bem. Estou apenas curiosa e aprendendo muito sobre você. Para ser honesta, você é meio que um quebra-cabeça.

Ele olhou para baixo e deu um sorriso fraco. — Certo. Um longo tempo passou e eu posso falar sobre ela. Eu a conheci em 1928 em uma festa em Los Angeles. Ela estava vendo Ronan por um tempo e sabia o que ele era. O relacionamento deles era tão interessante para mim – eu nunca conheci um ceifeiro demoníaco que mostrava qualquer tipo de afeição por um humano. Era óbvio que

ele era louco por ela, e quanto mais nós três íamos a eventos sociais juntos, mais Emelia e eu nos tornamos amigos. Ronan cometeu erros, no entanto. Ele tinha um temperamento e uma língua afiada, como você deve ter notado quando o conheceu. Eu vi Emelia chorar mais vezes do que poderia contar. Quando eles se separaram definitivamente, ela e eu permanecemos amigos, e eu me apaixonei por ela. Fui estúpido por um piscar de olhos. Eu deveria saber melhor.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— Eu estava no fundo, trabalhando para Bastian — disse ele sombriamente. — Precisei mantê-la em segredo, o que eu fiz por quase um ano. Eu sabia que se Bastian descobrisse que eu estava vendo uma garota humana... ele teria me esfolado vivo apenas para curar seu próprio orgulho. Então outro demoníaco a comeria. Eles teriam levado sua alma sem dúvida. Eu deveria ter ido embora, mas não fui. Ivar foi quem me descobriu. Nós tivemos nossa diversão juntos, mas ela era maníaca. Há garotas malucas e garotas *malucas*. Nunca fiquei envolvido com ela além de qualquer coisa física, mas ela era tão ciumenta quanto era louca. Você a viu.

Eu vi. Quando Cadan me conheceu na biblioteca há alguns meses e nós conversamos por um tempo, Ivar tentou me matar no estacionamento. Cadan a matou enquanto me defendia e protegia o segredo de que ele estava me ajudando a parar Bastian.

— De qualquer forma — continuou Cadan —, Ivar seguiu Emelia depois que eu a deixei uma noite e a matou. Eu voltei, mas já era tarde demais. Eu a deixei indefesa e Ivar a caçou como um coelho. Antes que Ivar pudesse... pegar a alma de Emelia... eu lutei com ela. Eu a derrotei no inferno, mas não consegui matá-la. Eu não poderia e eu deveria. Todos os dias desde então me arrependi disso. — Ele respirou profundamente, a respiração trêmula e as mãos fechadas em punhos apertados. — Eu apenas olhei para ela no chão e então peguei Emelia, deixando Ivar. Eu fui estúpido e covarde, e apenas a *deixei* lá. *Viva.*

Eu o observei enquanto ele sofria internamente. Sua dor e arrependimento eram tão claros sobre cada centímetro dele que me senti terrivelmente triste pelo que aconteceu. — Eu sinto muito — disse eu.

Ele balançou a cabeça. — Não. Sou eu quem sente muito. Espero sofrer pelo resto da eternidade pelo que eu fiz para aquela garota. Eu sabia, eu sabia, que

nunca deveria ter me envolvido com Emelia. Eu deveria ter sido mais cuidadoso. Mas sou egoísta. Ainda sou com você.

— Não foi sua culpa — assegurei a ele. — Ivar...

— Sim, Ivar tirou a vida dela, mas eu entreguei a ela. — Ele balançou a cabeça novamente, desta vez com menos raiva. — Sou tão impulsivo e completamente consciente disso. Você me lembra um pouco da Emelia. São seus olhos e seu grande sorriso. Ela adorava ir a festas, dançar e se divertir. Vocês duas são tão brilhantes e cheias de vida. Você me assustou também. Ainda faz.

— Bom — disse eu com um sorriso —, então estou fazendo o meu trabalho direito.

Fui recompensada com um pequeno sorriso. — Eu falo sobre o jeito que você me faz sentir, o quão rapidamente o que eu senti me lembrou de quando eu tinha Emelia. Naquela noite, quando Ivar atacou você, foi como um maldito flashback. Pelo menos, eu finalmente encontrei coragem para vingar Emelia. Ao matar Ivar, eu me afastei de Bastian completamente, minha fidelidade a ele, e então eu o matei também. Quão triste é que ao lidar com a morte, eu ganhei minha liberdade?

Ele olhou para as estrelas, a brisa soprando seu cabelo um pouco. Não percebi que ele se machucou tanto por dentro, ele sentia tanta culpa por servir a Bastian e pela morte de Emelia. O fogo crepitou diante de nós, todo o calor, luz e conforto. Descansei minha bochecha no ombro de Cadan e esfreguei seu braço suavemente.

— Vai ficar tudo bem — sussurrei, e peguei a mão dele. Não havia nada que eu pudesse fazer para convencê-lo de que o que aconteceu com aquela garota não foi culpa dele, apesar do que ele se convenceu. Cabia a ele se perdoar.

— Aconteça o que acontecer amanhã com Antares, eu tenho as suas costas — disse ele. — Espero que Antares não vá querer a segunda rodada comigo, mas algumas décadas é um piscar de olhos para uma criatura como ela, e ela me reconhecerá quando me vir. Quem sabe, pode ser diferente com você aqui.

— Eu juro, não sairei sem a cura — disse eu. — Não posso.

Ele suspirou, relaxando. — Seria melhor dormirmos um pouco se quisermos ser funcionais de manhã.

— Sim — concordei, e saindo do meu saco de dormir, fiquei de pé.
— Vejo você pela manhã.

— Sim — respondeu ele.

Atrás de mim, ouvi o farfalhar de seu próprio saco de dormir enquanto eu entrava na tenda para fazer meu ninho de cobertores. Levou alguns minutos para me aquecer confortavelmente, e demorei ainda mais para adormecer.

* * *

Acordei na manhã seguinte sem ter sonhado com Will, e estava com tanto medo por ele que tive dificuldade de terminar meu café da manhã. Um mal-estar no meu intestino combinou com os pensamentos horríveis em minha mente. Eu não tinha recepção de celular aqui em cima, então não havia como saber se algo havia acontecido com ele. Marcus ou Ava não tinham como me contatar. Tudo o que eu podia fazer era continuar.

Apenas algumas milhas acima da altitude em que nós acampamos, estava nevando. O chão estava levemente polvilhado e flocos de neve caíam lentamente, grudando nos meus cílios e na juba de Peewee. O ar ficou mais frio e mais difícil de respirar durante todo o caminho que subimos. Paramos para o almoço por volta do meio dia e então estávamos a caminho novamente. Finalmente, Cadan parou seu cavalo e desmontou, suas botas batendo suavemente na neve.

— Ela está perto? — perguntei, e deslizei da sela para o chão. Levei Peewee pelas rédeas até onde Cadan havia parado.

— A partir daqui, vamos a pé — disse ele, e amarrou Savvy a uma árvore. — Judah tem um mapa da nossa rota, e se não voltarmos, ele vem até a montanha e, no mínimo, encontrará os cavalos.

Dei a Peewee um beijo de despedida no nariz e um arranhão entre suas orelhas. Eu sorri um pouco quando percebi que me preocupava que os cavalos ficassem sozinhos. Por um segundo foi bom não me preocupar com a terrível situação em que eu estava prestes a entrar.

— Você provavelmente não vai querer trazer sua jaqueta pesada — disse Cadan quase desdenhosamente.

Fiquei de boca aberta para ele. — Você está falando sério? Você não percebeu a neve? Ou a montanha?

— Certo. Sua escolha.

— Eu sinto frio, lembra-se, Superman? — resmunguei.

— O que quero dizer é que os Senhores Cardeais fazem as coisas mudarem — disse ele.

— Como assim?

Uma pausa. — Você verá.

Decidi confiar nele e deixar meu casaco e gorro de lã para trás. Pulei para cima e para baixo algumas vezes para acelerar meu batimento cardíaco e o sangue em minhas veias. — É melhor você não me fazer me arrepender disso — avisei a ele.

Cadan me conduziu pelo caminho estreito que separava o matagal denso, arbustos pegando nossas mangas e golas, puxando meu cabelo. Ouvi os cavalos se agitarem atrás de nós e rezei para eles não se libertarem e nos deixar aqui. Quanto mais subimos a montanha, mais quente o ar pareceu ficar. Não quente como no verão, mas como o sol da tarde de um dia de outubro em sua pele, e eu estava grata por ter deixado minha jaqueta para trás. A neve estava desaparecendo, derretendo cada vez mais no caminho até que folhas caídas aparecessem sob nossos pés, esmagando a cada passo. Eu olhei para as árvores e a neve também havia desaparecido, a casca seca e escura, galhos ainda cheios de folhas vermelhas e douradas. Era como se o tempo tivesse retrocedido; a neve da montanha do final da primavera derreteu e outono surgiu diante dos nossos olhos.

A floresta se abriu para um pequeno prado dourado com uma enorme árvore bem no centro. Parecia ter milhares de anos de idade, seu tronco tinha facilmente nove metros, e seus galhos tão maciços e pesados que muitos deles pendiam torcidos e retorcidos no chão. Eles enrolaram e curvaram em todas as direções, tecendo dentro e ao redor um do outro, alguns deles tão largos que eu provavelmente poderia ter colocado todo o meu corpo dentro deles.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Cadan?

Eu olhei em volta e o vi se aproximando da árvore gigante. Ele puxou uma faca do seu cinto e pressionou-a na palma da mão, cortando uma linha fina. Então ele tocou no tronco e empurrou o sangue dele na casca. Ele olhou para cima, três metros ou mais, onde os galhos começaram a se desdobrar, e sussurrou algo.

Imediatamente a grande árvore estremeceu, seus galhos sacudindo folhas douradas soltas. A casca começou a se transformar e eu tive que piscar meus olhos com força, certa de que estava enlouquecendo. Algo começou a crescer da base dos ramos. Brilhava ao sol, encobria a sombra e não parecia nada como a casca.

Parecia o topo de uma cabeça. Os membros humanos ondulavam suavemente da casca, estendiam-se ao longo dos ramos à altura dos ombros, quando um tronco emergiu do tronco da árvore. O corpo puxou-se da árvore, os braços puxando com força, mas as trepadeiras envolveram firmemente os pulsos, recusando-se a soltar. O cabelo caiu da cabeça da figura, as mechas reluzentes em vermelho e dourado, e as vestes douradas ao redor do corpo para formar um vestido que parecia diferente de qualquer moda dos últimos milhares de anos. O rosto olhou para o chão enquanto o corpo se projetava para se libertar da árvore, o cabelo caindo sobre ombros estreitos e braços delicados. Pés descalços tocaram o chão coberto de folhas, mais vinhas enrolaram em torno de tornozelos delicados como se fossem correntes amarrando um prisioneiro à árvore.

Uma vez que o corpo se aproximou de mim, cadeias de trepadeiras e galhos amarrando seus membros, pude ver que era claramente uma mulher. Seu rosto levantou para contemplar Cadan, os olhos brilhando como um incêndio sob pesadas pálpebras, lábios um natural rosa avermelhado, pele dourada e cintilante sob a luz como se folhas de outono queimassem apenas abaixo da superfície. Ela parecia da minha idade, talvez um pouco mais velha, e era linda de uma forma antinatural, um jeito intimidante e assustador. Ela era antiga, nunca mudando, e eu estava com medo dela.

Quando falou, sua voz parecia penetrar em meus ouvidos, olhos e boca como leite e mel quentes, deixando meu cérebro confuso, meus membros pesados e cansados. — *Audes provocare mei*[3]?

— Antares...

— *Non loqueris nomen meum*[4]. — Ela o cortou bruscamente com um aceno de mão. — Seu porco, *vermis*, seu inseto da terra e apodrecido. — Mesmo falando nosso idioma, sua voz era marcada por um sotaque, remanescentes aleijados de uma língua há muito morta. Suas amarras se esticaram e gemeram, recusando-se a permitir mais um centímetro de liberdade. — Eu sou o Senhor Grigori do Oeste. Você me desonra por respirar na minha floresta. Vá embora!

Cadan se encolheu com a voz dela. — Não vim por mim. Eu peço em nome do Arcanjo Gabriel.

---

3 Você se atreve a me desafiar?
4 Não fale o meu nome

O eterno Grigori riu, sua voz fazendo minha espinha tremer e desacelerar meus batimentos cardíacos. Eu poderia provar açúcar na minha boca com cada uma das suas palavras. — *Tu me delectas*[5]. Eu sei quem é Gabriel e ela não teria nada a ver com você, desova demoníaca. Me deixe em paz.

— Gabriel está aqui agora. Comigo. Em forma humana.

A cabeça de Antares inclinou-se para o lado, inquisitiva. Ela olhou por ele e seus olhos de fogo encontraram os meus. Parecia como se seu olhar estivesse cavando direto em minha alma. — E assim é ela. Que coisa delicada você é agora, Força de Deus. Veio finalmente destruir a sua irmã caída?

— Não — disse eu, engolindo meu medo —, preciso da tua ajuda.

Seus lábios se curvaram ligeiramente, apenas um sorriso. — Minha ajuda? Que curioso.

— Meu Guardião está morrendo. Ele foi envenenado pelo veneno de um ceifeiro demoníaco.

Antares olhou para mim sem emoção. — Seu Guardião é um ceifeiro? — perguntou ela, sua voz cadenciada.

Assenti. — De sua linhagem. Ele é angelical.

Ela não disse nada a princípio. Então levantou a mão e acenou para mim. — Venha então, arcanjo mortal.

Dei um passo hesitante para frente, olhando para Cadan. Sua expressão era gentil e reconfortante, e ele me deu um pouco de coragem. Ela agarrou meu pulso e me puxou. Eu gritei de surpresa. Seus dedos estavam quentes e subiram e desceram pelo meu braço como se ela estivesse tentando sentir cada veia e tendão sob minha pele. Ela tocou minha mão e abriu minha palma.

— Seu Guardião — disse ela musicalmente. — *Amas eum*[6]. Você o ama. Este ceifeiro. Ele protege você com o risco para sua própria vida. Quão nobre da parte dele e quão insensato da sua parte vir a mim.

O gelo em sua voz fez tremores de medo atravessarem meu interior. — Você vai me ajudar?

— Conheço muito bem o veneno demoníaco. Quem envenenou seu ceifeiro, Guardião, queria que vocês sofressem por muito tempo. Esta é uma morte cruel.

Eu me animei. — Então você pode salvá-lo!

---

5 Você me pegou
6 Você o ama.

— Posso — disse ela com desdém. Ela recuou e seu poder empurrou o meu corpo, impulsionando-me para longe dela. — Mas não vou. Não vejo o benefício nisso.

Minhas veias esfriaram quando o medo se instalou mais uma vez em mim. — Mas você *pode* salvá-lo! Por que não me ajuda? Apenas me diga como curá-lo. Você não precisa fazer nada. Apenas me diga o antídoto. Por favor!

Ela me observou em silêncio, com a testa franzida de curiosidade. — Quem é você, Gabriel? Quão longe você caiu, minha irmã, para sentir tanto? Eu mal te reconheço. Sua alma humana te adoeceu.

— Não! — gritei. — Você não vê a diferença em nós? Eu era como você antes de me tornar humana. Agora eu tenho um coração, uma alma, e tudo que eu quero fazer é proteger aqueles que eu amo. Seu egoísmo é sua própria doença, Antares!

Ela riu, sua voz musical como se sussurrasse as folhas de outono. — Vá agora, Gabriel — disse Antares cansadamente. — Deixe-me no meu purgatório.

— Você está aqui para ajudar os humanos! — chorei. — Você cuida deles, guia...

— Assisto-os, sim — sussurrou Antares. — Você sabe o que eu vejo deles? A todo momento, eu assisto um assassinato. Com cada palavra que eu falo, inúmeras crianças ao redor do mundo são contaminadas. Um homem bate em sua esposa até que seu rosto esteja irreconhecível. Guerra. Genocídio. Vejo tudo por trás dos meus olhos para que eu nunca possa fechá-los e ter alívio do sofrimento que sou forçada a testemunhar como punição por suportar o meu próprio pensamento e desejo. Por ousar a ter uma mente própria, foi tirada de mim e substituída com milhares e milhares de anos de horror. Você, Gabriel, realmente acredita que fui enviada aqui para ajudar a humanidade? Agora você vê que estou acorrentada à Terra e forçada a assistir a humanidade se destruir?

— Você não deveria estar com raiva — disse eu. — Os anjos não devem sentir emoção.

— Mas não foi inevitável? Tudo o que conheço agora é ódio e dor.

— Eu sou humana — disse a ela. — Não é tão ruim.

— Você não é humana. Você é o mesmo que Raguel[7], aquele que me ligou aqui em nome da Justiça. Não te devo nada.

---

7 Considerado o Arcanjo da Justiça.

Ela virou as costas para nós e não consegui parar a ingestão aguda de ar enquanto vislumbrava os dois tocos queimados e ensanguentados saindo de suas omoplatas. A pele estava enegrecida e grotesca, suas vestes rasgadas e chamuscadas. Eu soube então que os cotos eram o que restava de suas asas. As asas que ela costumava usar para voar antes de cair na Terra.

— Antares — implorei a ela, e desabando pesadamente de joelhos, abaixei a cabeça. — Por favor. Por favor, ajude-me.

Dedos quentes levantaram meu queixo e olhei para o rosto de Antares, que me observava com interesse. De perto, seus olhos eram como ouro líquido. Riachos de pérola iridescente salpicada com lascas de rubi rodeavam em suas profundezas, me hipnotizando.

— Você... se ajoelhou diante de mim? — perguntou ela, sua voz lenta.

— Estou desesperada. — Uma lágrima rolou pela minha bochecha e deslizou para o canto da minha boca. Um choque de sal na minha língua.

A Grigori se levantou, afastando a mão do meu rosto e soltei um soluço terrível. Meu corpo balançou quando chorei, deixando sair tudo o que eu segurei por dias; toda a minha tristeza, raiva e exaustão. Enterrei meu rosto em minhas mãos. Era tão difícil ficar forte a cada segundo de cada dia, mas eu precisava. Eu me permiti ser fraca por um minuto, mas agora era hora de reagrupar e fazer o que eu precisava. Quando deixei minhas mãos caírem e olhei para Antares, ela ainda me observava.

— Gabriel — sussurrou Antares. — O que sua humanidade fez com você?

Eu me empurrei do chão e fiquei trêmula, olhando diretamente para o rosto dela. — Ser humana me ensinou a amar, e é por isso que estou aqui. Farei o que for preciso para salvá-lo.

— Por quê? — perguntou Grigori. — Por que você quer salvar seu Guardião se é nisso que ele fez você se tornar? Essa coisa triste e enfraquecida caiu tão longe da criatura que eu conheci.

— Eu não sou fraca — rosnei, enrolando minhas mãos em punhos. — Se fosse fraca eu não estaria aqui. Não é fraqueza admitir suas limitações e pedir ajuda. Não é fraqueza sentir tristeza. Isso é *humano*. Eu mudei desde a última vez que você me viu, porque eu me *tornei* humana.

— E o resto da humanidade? Por que você ainda luta por eles? Este mundo se afoga em tristeza e dor.

— Isso é verdade — disse a ela. — Vivi mil vidas. Eu sei tão bem quanto qualquer humano quanto sofrimento existe no mundo, mas também há alegria e amor.

Ela balançou a cabeça. — A raça humana ainda é como era antes da queda. Eles não mudaram.

— Também há esperança — implorei. — Esperar por um mundo melhor... é por *isso* que eu luto. É por isso que estive lutando por tanto tempo. Os humanos são jovens e imperfeitos, mas são fortes. Eles não estariam aqui se não fossem. É por isso que estou diante de você agora. Preciso da ajuda do meu Guardião. E eu o amo. Não posso salvar a humanidade sem ele.

Ela pareceu me pesar com o olhar por um momento antes de olhar para Cadan e depois para mim.

— Você me comoveu, Gabriel. Sua paixão é linda de uma forma que eu nunca vi de perto. E se sua alma humana te ensinou a amar, então ainda pode haver esperança.

— Você vai me ajudar, irmã?

— Para o antídoto eu preciso de um pagamento — disse Antares.

Cadan se adiantou antes que eu pudesse detê-lo. — Se você quiser sangue, pegue o meu.

Uma pontada de gelo atingiu meu coração. — O quê? Cadan, não!

Estendi a mão para ele, mas ele se afastou. O rosto de Antares se encheu de diversão. — Você se sacrificaria para salvar sua amada? — perguntou ela, inclinando a cabeça para ele com curiosidade. — Como você mudou, ceifeiro.

— Eu fiz muito mal na minha vida — respondeu Cadan. — Já é hora de fazer algo bom.

— *Não* — pedi e agarrei o braço dele. — Você já fez o suficiente. Eu devo fazer isso.

— Felizmente para você — interveio Antares —, você não é quem pode me pagar.

Cadan invocou sua espada, prata brilhando na luz dourada do outono, e entrou na minha frente. — Você não vai machucá-la!

— Silêncio, idiota — disse Antares, e acenou com a mão. O corpo de Cadan foi jogado para o lado e suas costas bateram no tronco de uma árvore. — Você não aprendeu sua lição?

Eu tremi, mas mantive meu queixo alto. — O que você quer?

Antares me chamou para frente. — Em troca do antídoto para curar seu Guardião, eu quero que você me liberte.

— Libertar você? — perguntei em confusão. — Eu não entendo.

— Envie-me para casa — disse ela. — Ao céu. Restaure minhas asas, me resgate. Eu só quero deixar esse lugar miserável.

Eu não sabia se eu tinha o poder de fazer isso, se soubesse como, mas assenti mesmo assim. Pela chance de salvar Will, eu pelo menos tentaria. Se eu a deixasse acorrentada a essa árvore, então Sammael eventualmente a encontraria e a mataria. Antares talvez nunca tenha aprendido sobre a misericórdia, mas eu a conhecia bem.

— Ok. Eu farei isso.

— Jure! — rugiu Antares, seus olhos brilhando em ouro branco. — Jure pelo sangue da sua vida!

Engoli em seco. — Eu... eu juro pelo meu sangue que te libertarei.

Antares fez uma pausa pelo maior momento da minha vida antes de se abaixar no chão. Ela pairou a palma da mão sobre o chão, as pontas das folhas curtas de grama roçando sua pele, e uma luz brilhou intensamente. Algo deslizou da terra, algo escuro e enrolado, e Antares quebrou um pedaço. Ela se levantou e veio em minha direção, e lutei para ver o que ela tinha. Ela estendeu a mão e revelou algo que parecia material vegetal orgânico, uma raiz talvez. Ela acenou para mim fazendo sinal para eu pegar a raiz, e timidamente, eu obedeci. A coisa era suave e flexível, mas sua camada externa era áspera contra a minha pele. Parecia tão comum, tão simples e impotente.

— Somente a raiz de uma árvore que prende um Senhor Cardeal pode curar o veneno do ceifeiro — explicou Antares. — Você precisa fazer um cataplasma e cobrir a ferida completamente. O processo de cura vai demorar três dias.

Olhei para a raiz na minha mão. — É isso aí? E ele será curado?

— Sim — respondeu Antares com firmeza.

— Com tudo em mim — disse eu —, eu te agradeço.

Ela me deu um aceno de solidariedade. — Agora me mande para casa.

Coloquei a raiz no bolso da calça jeans e levantei minha mão vazia para segurar a bochecha de Antares. Sua pele cintilante era quente e macia, mas lisa como pedra. Fechei meus olhos e alcancei profundamente a minha glória de

arcanjo, puxando-o para as bordas do meu poder e sentindo o seu queimar reconfortante através do meu corpo. Uma luz cresceu na minha mão, muito parecida com a que Antares teve momentos atrás quando recuperou a raiz. O peito dela subiu e caiu pesadamente, sua respiração acelerando e aprofundando. De algum lugar distante na minha mente, palavras sussurravam para mim, palavras que Gabriel sabia e Ellie estava apenas começando a entender.

— Pela graça que me foi dada — falei, e meu colar alado ficou quente, tão quente que ofeguei, mas me forcei a continuar falando: — Eu te liberto, Antares, de seus laços da terra.

Quanto mais eu invocava o meu poder de arcanjo ofuscante, mais perto eu sentia do céu. Eu podia ouvir vozes distantes, vozes que reconheci que pertenciam aos meus irmãos e irmãs, me emprestando seu próprio poder para me ajudar a salvar este anjo caído. Lutei para manter meus olhos abertos, rangendo meus dentes contra o calor escaldante do meu pingente, e Antares entrou em erupção de energia. Suas asas carbonizadas e quebradas cresceram largas e saudáveis, a pele cobrindo novos ossos, penas brancas se espalhando e brilhando como se irradiassem uma luz própria. Antares deixou a cabeça cair para trás e ergueu os braços acima da cintura, palmas para o céu. As raízes que a seguravam no chão murcharam e caíram, desaparecendo na terra. A enorme árvore estremeceu e encolheu, galhos recuando para o tronco, folhas desaparecendo, até que nada foi deixado. Antares se afastou de mim, seu vestido fluindo, cabelos voando no tornado de poder circulando-a, suas asas espalharam seus cinco metros, e cada centímetro dela brilhando.

— Obrigada, Gabriel — disse Antares, sua voz emitindo aquele eco estranho, como o de Azrael e Michael.

Uma lágrima rolou pelo meu rosto enquanto eu percebia a beleza do que se desenrolava diante de mim. As asas de Antares se ergueram e ela pulou no ar. E então ela desapareceu em um raio branco.

Quando o brilho diminuiu, a neve começou a cair.

7

A VIAGEM PARA CASA PARECIA MAIS RÁPIDA, MAS EU ME SENTI muito mais estressada agora do que antes de encontrar Antares. No avião, o rugido ensurdecedor dos motores me deixou entrar em um coma de ruído branco que fez cada medo racional e irracional atravessar minha mente mais e mais. Eu me preocupei que a raiz não funcionaria, que Will morreria assim que eu entrasse pela porta, que eu seria interceptada por Merodach ou Lilith e Sammael antes que eu pudesse voltar, que algo – qualquer coisa – aconteceria e eu falharia. Que eu não seria capaz de salvar Will, minha alma ou a raça humana.

O olho vermelho pousou no frio da manhã e o sol ainda não havia nascido. Imediatamente liguei para Marcus para que ele soubesse que eu tinha o antídoto e que me esperasse em breve. Eu dirigi diretamente para a casa de Nathaniel – a casa de *Will*, eu necessitava ficar me lembrando, agora que Nathaniel estava morto – com Cadan no banco do passageiro. Estacionei do lado na calçada e empurrei a porta da frente.

— É melhor se eu ficar aqui fora — disse Cadan quando saiu e descansou um cotovelo no teto do meu carro.

Peguei a mão dele de qualquer maneira. — Entre comigo. Você nunca me abandonou e eu não vou te deixar para trás agora.

Ele molhou os lábios e exalou. — Certo.

— Ellie?

Eu me virei.

Ava olhou para as mãos entrelaçadas de onde ela estava na varanda. Havia muitas perguntas em seus olhos, mas ela só perguntou uma. — O que ele está fazendo aqui?

— Bem, foi ele quem me ajudou — disse eu, e conduzi Cadan pelos degraus da varanda.

Era bom ver Ava novamente, mas o olhar de ódio em seu rosto enquanto olhava para Cadan me fez cerrar meus dentes e caminhar direto por ela e para dentro de casa.

Marcus me puxou para um abraço apertado e eu só soltei a mão de Cadan para abraçar Marcus. Segurei minha respiração e tentei não chorar em seu peito. — Eu sinto muito — confessou ele —, pelo que eu te disse.

Quando seu aperto afrouxou um pouco, levantei os olhos para ver seu olhar fixo em Cadan. Empurrei uma mão em seu peito por instinto. — Por favor, não lute — implorei a ele. — Marcus, ele fez muito. Por favor, apenas deixe-o em paz. Ele merece estar aqui.

Quando ele deu um passo em direção a Cadan e levantou um braço, eu me empurrei entre eles para mantê-los separados. Mas Marcus não bateu em Cadan. Sua mão estava aberta, com a palma da mão estendida. Cadan e eu ficamos olhando para ele até Cadan levantar a mão para agitar a de Marcus.

— Obrigado — disse Marcus com firmeza, mas o azul suave de seus olhos me assegurou que ele falava sério.

Cadan deu um único aceno de volta. Eu relaxei, aliviada ao ver que os ceifeiros demoníacos e angelicais não rasgariam um ao outro nesse momento. Era uma visão estranha de se ver, esses dois inimigos olhando além de suas diferenças por uma causa comum, para salvar a vida de Will.

— Onde ele está? — perguntei a Marcus e ele indicou as escadas com a cabeça.

Entendendo, deixei os ceifeiros e fui para o quarto de Will. Sabina se manteve como sentinela no corredor, do lado de fora da porta. Dei a ela um sorriso fraco em saudação e ela deu um tapinha no meu ombro confortavelmente enquanto eu passava por ela. Deitado em sua cama contra a parede distante, Will dormia. Caminhei em direção a ele, cobrindo minha boca com a mão para manter minha compostura. Vendo-o lá, a realidade me atingiu com força total novamente e não pude segurar minhas lágrimas por mais tempo. Toquei seu rosto, escovando meus dedos ao longo de sua mandíbula. Ele virou na minha mão, mas não acordou. Sua pele estava quente, ardente, e encontrei um pano úmido na mesa de cabeceira. Eu toquei sua testa e bochecha suavemente.

— Eu tenho isso, Will — sussurrei. — Vou salvar você como você me salvou tantas vezes. Você ficará bem, eu prometo.

Senti um aperto ao redor do meu coração quando meu olhar encontrou a cruz de prata que sua mãe lhe deu ao redor de seu pescoço. Fiquei feliz em saber que eles não tiraram isso dele. Ele quereria que estivesse perto dele. Toquei no meu colar de asas no oco da minha clavícula e me lembrei de como eu me sentia perdida quando não o usava.

Quando Sabina entrou, acolhi sua presença calma. — O que você precisa? — perguntou ela, sua voz baixa.

Puxei o saco plástico do bolso e tirei a raiz. — Um emplastro precisa ser feito com isto. Você sabe como fazer?

— Sim — respondeu ela. — Eu posso fazer isso para você.

Entreguei a raiz a Sabina e ela prontamente girou nos calcanhares e saiu do quarto. Dei uma última olhada em Will antes de seguir Sabina. No escuro corredor, imagens brilhavam em minha mente da noite em que minha mãe morreu, quando eu me arrastei do mesmo quarto e desci as escadas, gritando por Will. Esta casa representava tantas lembranças maravilhosas e terríveis para todos nós. Me estabilizei de pé e respirei fundo. Enquanto descia a escada, Cadan olhou para mim do mesmo lugar em que eu o deixara, uma dor silenciosa em sua expressão. Não havia como dizer o quão difícil era para ele ver a minha alegria em ver Will novamente, mas não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar Cadan, exceto não levá-lo adiante. Fui para a cozinha, onde Sabina pegou uma tigela do armário e a colocou no balcão. Enquanto amassava a raiz, os outros se juntaram a nós.

— Fico feliz em ter você em casa — disse Marcus, parando ao meu lado.

Descansei minha cabeça em seu ombro. — Estou contente também. E fico feliz que tudo isso terminará logo.

— O que aconteceu lá? — perguntou ele.

— Encontramos Antares.

Ava contornou Marcus, os braços cruzados. — E ela simplesmente te deu essa coisa?

— Não — respondi e peguei o olhar de Cadan. — Ela não ia dar para mim. E então ela deu.

— Você a convenceu? — perguntou Marcus.

— Eu acho que sim — disse eu. — Eu a libertei. Ela me deu a raiz, eu a soltei e ela foi para casa. Se eu não fosse capaz de libertá-la, então Sammael a mataria. Ele tem caçado os Grigori vivos neste país, matando qualquer coisa que

possa ser uma ameaça para ele. Nós nos deparamos com alguns de seus ceifeiros demoníacos procurando por ela. Mas Antares está a salvo agora e Will tem a chance de viver.

— Espero que isso funcione — disse Ava. — Ele não acordou desde que você saiu.

Eu me mudei para a despensa para procurar por filme plástico para segurar a umidade no cataplasma e ataduras para envolvê-lo. — Antares disse que levará três dias. Precisamos ter certeza de que a raiz dure tanto tempo. A árvore desapareceu com ela, então isso é tudo o que existe.

— Você não precisa muito entre as mudanças de bandagem — disse Sabina por cima da tigela. — Esta raiz é potente. Posso sentir o cheiro da magia.

— Bom — disse eu. — Por mais estranho que seja você poder *sentir* o cheiro de magia.

— O sol está nascendo — disse Cadan do outro lado da cozinha. — É melhor eu ir.

Olhei para ele, não deixando de notar o olhar triste e cansado em seu rosto. — Eu vou dizer adeus.

Eu o segui pela casa até a porta da frente e saí para a varanda. Ele se virou para mim sorrindo suavemente. Havia um brilho silencioso em seu olhar, o fogo naqueles olhos iluminados pelo amanhecer avermelhando.

— Não há palavras suficientes para o quanto sou grata — disse eu.

Ele deu de ombros e sorriu de brincadeira. — Não foi nada. Não mencione isso.

Bufei. — Sim, tudo bem. Arriscar sua vida por mim não é nada.

O sorriso desapareceu para a seriedade. — Chame-me por qualquer coisa. Falo sério.

— Obrigada — sussurrei, e joguei meus braços ao redor de seus ombros para abraçá-lo com força. — Obrigada, obrigada, *obrigada*. Por tudo. Estou em dívida com você.

Quando se afastou, ele empurrou meu cabelo atrás das minhas orelhas com ternura. — Eu voltarei amanhã à noite para verificar você, ok?

— Sim — disse eu com um aceno de cabeça e uma fungada.

Ele recuou e se virou para sair da varanda. Na grama, suas asas cor de bétula prateada lentamente se espalharam. — Aguente firme, criança. — Com um

último sorriso caloroso, ele dobrou os joelhos e pulou no ar, sua forma desaparecendo no Grim.

Abracei-me e hesitei mais alguns segundos antes de voltar para casa.

Embora Will tivesse reconstruído tudo o que foi destruído durante o ataque de Kelaeno e Merodach, em minha mente eu vi a porta da frente se abrir, as paredes serem derrubadas, a escada quebrada – tudo como se uma bomba tivesse disparado. Passei pelo local no corredor onde Nathaniel quebrou uma parede para recuperar armas escondidas, o lugar onde ele disse seu adeus final para Lauren antes de encontrar seu destino na espada de Merodach. Will não teve tempo de substituir todo o piso no corredor e na cozinha, e olhei para uma mancha escura na madeira que já foi o sangue de alguém. Eu não sabia a quem pertenceu. Tantos morreram aqui naquela noite.

Quando cheguei à cozinha, Sabina se virou para mim. — O remédio está pronto.

— Tudo bem — respondi. — Vamos lá.

Voltei pelas escadas para o quarto de Will e sentei na beira da cama dele. Coloquei o cataplasma e bandagens frescas no criado-mudo e removi as ataduras sujas de seu braço. A ferida estava ainda mais feia do que eu me lembrava. Mordi o lábio quando tirei o pano da pele e ele gemeu de dor. A teia de aranha preta do veneno em suas veias ondulou através de seu braço e peito. Com meus dedos, peguei apenas o cataplasma para cobrir completamente o ferimento de Will. Então eu peguei a bandagem e a enrolei ao redor do braço antes de adicionar novos envoltórios de gaze.

— E agora? — perguntou Ava.

Assisti o rosto de Will aparentemente tão pacífico, até sua testa franzir de dor. — Nós esperamos.

* * *

Corri para chegar à escola na hora certa. Eu perdi um par de dias, mas Nana ligou dizendo que eu estava doente na segunda, terça e quarta-feira. Minha ausência abrupta do baile de formatura de Kate fez meus amigos fazerem muitas perguntas, mas minha mente estava longe o dia todo. Os preparativos de quinta-feira para a nossos exames finais do ensino médio foram enlouquecedores, pois eu

perdi três dias de revisão e não havia dormido. Eles eram as últimas coisas que eu precisava me preocupar, mas eu fiz uma promessa para mim mesma de que eu terminaria a escola. Foi uma tentativa desesperada e ingênua de me apegar a uma vida normal.

Assim que a aula terminou, fui até a casa de Will. Marcus sentou-se na sala de estar assistindo TV e Lauren saiu da cozinha quando me ouviu chegar.

— Hey, Ell — disse ela com um sorriso de apoio. — Bom te ver.

Dei um grande abraço nela. — Você também. E estou muito feliz por estar fora da aula. Estou achando que quanto mais eu tento ficar normal, menos eu gosto disso. Deus, escola é uma droga.

Marcus riu e se levantou. — Pronta para desistir e apenas pular a última semana?

— De jeito nenhum — disse eu com firmeza. — Eu cheguei até aqui. Não vou parar agora. Como vai o dia de hoje?

— Ele está dormindo melhor — disse Lauren. — Não é uma melhoria enorme, mas é perceptível.

Suspirei de alívio. — Notícia impressionante. Ava e Sabina estão caçando?

— Sim — respondeu Marcus. — Lauren e eu estamos de guarda sobre a recuperação de Will enquanto as meninas foram brincar. Estou reconhecidamente um pouco ciumento. E entediado.

Lauren sorriu e colocou a mão em seu ombro. — Seu turno acaba amanhã. Você pode aguentar até então.

— Vou subir e vê-lo — disse eu, e comecei a subir as escadas.

O quarto de Will estava escuro, então eu ergui as persianas para deixar entrar a luz do sol da tarde e abri janela. O ar fresco estava quente e doce, e voltei para o lado da cama de Will. O veneno já era menos visível através de sua pele e ele parecia melhor, assim como Lauren havia dito. Sua pele parecia menos pálida. Eu me senti satisfeita, mas cansada, então puxei um livro da prateleira e me enrolei na cama ao lado de Will, enfiando minhas pernas perto do meu corpo e descansando a cabeça em um travesseiro. Escovei o cabelo dele para trás uma vez e depois abri meu livro para ler.

* * *

Eu devo ter cochilado, porque uma batida no vão da porta aberta me assustou e notei Cadan parado lá pela primeira vez. Ele não disse nada quando entrou e sentou na cadeira em frente à cama. Eu sorri para ele e ele sorriu; foi a nossa única troca.

Ava passou pelo quarto e enfiou a cabeça para dentro, dando-nos um olhar questionador, antes de continuar a descer as escadas. Eu ouvi vozes abaixo, talvez Marcus negociando deveres com Ava e Sabina. Ele teria o prazer de sair de casa e caçar os ceifeiros demoníacos – menos aquele que vigiava o quarto comigo.

* * *

Depois da aula na tarde seguinte, parei na casa de Nana para vê-la, já que só falávamos ao telefone desde o meu retorno. Nosso encontro foi emotivo e com lágrimas nos olhos, e eu disse a ela tudo o que aconteceu com Antares e Cadan. Nós sentamos no pátio do lado de fora, absorvendo a luz do sol da primavera desvanecendo-se no crepúsculo da noite.

— Você realmente confia nele, não é? — perguntou Nana. A pergunta soou mais como uma declaração, e ela não parecia achar que eu era louca.

— Sim — respondi. — Ninguém mais viu o quanto ele fez por mim. Eu confio nele com minha vida.

— Bom — disse ela. — Você precisa de mais pessoas com quem possa contar e, apesar de seu passado colorido, o ceifeiro demoníaco provou a si mesmo.

Meu tom ficou sombrio. — Quando Will acordar, eu tenho que contar a ele sobre Cadan. Ele ainda não sabe que Cadan é seu meio-irmão e ele descobrirá que Cadan foi quem me levou para Antares. Ele não ficará feliz, mas terá que lidar com isso. Eu só tenho que cronometrar a conversa para que seja logo, mas não em cima de muitas outras más notícias.

— É verdade — concordou Nana. — É uma informação sensível e é melhor que venha de você do que qualquer outra pessoa. Will é inteligente, no entanto. Ele receberá as notícias com calma.

Eu balancei a cabeça. — Preciso ir. Está quase escuro e ele precisa de toda a proteção que conseguir enquanto está se curando. Ele ficaria impotente contra um ataque, e Merodach sabe onde moramos. Se ele sabe, então o pior dos nossos inimigos sabe.

— Vocês não deveriam sair daquela casa?

— Para onde iríamos, onde não ameaçaríamos pessoas inocentes? — perguntei. — Sammael está reunindo força. Estamos relativamente seguros agora, porque ele usou muita energia quando ressuscitou, e lutou não só contra nós, mas também Azrael. Ele precisa recarregar e isso levará tempo. No entanto, *relativamente* não é positivo, por isso temos que ter cuidado. Seus lacaios podem aparecer a qualquer momento. Além disso, aquela casa é um lar.

— Você sabe o que está fazendo — disse Nana firmemente. — Eu vou te ver amanhã?

— Eu acho que sim — respondi. — Vou cuidar de Will com os outros esta noite, *tentar* estudar, e depois começar os exames finais na segunda-feira. Vou ligar para você e informar o que está acontecendo.

Nana ficou de pé comigo e nos abraçamos em despedida. — Venha logo, querida.

— Eu vou — prometi. — Tenho muito o que fazer antes de poder relaxar.

Eu dirigi até a casa de Will para participar do turno de guarda com Marcus e Lauren. Substituindo as ataduras de Will, dei outra olhada em sua ferida, que continuava cicatrizando bem. Mais um dia.

Mais um dia.

* * *

Mesmo estudando a noite toda, eu não estava me sentindo confiante sobre meus exames, mas pelo menos eu tinha apenas dois hoje. Eu estava exausta fisicamente e mentalmente. O sono foi inconsistente e intermitente, e não tive chance de descansar após a viagem para encontrar Antares. A única coisa que me manteve indo todos os dias foi saber que Will acordaria em breve e nós poderíamos finalmente terminar essa luta com Sammael. Eu peguei meu posto no quarto de Will, cochilei um pouco ao lado dele, estudei e esperei. Quando mudei as bandagens, a ferida havia fechado e ele parecia estar normal novamente. Ele simplesmente não acordava.

* * *

Eu estava cochilando quando senti movimento ao meu lado. Meu coração pulou na minha garganta e olhei no rosto de Will, prendendo a respiração. Ele moveu a cabeça para a esquerda e para a direita enquanto tentava falar.

— Will? — perguntei suavemente, tocando sua bochecha, mal conseguindo conter minha alegria. — Você pode me ouvir?

Suas pálpebras tremeram e ele gemeu. — Ell...

— Sim — disse eu, e beijei sua testa. — Sou eu. É a Ellie.

Seus olhos se abriram e minha respiração ficou presa. Parecia que eu não via esse verde incrível em anos. Ele olhou diretamente para o meu rosto, apertando os olhos, mas havia reconhecimento ali. — Ell...?

Meu sorriso era de orelha a orelha quando passei as costas da minha mão em sua bochecha e ele se inclinou para ela, fechando os olhos novamente. — Oi — sussurrei.

Ele levantou a mão para a minha e olhou para mim. — Sonhando... de novo...

Apertei a mão dele com força. — Você não está mais sonhando.

Seu sorriso era fraco, mas a coisa mais doce que eu já vi. — Senhorita... você... Ell...

— Como você se sente? — perguntei. Coloquei a palma da mão na testa dele e testei o pulso dele. Sua febre diminuíra e seu ritmo cardíaco parecia ter voltado ao normal.

— Voltou... para... mim....

Calei a boca e o beijei novamente. — Claro que voltei para você. Eu prometi a você que faria. Você se lembra? Você se lembra dos cavalos?

— Você... — sussurrou ele, respirando fundo entre as pausas —, me encontrou... no escuro...

— Encontrei — respondi. — Não tente falar, ok? Apenas descanse.

Ele fechou os olhos e franziu a testa. — Não mais... descansar...

— Apenas deite aqui comigo — disse a ele. — Você se sentirá melhor em breve.

Eu me preocupei que a lâmpada no criado-mudo brilhava um pouco demais, então eu desliguei. Quando olhei para cima, vi Ava e Sabina na porta, observando Will e eu, e limpei uma lágrima que caiu na minha bochecha. Elas

começaram a se retirar para a escuridão do corredor e olhei para Will enquanto ele respirava suavemente, segurando em mim, e eu me enrolei mais contra ele.

8

PASSEI A NOITE TODA SENTADA AO LADO da cama dele. Ele nunca voltou a dormir, mas às vezes eu dormia, e acordava enrolada em seus braços, e nos primeiros segundos de vigília eu temia ainda estar sonhando. Mas era real e ele estava vivo, acordado e se recuperando.

— Você se lembra dos sonhos? — perguntei a ele uma vez, minha voz ecoando no escuro.

Seus dedos tocaram meu rosto, traçando a curva da minha bochecha até o canto dos meus lábios. — Eu lembro. Lembro que você veio, que minha mente não apenas criou você. Você não fazia parte dos meus sonhos como tudo o mais.

— De alguma forma eu entrei em seus sonhos — expliquei. — Acho que tinha algo a ver com o vínculo, a magia em suas tatuagens, ou que estou usando mais das minhas habilidades de arcanjo. Eu simplesmente não sei.

— É melhor vê-la agora — disse ele gentilmente —, com meus olhos verdadeiros.

Sorri contra seus dedos. — Eu achei que não os veria novamente.

Ele ficou quieto por alguns momentos. — Como você fez isso? O que aconteceu?

— A mordida de Rikken era venenosa — disse a ele. — Não sabíamos como curar você, mas eu sabia onde começar a procurar. Nós não temos nenhum dos textos sobre medicina angelical, então eu fui até a fonte.

— Fonte? — perguntou ele, inseguro. Então seus olhos se arregalaram. — Não. Me diga que você não...

— Eu encontrei Antares — confessei. — Em troca de libertá-la da Terra, ela me deu uma raiz da árvore em que ela estava ligada e curou sua ferida.

— Você foi até o Senhor do Oeste? — perguntou ele naquele jeito desaprovador de Will. — Ellie...

— Você me ama? — Eu o encarei diretamente no rosto.

— Sim.

— Então confie em mim.

— Isso foi tão perigoso...

— Oh, cale a boca — resmunguei e bati no ombro dele gentilmente. — Eu fiz o que precisava fazer para te salvar e não ouvirei nenhuma de sua porcaria sobre isso. Agora vou tentar dormir um pouco. Estou no meio de estudar para os exames finais. Você escolheu um momento muito ruim para quase morrer.

Ele me deu um sorriso bobo e torto. — Desculpa. Vamos falar sobre Antares amanhã.

— Alguma chance de você se esquecer de me repreender sobre isso de novo? — perguntei com um tom esperançoso à minha voz.

Ele beijou o topo da minha cabeça. — Não.

Segurei-o com mais força. — Vou lembrar de trazer minha armadura então. E as espadas.

— Eu te amo — disse ele contra o meu cabelo.

Fechei meus olhos, minha bochecha contra seu peito, subindo e descendo com suas respirações. — Eu também te amo.

* * *

Acordei sozinha na cama e à beira do pânico, porque eu não sabia onde Will estava. A casa estava quieta, então fui até a cozinha e saí pela varanda dos fundos. Will e Marcus estavam descendo pelo lago, o sol da tarde brilhando em seus cabelos e pele e na superfície calma da água. Eu saí da varanda e desci o gramado na direção deles. Eles se voltaram para olhar em minha direção e soltei um grito de felicidade quando pulei nos braços de Will. Ele me pegou em volta das minhas pernas com uma risada e joguei meus braços ao redor de sua nuca e o beijei. Era maravilhoso senti-lo novamente, senti-lo me abraçar apertado, sentir seus lábios contra os meus. Ele estava quente da luz do sol, cheirava a Will, se sentia como Will, e voltava a ser seu antigo eu novamente. Meu Guardião, meu Will.

— Eu ainda estou aqui, pessoal — resmungou Marcus. — Sério. Vou arrancar meus olhos e orelhas.

Will me colocou no chão e eu ainda me agarrei a ele, torcendo meus dedos ao redor da parte inferior de sua camisa. — Como você está se sentindo? — perguntei a ele.

— Ótimo — disse ele, e levantou o braço ferido. — Como se eu estivesse de volta ao normal. — As ataduras foram tiradas e a ferida quase desaparecera. Não havia cicatriz, como se nada tivesse acontecido.

— Isso é maravilhoso! Devemos ter calma por mais uma noite antes de voltarmos ao trabalho. Não devemos correr riscos imediatamente.

Ele levantou uma sobrancelha para mim, mostrando um sorriso entre Marcus e eu. — Quanto tempo eu estive fora, novamente? Eu gosto desse novo você.

— Vamos apenas dizer que este novo eu é muito mais parecido com o velho eu — corrigi.

— De uma maneira estranha, isso faz sentido — disse ele. Agora seu sorriso era todo para mim.

* * *

Mais tarde naquela noite, Marcus saiu com Ava e Sabina para patrulhar enquanto eu ficava com Will. Ele estava inquieto e ansioso para voltar ao campo, mas Lauren veio me ajudar a convencê-lo a relaxar. Quando terminamos de limpar o jantar, Will parou, congelado, meio que secando um prato.

Eu olhei para ele. — O que há de errado?

E então eu senti aquela assinatura de energia suavemente familiar, mas para Will, a energia era irritante.

Coloquei minha mão no peito dele. — Will, relaxe. Eu posso explicar porque Cadan está aqui. Eu vou falar com ele e dizer que agora não é um bom momento. Ele não está aqui para uma luta, confie em mim. Ele só quer ter certeza que está tudo bem.

Eu podia ouvir seus dentes rangendo e fiquei nervosa.

— Ela está certa — assegurou Lauren. — Está tudo bem, Will.

— Eu já volto — disse eu. — Você tem que confiar em mim. Você confia em mim?

Ele assentiu com relutância. — Tudo bem. Você o tira daqui.

Aliviada em saber que nenhum confronto ocorreria, deixei Will e Lauren em casa e encontrei Cadan esperando na varanda. Sua expressão era curiosa, mas

dura como pedra enquanto olhava para a porta da frente atrás de mim. Seus olhos claros e cabelos dourados eram brilhantes ao luar.

— Ele está acordado?

Eu deveria saber que Cadan seria capaz de nos sentir como nós o sentíamos. — Sim. Ele está tão bom como novo.

— Estou feliz por você.

— Obrigada — disse a ele. Eu o puxei para um abraço apertado. Seus braços estavam quentes ao meu redor. — Muito obrigada por tudo. Eu não poderia ter feito isso sem você.

Nós nos separamos e ele sorriu para mim. — Você teria, eventualmente. Não duvido disso. Mas estou feliz por ter ajudado. Eu queria me desculpar também.

— Não precisa — prometi. — O que aconteceu está no passado e eu sei que você não quis dizer qualquer coisa.

— Não — disse ele com tristeza —, eu nunca poderei me desculpar o suficiente pela maneira como me comportei.

— Bem, eu te perdoo. E isso é tudo que importa.

— Ell — suspirou —, eu tentei fazer você me beijar. Você deveria me bater de *novo*...

A porta da frente se abriu, e no mesmo instante Cadan foi derrubado na varanda para o chão. Quando superei a minha surpresa, percebi que Will havia acabado de bater no rosto de Cadan.

— Minha vez disso — rosnou Will quando Cadan lutou para ficar de pé, segurando seu queixo.

— *Will!* — falei com raiva, virando-o com força. — Que diabos? Se alguém vai bater em qualquer um será eu!

— Eu posso explicar — disse Cadan, levantando uma mão defensivamente e cuspindo um pouco de sangue na grama. Quando seus olhos encontraram Will, Will desapareceu, movendo-se como um flash na escuridão, e reapareceu no chão na frente de Cadan. Ele bateu nele novamente. A cabeça de Cadan se virou. Mais sangue salpicando sua camisa.

— *Pare* com isso! — gritei. — Vocês dois!

— O que está acontecendo? — Lauren irrompeu pela porta da frente, chocada e com medo. Ela engasgou quando viu Will e Cadan lutando.

O punho de Will bateu no rosto de Cadan e ele foi jogado para o lado. Assim que se separaram, eu pulei entre eles e agarrei a camisa de Will enquanto ele se movia para atacar Cadan novamente, e o ceifeiro demoníaco rodopiava fora do alcance. Suas asas saltaram livres, sua pele de couro escorregadia e brilhando sob o luar.

— Ellie, isso é entre ele e eu — rosnou Will e se soltou.

— Com certeza não é! — bati nele. — Você não tem nada a ver com o que aconteceu entre nós. Ele ficou um pouco agressivo, eu dei um tapa nele e ele se desculpou. Acabou, acabou, *fim*! Isto não é da sua conta, seu idiota!

Cadan estendeu um braço e sua espada fina e elegante apareceu em um flash de luz. Will inclinou a cabeça com um sorriso irônico.

— Isso é tudo que você tem? — perguntou ele sombriamente e estendeu a própria mão. A espada do arcanjo, dois metros de comprimento, brilhou a existência.

O desdém de Cadan correspondia à malícia de Will. — Alguns podem dizer que você está compensando alguma coisa.

Will bufou. — Acredite em mim. Eu não estou.

— Isso é chocantemente maduro, seus idiotas! — gritei para eles, mas eles me ignoraram.

Lauren segurou meu braço com força com ambas as mãos, agarrando-se a mim com medo. Eu sabia o que ela estava pensando. A última luta que aconteceu nesta casa matou o homem que ela amava. Eu estava determinada a acabar com isso antes que alguém realmente se machucasse.

Com um rugido de raiva, Will balançou a espada o mais forte que pode e cortou a lâmina de Cadan ao meio com um rangido de metal. A ponta da espada de Cadan sobrevoou o ar e ele deu um passo atrás em estado de choque. Will abandonou sua espada e se lançou para Cadan. Will pegou o colarinho de Cadan e levantou-o antes de bater suas costas no chão com um baque forte. Will se agachou sobre ele e bateu seu punho no rosto de Cadan de novo e de novo enquanto eu gritava inutilmente. Cadan não estava nem revidando. Ele estava apenas deixando Will bater nele. Eu me joguei em cima de Will, puxando sua camisa. Agarrei seu pulso e segurei seu braço para trás, usando cada última grama de minha força.

— Will, *pare*! Você vai matá-lo! — gritei e o afastei de Cadan.

Nós finalmente estávamos de pé e eu ainda o arrastava para longe enquanto Cadan rolava no chão, gemendo. Ele cuspiu uma gota grossa de sangue, o rosto rasgado e os olhos já inchados e roxos. Os ossos em suas bochechas estavam se revirando em seus devidos lugares sob sua pele, fraturas consertando e se curando. Will se afastou de mim, mas corri ao redor dele, jogando meu corpo contra o dele, impedindo-o de voltar a Cadan.

— Ele é seu *irmão*! — gritei, e empurrei seu peito com força, derrubando-o um passo atrás. Eu ofeguei e ele ficou muito quieto enquanto eu tremia como um terremoto. — Ele é seu irmão, Will. Ele é filho de Bastian também, e ele salvou sua vida. Você estaria morto se não fosse por ele!

A boca dele se abriu quando ele olhou para mim. Seus braços caíram frouxamente. — O quê? — perguntou ele em voz baixa.

— Foi ele quem me levou para Antares. Eu não poderia ter te salvado sem ele.

Will balançou a cabeça tão ligeiramente que o movimento foi quase invisível. — Não. Sem chance.

— É verdade — disse eu sem fôlego. — Você e eu lhe devemos muito.

— Nós não devemos a ele *merda* nenhuma! — gritou Will, lançando um dedo irritado para Cadan. — Ele *não* é meu irmão!

Cadan lutou para se levantar, ofegando de dor, e passou a manga em seu rosto, manchando-a com sangue. — Eu também não fiquei muito entusiasmado com as notícias, *irmão*.

Quando olhei para Lauren, vi suas mãos cobrindo sua boca e todo o sangue foi drenado do seu rosto. Ela voou para a segurança da casa e longe dos ceifeiros furiosos.

— Você está bem? — perguntei a Cadan.

Ele me deu um aceno de cabeça e deu de ombros. — Vou viver.

Quando voltei para Will, ele estava olhando para mim, seus olhos verdes arregalados e magoados. — Por que você não me contou? Há quanto tempo você sabe?

— Eu sabia desde que Bastian lhe disse que você era filho dele — confessei. — Cadan já havia me dito que Bastian era pai dele. Eu sinto muito.

— Por que ele? — engasgou Will. — Por que você foi até ele? Marcus poderia ter te ajudado... Ava ou Sabina...

Eu cheguei perto dele e coloquei minhas mãos em seus braços para tentar consolá-lo, mas ele estava congelado sob o meu toque, inflexível. — Porque não havia tempo e ele era a única pessoa que eu sabia que conheceu um Grigori. Por favor, não fique zangado com nenhum de nós. Por mais que você o odeie, Cadan arriscou a vida dele por você. Por favor, perdoe-o pelo que aconteceu entre você e ele.

— Ele tocou em você — disse Will, as palavras apenas uma exalação. Por um instante, ele estremeceu e seu rosto se encheu de dor e vulnerabilidade antes de endurecer novamente. Foi apenas uma rachadura em sua compostura antes que selasse com concreto. — Ele tentou se forçar em você. Não posso deixar isso passar.

— Ele não se forçou em mim — disse eu com firmeza. — Ele foi um pouco insistente, sim, mas apenas por um segundo. Ele foi um idiota e eu cuidei disso. Não há nada que você precise fazer agora. Apenas relaxe, ok?

Sua mandíbula apertou e ele olhou para o céu antes de encontrar meus olhos novamente. — Por séculos eu tenho assistido você com todo mundo, menos eu — disse ele. — Não ele, Ellie. Não depois do que ele fez comigo, com você. Eu poderia ter te protegido na noite em que Ragnuk te matou, mas Cadan e Ivar me pararam. Em vez de me matar, eles me mantiveram vivo para que eu te visse morta. Esse tipo de malícia não pode ser perdoado, e toda vez que vejo seu rosto, vejo o que restou de você quando Ragnuk terminou.

Meus olhos começaram a queimar, mas eu estava determinada a não chorar. — Ele está tentando compensar as coisas que ele fez de errado. Não espero que você o perdoe agora, mas, por favor, acredite que você pode ser capaz disso um dia. Você sentiria muito menos dor se parasse de tentar odiá-lo tanto. Seja feliz ao saber que você tem família e ele está bem aqui. Ele é da *família*, Will.

Will olhou por cima do ombro para Cadan, que estava encurvado enquanto seu rosto se curava. Ele precisaria comer muito em breve para compensar a energia que estava gastando para curar. Era possível que ele se exaurisse e ficasse sem energia antes de estar completamente curado, e eu me perguntei se Will estava pensando o mesmo. Ele tinha um olhar patético no rosto, uma estranha mistura de remorso e satisfação enquanto observava seu irmão mais velho machucado se curar do ataque. Ele deve ter esperado muito tempo para bater em Cadan, mas agora que ele fizera isso, ele parecia envergonhado de si mesmo – como deveria

estar. Ele olhou para as mãos. O sangue de Cadan espirrou em sua pele até os seus cotovelos

— Se você confia nele — disse Will em voz baixa —, então eu aceito isso. Mas isso não significa que eu tenha que confiar nele também.

Will se afastou de mim e voltou para a casa sem dizer outra palavra. Quando ele foi embora, virei-me para Cadan e estremeci com sua aparência. Ele estava quase curado agora, mas o sangue ainda manchava o rosto e seus olhos negros continuaram inchados. Eu assisti sua pele costurar um corte no lábio e ele limpou o sangue com as costas da mão.

— Eu sinto muito — disse a ele. — Você está horrível, como se tivesse sido atropelado por um ônibus.

Ele cuspiu um monte de coisas vermelhas. — Eu tinha isso vindo. Ele tirou isso do seu sistema finalmente, então talvez agora podemos ultrapassar isso e nos concentrar no que é importante, como parar Sammael. Demorará um pouco antes que Will esteja pronto para me aceitar. Não devemos forçá-lo.

Balancei a cabeça, sabendo que ele estava certo. Esta situação só acrescentou mais estresse que nenhum de nós precisava. — Ele com certeza gosta de guardar rancor, não é?

O canto do lábio de Cadan se abriu em um pequeno sorriso. — Mais uma vez, eu mereci isso. Quando você é imortal, o tempo é diferente. Coisas que aconteceram anos atrás ainda ardem como se tivessem acontecido ontem. Rancores são difíceis de esquecer. Eu entendo como ele se sente e acho que nós dois precisamos deixá-lo sentir isso. Ele aceitará quando estiver pronto. Se não aceitar, então não é como se eu merecesse melhor.

Quando deixei suas palavras afundarem, não pude deixar de me encolher com a bagunça que Will deixara. — Eu deveria pegar uma toalha ou algo assim, ajudá-lo a se limpar.

— Não. Eu preciso ir. Estou exausto e acabei de ter meu traseiro chutado do avesso. E preciso comer loucamente. — Sua expressão suavizou. — Eu vou te ver mais tarde, ok? E da próxima vez eu te avisarei antes de aparecer. Enquanto isso, tentarei recuperar meu orgulho batendo nas coisas por informação.

Coloquei a mão em seu ombro. — Avise-me se ouvir alguma coisa interessante, ok? O próximo passo é encontrar este gládio sagrado e a cópia do grimório de Antares.

Ele me deu um olhar perplexo. — Por que você ainda precisa disso?

— Eu preciso convocar Azrael e pedir a ajuda dele na luta contra Sammael — disse eu. — Se isso não funcionar, então eu preciso subir, para me tornar Gabriel novamente, se for possível.

Seus olhos se arregalaram. — Bem, se você acha que isso nos dará uma vantagem, então vamos fazer isso.

— Obrigada — disse eu. — Se eu puder estar no meu poder de arcanjo completo, então eu tenho uma chance de acabar com Sammael *e* Lilith.

— Vou descobrir o que puder sobre qualquer cópia do grimório para você. Boa noite, Ell. — Ele estremeceu antes de abrir as asas e desaparecer no Grim.

Will o machucou muito e me senti parcialmente responsável. Eu deveria ter contado tudo a Will, que Cadan era seu irmão mais velho, que sem a ajuda de Cadan eu nunca poderia ter encontrado Antares a tempo. Will poderia ter tido tempo para digerir a notícia antes de ver o rosto de Cadan. Talvez a briga deles fosse menos sangrenta e traumática.

De volta à casa, subi as escadas. Atrás da porta fechada do quarto de Nathaniel e Lauren, eu podia ouvir a TV e ver a luz piscando em torno do batente da porta. Eu me sentia muito mal toda vez que Lauren estava perto de uma briga. Como uma médium, ela tinha seus próprios talentos incríveis, mas força sobre-humana não era um deles. Eu nem imaginava quão vulnerável ela se sentia quando os ceifeiros transformavam uma briga em uma bola de demolição. Encontrei Will no banheiro do andar de cima lavando as mãos dele. A pia branca estava manchada de vermelho com sangue que não era dele.

— Sinto muito — disse eu fracamente.

Ele não olhou para cima. — Por? — Sua voz estava seca, baixa e vazia de emoção.

— Por um milhão de coisas. — Suspirei e me encostei na parede. — Por não dizer a você que eu sabia que Cadan é seu irmão. Eu estava com medo de dizer. Também sinto muito por não dizer que Cadan me levou para Antares. E eu sinto muito que ele veio hoje à noite.

Ele desligou a torneira e colocou as mãos no balcão de cada lado da pia. Finalmente, ele olhou para cima e seu olhar pegou o meu no espelho. Esse verde estava muito chateado. — Compreendo porque você não queria me dizer. Eu não gostaria de saber.

— Eu teria dito a você quando... — minha voz sumiu. Quando eu teria contado a ele? Em quais circunstâncias eu teria tido as bolas? — Apenas não sabia quando era a hora certa. eu teria te dito. Eu juro.

— Eu sei.

Ele se virou e me pegou em um abraço. Eu me agarrei ao seu aperto de ferro, absolvendo seu calor como se eu estivesse congelando até a morte. Enterrei minha bochecha em seu peito, respirando seu perfume e alisando minhas mãos sobre os contornos duros de suas costas sob o algodão macio de sua camisa.

— Eu só queria que você vivesse — sussurrei contra ele. Minhas lágrimas atingindo sua camisa. — Você me salvou mais vezes do que... do que estrelas no céu. Eu precisava fazer o que fosse preciso para te salvar em troca.

Ele me apertou mais e aninhou seu rosto no meu cabelo e senti seu hálito quente. Então nós apenas nos abraçamos naquele lugar calmo e quieto.

9

APÓS OS ÚLTIMOS DIAS INTENSOS DO ENSINO MÉDIO, eu passei nos meus exames e garanti minha admissão na estadual de Michigan no outono. Na noite anterior a formatura, Kate e eu tivemos uma festa de pijama na casa de Nana, com ceifeiros angelicais rondando a área em alerta total, pois o perigo nos dias de hoje era extremamente iminente. Kate e eu fizemos as coisas que eu amei uma vez, como fazer manicure e pedicure, folhear revistas e visitar blogs de fofocas. Mas não percebi até então quanto eu mudei desde o outono passado. Enquanto Kate mostrava o novo vestido de grife que ela comprou para usar debaixo da beca de formatura, percebi que não me importava. Eu acabei pegando o primeiro vestido que encontrei no meu armário e um par de saltos que combinava, sem sentir nenhum entusiasmo. Eu nem queria ir às compras. Vestidos e sapatos não importavam. A única emoção que senti sobre a graduação era estar com meus amigos e familiares, porque entendi agora quão limitado era nosso tempo com eles. Se ao menos eu soubesse disso antes que fosse tarde demais. Talvez então minha mãe teria sido capaz de me ver receber meu diploma.

No entanto, eu estava um pouco empolgada com a festa Blackout Graffiti de Josie Newport após a formatura. Kate comprou uma bolsa gigante de marcadores para rabiscar tudo em nós mesmas e nossas roupas. A blusa branca que eu usaria seria inevitavelmente coberta de provérbios e genitália vulgar até o final da noite. Eu não sabia se entendia a obsessão dos meninos por desenhar pênis em tudo, incluindo outras pessoas.

De manhã, fui à escola com Kate para me preparar para a formatura. O local estava lotado com meus colegas turbulentos e a maioria dos professores – que estavam radiantes de orgulho ou sorrindo com alívio por nos ver partir. Nós entramos em filas para nos dirigirmos ao campo de futebol e nos sentarmos. Saudações rugiram pelo estádio e todos olharam para as famílias nas arquibancadas. A mãe de Kate assobiou para ela de onde estava sentada com o pai de Kate, avós e outros membros da família. Sentada perto da família Green estava a minha. Lá estava Nana, e ao lado dela estava Will, Lauren e Marcus. Eles estavam

aqui em parte como meus guarda-costas e apoio, enquanto Ava e Sabina espreitavam de dentro do Grim, observando o perímetro da escola. Kate agarrou meu braço alegremente enquanto soprava um beijo para Marcus, que brincou mostrando a língua em desgosto, para o que Kate o imitou, muito para o choque da minha Nana. Se ela usasse pérolas, estaria apertando-as.

A formatura foi infernalmente entediante. Tirei o meu esmalte enquanto escutávamos um monte de discursos de professores e alunos. Kate estava ocupada com mensagens de texto sujas com Marcus, tendo colocado de alguma forma o telefone celular em seu sutiã. Eu me mantive ocupada olhando em volta para os igualmente entediados rostos dos meus colegas. Depois desta noite, eu provavelmente nunca mais veria 95% deles. Depois desta noite, as coisas permaneceriam as mesmas para mim: caçar, matar e lutar pela minha vida. Se eu tivesse sorte o suficiente para sobreviver e derrotar Sammael, então talvez eu pudesse me mudar para um dormitório com Kate no outono.

Quando fui chamada para receber meu diploma, apertei a mão de meus professores, tirei minha foto, sacudi meu capelo e voltei para o meu lugar. Eu olhei para sorrir para minha família. Will, Lauren, e Marcus não eram apenas meus amigos. Eles eram uma família de verdade para com Deus. Até a mãe da Kate, praticamente minha segunda mãe, estava de pé rugindo de alegria para mim. Ela nunca saberia o que eu passei para chegar até aqui, mas ela bateu palmas e assobiou mesmo assim. Demorou um tempo para que todos terminassem de receber seus diplomas, mas ao acabar, o diretor parabenizou nossa classe por se formar e, em seguida, centenas de capelos foram jogados para o alto e voaram pelo ar. Talvez eu tenha usado um pouco do meu poder de Preliator para jogar meu próprio capelo mais alto.

Naquela noite, na festa Blackout Graffiti da Josie, eu consegui evitar que qualquer parte de garoto fosse rabiscada na minha blusa branca – até agora. Landon e Chris conseguiram desenhar a genitália na maioria dos festeiros, tendo como alvo as meninas mais fofas. Eu senti como se precisasse tirar minhas espadas Khopesh para detê-los. Para meu espanto, minha equipe de apoio de ceifeiros angelicais estava aqui para me proteger contra os demoníacos, mas não de irritantes garotos humanos. Quando eu os peguei me esgueirando pela terceira vez, Kate me agarrou e me arrastou para o banheiro. Eu deveria ter abandonado a camiseta estúpida como ela. Ela também deixou claro para todos que se alguém

rabiscasse em seu vestido roxo leopardo, ela apunhalaria seus olhos com seus estiletes.

— Vamos fazer o meu cabelo! — gritou ela em excitação raivosa. Ela já estava um pouco bêbada, o que me fez sentir ainda mais sóbria do que realmente estava.

— Você está falando sério? — Hesitantemente aceitei os marcadores que ela colocou na minha mão.

— Vamos fazer arco-íris. — Ela arrancou a tampa de um marcador azul e começou a traçar estrias em seu cabelo loiro. Ela inclinou seus olhos delineados no estilo egípcio no espelho. Isso era claramente uma tarefa desafiadora para ela.

— Acho que não é isso que as revistas querem dizer quando falam sobre *destaques*.

— Você é engraçada, cadela. — Ela entregou o marcador azul para mim. — Faça as costas.

Suspirei e fiz o que ela pediu. Destaquei o cabelo dela em azul, roxo, verde, amarelo, laranja e rosa. Seu cabelo de arco-íris se chocou com seu vestido de leopardo roxo e stilettos. Ela parecia uma prostituta Rainbow Brite[8] prestes a ser enviada para a reabilitação.

— Devemos lavá-lo — sugeri sombriamente, pegando os fios mutilados de cabelo arco-íris.

Kate ofegou e afastou minha mão. — Oh, *inferno* não. Vamos nos maravilhar com meu cabelo incrível!

Ela me arrastou para fora do banheiro e voltou para a sala cavernosa onde acontecia a festa de Josie. As luzes negras fizeram os grafites de néon espalhar por todos e brilhar no escuro enquanto se retorcia e saltava com a música. Eu precisava admitir, o cabelo de Kate parecia ridículo e maravilhoso ao mesmo tempo. Demos uma pausa na dança pelos aperitivos e fomos imediatamente cercadas por Landon e Chris como abutres felizes.

Landon se espremeu entre Kate e eu e jogou seus braços ao redor dos nossos ombros. — As duas garotas mais gostosas da festa!

---

8 Rainbow Brite (também conhecida em Portugal como Aventuras no País do Arco-Íris) é uma franquia de mídia criada pela Hallmark Cards em 1983. A série animada homônima começou em 1984. No Brasil a série foi transmitida pelo SBT no programa Do Ré Mi Fá Sol Lá Simony.

— Você é como uma garota da porta ao lado — disse Chris para mim. — Kate é como supermodelo quente. Vocês são como as duas opções mais quentes em um buffet pornô.

Estreitei meus olhos. — Muito obrigada.

Landon se afastou de nós e começou a rabiscar compulsivamente imagens sujas na bochecha de Chris como se ele tivesse perdido um ponto. — Vocês deveriam pensar em uma webcam. Você ganha muito dinheiro. Poderia conseguir uma Ferrari ou algo assim.

Kate deu-lhes um sorriso doce e açucarado. — Como vocês se formaram no ensino médio?

A expressão de Chris explodiu quando uma lâmpada pareceu clicar em sua cabeça. — Landon, cara. Você não acha que seria quente se Ellie e Kate tivessem um bebê?

— Do que diabos você está falando? — retrucou Kate.

Coloquei a mão na minha testa e esquadrinhei a multidão, na esperança de encontrar uma distração. — Estou tão perturbada agora mesmo.

Landon nos examinou um pouco demais com o olhar dele. — Você quer dizer se elas transassem? Sim, cara, duas garotas juntas é sempre quente.

— Não, não, eu quero dizer como se elas transassem e tivessem um bebê juntas. Seria o bebê mais quente e perfeito de todos.

Landon parecia estar prestes a vomitar. — Bebês não são quentes, cara. Isso é doente.

— Bem, tem que crescer primeiro. Mas, certo? Elas fariam um bebê perfeito juntas.

Olhei para os dois. — Vocês são as pessoas mais burras que já conheci na minha vida.

— Você não fala sério — sorriu Chris.

— Sim, eu realmente falo. Adeus.

Agarrei Kate e a arrastei para a pista de dança. Havia tantas pessoas reunidas que eu a perdi no meio da multidão em minutos, mas consegui localizar Will mantendo a guarda em uma das saídas.

Quando vi seu rosto entediado e nada escrito em sua pele, meus dedos de repente coçaram para rabiscar com um marcador.

— Hey. — Ele me cumprimentou com um sorriso caloroso.

Fiquei perto dele, meu ombro tocando seu braço. — Estou pronta para ir quando vocês estiverem. Acho que fiz bastante aparição. Eu realmente só quero matar coisas.

— Eu também — concordou ele.

Fiz uma careta para ele. — Você não deixou ninguém escrever em você? Como isso aconteceu?

Ele me deu um olhar de desaprovação. — Sério, Ellie?

— Ah — disse eu. — Você deve ter olhado para eles desse jeito. Eu sou a única que não tem medo de você. Talvez eu possa desenhar suas tatuagens para que elas brilhem e escreva FODÃO na sua testa. Tudo o que eu tenho é rosa, no entanto. Espero que você não se importe.

— Por favor, não. Eu te imploro.

Eu ri e o beijei, ficando na ponta dos pés para alcançá-lo. — Você está um pouco verde, amigo. Você vai sobreviver?

— Não se você desenhar em mim com o marcador rosa, eu não vou.

Eu ri ainda mais. — Está bem, está bem. Você está seguro, eu juro. Vamos sair daqui. Vou tentar encontrar Kate e todo mundo e me despedir. Encontre Marcus, ok?

Ele assentiu e se moveu pela multidão. Empurrei meu próprio caminho através da multidão dançando, na esperança de ver o cabelo arco-íris de Kate sobre o mar de cabeças saltitantes. Eu realmente precisava de uma coleira nessa garota ou algum tipo de dispositivo de rastreamento para longa distância. Passei por Evan e Rachel, que pareciam estar tendo uma explosão de dança. Não vi muito nenhum deles desde que começaram a namorar, mas foi bom ter saído com eles hoje à noite. Para ser honesta, eu não sabia quanto mais amigos meus eu conseguiria ver. Havia algumas missões sérias prestes a acontecer.

Uma pontada de dor atingiu meu coração. Eu deveria estar curtindo cada momento com eles, vivendo esses momentos ao máximo, e não desejando estar em outro lugar. Quando tudo isso acabasse, prometi a mim mesma passar o máximo de tempo possível com meus amigos.

Uma garota gritou. Eu olhei ao redor, esperando que os gritos fossem apenas de crianças brincando, mas a multidão parecia ter parado. Algumas pessoas ainda dançavam com a música, mas em segundos todas as cabeças

viraram em uma direção. Quando segui seus olhares e girei para a direita, esbarrei no corpo gigante de um ceifeiro demoníaco.

Merodach.

Eu não estava respirando. Pisquei algumas vezes, esperando que a miragem fosse embora, mas não. Ele era difícil de ver sob as luzes negras, mas sua forma escura bloqueava um grande número de pessoas cobertas por marcadores. Seus chifres espiralaram em direção ao teto, suas asas dobraram-se firmemente em suas costas, e seus olhos do luar brilhavam, a luz fraca refletindo suas pupilas como as de um animal. Demorei muito tempo para perceber que ele não estava no Grim e todo mundo podia vê-lo tão bem quanto eu. Todos olhavam para ele, mas ele olhava apenas para mim.

— Não — sussurrei, mas a palavra foi apenas uma exalação. Eu duvidava que alguém pudesse me ouvir falar.

— Olá de novo — disse Merodach, sua voz pesada como cascalho raspando. — Gabriel.

— Se você tem alguma honra, então você e eu vamos levar isso para fora.

Ele sorriu, um gesto inquietante. A cicatriz crescente que eu dera a ele estava brilhante, retorcida e com aparência raivosa. — E deixar todas essas almas serem desperdiçadas?

Antes que eu pudesse responder, mais gritos irromperam. Minha cabeça se virou. Havia mais ceifeiros demoníacos no cômodo. Eles empurraram os humanos, agarraram a eles, e então todo o inferno se soltou. Todo mundo estava gritando agora, correndo em todas as direções, mais lutando em direção as saídas. Eu vi um dos ceifeiros demoníacos agarrar uma menina e morder seu pescoço, espirrando sangue nele mesmo e nos corpos de outras crianças. Sob a luz negra, o sangue era como um balde de tinta neon jogado pelo ar.

Avancei como um tiro para ajudar a menina, deixando Merodach nas minhas costas. O ceifeiro demoníaco tirou outro pedaço da garota antes de eu chegar até ela, e mostrou os dentes ensanguentados para mim. Ele a soltou; pernas tropeçaram sobre ela, corpos bateram nele, e invoquei minhas espadas. Fogo Angelical iluminou a sala escura como uma fogueira e mais gritos ecoavam nas paredes. Ouvi duas vozes gritando meu nome a distância.

O ceifeiro atacou com suas garras, pegando minha blusa e rasgando uma longa tira pela frente. Uma das minhas espadas tirou o braço que me arranhava e

o membro desapareceu em chamas enquanto o ceifeiro guinchava de dor e fúria. Sua mão restante se lançou para a minha garganta, mas enfiei minha lâmina no seu peito e rasguei, transformando seu coração em miúdos, e o resto dele explodiu em Fogo Angelical.

O pânico só piorou. As pessoas atropelaram umas às outras, corpos bateram no chão e mais ceifeiros encheram a sala. Eu me virei, sem fôlego, observando o caos, e meu sapato bateu no corpo da garota que não consegui salvar. Ela olhou de olhos arregalados para mim, morta, metade do seu corpo comido, sua alma certamente no Inferno. Uma explosão de energia me fez olhar para a esquerda. Will tinha outro ceifeiro demoníaco encurralado. Soltei minhas espadas e desenterrei meu telefone. Mandei uma mensagem para Cadan, *AJUDA!*, e rezei para ele checar suas mensagens imediatamente e vir até aqui.

— Ellie! — Kate agarrou meu braço. — Temos que sair daqui!

Olhei para Will, que agora lutava com um Vir diferente, e enfrentei Kate novamente. — Você vai. Preciso ajudar Will.

— De jeito nenhum! — gritou ela. — Não deixarei você aqui! O que são essas coisas?

Balancei a cabeça. — Você tem que ir. Confie em mim, Kate, eu posso cuidar de mim. Apenas vá!

Marcus apareceu, levando Kate com segurança pelo braço. Ele arrastou-a para a saída enquanto ela lutava com ele, gritando meu nome, e seu olhar assustado não deixou o meu até que nos separamos na multidão. Silenciosamente rezei para que ela ficasse a salvo. Precisava parar os ceifeiros demoníacos de tomar mais almas.

Invoquei minhas espadas novamente e pulei para a briga. Ombro a ombro, eu abri meu caminho através da multidão, lutando enquanto seguiam na direção oposta em direção à segurança. Pisei em outro corpo. Prendi a respiração e não olhei. Eu não queria saber quem era, se era alguém que eu conhecia. Uma mão firme tocou meu ombro e levantei minha espada, mas era apenas Marcus.

— Kate está lá fora — assegurou. Ele estava sem fôlego e um corte estava cicatrizando em sua bochecha. Sua espada estava completamente vermelha. — Não sei sobre seus outros amigos. Não consegui encontrá-los. Deve haver pelo menos sete ou oito Vir demoníacos aqui, Ellie. Isso não parece bom.

— Eu sei — disse eu. — Eles estão aqui por mim, mas estão distraídos com os humanos. Nós temos que matar tantos Vir como possível e até mesmo mais do que nossas chances. Ao trabalho.

Marcus me deixou e peguei com o canto do olho uma das Vir abaixo na parede. Seus lábios, azul-cadáver contra sua pele cinzenta, enrolada em um sorriso feio. Meu coração batia enquanto olhava ao redor. A multidão estava diminuindo, permitindo um pouco mais de manobra. Um pouco era tudo que eu precisava.

O ceifeiro demoníaco invocou uma espada e a lâmina cintilou na mão dele. Ele me atacou. Levantei a minha quando estávamos prestes a colidir, e pulei alto. Ele desacelerou, sua cabeça inclinou enquanto seu olhar me seguia em confusão, mas foi o suficiente para enganá-lo. Meu sapato tocou a parede e chutei. Minha lâmina varreu em um arco e cortou o pescoço do ceifeiro. Ele e seu crânio se foram em segundos. Aterrissei com força, meus joelhos dobrados no impacto. Uma onda de sangue da minha espada golpeou neon na minha frente sob a luz negra, assim como os respingos de sangue na minha blusa e pele.

Olhei para o rosto de Landon e meu coração parou. Em vez de fugir, ele ficou me encarando enquanto eu segurava minhas espadas, coberta de sangue. Corpos raiavam atrás dele, alguns correndo em terror, alguns caindo no chão.

— Landon — disse eu asperamente e me levantei lentamente.

Sua testa se enrugou quando ele tentou juntar o que estava vendo. — Ellie, você acabou de...?

Então seu rosto se chocou contra a parede com uma batida ensurdecedora. Eu engasguei enquanto observava a ceifeira demoníaca levantar Landon pelo colarinho da camisa e mostrar suas presas para morder. Eu avancei tão rápido que não acho que ela me viu chegando. Puxei meu braço para trás e balancei minha espada. A lâmina de fogo enterrou-se bem ao lado do crânio dela, dividindo sua cabeça em dois. As chamas brancas a afogaram e desapareceu, deixando Landon cair no chão. Eu desmoronei com ele, deixando minhas espadas desaparecerem e ajudando-o a rolar de costas. Meu corpo inteiro ficou dormente e meu estômago revirou. O rosto de Landon... Ele estava morto. Landon estava morto.

Alguém pegou um pouco do meu cabelo. Eu gritei quando fui arrastada pelo chão, longe do corpo de Landon, chutando e rasgando as mãos que me agarraram como aço. A dor tornou difícil para eu abrir meus olhos, mas quando o fiz, peguei a silhueta de uma enorme forma de chifres.

— Humanos — cuspiu Merodach. — Não sei por que você se incomoda. Tudo o que eles fazem é gritar e se espalhar como pássaros. Você não pode protegê-los e não pode vencer essa guerra.

Ele soltou meu cabelo e o alívio no meu couro cabeludo foi instantâneo. Pressionei minhas mãos na minha cabeça para acalmar minha pele enquanto juntava meus membros e me levantava. Invoquei minhas espadas. — Vocês, os ceifeiros, continuam dizendo isso, como se estivessem tentando se convencer de que é verdade. Isso é muito patético.

— Xastur! — latiu ele, seus olhos pálidos congelados no meu rosto. Outro assassino demoníaco apareceu ao lado Merodach. — Encerre as coisas.

Xastur assentiu e desapareceu em um flash. Merodach inclinou a cabeça para mim com um olhar curioso. Ele abriu a boca para falar, mas uma forma se materializou exatamente onde Xastur acabara de sair. A figura era rápida como um raio e consegui distinguir uma mão – uma mão que pegou a garganta de Merodach e enviou-o voando pela sala e atravessando uma janela. Ele desapareceu na escuridão do lado de fora quando o vidro choveu. Quando o recém-chegado diminuiu e sua forma borrada tomou forma, eu reconheci Cadan

— Você está bem? — perguntou ele, seus olhos brilhando.

— Sim — disse eu, e a náusea começou a revirar meu intestino novamente. — Eles mataram meu amigo. Oh meu Deus, Landon está morto. Eu queria chorar por ele, mas agora não era a hora. — Acho que Xastur está ajudando Merodach a comandar o show. Encontre e pare-o.

Cadan assentiu e desapareceu atrás de Merodach. Eu olhei em volta, na esperança de descobrir quantos ceifeiros foram deixados vivos. Will estava coberto de sangue e sua espada estava manchada de néon sob as luzes pretas. Ele terminou com o último deles, e quando seu olhar pegou Merodach subindo pela janela, o rosto de Will retorceu de ódio.

— *Marcus!* — rugiu ele, chamando o outro ceifeiro angelical.

Marcus apareceu na sala, com as próprias mãos e roupas esfarrapadas e ensanguentadas da batalha. — Eles estão mortos — disse ele. — Estão todos mortos, exceto por Xastur. Ele fugiu.

Merodach examinou os outros ceifeiros e seu olhar pousou em mim. Ele mostrou os dentes, mostrando as presas reluzentes na luz negra. — O covarde. Você ganha este, Preliator.

Will rugiu de raiva e lançou-se no ar em direção a Merodach, balançando a espada. Merodach se virou para o lado para evitar a lâmina, mas Will o seguiu. Eles eram borrões de néon na escuridão, quase invisível – até que o corpo de Will bateu na parede e Merodach apareceu acima de nossas cabeças, asas negras bem abertas. Penas caíram no chão. As mãos de Merodach se fecharam em punhos e ele soltou um grito de fúria e frustração. E então desapareceu. Quando Merodach não reapareceu, corri para o lado de Will e o ajudei a ficar de pé. Ele socou a parede, seu punho enterrando profundamente e xingou a plenos pulmões.

— Ele voltará — ofereceu Marcus. — Você terá outra chance com ele. Pelo menos não perdemos ninguém.

— Ellie perdeu — disse Cadan em voz baixa.

A realidade desabou sobre mim. Eu não queria olhar para o corpo de Landon, mas minhas pernas se moveram em direção a ele de qualquer maneira. Ele estava caído no chão contra a parede oposta, seus membros emaranhados como uma boneca arremessada, e o que sobrou do rosto dele estava virado para o teto.

Um dos meus melhores amigos estava morto. Eu não sabia se esse fato algum dia começaria a fazer sentido. Merodach tirou outra pessoa que eu amava de mim. Havia um pensamento ensurdecedor se repetindo na minha cabeça, tão alto que eu não conseguia pensar, como se tivesse esquecido todo o léxico inglês, a não ser por cinco palavras.

Eu vou matar todos eles.

10

— EU QUERO SABER ONDE XASTUR FOI — disse eu, meu tom afiado e imponente. — Quero jogar croquete com a cabeça dele ao amanhecer, entenderam?

Os três ceifeiros assentiram em uníssono.

— Alguém deve conhecer um ceifeiro demoníaco chamado Xastur — continuei. — Eu quero Ava e Sabina nisto também. Marcus, ligue para Ava e diga a elas para largar o que estão fazendo.

Sem me questionar, Marcus pegou o telefone e discou. Ele começou a retransmitir o que aconteceu enquanto Ava ouvia do outro lado. Will se aproximou de mim. O cheiro de sangue nele era angustiante.

— Podemos não localizá-lo hoje à noite — avisou. — Mas eventualmente nós iremos. Ele morrerá pelo que fez para Landon e os outros humanos.

— Eu juro que vou fazê-lo sofrer — disse eu.

Will estudou meu rosto por alguns momentos antes de expirar. — Xastur pode nos dar algo sobre Merodach também.

— Ele está certo — acrescentou Cadan. — Há uma cadeia de comando em suas fileiras. Esse cara obviamente não é um recruta, e há boas chances de estar a par de informações cruciais. Ele pode até ter artefatos que nos ajudarão.

— Como uma relíquia? — perguntei.

— Talvez — respondeu ele. — Xastur pode até ter a cópia do grimório de Antares que você está procurando.

Minha mente correu com possibilidades. — Melhor ainda... se Bastian descobriu como invocar Lilith, então eles podem saber como convocar outros.

— Outros Anjos? — perguntou Will, surpreso.

— Não — disse eu —, convocar um anjo como Azrael. Se não encontrarmos a cópia do grimório com o Xastur – o que é provável – então ainda poderemos descobrir se Xastur sabe como convocar Azrael. Ele é um anjo, um ex-arcanjo, para ser exato. Deve saber se é possível eu ascender e me tornar Gabriel.

A expressão de Cadan endureceu. — Você ainda quer fazer isso?

— Eu tenho que fazer o que for preciso para destruir Sammael e Lilith — disse eu. — Começaremos conversando com Azrael. Temos que descobrir como convocá-lo.

— Pessoal — interveio Marcus. — Sabina sabe quem é Xastur.

— Ela sabe onde ele está? — perguntou Will.

Marcus deu um sorriso sombrio e satisfeito enquanto recolocava o celular no bolso. — Sim, ela com certeza sabe. Ela nunca se infiltrou em seu esconderijo antes, porque está muito protegido. Então o que você diz de invadirmos a festa de alguém e fazermos uma visita a ele?

— Vamos. — Não esperei por uma resposta antes de começar a caminhar em direção à porta da frente.

Ao longe, inúmeras sirenes de veículos de emergência soavam tristemente.

* * *

Acessei o endereço que Sabina nos deu no meu GPS. Will montou guarda ao meu lado e o resto dos ceifeiros voou através do Grim direto para o nosso destino. Meu coração batia com tanta força no peito que era doloroso, mas não havia como eu relaxar. Encarei a estrada à frente, desesperada para tirar as imagens dos corpos dos meus amigos e colegas da minha mente.

Meu telefone tocou. Kate estava ligando. Respirei fundo e peguei o olhar de Will pelo canto do meu olho. — Ei — respondi.

A resposta de Kate foi uma série de soluços e maldições irrefreáveis e ininteligíveis.

— Kate, devagar — pedi. — Você está segura?

— Estou em casa! — Ela chorou estridente no meu ouvido. — Onde você está? O que aconteceu? Ah meu Deus, Ellie...

— Estou com o Will. Apenas se acalme e fique onde está, tudo bem?

— Eles não nos dizem o que aconteceu! As pessoas estavam mortas, Ellie!

O rosto mutilado de Landon surgiu na minha cabeça. Eu não conseguia dizer a ela, dizer em voz alta o que eu não queria que fosse real. — Eu sei. Foi horrível. As pessoas apenas entraram em pânico e correram. Foi um acidente horrível...

— Oh, *por favor* — rosnou ela do outro lado. — Você viu aquelas coisas. Todos nós vimos. Não minta para mim.

Eu não conseguiria lidar com isso agora. — Eu tenho que ir — disse eu. — Vou ligar para você de manhã, ok?

— Não se *atreva*...

Desliguei e guardei meu telefone. Eu precisava. Não havia como eu explicar a ela o que aconteceu sem pensar muito sobre uma história realista. A polícia estaria em toda a cena e questionando todos que estavam lá, inclusive eu, eu tinha certeza.

Mas eu não conseguia pensar nisso. Ainda não. Eu precisava ficar focada no perigo que eu estava prestes a entrar. Este ceifeiro, Xastur, seria o último a ter seu sangue nas minhas lâminas esta noite.

— Eu sinto muito sobre Landon — disse Will em voz baixa.

Um tremor percorreu meu peito. — Sou eu quem deveria se desculpar. É tudo culpa minha.

— Por favor, não diga isso.

— Sim, é — retruquei um pouco mais forte do que pretendia. — Eu levei os ceifeiros para aquela casa. É minha culpa estarem lá e matarem todas aquelas crianças. Se vocês não estivessem lá... eu não sei quantos mais teriam morrido.

— Os demoníacos fizeram isso — disse Will, sua voz firme. — Nós matamos todos, exceto dois. Vamos encontrar o Xastur e depois vamos encontrar Merodach.

Os músculos da minha mandíbula se apertaram, meus dentes rangendo um contra o outro. — Sim — disse eu. — Sim, nós vamos.

* * *

O esconderijo de Xastur era uma antiga fábrica têxtil em ruínas, e quando meu carro chegou mais perto e o prédio apareceu, uma dor de medo me arrepiou. Deixei o carro parado e olhei para a fábrica. Energia demoníaca escorria de suas paredes desmoronadas e janelas quebradas, enrolando em torno de memórias assustadoras, as quais eu empurrei profundamente na minha mente.

— Ellie.

A voz de Will me sacudiu do meu devaneio e percebi que estava apertando o volante tão forte que minhas mãos ficaram brancas e eu estava tremendo. Mesmo assim, eu não pude soltar.

— Qual é o problema? — perguntou ele. — Podemos nos virar, te levar para casa. Voltarei com os outros para obter o que precisamos.

Luzes brilhavam em algumas janelas no último andar. Eu pulei quando uma sombra passou pelo brilho. — Eu me lembro deste lugar.

— Você já esteve aqui?

— Eu morri aqui. — Soltei o cinto de segurança e saí do carro.

Will me seguiu. — O quê? Quando?

— Ragnuk — respondi distantemente. — Eu o segui até aqui e ele me matou.

Ele ficou em silêncio e percebi que ele nunca soube onde eu havia morrido por último. Entendi que a memória era dolorosa para nós e eu não queria que se tornasse uma distração. Eu queria me vingar pela morte de Landon, e Xastur foi o último culpado que permaneceu vivo além de Merodach. Eu voltaria a esta fábrica, mas Xastur seria o único a morrer esta noite. Ele e qualquer outra coisa coisas demoníacas rastejando pelos corredores.

— Vamos — disse Will finalmente. — Os outros estão esperando.

Não demorou muito para nos encontrarmos com o resto da nossa equipe. Os ceifeiros angelicais, Marcus, Ava e Sabina estavam com nosso próprio ceifeiro demoníaco, Cadan. Ele e Will trocaram olhares, mas na tentativa de serem civilizados, nada foi dito entre eles.

Sabina deu um passo à frente, vestida de preto, o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo alto e apertado. Ela puxou duas armas e verificou os clipes em ambas. Dois longos punhais estavam amarrados nas laterais de suas botas. — Xastur mantém seu escritório no último andar. Há Vir protegendo os níveis superiores e principalmente ursids patrulhando o lobby. Eu vi dois Vir diferentes do lado de fora do prédio desde que estivemos aqui. Não tenho um número definitivo, mas até agora eu contei dezessete ceifeiros de ursid. Não sei quantos estão dentro da fábrica ou quantos ceifeiros virão nos encontrar.

Marcus amaldiçoou em voz baixa. — Essa é uma festa maior do que eu pensava.

— Vamos lá — disse Ava ansiosamente e invocou sua espada.

— Somos seis — disse eu, concordando com Ava. — Se tivermos cuidado, não temos nada para nos preocupar. Não sei se teremos muito de um elemento de surpresa, mas devemos nos aproximar como se eles não soubessem que estamos aqui. Xastur precisará de um lugar para se reagrupar, mas se ele retornar ao seu principal esconderijo, então ele é completamente estúpido ou completamente arrogante. Este lugar não deveria ser tão fortemente guardado caso não houvesse algo importante dentro para proteger.

Marcus deu um sorriso para Will e sacudiu a testa. — Bem, então, chefe dama. Vamos lá.

Fui flanqueada por ceifeiros enquanto caminhávamos em direção à entrada da fábrica. O gramado enorme não revelou nada, então, um por um, entramos no Grim e deixamos o mundo dos ceifeiros preencher nossos sentidos. Não havia como chegar até o último andar sem alertar Xastur e seus capangas. Nós teríamos que lutar, e isso era difícil de fazer sem provocar um tumulto. Eu só podia esperar que nós tivéssemos saltado o suficiente sobre nossos inimigos para impedi-los de descerem sobre nós de uma só vez. Poucos ceifeiros de cada vez era algo que nós poderíamos lidar, e não algumas dúzias. Isso era um risco muito grande. Eu não deixaria mais ninguém que se importava comigo se machucar a esta noite.

Quando nos aproximamos da porta da frente, flashes de escuridão e meu próprio sangue no chão sujo do porão atingiram a minha mente, pareciam fotografias distorcidas e granuladas, mas encarei aquela porta. Eu não andaria mais com medo do que aconteceu comigo. Eu não deixaria a morte me assombrar mais. Eu caçaria a morte. Eu seria a ceifeira.

Chutei a porta com força total e a placa de metal bateu na parede oposta. A luz do lado de fora encharcou o saguão sombrio. Eles agora sabiam que eu estava aqui, mas não saberiam que eu havia trazido um exército.

Um movimento cintilou à minha esquerda e um Vir demoníaco rasgou a escuridão e apareceu, mas Will estava lá em um instante e bateu com o punho no rosto do ceifeiro. Um baque horrível ecoou pelo átrio e a cabeça do Vir torceu quase ao redor do seu pescoço. Seu corpo era de pedra pálida antes de cair no chão de ladrilhos.

Marcus se aproximou do resto dos Vir e deu um tapa no ombro de Will. — Você é um filho da p...

Ele foi cortado por uma cacofonia de rugidos de sacudir a terra que ressoaram das profundezas da fábrica cavernosa. As paredes tremiam livres de poeira, e papel amarelado e detritos explodiram em nossa direção de um corredor escuro. Invoquei minhas espadas e o Fogo Angelical iluminou a sala. Uma estranha luz branca dançou nas paredes e teto, e esperávamos que os ceifeiros ursid descessem.

Ouvi o ruído deles atravessando os corredores, garras estalando cimento, grandes corpos ofegando, rosnando, dando ordens um para o outro. Pelo preto farfalhou na escuridão e dentes rangendo apareceram. Eu corri em direção aos ceifeiros quando eles apareceram. Garras e presas cortaram o ar perto da minha pele e meus joelhos bateram no chão. Deslizei pelo cimento e me perdi no emaranhado de pernas e patas, pequena demais para eles me manterem a vista. Corpos se misturavam acima de mim, focinhos rangendo e cortei carne. Minhas lâminas derramaram sangue e intestinos, e ceifeiros subiram em chamas e cinzas. Quando passei por eles, me levantei e virei para enfrentar os inimigos restantes. Sabina foi pega nas mandíbulas de um ursid e jogada contra a parede com um baque. Antes que ele pudesse dar uma mordida mortal, Marcus empurrou uma das armas de Sabina para a têmpora da besta e disparou até que as balas atingiram a rocha. Will dividiu um ceifeiro em dois com sua lâmina e girou ao redor. Ava se abaixou e sua lâmina varreu a cabeça e enterrou-se no peito de outro ceifeiro ursid. A espada de Cadan encravou no peito de um ceifeiro e quando caiu, eu cortei a cabeça dele.

Quando as chamas ofuscantes e a nuvem de cinzas se estabeleceram, não restavam mais ceifeiros ursid e nós fomos para a escada. Estava quieto, exceto pelos ecos de nossos passos. Contei cinco andares no total quando olhei para cima. Luzes fluorescentes morrendo piscavam em cada nível.

Ava deu um passo à minha frente. — Vejo você no topo. — Suas asas saltaram livres e ela se atirou no ar. Marcus e Sabina a seguiram.

Cadan trocou olhares com Will. — Você a leva? — perguntou ele.

O olhar de Will se estreitou e escureceu. — Sim. Eu levo.

A boca de Cadan formou uma linha apertada quando ele aceitou isso sem outra palavra e seguiu os outros, suas asas levantando-o com facilidade. Will envolveu seu braço livre em volta da minha cintura e me puxou para perto de seu corpo. Abracei seu corpo apertado em antecipação à decolagem.

— Nada disso hoje à noite, por favor? — implorei a ele.

Seus olhos verdes encontraram os meus por um instante antes de levantar o queixo para o eixo escuro acima de nós. — Nada disso o quê?

Belisquei sua pele através da camisa com meus dedos. — Você sabe o que eu quero dizer.

Suas asas se abriram; penas escovaram minha pele e ele olhou para mim. Havia o sussurro de um sorriso e depois ele me beijou com força. Ele se afastou apenas alguns centímetros e disse: — Eu tenho você.

Então nós disparamos através do eixo, cinco andares acima. Nós pousamos e ele me soltou delicadamente. Os outros já haviam violado uma sala cavernosa, e os sons de tiros e a queda de prata contra prata agrediu minha audição. Peguei Xastur fazendo uma corrida para a saída e joguei minha espada. O Fogo Angelical saiu, chicoteando através do ar ao longo do corredor e bateu no peito do ceifeiro. Ele recuou e gritou quando a lâmina enterrou na parede, prendendo Xastur com ela. Andei em direção a ele com a minha espada restante ainda acesa.

— Indo para algum lugar? — perguntei a ele. — Você está desenvolvendo uma reputação de lealdade aos seus amigos... ou falta dela, de fato.

O sangue escorria pela frente do ceifeiro e entre os dentes antes de escorrer pelo queixo. — Tire essa coisa do meu peito — cuspiu ele.

— Se eu te libertar, então você provavelmente fará o que faz melhor... *Correr* — zombei. — Não podemos ter isso.

— Ellie!

Girei ao som do meu nome. Cadan correu até parar na minha frente.

— Sabina — disse ele, e não perdi a desolação em sua voz.

Um arrepio de medo passou por mim. — Cuide deste verme — instruí e deixei Cadan com o Xastur preso.

Passei por pilhas de escombros espalhados pelo chão da sala enquanto corria para o grupo de ceifeiros angelicais amontoados sobre algo curvado a seus pés. Era Sabina. Seu cabelo loiro estava emaranhado com sangue enquanto sua cabeça jazia embalada nas mãos de Will. Suas roupas estavam encharcadas de algo escuro e uma ferida horrível estava aberta em seu peito. Do outro lado dela havia uma grande espada manchada de vermelho. O fedor de sangue era nauseante e cobri minha boca com a mão. Will olhou para mim do chão e sua cabeça balançou quase imperceptivelmente.

Ajoelhei-me ao lado dela e peguei sua mão. Sua pele estava fria. Seus olhos negros estavam embotados em cinza enquanto me observava, os lábios trêmulos, o peito mutilado subindo e descendo com dificuldade para respirar. — Gabriel — murmurou ela.

Com a outra mão, afastei seu cabelo do rosto. — Obrigada, Sabina — disse eu, enfatizando cada palavra. — Você tem sido um soldado incrível.

— Eu gostaria de poder continuar lutando por você — respondeu ela. Um fio de sangue passou por seus lábios.

— Você já lutou o suficiente.

— Queria ver o fim — continuou Sabina. — Eu queria nos ver vencer.

— Será apenas mais sangue — disse a ela. — Tem certeza que você não pode se curar disso?

Quando olhei para as nossas mãos juntas, percebi porque a pele dela estava tão fria. Seus dedos já começaram a endurecer e virar pedra. Mordi meu lábio com força. Sabina me deu um pequeno sorriso antes de jogar a cabeça para trás e gemer de dor. Ela parecia tão pequena, estremecendo no chão na minha frente, sangrando até a morte.

Ava se agachou ao meu lado. — Não se preocupe, minha amiga. Nós teremos a vitória. Algum dia eu te verei do outro lado.

Sabina soltou uma risadinha e tossiu antes de cuspir mais sangue. — Não há outro lado.

— Você diz isso apenas porque ninguém sabe ao certo — disse eu. — Há o Céu para as almas humanas e anjos, e deve haver um lugar para as almas dos ceifeiros. Um paraíso todo seu.

Os olhos de Sabina, ainda mais claros do que há alguns momentos, reviraram lentamente para encontrar os meus. Seu rosto e os lábios começaram a ficar cinzentos. Um estalo se partiu em sua bochecha. — Você promete, arcanjo?

— Eu acredito — disse eu com firmeza.

— Adeus, Ellie. — Sabina respirou e fechou os olhos. Seu aperto na minha mão afrouxou. — Faça isso brilhante — sussurrou. E com essas palavras peculiares, ela se foi.

Raiva fervia dentro de mim, uma torrente de fúria e sede de sangue. Nós não deveríamos perder mais ninguém. Sabina não deveria ter morrido. Eu me levantei e invoquei minha espada novamente. Fogo Angelical brilhou quando

caminhei em direção a Xastur. Cadan se afastou, o calor do fogo divino quase escaldante na pele dele. Os olhos de Xastur estavam selvagens e ele lutou contra a minha espada Khopesh, empalando-o na parede através de seu peito.

— Viu o que você fez? — rosnei para ele e apontei minha lâmina de fogo na direção dos restos de Sabina. Os outros ceifeiros angelicais se fecharam atrás de mim e assistiam em silêncio.

— Isso não fui eu! — uivou Xastur. — Eu não a matei!

— Aquele que fez estava agindo sob suas ordens — atirei, e coloquei a lâmina em seu rosto. — Assim como aqueles que assassinaram meus amigos humanos há apenas algumas horas. O sangue deles está em suas mãos, junto com inúmeras outras vidas.

— Foi ideia do Merodach! Ele é o único...

— Ele é o próximo da minha lista — disse eu. — Não se preocupe. Vou matar cada um de vocês.

— Ele também? — latiu Xastur, apontando para Cadan. — E ele?

Olhei por cima do meu ombro para o ceifeiro demoníaco com o olhar de fogo-opala preso no meu rosto.

— O filho de Bastian luta por mim agora. Ele arriscou a vida por mim e por aqueles que eu amo.

Xastur xingou e cuspiu uma bola vermelha no chão de cimento aos pés de Cadan. — Traidor! O senhor das almas virá por você.

Cadan não disse nada.

Pressionei a ponta da minha espada na base da garganta de Xastur e ele assobiou pelo Fogo Angelical deixando sua pele vermelha. — Nós nos encontraremos com Sammael mais cedo ou mais tarde. Mas primeiro, lidaremos com você. Há uma razão porque ainda não te separei da clavícula até a virilha.

— O que você quer? — O ceifeiro demoníaco riu. — Informação? Você acha que eu vou te dizer onde está nosso Senhor?

— Não — disse eu —, preciso de algo mais de você. Eu o deixarei ir se você cooperar.

Ele riu ainda mais alto. — Como você sabe que estarei dizendo a verdade?

— Essa é a pergunta de um milhão de dólares, não é? — perguntei. — Suponho que terei que fazer você querer me dizer a verdade.

Minha espada Khopesh abriu sua pele e deixou o Fogo Angelical entrar. Os gritos do ceifeiro ecoaram pela fábrica.

* * *

Havia tanto sangue no chão no momento em que Xastur começou a grasnar que um rio largo de vermelho dividiu a sala em duas. Os pedaços que eu cortei dele se transformaram em pedra aos meus pés e eu os chutei longe. Não muito do seu rosto ficou reconhecível, e eu nunca poderia ter carne suficiente dele para compensar Sabina, Landon e as outras crianças assassinadas hoje à noite.

— Por favor — cuspiu Xastur sangue. Sua cabeça estava baixa e um olho se esforçava para se concentrar no meu rosto. Seu outro olho não estava mais lá. — Eu te direi qualquer coisa. Qualquer coisa.

— Ellie — disse Will em uma voz cuidadosa. — Eu acho que ele já teve o suficiente.

Mas *eu* tive? Eu sentia tanto ódio em meu sangue que parecia que eu não poderia derramar o suficiente disso no chão. Xastur estava quase morto, quase onde eu o queria, mas uma parte escura e sombria de mim gostava de torturá-lo. Minha mãe odiaria ver o que eu me tornara.

Mas isso não era eu. O gelo que se formava em volta do meu coração se esgueirara das profundezas das cavernas mais escuras do meu passado, da parte perdida de mim que nunca conheceu nenhuma das coisas que agora me faziam humana: amor, compaixão, arrependimento. Esta parte de mim, os sussurros de um arcanjo que tinha um gostinho das minhas emoções humanas e preferia o sabor do ódio – até mesmo saboreá-lo. O arcanjo que eu fui uma vez agora desejava assumir o controle, e entreguei as rédeas para ele.

Inclinei a cabeça enquanto estudava o rosto desfigurado de Xastur. Arranquei minha espada de seu peito e ele gemeu de dor e caiu. — Você sabe como invocar um anjo? — perguntei a ele.

— Eu? — murmurou o ceifeiro demoníaco, e tentou se erguer. — Não. Essa coisa está no livro que Merodach tem.

— O grimório de Antares?

— Sim. Existem mais feitiços como o que convocou Lilith, mas não sei qual é o feitiço, eu juro. Eu só sei que está lá.

— O Merodach tem a única cópia do grimório? Ele tem o original, mas existem outros que você conhece?

— Há uma cópia — disse Xastur, e ofegou. — Merodach está tentando encontrar antes de você.

Esta deveria ser a cópia que Nathaniel havia escrito. — Ele não sabe onde está?

— Não, mas ele sabe quem tem. Um colecionador chamado Ethan Stone. Merodach foi pentear a costa oriental procurando por esse cara. Nós suspeitamos que ele é um psíquico e encontrou uma maneira de se esconder do demoníaco.

— Obrigada — disse eu, e me virei para os outros. — Precisamos encontrar Ethan Stone.

Eles assentiram, mas os quatro ficaram pálidos quando viram meu rosto. Presumi que era por causa do sangue.

Cadan olhou para mim com um olhar como se estivesse tentando ver o caminho em um labirinto. — O que está errado com...?

— Ellie, acho que devemos ir — disse Will com cuidado, sua expressão apertada de preocupação. Ele até parecia com um pouco de medo.

— Eu quero a cabeça dele primeiro — respondi e levantei minha lâmina.

O rosto de Xastur clareou. — Não! Você disse que me deixaria ir!

— Eu não disse que deixaria você ir vivo.

Dei um passo para trás, passei minha espada por cima do meu ombro e rasguei-a gritando no ar. A lâmina acertou a carne, o osso e se chocou contra a parede. A cabeça do ceifeiro tombou e bateu no chão antes de rolar até os meus pés. O corpo caiu no chão e se espatifou no cascalho. Precisei dar à lâmina um forte puxão para desalojá-la da parede. Quando olhei para cima, peguei meu reflexo sobre um caco de vidro de uma janela quebrada e vi o que assustou Will. Por um instante, eu pensei que era Fogo Angelical brilhando dos meus olhos, mas minhas íris quase desapareceram, substituídas pela luz branca brilhante que eu vi em meus pesadelos e temia mais do que quase qualquer coisa.

11

ACORDEI CEDO NA MANHÃ SEGUINTE, SENTINDO-ME rígida e miserável. Embora eu tenha conseguido evitar qualquer coisa envolvendo a cobertura de notícias ou especulação sobre os eventos da noite passada, uma conversa difícil com Kate ainda estava à minha frente. Eu ainda estava muito abalada. Agora ela já deveria saber sobre Landon. A mãe dela já ligou para Nana, então não havia dúvida de que ela também ligou para a Sra. Green. Tudo o que eu queria fazer era fugir de tudo o mais rápido que pudesse. Will calmamente concordou em sair parar correr comigo e nós corremos em um ritmo rápido pela estrada sinuosa perto da casa de Will. Eu não acreditava que já tivesse corrido trinta quilômetros tão rápido na minha vida. Mesmo quando meus pulmões queimaram e minhas pernas viraram gelatina, eu não conseguia parar. Se eu diminuísse a velocidade, então tudo me alcançaria.

De volta à casa, eu me arrastei até a varanda da frente, mas Will pegou meu braço. Eu me virei para ele. O orvalho matutino cobria nossa pele, misturado com suor e o cheiro de grama. O brilho quente do nascer do sol trouxe a cor aos seus cabelos. Meus próprios cabelos pareciam estar em chamas.

— Ei — disse ele suavemente. — Você não disse uma palavra desde que saímos. Você está bem?

— Tentando ficar. — Na verdade, eu só queria ser forte e continuar. Eu não podia me permitir enrolar em uma bola, porque perdi muito. Eu ainda tinha algo para lutar.

Ele me puxou para perto, suas mãos deslizando para o meu rosto. Seus lábios roçaram os meus, quentes e macios, um cheiro eu poderia beber, e o beijei mais forte, desesperada para me agarrar a ele. Quando quebrei o beijo, mantive o olhar dele e alisei a mão em sua bochecha áspera. Meu lábio inferior tremeu quando uma onda intensa de desespero caiu sobre meu coração. Parecia que quanto mais nos aproximávamos da vitória, mais as pessoas que eu amava eram perdidas. Se eu perdesse Will, então minha alma morreria. Eu tive um gostinho do que a vida parecia sem ele e eu não aguentaria isso de novo. Por um momento

intenso e fugaz, pensei em sugerir que nós saíssemos para outra corrida, só que desta vez nós nunca voltaríamos.

— Não importa quão difícil seja — sussurrou ele —, eu estarei ao seu lado. Nunca vou parar de lutar.

— Eu também não — prometi e o beijei novamente. — Venha se sentar comigo?

Peguei sua mão e levei-o ao quintal, para o balanço onde eu costumava sentar com Nathaniel e conversar. Eu só queria balançar e deixar o movimento me enlouquecer. Will sentou ao meu lado e descansei minha cabeça em seu ombro, balançando para frente e para trás, olhando para o lago. Uma gavia se moveu não muito longe da costa, chilreando seu apelo triste para ninguém em particular.

— Você já se sentiu culpado? — perguntei a ele.

— Sobre lutar?

— Sobre coisas como ontem à noite. O que eu fiz foi muito confuso.

— Pode ter sido — concordou ele. — E apesar disso não justificar o erro, nós temos o que precisávamos desse Vir. Esta informação pode mudar o curso da guerra.

— Tão doente como é, sinto-me melhor depois do que fizemos a Xastur — confessei. — Seu sangue pode não trazer de volta as almas que ele levou por centenas de anos, incluindo as almas dos meus amigos que ele assassinou na última noite, mas estou feliz pelo que fizemos com ele. Foi a sua vez de se machucar e chegamos longe de dar ele exatamente o que ele merecia. Não sinto nenhuma culpa e sei o quanto isso é confuso. Sinto-me como se perdi um pedaço de mim ontem à noite.

— Você perdeu dois amigos — disse ele gentilmente. — E queria vingança.

— Isso não significa que eu estava autorizada a torturar aquele ceifeiro.

— Não vou julgar você, Ellie. Não seja muito dura consigo mesma.

Eu hesitei, sentindo um peso no meu peito. — O que eu fiz me fez tão má quanto eles.

— Acho que já passamos pela preocupação de lutar sujo.

— Você estava com medo de mim na noite passada? — perguntei a ele, minha voz baixa. Apenas um sussurro. — Quando viu meus olhos?

Desta vez, ele hesitou. Meu coração só bateu uma ou duas vezes, mas parecia que a vida passou naqueles segundos. — Sim.

O silêncio que caiu entre nós então, felizmente não durou muito. Marcus apareceu saindo do Grim no meio do voo e pousou no quintal. Will e eu saímos do banco e nos dirigimos para ele.

— Hey — cumprimentou ele, esticando as asas e respirando fundo. — Queria ver como vocês estão e avisar que podemos ter alguma coisa. Eu liguei para Lauren e...

— Que diabos?

Nós três pulamos e giramos. Kate estava no topo da colina ao lado da casa, olhando para nós, bem para as asas de Marcus. Ela estava congelada e suas mãos cobriam a boca; choque e confusão se espalharam por seu rosto como uma pintura impressionista. Eu, por outro lado, estava olhando o seu cabelo extremamente *azul*.

— Que *diabos*? — repetiu ela.

Meu queixo caiu. — Meu Deus, Kate. O que diabos aconteceu com o seu *cabelo*?

Ela parecia espantada. — Por que diabos ele tem *asas*?

Marcus recolheu as asas num piscar de olhos e foi em direção a ela. — Querida — disse ele gentilmente, como se persuadisse um animal assustado. — Querida — disse ele novamente.

— Eu não estou drogada — murmurou Kate, sua voz vazia. — Não estou drogada e acabei de ver que você tinha asas.

— Não, querida. Do que você está falando?

Ele estendeu a mão para ela e ela bateu nelas. — Não minta para mim! Você tinha malditas *asas*! Eu as vi! Assim como aquelas coisas da noite passada! Que diabos? *Que diabos*? Você é um deles!

Então ela enlouqueceu. Ela soltou um grito de gelar o sangue e se afastou dele, mas ele a agarrou e puxou-a para o peito, segurando-a com força. Ela se debateu e gritou enquanto ele cantava suavemente para ela, mas ela não relaxava.

Corri em direção a eles e segurei o rosto de Kate. — Kate, acalme-se. Tudo bem. — Eu a silenciei, mas ela chorava histericamente.

— Estou louca — murmurou ela, uma e outra vez. — Eu estou louca. Estou totalmente louca.

— Você não está louca — disse eu.

Ela caiu pesadamente nos braços de Marcus. — Apenas me solte. Solte-me, droga.

Eu podia ver no rosto dele que essa era a última coisa que ele queria que acontecesse. Se ele queria se revelar a Kate, ficou claro que não era assim que planejava fazer. Ele lentamente afrouxou o aperto sobre ela e ela tropeçou, limpando o rosto coberto de lágrimas com o braço.

— Por favor, me diga que estou louca — implorou ela. — Por favor, diga que o que eu vi ontem à noite não era real e não acabei de ver suas asas, e você não é um daqueles monstros. Marcus, não se atreva a mentir para mim.

— Eu nunca mentiria para você — disse ele, a dor em seu tom transbordando de honestidade e vergonha. — Você não está louca. O que você viu foi real.

— Pare de foder comigo! — gritou ela de raiva.

— Eu não estou! — atirou ele.

— Ele está dizendo a verdade — disse Will, o olhar em seu rosto mortalmente sério.

Kate olhou para ele e, em seguida, olhou suplicante para mim. — Ellie, você é minha melhor amiga. Por favor, não fode comigo. Landon está *morto*, pelo amor de Deus. Ele está morto! Eu não dormi. Ainda estou apavorada. Por favor, *por favor*, me diga, honestamente, o que diabos está acontecendo.

— Não sei o que dizer — gaguejei. — Mas você não está louca. Marcus, mostre a ela. É tarde demais para esconder isso.

Ele fechou os olhos e sua mandíbula apertou, e fez algo que ele provavelmente nunca fez. Ele mostrou suas asas para um humano. As penas marrons-pardas cintilavam douradas na luz da manhã, aquela qualidade incomum de ceifeiro, dando-lhes uma espécie de brilho. Os olhos de Kate se arregalaram como maçãs e ela se ajoelhou na frente de Marcus quando ele abriu as asas.

— O que você é? — respirou ela. — Você é um anjo?

Ele balançou a cabeça. — Eu sou um ceifeiro. Como Will.

Will olhou para mim, questionando-me com os olhos. Eu assenti e ele sabia o que fazer. Ele tirou a camisa e soltou-a na grama. Kate ficou boquiaberta para ele, uma lágrima escorrendo por sua bochecha. As asas brancas de Will se abriram e Kate pulou de surpresa. Suas mãos cobriram a boca e ela sussurrou algo que

não consegui entender. Ajoelhei-me ao lado dela e a puxei para os meus braços. Ela tremeu e estremeceu como se estivesse congelando.

— O que está acontecendo? — murmurou ela baixinho. — O que está acontecendo? Isto não é real. Não é real...

— Kate, querida — disse a ela, e coloquei minha testa na sua. Sua pele estava fria e úmida. — Está bem. Não tenha medo. Explicarei tudo para você, se quiser.

— Como você pode explicar isso? — perguntou ela. — Nada disso faz qualquer sentido. Essas coisas mataram meus amigos, pessoas que conheço desde o jardim de infância. Eles são *ceifeiros*? E Marcus é um deles. E Will. E... *você*? — Ela se afastou para olhar para mim, seus olhos arregalados e pupilas minúsculas alfinetadas de preto afogando em azul.

— Não — jurei —, não sou como eles e eles não são as coisas que atacaram a festa. Aqueles eram ceifeiros demoníacos. Will e Marcus são ceifeiros angelicais. Eles nos ajudam, me ajudam a lutar contra os demoníacos.

— Ajudam você a *lutar*?

— Will e Marcus não são anjos — expliquei. — Mas eu sou.

Um pouco do velho eu de Kate voltou. — Só porque você é protegida e meio puritana não faz de você um anjo.

Não pude deixar de sorrir um pouco. — Não, literalmente. Eu sou o Arcanjo Gabriel. Fui enviada aqui para proteger almas humanas dos ceifeiros demoníacos, as mesmas criaturas que mataram meus pais. Os ceifeiros angelicais estão do meu lado. Will é meu Guardião, o ceifeiro angelical mais forte que os arcanjos poderiam encontrar. Ele é como meu guarda-costas, e é por isso que estamos juntos o tempo todo.

Seus lábios se separaram e eu poderia dizer que ela estava calculando em sua mente. — Eu sempre soube que ele não era seu tutor. Nenhum tutor é tão quente assim.

Eu ri alto, uma risada nervosa, mas feliz. Eu a abracei apertado, sentindo uma enorme quantidade de alívio e medo. Eu estava tão feliz por finalmente ter derramado minhas entranhas para a minha melhor amiga, mas também estava apavorada de trazê-la a esse mundo, eu estava tão desesperada para compartilhar com ela. — Vamos entrar, ok? — sugeri. — Pegar um pouco de café.

* * *

As mãos de Kate não tremiam mais enquanto segurava a caneca fumegante de café. Bem forte. Ela disse que precisava do chute na cara para pensar claramente. Nós nos sentamos ao lado uma da outra no sofá da sala de estar enquanto Marcus sentava na cadeira do outro lado de Kate e Will se encostava à parede, um pouco afastado, com os braços cruzados sobre o peito.

— Não posso acreditar no que realmente aconteceu com sua mãe e seu pai — disse ela fracamente. — Eu sinto muito por você ter que guardar tudo isso – manter *tudo* em segredo.

— Não foi fácil — concordei.

— Isso significa que Landon está no inferno?

— Não — disse eu —, matei o ceifeiro antes mesmo que ele fizesse isso. Não sei quanto um ceifeiro demoníaco precisa ingerir para ter uma alma, para ser honesta. Mas leva pelo menos uma mordida, e não estava disposta a arriscar.

Seus olhos se moveram de Marcus para Will e voltaram. — E vocês dois. Vocês não comem pessoas. Vocês lutam contra aqueles que fazem.

Marcus se inclinou, colocando uma mão no joelho dela. — Certo. Nós somos soldados, basicamente. Alguns de nós luta na batalha, outros protegem as relíquias sagradas daqueles que as usariam para o mal. Nós vivemos por centenas, milhares de anos.

Ela engoliu em seco. — Quantos anos você tem?

— Duzentos e doze… ish. Perdi a conta.

— Uau — respirou ela. — Isso explica muito, no entanto. Você teve muito tempo para ganhar experiência. Eu me perguntei como você era tão bom em…

Will limpou a garganta e ela deu-lhe um olhar curioso. Marcus sorriu muito satisfatoriamente.

— E você? — perguntou ela a Will.

— Seiscentos e vinte.

Ela bufou. — Vamos torcer para que siga o padrão, pelo bem de Ell.

Minhas bochechas se acenderam em chamas e fiquei de boca aberta para ela. Eu não sabia se já estive mais envergonhada do que naquele momento. — Uau, *sério*, Kate?

— Sim, sério. Eu tenho que cuidar da minha garota, certo?

Sorri para ela e suspirei. — Há coisas mais importantes para pensar agora, sabe.

Ela encolheu os ombros. — Se você insiste — resmungou ela.

— Como o seu cabelo azul!

Kate suspirou. — Não consigo tirar o marcador azul. Devo ter tomado seis banhos e ainda está azul. Tenho certeza que terei que tirar a cor e voltar a pintar.

Tentei oferecer um sorriso simpático. — Não é tão ruim assim.

— Mentirosa.

— Você quer conversar? — perguntou Marcus.

Ela deu-lhe um olhar triste disfarçado com um pequeno sorriso. — Sim. Deveríamos.

Kate e Marcus saíram para a varanda, deixando Will e eu sozinhos. Ele observou o chão, mãos entrelaçadas, perdido em pensamentos.

— Eu me sinto tão em conflito — disse a ele. — Estou tão feliz que Kate sabe, mas não consigo tirar o que aconteceu com Landon da minha cabeça. Eu tentei protegê-los, mantendo-os longe deste mundo, mas Landon ainda está morto. Meus pais, Nathaniel, Sabina, Landon... não posso perder mais ninguém. Meu coração não aguenta.

— Algumas coisas estão fora de nosso controle — disse ele. — Temos que aprender a aceitar e nos adaptar.

— Eu nunca quis que Kate tivesse que se adaptar — confessei. — Não para isso.

— Agora tudo se resume ao que ela quer. Ela pode ser mais feliz. Sua relação com Marcus poderia melhorar. Você não foi a única a esconder uma vida dupla dela.

Eu sabia o que ele queria dizer, mas eu não sabia se poderia suportar o perigo que Kate estaria correndo e a vulnerabilidade de ser uma garota humana comum em um relacionamento com um ceifeiro imortal que tinha muitos, muitos inimigos. Pensei em Emelia, a garota que Cadan amou muito tempo atrás. Eu não queria que a Kate acabasse como ela, mas não era o meu lugar para decidir o que era certo para Kate. Sua vida era dela e se ela queria Marcus, isso era algo que eu teria que aprender a aceitar.

Eu me levantei do meu assento e fui para a cozinha. As janelas estavam abertas e pude ouvir Kate e Marcus conversando na varanda. Mesmo que eu não tivesse voz no que Kate faria, não doía tentar encontrar algum consolo.

— Você ia me contar? — perguntou Kate a ele.

— Essa é uma pergunta engraçada — disse ele —, porque ontem à noite eu decidi que iria. Eu não sabia se queria que qualquer coisa mudasse entre nós, porque eu amava como as coisas estavam. Se você soubesse o que eu era, o que Ellie era, o que está realmente lá fora... eu não queria te assustar e não queria colocar você em risco. Mas ontem à noite, quando os ceifeiros atacaram, você foi tão corajosa e determinada em tirar seus amigos de lá. Eu praticamente tive que arrastar você para fora daquela casa. Eu assisti você ir embora e não pude deixar de pensar que maldito ceifeiro você teria sido. Melhor ainda, você é uma garota infernal.

Ele sorriu para ela e ela sorriu. — Se eu fosse tão forte quanto você, eu definitivamente poderia chutar sua bunda.

— Não duvido — disse ele. — Mas você não precisa do meu tipo de força. Um simples olhar seu me aleija. Estou à sua mercê.

Ela levantou a mão e passou um dedo ao longo da cicatriz em seu rosto e pescoço. — Você poderia me dizer como realmente conseguiu isso?

— Fogo de demônio — disse ele. — Não menti quando disse que eu recebi isso em uma luta. Eu só não disse com quem. O Belial Caído, um demônio. Ele quase me matou.

Sua expressão ficou séria e grave, todo humor perdido em seus olhos. — Então o que acontece agora?

— Você tem que decidir — disse ele —, se eu valho a pena. Você pode se afastar de mim hoje, e sendo honesto, você provavelmente deveria, mas você precisa me ouvir primeiro. Por que vale a pena, eu não quero que você vá. Eu amo você, Kate, e preciso de você na minha vida.

Ela mordeu com força o lábio inferior e enxugou uma lágrima no canto do olho. Eu não sabia quando foi a última vez que a vi chorar. — Por quê? Por que você me ama? Você tem mais de duzentos anos e é um maldito caçador de monstros. Por que eu sou importante para você?

— Porque não me lembro da última vez em que me diverti tanto quanto quando estou com você — disse ele e um sorriso começou a crescer. — Você é meu

par. Você é hilária, forte e bonita. Você é humana e deveria ser tão frágil, mas não é. Você é feita de pedra, e quando estou com você me ajuda a me sentir mais forte. Posso esquecer o que eu sou, este instrumento de destruição e guerra, existindo apenas para matar e morrer, e posso ser uma pessoa. Deus, eu não quero deixar isso pra lá. Não posso deixar você ir.

Suas lágrimas caíam livremente agora. — Você não precisa. Não tenho medo de você e também amo você. Fico feliz que conheço esse seu lado. Eu quero saber tudo sobre você.

Ele segurou o rosto dela, seus dedos entrelaçando seu cabelo loiro. — Eu vou te dizer. Contarei tudo e te mostrarei tudo. Eu quero que você me conheça.

Ele a beijou ferozmente, seus corpos se fundindo, e senti o alívio que eu desejava desde a noite passada. Era perigoso para ela estar com ele, mas ele podia protegê-la daqueles que a usariam para chegar até ele. Ele a manteria longe deles e perto de seu coração. O fato de ser um ceifeiro angelical não era o seu segredo. *Ela* era o segredo dele.

12

POUCO TEMPO DEPOIS, KATE E MARCUS VOLTARAM para a sala e se sentaram um ao lado do outro no sofá. — Eu fiquei um pouco distraído, mas eu ia te dizer o que soube de Lauren esta manhã — disse ele.

Olhei interrogativamente para Kate. — Você está bem em ouvir isso?

Ela assentiu, seus lábios apertados. — Sim. Estou dentro.

— Tudo bem — disse eu. — O que você tem, Marcus?

— Não é uma grande vantagem, mas é algo — continuou ele. — Liguei para Lauren, porque Xastur disse que este Ethan Stone pode ser um psíquico. Ela disse que conhecia o nome e que Nathaniel estivera em contato com ele. Ela está pesquisando por registros telefônicos antigos, e-mails, tudo para encontrar um possível local para esse cara.

— Isso é uma boa notícia — disse Will com um suspiro. — É uma pausa que realmente precisamos. Ela está na casa dela?

— Sim — disse Marcus. — Você e Ellie devem ir até lá e ver o que ela conseguiu. Posso ficar aqui e olhar o escritório de Nathaniel. Se eu encontrar algo que suas habilidades clarividentes possam ajudar, eu te darei um aviso.

— Ótimo — concordei. — Deve haver registros de comunicação. Nathaniel manteve tudo quando passou a lidar com médiuns e as habilidades de Lauren podem realmente acelerar isso.

— Clair… o quê? — perguntou Kate. — O que isso significa?

— Significa que ela pode ler a assinatura psíquica de um objeto apenas tocando nele — expliquei. — Ela sente coisas e vê informações: o que é, onde está, a quem pertence. Ela provavelmente está passando pelas coisas de Nathaniel para sentir uma conexão com Ethan Stone. Se ele é um psíquico tão poderoso como nos foi dito, então Lauren não o perderá.

— Isso é muito legal — respondeu ela, mas parecia muito triste. — Ela estava namorando Nathaniel, certo? O amigo de Will que morreu?

Marcus pegou a mão dela e apertou-a. — Sim.

Seu olhar caiu e ela pareceu juntar as coisas, entendendo melhor o que o relacionamento dela com Marcus poderia significar.

— Vamos — disse eu a Will. A tensão na sala acabou de se tornar muito espessa para respirar e era hora de começar a trabalhar. Ele e eu saímos e fomos para o meu carro, deixando Kate e Marcus para descobrir o que eles ainda precisavam.

* * *

Na terceira batida, uma mulher que eu não conhecia respondeu à porta de Lauren. Ela tinha uma expressão agradável até que pareceu me reconhecer. Ela olhou de mim para Will e depois bateu a porta nos nossos rostos. Pulei e olhei para a porta fechada em choque. Eu bati de novo. Duas pessoas discutiram em voz baixa do outro lado antes que a porta se abrisse uma segunda vez e Lauren apareceu.

— Ellie, Will. — Lauren nos cumprimentou com um sorriso de desculpas. — Ótimo ver...

A porta se abriu mais e a mulher voltou com um olhar de desgosto no rosto. — Vocês têm que ir. Os dois. Agora.

— Mãe, por favor — implorou Lauren a ela. — Eles são bons. Eles são meus amigos.

A mãe de Lauren balançou um dedo irritado para nós. — Vocês vão deixar minha filha sozinha. Entenderam? Vocês não são bem-vindos aqui.

— Tudo bem — disse eu, e comecei a recuar. — Nós iremos. Venha, Will.

Nós começamos a ir em direção ao carro, e a mãe de Lauren desapareceu atrás da porta.

— Eu sinto muito — disse Lauren quando nos alcançou. — Minha mãe não gosta de ceifeiros. Odeia, na verdade.

— Pensei que sua avó era a outra psíquica em sua família — disse eu. — Como ela sabia que era o Will?

— Ela sabe quem você é — explicou Lauren. — E ela sabe, por crescer com a minha avó e me criar, que você tem um guardião ceifeiro. Juntou dois e dois, eu acho. Por favor perdoe sua grosseria. Saber sobre ceifeiros durante toda a sua vida, saber o que eles fazem e ser incapaz de vê-los escondidos no Grim deu-lhe um

grande medo deles. Ela não quer ter nada até com os ceifeiros angelicais, e está sempre ressentida em como eu te ajudo. Ela tem medo do que ela não compreende.

— Está tudo bem — disse eu honestamente. — Nós podemos vir mais tarde se sua mãe não estiver. Não quero que ela fique chateada.

— Não, não — respondeu ela —, isso é muito importante. Eu vou pegar minhas coisas e ir para a casa. Deixe-me dizer adeus para minha mãe muito rápido.

— Claro — disse eu, e a vi desaparecer lá dentro.

Will cruzou os braços. — Sinto muito que você teve que ver isso. Eu não sabia que a mãe dela estaria aqui.

— Não é grande coisa. Ela tem suas razões para seus sentimentos.

— Estou feliz que você não esteja chateada — disse Will.

Lauren voltou com uma pilha de livros e arquivos cheios de papéis, que Will prontamente pegou dela e levou para o meu carro. Nós voltamos para a casa de Will, onde Marcus e Kate estavam verificando as caixas no porão. Algumas foram rotuladas como NÃO DESCARTAR e outras CORRESPONDÊNCIAS. Havia papéis espalhados pelo chão enquanto folheavam cada um e os lançavam de lado. Eles pareciam muito contentes de nos ver descendo os degraus.

— Por favor, não me diga que você faz esse tipo de coisa todos os dias — disse Kate, suspirando. — Eu tive uma impressão diferente de suas aventuras de Supergirl.

Eu ri. — Minhas aventuras são geralmente muito mais perigosas do que a ameaça de cortes de papel. Vocês acharam alguma coisa?

— Ainda não — disse Marcus, parecendo totalmente exausto. Ele gesticulou para os papeis que trouxemos da casa de Lauren. — Isso é mais do lixo de Nathaniel?

— Sim — respondeu Lauren. — Ainda não passei por essas coisas, então eu trouxe de volta.

— Vamos começar então — disse Will. Ele pegou uma caixa e deslizou pelo chão até mim. — Procure por qualquer coisa que possa dizer *Ethan Stone* ou fazer referência a um local na Costa Leste.

Demorou algumas horas antes que houvesse qualquer interrupção em nossa busca – e foi uma pausa muito vaga. Eu me deparei com um envelope acolchoado aberto endereçado a Nathaniel de um P.O. caixa numerada 184 em Saugerties, Nova Iorque.

— Aqui está algo da Costa Leste — disse eu, e joguei o envelope para Lauren.

Aterrissou em suas mãos e ela soltou um grito antes de largá-lo imediatamente. Todos pararam o que faziam para olhá-la, e pulei para os meus pés para atravessar a sala até ela.

— Você está bem? — perguntei, colocando a mão em seu ombro. Eu peguei o envelope e espiei dentro. — Aranha? Will é bom em esmagá-las. Will!

Seus olhos arregalados estavam fixos no papel bronzeado. Ela o alcançou cautelosamente e quando seus dedos o tocaram, ela engoliu em seco e estremeceu. Seus olhos se reviraram em orbes brancos e sua cabeça inclinou para trás, a boca aberta para liberar um grito de arrepiar a pele. O envelope saiu voando das mãos dela e a lâmpada acima de nossas cabeças quebrou em um clarão ofuscante e uma chuva de vidro. Na escuridão, o porão de repente ficou silencioso.

De algum lugar invisível, a voz desencarnada de Kate disse: — Acho que temos um vencedor.

* * *

O envelope, com o endereço para cima, estava na mesa de café com cinco pares de olhos fixos nele. Lauren e eu sentamos na mesa da cozinha até que ela parou de tremer e depois nos juntamos a todos os outros na sala de estar. Ela me garantiu que estava pronta para falar sobre o que aconteceu no porão, mas mantive um olho nela.

— Este pacote veio e foi diretamente tratado por Ethan Stone — disse Lauren. — Eu tenho certeza. Não há como dizer o que Stone enviou para Nathaniel, mas sua assinatura psíquica está presente. Então a da Ellie, por algum motivo, só que a dela é muito fraca. Não posso explicar isso, mas há algo muito, muito poderoso entrelaçado na energia desse homem, algo aterrorizante. Acredito que pode haver muito mais nele do que lhe foi dito. Ele não pode ser apenas mais um humano psíquico.

— O que você viu quando tocou? — perguntou Will.

— Uma casa enorme cercada por árvores — descreveu. — Dentro, há esculturas, pinturas, pedaços de ossos que pertenciam a santos mortos, potes de moedas amaldiçoadas, bugigangas pingando sangue mágico... Estas imagens vieram em flashes, mas eu repetidamente vislumbrei um livro encadernado em

couro sem título ou nome do autor na capa. Este livro pode não ser a cópia de Nathaniel do grimório, mas acredito que se você for para a cidade de onde veio esse envelope, então poderá encontrar Ethan Stone.

— Vamos lá — disse Will. — É a nossa melhor pista.

Assenti. — Marcus, você vai?

— Oh sim — disse ele. — Vou ligar para Ava.

— Vou pedir ao Cadan para se juntar a nós — acrescentei. — Eu sei que isso não te deixa feliz, Will, mas nossa pequena equipe é um a menos com a partida de Sabina. Precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir, e ele é forte. Nós temos sorte de tê-lo como nosso aliado.

Sua boca era uma linha apertada por alguns momentos antes de falar. — Não. Você está certa. Ligue para ele e diga que vamos amanhã.

— Obrigada — disse eu. — Vou pegar passagens de avião para nós dois. Marcus, você e Ava viajam ou voam usando... outros meios...?

Ele riu. — Você quer dizer voar com asa em vez de máquina? Não demoraria muito se viajássemos de avião e seria muito menos exaustivo. Ela e eu podemos conseguir nossas próprias passagens. Nós temos a identificação, precisamos viajar. Não é a primeira vez que pegamos um avião.

— Então nós rolamos com o que temos — disse eu. Eu estava nervosa sobre a realização desta missão, mas eu tinha meus amigos com quem eu poderia contar nas minhas costas.

— Então você ficará fora por alguns dias? — perguntou Kate.

— Sim — expliquei. — Vamos para este lugar um pouco cegamente, por isso pode demorar mais tempo. Estou contando com descobrir a localização de Stone assim que chegarmos a Saugerties.

— Você vai me avisar como você está? — perguntou ela.

— Claro — prometi com um sorriso.

* * *

Não foi problema comprar duas passagens de avião no Aeroporto Internacional de Albany e reservar alguns quartos em um belíssimo hotel em Saugerties. O problema foi descobrir o que fazer uma vez que chegamos a Saugerties depois das duas da tarde. Enquanto tomava um banho para me livrar

do jetlag, Will procurou a localização dos correios no meu telefone. Marcus e Ava não chegariam por mais duas horas, e Cadan voaria depois do escurecer, é claro, então era apenas Will e eu por agora. Eu me vesti no banheiro e levei meu secador de cabelos para dentro do quarto para terminar de me arrumar.

— Alguma novidade? — perguntei a Will. Liguei o secador e sentei-me na beira da cama.

Ele se sentou ao meu lado e olhou para o meu secador de cabelos. — Diz você. Você é a única com antena parabólica.

— O quê? — Levei um momento para perceber que ele falava sobre o difusor ligado ao final do secador. — Isso impede meu cabelo de arrepiar.

— Ele não recebe mensagens do espaço? — perguntou ele, sua voz soando sarcástica, e pegou o secador das minhas mãos para examiná-lo.

— Me dê isso — resmunguei e peguei o secador. — Você é ridículo. Então, você conseguiu o endereço para os correios ou o quê?

— Claro.

Ele piscou para mim. Liguei o secador de cabelos e apontei-o no rosto dele. Ele beliscou meu lado e não consegui impedir o grito que me escapou. O tempo todo em que eu secava meu cabelo, ele estava bem ao meu lado, observando-me curiosamente, tocando as mechas quentes, secas e onduladas do meu cabelo, brincando com a minha manga...

Finalmente, desliguei o secador, coloquei-o na cama e olhei para ele.

— Você quer alguma coisa? — perguntei a ele com um bufo impaciente.

Ele me deu um olhar inocente. — Nunca.

— Então pare de me importunar.

— Nunca — respondeu ele com um sorriso e avançou um pouco mais.

Revirei meus olhos. — Vou te expulsar do quarto e ignorar você.

— Nunca.

Ele estava tão perto agora que eu podia sentir o gosto de sua respiração, e quando ele me beijou, enviou uma onda de eletricidade para os meus dedos. Levou apenas alguns segundos para que o calor entre nós inflamasse, seu corpo queimando contra o meu, me empurrando para a cama. Eu agitei em direção aos travesseiros e longe da borda do colchão, e ele me seguiu, moldando seu corpo à minha forma. Beijando-o agora, sentindo seus lábios contra os meus e sua língua contra a minha, me lembrou de quanto tempo passou desde que estivemos

sozinhos juntos e verdadeiramente felizes. Os beijos que compartilhamos em seus sonhos pareciam tangíveis na época, mas não agora que eu sabia que nada poderia substituir a sensação do corpo de Will no mundo real. Senti tanta falta dele, sentia falta do cheiro de sua pele, do calor e aspereza dela roçando a minha. Eu me perguntei o que ele sentiu quando me beijou, se havia algo melhor que isso para ele. Os breves minutos que consegui ser capaz de esquecer por que estávamos juntos naquele quarto de hotel foram de alívio, mas ainda não havia tempo para isso.

— Will — disse eu, arrancando meus lábios dos dele para respirar por ar.

Ele sorriu para mim antes de enterrar o rosto no meu pescoço, aninhando e murmurando em resposta.

Eu ri e me desembaracei dele. — Will. Ei.

Suas sobrancelhas levantaram interrogativamente e ele deu outra resposta rude e ininteligível. Apertei uma mão em seu peito, guiando suas costas para a cama, e suas mãos correram até minhas coxas quando eu me posicionei sobre seus quadris. Agora que eu estava no controle, levantei um dedo para que ele soubesse que eu estava séria.

— Por mais que eu adoraria ficar aqui o dia todo – talvez até para sempre – temos coisas a fazer — disse eu firmemente.

— Eu não discordo.

— Você é terrível — disse eu, rindo. — Precisamos prosseguir!

Suas mãos pousaram em meus quadris e de repente ele me virou até que eu estivesse debaixo dele novamente, o colchão saltando. Ele me beijou calorosamente e eu cedi, jogando meus braços sobre o pescoço dele, mãos cavando em seus ombros fortes. Seus dedos escovaram a pele da minha cintura debaixo da minha camisa. Nós nos beijamos pelo que pareceram horas, até que meus lábios estavam inchados e sensíveis, e seus ombros ficaram vermelhos embaixo do meu aperto. Mais uma vez, chegamos a esse impasse familiar, onde esperamos que um de nós fizesse o primeiro movimento para recuar para sempre. Desta vez, foi ele. A nebulosidade em meus sentidos começou a desvanecer e a realidade desmoronou. Por algum tempo, eu permaneci embaixo de Will, seus dedos entrelaçando meu cabelo e os meus em torno de sua camisa, dobrando meu corpo contra o dele como se eu estivesse tentando entrar em sua pele para chegar muito mais perto dele.

Mas o sonho pacífico precisava terminar algum dia e nós tínhamos uma missão para completar.

* * *

Assim que estávamos todos prontos para ir, navegamos pelo amplo hotel até o estacionamento onde o carro alugado estava estacionado. O hotel remonta ao período colonial e tinha aquele charme clássico da Costa Leste. Eu realmente queria explorar suas muitas alas e a propriedade em que estava, mas nós tínhamos coisas para fazer primeiro. Achamos o correio facilmente, mas enquanto entrávamos e os idosos locais olhavam para as tatuagens de Will em espiral por baixo de sua camiseta, eu tinha sérias dúvidas que encontraríamos muita informação aqui.

Examinei a parede de portas de metal cinza e encontrei a caixa 184. Pelo menos sabíamos que essa caixa particular existia. A pergunta era: pertencia ao misterioso Ethan Stone?

Havia uma mulher mais velha trabalhando no caixa único atrás do balcão, vestindo um cardigan rosa com gatinhos sobre uma camisa rosa. Ela olhou para mim por baixo de seu halo de cabelos grisalhos crespos. — Posso ajudar?

— Sim — comecei, sem saber como trabalhar isso. — Você poderia me dizer quem aluga a caixa 184?

— Não — respondeu ela de forma sucinta —, isso seria contra a lei federal.

Mordi o lábio e pensei muito. — Bem, ela é usada com frequência? Como em, recentemente e ainda em uso?

— Sim, o correio vem e vai — resmungou ela. — É um P.O. caixa. É isso que acontece.

Os gatinhos em seu conjunto rosa não eram muito intimidantes, apesar da aspereza da mulher. — Obrigada pela sua ajuda — disse a ela presunçosamente.

Do lado de fora do prédio, ficamos na calçada. Will não pareceu muito desapontado. — Pelo menos nós sabemos que a caixa ainda está ativa.

— Sim — disse eu. — Mas nunca descobriremos quem está usando. Então… Se eu fosse um local entediado e de cidade pequena, e houvesse possivelmente um milionário vivendo em uma casa gigantesca por aqui, possivelmente um psíquico

ou algo mais sobrenatural, o que significa que ele possivelmente não relaxa com pessoas comuns, o que significa que ele possivelmente é um recluso...

— Como você pode dizer tudo isso em um só fôlego?

— Cale-se. Estou pensando — disse eu. — Esse cara é provavelmente a única coisa legal para se falar por aqui, com exceção dos shows de cavalos anunciados em todos os lugares. As pessoas realmente gostam de cavalos em Saugerties, eu acho. De qualquer forma, Ethan Stone provavelmente seria como o Boo Radley dessa cidade, sabe?

— Quem?

— Significa que ele seria uma lenda urbana, só que ele realmente é algo sobrenatural — disse eu. — O que significa que enquanto os adultos da cidade podem nos encarar, os garotos locais adorariam assustar os turistas com a história.

— Mas por quê? — Will olhou para mim um pouco vesgo. — Não entendo porque eles se importariam.

— Isso é porque você é um replicante[9]. Agora vamos embora.

Peguei a mão dele e o arrastei pela rua. Essa parte de Saugerties era realmente como um cartão postal. Foi estranhamente singular. Descemos a rua pitoresca até eu ver a loja local de sorvete, seus bancos na frente lotados de adolescentes. *Bingo.*

Puxei Will até a janela para pedir. Imaginei que deveríamos nos misturar com todos – e eu pegaria um sorvete com isso também. Após pegar meu sorvete com biscoito habitual, fiz com que Will pedisse alguma coisa. Ele pegou um pequeno copo de cerveja, claro, e então nos sentamos em um banco com outro casal. A garota sorriu educadamente para nós e o menino deu a Will um aceno de solidariedade viril.

— Lindas tatuagens — disse o garoto. — Fez na cidade?

— Cidade de Nova York? — respondeu Will. — Não, em Roma.

— Estilo interessante e os símbolos são muito legais. Ouvi que os tatuadores italianos são os melhores.

— Ela não é italiana, mas é incrível.

---

9 Faz referência ao filme Blade Runner, um policial que caça seres humanos artificiais que são chamados de replicantes.

Sorri e dei uma mordida no meu sorvete. Acontecia de eu ser a não-italiana, artista *incrível* de suas tatuagens quinhentos anos atrás, quando ele se tornou meu Guardião.

— Vocês são daqui? — perguntou a menina, uma loira atraente e curvilínea.

— Não — respondi —, eu sou de Michigan e ele nasceu na Escócia.

— Uau — disse ela. — Vocês dois percorreram um longo caminho. Estão de férias?

— Quase isso. Vocês moram aqui?

— Sim — disse o menino. — Nascidos e criados, nós dois. Eu sou o Scott. Esta é a Leah.

— Ellie e Will — disse eu, e gesticulei para ele ao meu lado. — Então, vocês provavelmente conhecem todas as coisas legais para verificar. Sabem, as coisas que não são anunciadas a cada metro e meio.

Scott encolheu os ombros. — Na verdade, não. É muito chato aqui. Há alguns lugares que as pessoas dizem que são assombradas, e tem esse complexo na estrada do condado rota trinta e três...

— Complexo? — Isso chamou a atenção de Will.

— As pessoas dizem que é uma instalação do governo ou algo assim — disse Leah quase desdenhosamente. — Como se eles estivessem construindo robôs lá em cima. É estúpido.

— Você só acha isso porque nunca viu — zombou Scott dela.

Ela revirou os olhos. — Não é real! Vocês são tão idiotas.

Scott virou a cabeça para nós. — Eu vi. Confie em mim. Tem um enorme muro ao redor da propriedade e sempre tem caras no portão carregando armas. Há uma casa em uma colina que leva a entrada e é enorme. Temos certeza que eles fazem experimentos mutantes ou algo assim.

— Ouvi dizer que a casa era de propriedade de algum bilionário louco — ofereci, esperando conseguir mais informações dele.

Ele encolheu os ombros. — Sim, algumas pessoas dizem que ele é um ladrão que rouba coisas valiosas do mundo todo. Eu nunca o vi, no entanto. Apenas vi os guardas na frente e luzes acesas na casa.

— Legal — disse eu, e olhei diretamente para Will. — Devemos verificar este lugar.

— Parece um plano — concordou ele.

Voltei-me para Scott e Leah e me inclinei sobre a mesa. — Onde mesmo que você disse que esta casa ficava?

13

MARCUS E AVA FINALMENTE CHEGARAM AO hotel, e depois de se registrarem, nos reagrupamos no meu quarto. Eles se sentaram em um par de cadeiras na mesinha junto a grande janela com vista para o jardim lá fora, e Will e eu nos sentamos na beira da cama, informando-os sobre o que descobrimos na cidade mais cedo. Enquanto isso, os ceifeiros angelicais pediram uma tonelada de entrega, que invadiu o quarto. Eu pedi um pouco de arroz frito e alguns pedaços de pizza, mas isso era apenas uma fração do que foi encomendado – e rapidamente devorado. Will levou os guardas que Scott mencionou muito sério. Quando Cadan chegou, eu contei tudo a ele e nos vestimos. Não sabíamos muito sobre este misterioso Ethan Stone. Mentalmente me preparei para estar pronta para qualquer coisa.

Passar pelo portão da frente da mansão foi extremamente fácil. Havia dois guardas visíveis, mas voamos sobre eles, escondidos no Grim, e aterrissamos com segurança no fundo da área arborizada que se estendia em toda a propriedade. A casa estava bem iluminada até tarde da noite, e não pudemos ver nenhum ceifeiro no Grim além de nossas próprias forças. Cadan se separou de nós para encontrar um caminho para dentro que não era a porta da frente.

— O demoníaco poderia estar protegendo o interior — sugeriu Ava.

— Não temos certeza de que esta é a casa de Stone — disse Will. — Temos que prosseguir com extrema cautela. Não sinto nenhum poder demoníaco, mas eles podem estar suprimindo a energia deles.

Assenti em concordância. — Se Stone ou a cópia do grimório não estiverem lá, precisamos sair rápido e limpo. Não perderei mais ninguém.

De repente fiquei ensurdecida pelo gemido de uma sirene vindo da casa. Minhas mãos apertaram meus ouvidos e olhei através das árvores em confusão.

— Eles sabem que estamos aqui! — gritou Marcus.

— Cadan! — gritei horrorizada. Foi ele quem provavelmente disparou os alarmes, e ele estava lá fora sozinho, em qualquer confusão que entrou. Eu não podia deixar ele lutar sozinho. Corri através das árvores e irrompi no gramado

aberto, que agora estava iluminado por holofotes. Esforcei-me para me esquivar das luzes e ficar escondida. Eu podia ouvir os passos dos ceifeiros que se mantinham atrás de mim e o crepitar de tiros em todos os lugares.

Não houve mais tempo para encontrar um caminho para dentro que pudesse fornecer cobertura. Voei sobre uma balaustrada e quase escorreguei no terraço que levava à mansão. Eu subi os degraus de pedra e me abaixei entre colunas imponentes para romper as portas da frente.

— Cadan! — gritei, deslizando através do piso de mármore brilhante na escuridão quase completa. Os holofotes que rodeavam os terrenos projetavam faixas austeras que iluminavam o interior da casa por apenas momento antes de desaparecer novamente. — *Cadan!*

A resposta foi um tiroteio. Eu me abaixei e rolei pelo chão para mergulhar em uma sala de estar que dava para o hall de entrada, enquanto balas atingiam as paredes e vidro ao meu redor. Will, Marcus e Ava foram trabalhar, colidindo com nossos atacantes. Raios negros e sombrios de poder e o curto e desorientador flashes de luz de armas de fogo tornavam difícil ver qualquer coisa. Balas arrancaram pedaços das colunas de mármore, rasgaram madeira e gesso, e acima do rugido da destruição ouvi homens gritando ordens.

Mas onde estava Cadan? Um nó terrível apertou meu intestino.

Corri do meu esconderijo para outra sala enquanto as balas faziam a armação da arcada explodir em lascas. Avistei um dos ceifeiros que estava de costas para mim e se afastando dos outros. Rastejei atrás dele rapidamente e joguei minha mão para frente, tirando a arma do seu aperto. Agarrei sua garganta, cavando minha mão com força sob sua mandíbula, e o puxei para mim, batendo suas costas contra a parede. Sua aparência petrificada não me incomodou.

— Onde está Cadan? — gritei, sabendo - e não me importando – que eu provavelmente parecia tão selvagem quanto ele.

Ele balançou a cabeça e murmurou para mim. Eu o puxei e o empurrei na parede novamente, esmagando o gesso, e ele gritou de dor.

— *Onde ele está?*

— Ellie!

Olhei por cima do meu ombro e vi Ava correndo em minha direção. Um ceifeiro entre nós balançou a coronha do seu rifle na lateral do rosto dela com um estalo. Ela rosnou para ele, agarrou-o pelo pescoço, e o jogou do outro lado da sala.

Seu corpo caiu em um lustre em uma chuva de vidro e cristal, e, em seguida, uma lareira, destruindo o manto e tudo sobre ele antes de bater no chão e não levantar.

Quando meu olhar voltou para os olhos aterrorizados do ceifeiro que eu havia prendido, percebi que algo estava muito errado. Ele agarrou a minha mão, puxou meus dedos presos em torno de sua garganta, e eu mal senti. Ceifeiros eram mais fortes que isso – até os mais fracos. Respirei fundo e o libertei, recuando e deixando-o cair no chão.

— Eles são humanos — falei, acenando com os braços para os ceifeiros angelicais. — Eles são humanos! Pare! Não os matem! *Eles são humanos!*

Uma bala atingiu meu ombro. Foi uma dor diferente de tudo que eu já senti, como um melhor jogador balançando um taco de beisebol no meu corpo com força total. A força me derrubou e minhas costas bateram no chão, tirando o ar dos meus pulmões. A bala alojada no meu ombro doía tanto que eu não conseguia respirar, e podia sentir o calor do sangue saindo da minha ferida. Will se agachou sobre mim gritando, mas não consegui ouvir a voz dele no princípio por causa do pesado baque do meu pulso nos meus ouvidos enquanto o sangue saía de mim. O tecido e os músculos tentando se curar e se endireitar dentro de mim era provavelmente ainda mais agonizante do que o impacto inicial em si. Eu podia sentir meu corpo empurrando a bala para a superfície, mas o que deveria ter sido alívio foi apenas a sensação ofuscante de uma furadeira elétrica passando pelo meu ombro.

O rosto de Cadan apareceu na minha visão embaçada e uma onda de alívio caiu sobre mim ao vê-lo vivo. — Oh, Deus — murmurou ele com medo. — Ela levou um tiro? Ela pode se curar disso?

— Não sei — admitiu Will, o terror era óbvio em seus brilhantes olhos verdes. — Eu não faço ideia. Ellie, por favor, fique comigo. Por favor, não vá. Por favor.

Esforcei-me para lhe dar um aceno de cabeça e tentei não me mover mais até sentir a superfície da bala passando pela minha pele e caindo no chão. Uma vez que a ferida se fechou e a dor começou a entorpecer, eu me sentei fracamente com a ajuda de Will e Cadan, fazendo uma careta de dor. — Uau, isso doeu — resmunguei, agarrando meu ombro.

— Você está bem? — perguntou Cadan enquanto olhava para mim, incrédulo.

— Sim — grunhi. — Dê-me um segundo. — Ainda era difícil respirar. O trauma no tecido mais profundo do que bala deve ter causado, parecia demorar mais tempo para curar. Até então, iria doer como o inferno. — Você não matou quem atirou em mim, não é?

— Não — disse Will, parecendo desapontado consigo mesmo. — Eu estava mais preocupado com você do que com tirar a cabeça dele.

Suspirei com alívio. — Bom. Os guardas são humanos, não ceifeiros. Diga aos outros para pararem de lutar.

— Fique de pé! — ecoou uma voz do outro lado da sala.

Will e Cadan se levantaram e virei minha cabeça para ver um homem emergindo através da multidão de humanos blindados. Ele era alto, vestido de terno, e parecia um pouco mais velho do que meu pai, com feições afiadas, e seu cabelo louro-avermelhado estava bem aparado. Seus olhos, cor de avelã sob uma sobrancelha arqueada, examinaram a cena e depois colaram firmemente nos meus. Seus lábios suaves, mas finos, carregavam uma curva de diversão, e as rugas em ambos os cantos de sua boca me disseram que ele estava lutando contra o que poderia ser um sorriso.

— Nós não teríamos todo esse problema se você não tivesse enviado um ceifeiro demoníaco primeiro — disse o homem em um sotaque inglês. — Quando você começou a trabalhar com as Crias do Inferno, Preliator?

Will desapareceu e reapareceu com o punho apertando ao redor da gola do homem e levantando-o do chão. Os fuzis dos guardas se levantaram e se encaixaram. — Quem é você? — rosnou Will, levantando o homem mais alto.

— Não atire — gritou o homem para seus guardas. — Abaixe-me, Guardião, e podemos resolver isso como criaturas civilizadas.

— Diga-me quem você é primeiro!

— Stone — disse o homem finalmente. — Ethan Stone. Agora, se você gentilmente…

Will soltou e o homem caiu no chão com um grunhido. — Ok, Ethan Stone, como você sabe quem somos?

Stone se levantou e limpou a poeira de seu terno, dando a Will um sorriso arrogante. — Eu não preciso invocar qualquer talento telepático para dizer o óbvio uma vez que eu tenha olhado para vocês. Mais uma vez, tudo isso poderia ter sido

evitado se vocês tivessem simplesmente batido na porta ao invés de mandar um ceifeiro demoníaco. Isso estava pedindo confusão.

Dei um passo doloroso em direção a Stone e coloquei minha mão protetoramente no braço de Cadan. — Ele é meu amigo e irmão do meu Guardião.

Os olhos castanhos de Stone se encheram de surpresa. — Essa certamente não era a resposta que eu esperava. Não só amigo, mas *irmão*?

— Longa história — respondeu Cadan. — Muito escandaloso.

— Não estamos aqui para conversar — disse Will quando Ava e Marcus se aproximaram de ambos os lados dele. — Nós viemos para pegar de volta o que você roubou.

— Sim, sim — disse Stone, cansado, acenando com a mão desconsiderando. — Eu já sei disso. Vocês querem a cópia do grimório do Senhor do Oeste feita pelo ceifeiro angelical. Eu sabia que vocês estavam vindo.

— Se você sabia que nós estávamos vindo, então por que abrir fogo em nós? — perguntei, confusa.

— Como eu disse — respondeu Ethan Stone. — Eu não esperava o ceifeiro demoníaco. Meus homens estavam apenas defendendo – e infelizmente destruindo – minha propriedade contra aqueles que eles foram treinados para lutar.

— Você é um vidente, não é?

Ele encolheu os ombros. — De certo modo.

— Então você entende por que precisamos desse livro — disse eu. — Não quero levá-lo à força. Se você sabe quem eu sou, então sabe que eu só quero parar os Caídos.

— Eu sei o que você está tentando fazer — respondeu Stone. — E quero te ajudar. Eu quero que você tenha o livro.

— Obrigada — disse eu sinceramente. — Cadê ele?

Ele começou a se virar, acenando para eu segui-lo. — Venha. O Guardião pode se juntar a nós, se você desejar, contanto que ele não tente o tango estrangulador comigo de novo.

Assenti para Will, feliz por ele me acompanhar. Havia algo estranho em Ethan Stone. Sua resposta a minha pergunta se ele era psíquico foi enervante e duvidosa. Realmente não havia maneira fácil de provar o que ele era, mas eu precisava assumir que poderia lidar com ele, tão perigosa quanto fosse essa suposição.

Stone nos levou através de sua mansão e nunca pareceu terminar. A arquitetura era diferente de qualquer coisa que eu já vi. Os corredores tinham pequenos lances de escada nos lugares mais estranhos, e cada corredor tinha uma cor e forma diferentes para o seu design; alguns eram arqueados e forrados com colunas, outros tinham ângulos agudos e cantos com tetos abobadados. Alcovas intermitentes com iluminação elegante e tapeçarias decoravam as paredes, e algumas janelas se estendiam por dois andares e estavam cobertas de cortinas enormes.

— Você projetou este lugar? — perguntei. Eu estava ciente da proximidade constante de Will e preparada para o que quer que possa ocorrer em cada esquina.

— Sim — respondeu Stone. — Eu construo alas adicionais de vez em quando, quando começo uma nova coleção. Todas têm seus próprios temas. Eu sou um pouco obsessivo-compulsivo assim.

Olhei para o teto de quatro metros pintado com cenas bíblicas. — Entendo.

— Peço desculpas por esta longa jornada — disse Stone, olhando por cima do ombro para nós. — O livro em questão reside na minha biblioteca de livros mais raros.

— Mais raros?

— Tenho muitos livros raros para caber em uma biblioteca — explicou ele. — Então eu tenho uma segunda biblioteca para os livros ainda mais raros. Esta é menor que a biblioteca normal. Por exemplo, não tem a sua própria ala.

Decidi que esse cara era um maníaco, mas quando vi a biblioteca em questão, meus olhos quase saíram do meu crânio. Sua biblioteca *menor* tinha o tamanho da biblioteca pública da minha cidade. Havia uma sala principal forrada do chão ao teto com livros, salas menores ao lado cheias de mais livros, e escadarias em espiral que subiam para lofts cobertos com ainda mais livros. Se Nathaniel estivesse aqui para ver isso, ele teria tido um ataque cardíaco. No meio de tudo isso estava uma área de estar com gigantes cadeiras e pufes ao redor de uma mesa de café que era mais como um pedaço de madeira polida tirada do maior tronco de árvore do mundo. Quando cheguei perto da mesa, havia tantos anéis na madeira que eu imaginei haver mil. Acima da área de estar havia um candelabro feito de dezenas de chifres e galhadas muito incomuns.

Ethan Stone deve ter notado minha curiosidade e confusão, porque de repente estava ao meu lado explicando. — Todos foram tirados de ceifeiros. Chifres

e galhadas não são especialmente comuns, mesmo em demoníacos, então essa peça foi *extremamente* cara de conseguir.

Eu não tinha vontade de saber o que era *extremamente cara* por seus padrões, ou como ele conseguiu *adquirir* o lustre de chifres de ceifeiros.

— Você não quer saber — disse ele casualmente, e passou direto por mim.

Eu o olhei enquanto ele subia uma das escadarias. Will e eu trocamos olhares e seguimos o estranho psíquico. Stone navegou no segundo nível e seguiu uma parede curva de livros em um estreito corredor que levou a um belo vitral com uma imagem de um impressionante anjo vingador que parecia ser um demônio com uma enorme espada. Na frente da janela havia um pedestal de madeira com uma caixa de vidro no topo. Um livro de couro gasto e de aparência antiga estava embaixo do vidro. Stone apertou um botão na parte de baixo do pedestal e o vidro se levantou, liberando o livro.

Stone se afastou, fazendo sinal para eu me aproximar. — Está aqui há muitos anos, sob o vidro filtrante de UV, por isso está em perfeitas condições.

Levantei o livro, achando-o mais pesado do que eu pensava que seria, e a capa de couro era flexível e vincada após séculos de uso. Um feixe de esperança apareceu no meu coração enquanto eu olhava para a cópia do grimório de Nathaniel em minhas mãos, mas essa esperança piscou como uma chama de vela quando vi Will invocar a espada na existência.

— Adeus, Stone — disse Will, e levantou a lâmina.

— Espere! — gritei, horrorizada. — Pare!

Will se virou para mim, seu olhar duro. — Ele é muito perigoso para sair vivo. Ele sabe muito que pode comprometer nossas chances de ganhar esta guerra. Este composto inteiro é uma mina de ouro de artefatos para demoníacos e angelicais. Se Merodach encontrar...

— Ele é humano — disse eu, e coloquei uma mão no braço de Will, abaixando sua lâmina. — Por favor, não faça isso. Não o mate.

— É um erro deixá-lo viver.

— Não — disse eu com raiva —, você não é diferente do demoníaco? Matando humanos inocentes? Will, você é melhor que isso, eu sei disso.

— Ele não é inocente — argumentou ele.

— Mas é humano. — Eu apertei o braço de Will. — Por favor, *por favor*, Will. Você me prometeu isso, que não mataria nenhum ser humano. Isso inclui Ethan Stone.

Seu corpo endureceu e sua mandíbula se apertou com força. Ele observou o rosto de Stone com raiva, expressão conflituosa, mas isso significava que ele estava, pelo menos, considerando o meu pedido. Depois de alguns segundos dolorosos, ele guardou a espada e Stone soltou um suspiro enorme de alívio. — A senhora pediu. Você tem sorte dela ter muito mais compaixão do que eu.

Eu soltei o braço de Will e toquei seu rosto. — Obrigada — disse eu, e beijei sua bochecha. — Obrigada por isto.

— *Obrigado*, Preliator — disse Ethan Stone.

Eu me virei para ele e me assegurei de que o tom da minha voz assegurasse que Stone atenderia ao meu aviso. — Não me faça lamentar a minha misericórdia, ou voltarei aqui e eu mesma matarei você.

— Você não vai — respondeu ele. — Estou em débito com você.

— Por enquanto — comecei —, vou pegar isso. — Agarrei o grimório perto do meu peito.

Ele me olhou astutamente. — O que você planeja fazer com isso?

— Eu tenho um anjo para evocar.

— Ah — disse Stone. — Criaturas perigosas, anjos. Eu teria pensado que você estava interessada em entrar em contato com o seu anjo *interior*.

— Isso não é algo que estou disposta a falar com você — disse eu friamente. — Estamos saindo agora. Obrigada pelo livro.

Will deixou sua espada desaparecer e me seguiu descendo as escadas e em direção à saída.

— Você quer dar uma olhada mais de perto no *Ars Goetia*, Gabriel — falou Ethan atrás de nós.

Eu o encarei, olhando para ele debruçado sobre a sacada do loft. Eu queria ficar e perguntar a ele sobre tudo o que ele poderia saber e sobre todos os segredos em suas bibliotecas cavernosas, mas não era hora. Agora eu tinha o que procurava e não pararia por aqui.

Um sorriso dividiu o rosto afiado de Ethan Stone. — Feliz leitura, arcanjo.

14

PASSEI AS PRÓXIMAS QUATRO HORAS VENDO o livro, virando páginas delicadas, meus olhos se esforçando para ler a elegante caligrafia medieval de Nathaniel. Se houvesse uma maneira de evocar o anjo da morte, não estava no grimório. Pode ter estado no pergaminho original escrito por Antares, mas Nathaniel não incluiu aqui. Não foi até que aterrissamos em Detroit e estávamos atravessando Southfield que uma luz acendeu.

— Oh meu Deus — murmurei enquanto as últimas palavras enigmáticas de Ethan Stone se desenrolavam em minha cabeça. — O *Ars Goetia*. Stone, seu espertinho.

— O que é isso? — perguntou Will e olhou por cima do ombro para as páginas abertas no meu colo. — *A Chave Menor de Salomão*. Por que isso soa tão familiar?

Eu estava praticamente pulando no meu lugar. — O *Ars Goetia* é o primeiro livro do *Lemegeton*, também conhecida como *A Chave Menor de Salomão*. A versão que Nathaniel escreveu aqui é a nomenclatura original do texto do Latim Médio e descreve setenta e dois demônios que podem ser evocados, mas ele também incluiu a versão em Inglês publicada em 1904 por Aleister Crowley para referência.

— Crowley? O ocultista Crowley?

— Esse mesmo — disse eu. — E eu sei o que Stone estava dizendo quando recomendou que eu prestasse atenção a esta seção. Crowley acreditava que o Anel de Salomão, também chamado de Pentalpha, era real. Diz-se que este anel é capaz de convocar e controlar os Caídos ligados ao inferno.

— Eu ouvi falar do Pentalpha — disse Will. — Mas ninguém nunca encontrou. Só porque algum lunático em opiáceos acreditava que algo mítico existia não significa que realmente exista.

Não pude deixar de sorrir. Eu sentia que eu era a única no mundo que sabia que esta guerra estava prestes a virar a nosso favor, graças a Ethan Stone.

— O Pentalpha existe — disse eu —, porque fui eu quem fez e deu para o Rei Salomão. Ele era um médium que projetou um dos primeiros grupos de caça a ceifeiros.

Will ficou quieto e pareceu digerir o que eu disse a ele. — Ok, digamos que este Anel de Salomão seja real. Como isso nos ajudará? Nós não temos exatamente qualquer Caído que queremos evocar.

— Porque eu criei, eu tenho controle total sobre ele — expliquei. — Em vez de convocar um demônio, eu posso fazê-lo invocar um anjo. Eu evocarei Azrael.

— Você acha que pode realmente fazer isso?

— Sem dúvida.

— Ok, então — disse ele. — Vamos encontrá-lo. Uma relíquia tão poderosa é obrigada a ter um guardião – um guardião forte. Devemos olhar para os guardiões conhecidos e diminuir possíveis pistas. Ava pode ajudar com isso, mas com uma relíquia que pode invocar demônios, é provável que ela esteja muito bem escondida e...

Ele parou no meio da frase e olhou para a estrada movimentada. O carro diminuiu, mas os inúmeros faróis e sinais de néon de sinais de trânsito eram muito desorientadores e eu não conseguia ver o que ele viu.

— Qual é o problema? — perguntei a ele.

— Há algo na estrada.

Um momento depois, pude ver o que seus olhos de ceifeiro viram: a silhueta de uma figura em forma de homem estava no meio da rua movimentada. — Oh não — respirei quando um par de asas se estenderam dos ombros da figura, asas que estavam à vista dos seres humanos.

Will esmagou o pedal do acelerador no chão. O motor rugiu quando os turbos compressores entraram em ação e corremos, passando pelos carros nas outras pistas.

— O que você está fazendo? — perguntei, minha voz tremendo. Minhas mãos apertaram o painel de console. — Will, por favor, diminua a velocidade. Desacelere!

O pé dele bateu com mais força no pedal e a figura se aproximou mais. Peguei um chama eletrizante dos olhos meia-noite antes do ceifeiro se lançar do chão e sair do caminho do Audi. Will praguejou e pisou no freio. Os pneus guincharam quando o carro derrapou. Ele evitou os outros carros nas pistas,

entrando no estacionamento de um shopping e os pneus pararam bruscamente. O ceifeiro pousou no meio da rua com os joelhos curvados e de costas para nós. Faróis de veículos passando caíram em suas asas negras membranosas e reluzentes que se espalharam altas e largas, e seu poder negro como tinta rolou pelo chão em nossa direção, a pressão como frequência extremamente baixa nos meus ouvidos.

— Quem é? — perguntei.

— Merodach.

Meu estômago caiu. Quando o ceifeiro demoníaco nos encarou e chegou mais perto, Will apertou o volante até o couro gemer. Ele ainda não havia saído do carro, e percebi que eu não estava certa se algum de nós estava pronto para enfrentar Merodach ainda – e eu sabia que não estávamos prontos para lutar contra ele em uma rua de sete pistas insanamente movimentada. Havia apenas nós dois contra ele desta vez, e se o ceifeiro demoníaco reconhecesse suas chances, então ele não recuaria novamente.

Will abriu a porta e saiu para a calçada. — Merodach! Eu vou...

O ceifeiro demoníaco desapareceu em um borrão e as costas de Will se chocaram contra o capô do Audi, triturando o aço e empurrando o carro com tanta força que a ponta aterrou no pavimento e os pneus traseiros se ergueram no ar comigo dentro dele. A mão de Merodach apertou a garganta de Will enquanto sua forma se concentrava em uma explosão de poder sombrio que encharcou seu corpo e empurrou Will mais para dentro do capô.

— O quê? — cantou Merodach. — Você vai o quê, Guardião?

Era difícil ouvir as vozes dos ceifeiros sobre o barulho do tráfego noturno e os gritos de pânico dos pedestres. Eu me atrapalhei com meu cinto de segurança, sacudindo metal e plástico, até que ele se soltou. Abri a porta e Merodach olhou para mim quando pulei no chão, quebrando sua concentração apenas tempo suficiente para Will dominá-lo. Ele agarrou o pulso de Merodach e apertou até que o ceifeiro demoníaco sibilou de dor e soltou a garganta de Will. A espada de Will brilhou em existência na sua mão e mergulhou no intestino de Merodach, derramando sangue. Will empurrou o ceifeiro demoníaco para longe e chutou-o com força no peito, forçando o corpo a sair da espada e cambalear para trás. Com um rugido Will levantou a enorme lâmina e a balançou pelo ar, fazendo um corte superficial nas roupas e na pele do Merodach e gotas de sangue voar.

Will apontou sua espada na direção do ceifeiro demoníaco. — Não vai correr com o rabo enfiado entre suas pernas novamente?

— Quando eu for embora hoje à noite — disse Merodach —, meus passos pintarão o chão com o seu sangue.

Will se lançou no Vir, mas a própria lâmina de Merodach cortou o abdômen de Will. Will dobrou-se, segurando a sua ferida e Merodach virou para mim. Minha espada pegou a dele, parando, mas ele girou a lâmina dupla e evitou minha segunda espada. Merodach varreu a espada em direção ao meu peito e eu fiz uma ingestão aguda de ar, incapaz de levantar minhas armas com rapidez suficiente para detê-lo. Eu me afastei do seu caminho, mas ele me seguiu e cortou novamente. Will jogou um braço sobre o meu peito e me tirou do caminho da lâmina de Merodach, e a prata cortou fundo no braço de Will em vez do meu. Ele assobiou de dor, mas não se separou do assassino demoníaco e de mim.

Merodach recuou, girando sua lâmina dupla, desafiando-nos a ir atrás dele. Will atacou e saltou no ar, espada levantada, mas Merodach agarrou o pé de Will e o empurrou com força para a estrada movimentada. Eu gritei quando Will bateu na porta de um SUV, triturando o metal, e ambos criaram mais tráfego com um estrondo ensurdecedor quando os veículos colidiram. Carros em todas as sete pistas guincharam para parar, alguns motoristas saindo de seus veículos para correr em direção aos carros capotados, outros olhando para Merodach e eu. Outros gritavam.

— Will! — Eu corri em direção à carnificina, mas ele já estava saindo dela.

Antes que eu pudesse ver quão gravemente ferido ele estava, senti uma escuridão que fez meu estômago revirar e minha garganta apertar. Parei no meu caminho e voltei para Merodach. O ar atrás do antigo ceifeiro demoníaco assumiu uma forma elástica, interrompendo os caminhos de luz de suas fontes conforme tomavam formas, não, deslizavam através do Grim. Ceifeiros demoníacos, pelo menos duas dúzias deles, emergiram em nosso mundo, a costura entre os planos puxando seus membros como fios de sombras e tinta. Havia tantos, e eles continuaram chegando. Não era de admirar que Merodach parecia tão arrogante naquela noite. Que covarde, ele temia lutar contra Will e eu, a menos que ele nos superasse em número de vários para um.

Will voltou para o meu lado e invoquei minhas espadas. Meu Fogo Angelical cintilou e flamejou na escuridão e eu vi as feridas de Merodach de perto. — Will — respirei. — O que nós vamos fazer?

— Matar todos eles — disse ele.

Eu queria ignorar as pessoas assustadas na rua com a gente e os carros desacelerando para embasbacar ou para ajudar os feridos a escapar dos destroços. Mas não havia chance. As pessoas já tiravam seus telefones para chamar ambulâncias e policiais, e de repente eu fiquei mais apavorada com isso do que com os ceifeiros. Nós tivemos sorte na luta contra o Orek em Detroit, quando nenhum de nós poderia ser identificado nas imagens granuladas capturadas pelos espectadores. Jogando esquivar-carros com ceifeiros no meio de Southfield Road e 10 Mile não deveria colocar a sorte do nosso lado hoje à noite. As autoridades chegariam em minutos. Tínhamos pouco tempo para eliminar esses ceifeiros ou mudar para uma área isolada.

Os Vir demoníacos se aproximaram, entrelaçando os veículos ou pulando sobre eles, mas eu não esperei. Nós nos encontramos em uma onda de espadas e dentes rangendo. Eu abri a garganta de um ceifeiro e chutei seu corpo para longe, mas outro apareceu ao meu lado e eu mal vi o flash de seus olhos antes de acertar meu cotovelo em sua mandíbula. Ela tropeçou em seus companheiros e eu cortei uma espada sobre o peito dela, abrindo-a bem, e ela estava morta antes de cair no chão.

Enterrei minha lâmina no coração de outro ceifeiro e olhei em volta loucamente por Will, me certificando de que ele estava bem. Ele tinha um dos Vir espetados na rua, mas um caminhão de dezoito rodas rugiu bem na direção dele, seus freios gritando. Ele arrancou a espada do corpo do ceifeiro e saltou para o ar. Suas asas explodiram através de sua camisa e bateram, tirando-o do caminho do caminhão. Os pneus gritaram quando o caminhão perdeu o controle e espalhou vários dos ceifeiros demoníacos pelo pavimento. Will aterrissou pesadamente, asas se espalharam e uma buzina soou atrás dele. Ele virou apenas a tempo de bater a mão no para-choque do carro e empurrar seu poder o máximo que pode, desabando em aço e enviando o carro para longe. Antes que pudesse se recuperar, mais ceifeiros desceram sobre ele, bloqueando-o de minha visão. Uma parede de Vir veio em minha direção, me afastando de Will – nos separando. Assim que percebi isso, senti o hálito quente do Merodach no meu ouvido.

— Eu vim reivindicá-la em nome do Senhor das Almas.

Cortei uma espada e Merodach agarrou aquele pulso e então meu outro, segurando meus braços ainda com força física incomparável. O meu Fogo Angelical estava perto o suficiente para que queimasse sua pele, mas ele agiu como se não pudesse senti-lo.

— Venha comigo tranquilamente e posso deixar seu Guardião viver.

— Mas eu não deixarei *você* viver — rosnei e enterrei meu joelho entre as pernas dele, e ele soltou um rugido de dor e raiva. Meu instinto era correr até Will e me certificar de que ele estava bem, mas ele poderia cuidar dele.

— Sua garota idiota e estúpida — rosnou Merodach quando se recuperou. Segurei minhas duas espadas enquanto o circulava, esperando que ele atacasse. — Você e seu Guardião foram esmagados esta noite. Você já teve o suficiente?

— *Você* já? — atirei. — Ou precisa de outro chute nas nozes? Eu ficaria feliz em dar.

Um sorriso cruel curvou os lábios de Merodach e ele riu, um som tão profundo e terreno que o fez meus ossos tremerem. As luzes da rua davam à sua cicatriz um brilho doentio. — Essa luta não é nada comparada aos dez mil ceifeiros demoníacos que reunimos. Vou pegar o grimório e alimentar sua alma para Sammael. Quantos mais dos seus amigos eu gostarei de matar? Depois que eu terminar com você, seu Guardião é o próximo. E então eu caçarei até o último de seu pequeno rebanho patético de ceifeiros angelicais antes de me deliciar com sua amiguinha humana loira e sua avó vidente. Sim, Preliator. Não pense que não tenho estado de olho em você.

Terror esfaqueou como pontas de metal em meus músculos quando meu corpo ficou rígido como pedra. Eu acreditei nele quando ele disse que mataria meus amigos e familiares. Ele já havia roubado de mim tantas pessoas que eu amava e muito de quem eu fui. Parecia que ele estava me separando pedaço por pedaço, arrancando pedaços da minha alma até que não restasse nada.

Mas Merodach estava errado. Eu nunca permitiria que ele levasse tudo o que eu conhecia para longe de mim. Eu precisava sobreviver. Precisava matá-lo e proteger todos e tudo que eu amava. Todas as bestas do inferno sabiam que não podiam me impedir. Eu era o arcanjo Gabriel, a Preliator, e eles sabiam que não importa quantas vezes eles me matassem, eu sempre voltava para matá-los. Por mais que me assustassem, lembrei-me do que Cadan me contou sobre as histórias

sobre mim que crescera ouvindo. Até demônios temiam alguma coisa. Os ceifeiros demoníacos tinham seus próprios pesadelos, histórias que diziam uns aos outros para aterrorizar, uma lenda que os assombrava durante o sono. Era eu. Eu era o pesadelo do inferno.

Eu o ataquei, cortando minhas lâminas Khopesh e dividindo sua pele com prata e Fogo Angelical. Ele ergueu sua espada dupla para conter meus ataques, mas eu era rápida e determinada. Merodach recuou em direção aos destroços na estrada enquanto eu o dirigia, empurrando meu poder em cada golpe de espada. Com um grito cheio de raiva, eu pulei no ar, chutando o capô de um carro para me mandar mais alto, e esmaguei minha bota no rosto do ceifeiro. Ele bateu forte no chão antes mesmo de eu pousar, mas estava de pé em um flash. No instante em que ele levantou a lâmina, eu bati nele com outra explosão da minha energia, um raio de luz branca, e ele subiu, rugindo, pelo ar.

Merodach aterrissou pesadamente na calçada e derrapou até parar enquanto os carros passavam por ele. O motorista de um sedan tocou a buzina antes de desviar para evitá-lo no último minuto e quase bateu de lado em um dos carros destroçados imóveis. Merodach ficou de pé e eu joguei meu poder nele, derrubando-o novamente. Ele rolou no chão e uivou de raiva quando se levantou de novo. Eu podia sentir seu poder construindo quase exponencialmente, reunindo forças como um maremoto. Mesmo da calçada onde eu estava, eu podia ver a fúria pura e não diluída em seus olhos ofuscantes.

Merodach atravessou as pistas enquanto avançava na minha direção, e outro carro veio correndo pela rua, mas ele não deu a chance de desviar. Seu poder detonou em uma explosão de sombras e fumaça e ele atacou atrás dele com raiva, esmagando o punho na grade do carro. A força atrás de seu golpe enviou o carro correndo pelo ar acima de sua cabeça e bateu de cabeça para baixo na estrada com um rangido de metal contra o pavimento. Eu ofeguei horrorizada, rezando por sinais de vida. Quando ninguém emergiu dos escombros, Merodach aproximou-se do carro e chutou a estrutura, enviando-o deslizando e guinchando para o meio-fio e saindo da rua. Os humanos que tentaram ajudar correram na direção oposta ou caíram no chão com medo.

— Parado!

O comando veio de alguns metros pela calçada, acompanhado pelo arrastar de passos e cliques de uma arma de fogo. Eu me virei para encontrar uma policial

com a arma apontada para o ceifeiro demoníaco. Seu automóvel, luzes piscando, estava estacionado em várias faixas para parar mais tráfego. Meu coração disparou. Se um policial estava aqui, mais chegaria em breve.

— Soltem as armas, mãos atrás da cabeça — ordenou ela.

Demorei um momento para perceber o que isso significava para mim. Eu era aquela parada ali com espadas flamejantes em ambas as minhas mãos. Merodach era a única coisa ruim aqui, mas a policial não sabia disso. Com todo meu corpo tremendo, eu deixei o Fogo Angelical morrer e coloquei minhas espadas no chão antes de levantar as mãos. Eu realmente não queria ser baleada novamente.

— Você — gesticulou ela com a cabeça para Merodach sair da estrada. — Na grama. Mãos no chão.

Ele apenas olhou para ela com um olhar vazio e não se mexeu.

— *Mãos no chão!* — repetiu ela, sua voz falhando de medo.

— Merodach — falei para ele, esperando que ele ignorasse a oficial, mas depois do que ele fizera na casa da Josie, eu não achava que ele faria. Nenhum ser humano inocente precisava se meter nessa bagunça. O ceifeiro demoníaco me ignorou e senti meu pulso acelerar. Eu precisava tentar convencê-lo a fazer isso em outro lugar. Considerei correr. Se ele queria o grimório e me levar para Sammael, então ele teria que me seguir, mas eu não podia correr o risco de deixar os transeuntes indefesos. Will estava lidando com o último dos ceifeiros de Merodach e eu estava sozinha aqui.

— Merodach — repeti com mais firmeza. Recuei no meu calcanhar, me preparando para mergulhar atrás das minhas espadas caso ele atacasse. — Esqueça os humanos. Se você me quer, então venha para mim.

Os olhos do ceifeiro demoníaco brilharam com o seu poder e sua espada lustrosa de lâmina dupla ondulou em existência.

— Solte a arma! — gritou a policial.

Merodach a ignorou e se dirigiu a mim, balançando a espada e mergulhei para pegar a minha do chão.

— Eu vou atirar!

— Não atire nele! — gritei para a oficial, tentando avisá-la. — Você só vai irritá-lo!

Sua arma moveu-se entre o ceifeiro e eu, e amaldiçoou em voz baixa pela falta de apoio. Merodach levantou a espada para mim e a policial disparou. A bala bateu em seu peito e ele nem sequer perdeu um passo. A policial xingou novamente, desta vez alto de medo, e disparou uma segunda bala certeira entre os olhos de Merodach. Sua cabeça estalou para trás e ele parou no lugar, mas não caiu. Ele se endireitou lentamente, a raiva torcendo suas feições, e voltou seu olhar para a policial enquanto um fio de sangue rolava pelo nariz.

— O que diabos você é? — falou ela, os olhos arregalados. Não havia dúvida de que ela agora percebia que as asas e os chifres não faziam parte de uma fantasia.

Merodach se moveu tão rápido que o perdi por um instante. De repente, ele estava bem atrás da policial, agarrando seu cabelo e puxando sua cabeça para trás. Ela gritou e atirou nele selvagemente, mas ele estava imperturbável.

— Não! — Eu andei em direção a ele, mas me contive. Se eu fizesse um movimento para salvá-la, ele a mataria com certeza. Era eu quem ele queria, não essa jovem assustada. Comecei a andar para trás muito lentamente. Sirenes pertencentes à polícia, ambulâncias e caminhões de bombeiros soaram à distância, se aproximando a cada segundo.

— Se você correr — murmurou Merodach —, eu vou arrancar a cabeça dela.

— Por que você está perdendo seu tempo com ela? — perguntei a ele. — Sua luta é comigo.

Ele me deu um olhar pensativo e disse: — Você está certa.

Sua mandíbula se espalhou tanto que estalou e pareceu se deslocar como as de uma cobra, e então ele mordeu com força o pescoço da mulher. Sangue espirrou de sua ferida, encharcando tudo perto dela de vermelho, e ela gargarejou e sufocou através de seus próprios gritos. Quase vomitei quando Merodach arrancou sua mandíbula, levando consigo a maior parte carnuda do pescoço da mulher, e engoliu. A cabeça dela caiu sobre o ombro, pendurada por algumas tiras de pele e ligamentos, sua boca escancarada enquanto ela morria no meio de um grito. O ceifeiro jogou o corpo flácido e ainda sangrando no chão. A arma dela caiu na calçada.

Eu não conseguia me mover – não conseguia respirar – pelo horror do que acabei de ver. As pessoas restantes observando a luta, gritaram e correram em todas as direções, finalmente encontrando o sentido de sair de lá. Eu não sabia se

o ceifeiro consumiu o suficiente para levar a alma da mulher, mas rezei para que ela tivesse sido poupada do inferno pelo menos.

— Por quê? — perguntei a Merodach.

Ele lambeu os lábios e suspirou como se o sangue em seu rosto estivesse delicioso. — Porque você não queria que eu fizesse.

Deixei escapar um grito de fúria e praguejei o mais alto que pude. — Eu vou te despedaçar!

Eu me lancei do chão, balançando minhas espadas. Ele bateu meus braços para longe, desviando minhas espadas e me deu um tapa no rosto. Bati no chão com um grunhido de dor e ele me agarrou pelo pescoço antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Ele me levantou até meus pés estarem pendurados no ar e apertou minha garganta, mas continuei lutando. Eu não deixaria ele me estrangular. Eu não podia deixar ele me levar para Sammael.

Convoquei meu poder, puxando tudo que eu tinha daquelas profundezas sombrias que eu tinha tanto medo, batendo no infinito poço de força que me foi dado no céu. Olhei para os olhos sempre brilhantes de Merodach enquanto a torrente de energia circulava a ambos, levantando meu cabelo e iluminando os fios vermelhos como chamas selvagens. Bati meu poder nele e ele cerrou os dentes contra a força, mas não soltou minha garganta. Joguei energia nele uma segunda vez, mas ele ainda me segurava enquanto mantive empurrando e empurrando para ele até que ele estava praticamente pendurado em mim, ou então ele iria explodir. Quando invoquei minha glória de arcanjo, percebi que estava gritando – grito estridente e desesperado – pois tudo foi afogado em luz branca e quente. A glória ferveu a pele de Merodach, as mãos dele queimaram onde ele agarrava meu pescoço, e logo ele rugia de dor e esforço. Minha glória aumentou, colocando as mãos em chamas. Seu rosto, retorcido de raiva e agonia, começou a chiar e sua pele se partiu em tiras de cortes carbonizados que cortavam a cicatriz que eu lhe dera na noite em que Sammael foi solto.

— Eu não posso soltar você — ofegou Merodach quando seus lábios foram cortados e queimados.

— Eu farei você soltar — disse eu asperamente, e gritei quando meu poder explodiu.

Tudo que eu tinha em mim bateu no ceifeiro demoníaco, afogando toda a sua forma em energia e glória até que ele soltou minha garganta e desapareceu

com um grito. Ele foi soprado para longe de mim e lançado na estrada. Suas garras deixaram marcas brancas e irregulares no asfalto quando ele parou. Merodach levantou, seu corpo coberto de feridas abertas e queimaduras cruas.

— Eu não deixarei você destruir qualquer outra coisa com que eu me importo — jurei, e puxando minha energia para mim, caminhei em direção a ele. — Sua vida de matar e colher acabou.

Aparecendo do nada e encharcado de sangue, Will bateu com o punho na mandíbula de Merodach com tanta força que ele derrubou o ceifeiro demoníaco, estalando suas costas na estrada. Will invocou sua espada e atingiu o peito de Merodach, estacando-o na calçada. Merodach rugiu, cuspindo sangue vermelho que se acumulava no chão embaixo dele. Sua pele, rasgada e carbonizada pela minha glória, foi incapaz de se curar do poder angélico. Ele assobiou para Will e rangeu os dentes, puxando inutilmente a lâmina gigante, mas ele só cortou fatias profundas em suas mãos. Feridas que deveriam ter curado em segundos lutou para unir a pele novamente. Pelo olhar calmo no rosto de Merodach, ele parecia entender que estava prestes a morrer.

Esperei para ver se Will queria cumprir seu juramento de tirar a vida de Merodach. Nós dois tínhamos a pretensão de vingar-se agora, mas a imagem da espada de Merodach enterrada no coração de Nathaniel nos assombrou desde a noite em que aconteceu.

Will e eu trocamos olhares e dei a ele um lento aceno de cabeça, reconhecendo que eu queria que ele matasse. Will enfiou a bota no peito de Merodach e puxou a espada do peito do ceifeiro. Merodach estremeceu e gemeu, engasgando com o próprio sangue.

Will, salpicado de sangue, que na maior parte pertencia a outros, pressionou a ponta da espada no pescoço do ceifeiro demoníaco. Feridas que se espalharam pelo rosto, braços e peito se curaram rapidamente. — Você veio aqui com uma força de mais de duas dúzias e ainda estava em desvantagem.

Merodach riu, um som horrível de chiado. — Você não pode parar Sammael. Você acha que sabe o que tem que fazer para nos vencer, mas vai tirar suas vidas.

— As palavras de um homem morto não significam nada para mim — rosnou Will. Ele enterrou a lâmina através do músculo e osso, cortando a cabeça de Merodach. Sua pele endureceu a pedra, e em segundos os restos mortais do ceifeiro demoníaco pareciam muito pouco com a besta que ele já foi.

Por alguns momentos, nenhum de nós se moveu ou falou. Ficamos paralisados de surpresa e alívio por ter este grande inimigo morto aos nossos pés. Nós olhamos para os restos mortais de Merodach como se esperássemos que seus pedaços se juntassem e ele levantasse para continuar a luta. Quando não ocorreu, deixei minhas espadas desaparecer e toquei o ombro de Will. Ele estava congelado. Coloquei minha outra mão no peito dele e olhei para seu rosto. As sirenes lamentando nos diziam que a polícia deveria estar a poucos quarteirões de distância agora.

— Will — murmurei para ele suavemente. Movi minha mão para tocar sua bochecha e gentilmente virei seu rosto para mim. Seus olhos verdes cristalinos brilharam para mim. — Você está bem?

Ele assentiu. — Sim. Estou bem agora.

Com isso, a tensão desapareceu dele como a maré vazante e ele me puxou para seus braços, me abraçando. Enterrei meu rosto em seu peito, absorvendo seu calor e conforto. Ele me segurou por um dolorosamente longo tempo que quase esqueci tudo o que aconteceu. Eu me afastei de seus braços e virei para olhar para a carnificina que Merodach causou, para todos os corpos que cobriam o chão.

— Não é sua culpa — sussurrou ele em meu ouvido. — Merodach fez isso.

— Mas não é justo. Não deveria ter danos colaterais.

— A única coisa que podemos fazer é impedir que os demoníacos machuquem mais alguém — disse Will.

Ele estava certo. Enquanto a morte de Merodach nos deu uma sensação de alívio, tendo vingado as mortes de nossos amigos, as coisas quase não pareciam muito diferentes. Sua morte foi um trampolim. Ainda havia muito mais a ser feito.

— Nós devemos sair daqui — disse ele. — Não podemos ser pegos pela polícia.

Ele pegou minha mão e me guiou para o meu carro. O capô estava amassado, mas o motor arrancou sem problemas. Nós dirigimos para longe, mas eu olhei para o espelho muito tempo depois que o local da batalha se desvaneceu na noite.

15

WILL E EU FICAMOS TRANQUILOS PELO RESTO da viagem para casa. Eu trouxe a cópia do grimório de Nathaniel para dentro e o escondi entre o resto dos livros em seu escritório, esperando que ele se misturasse, apenas no caso de alguém tentar roubá-lo novamente. Will pegou um pouco de comida rápida para que pudesse curar seus ferimentos antes de tomar banho, e eu fui tomar banho no banheiro ligado ao antigo quarto de Nathaniel. Tentei não fechar os olhos, porque toda vez que eu fazia, via o último momento de Merodach brilhando em minha mente, ouvia suas últimas palavras, e então via a espada de Will separando a cabeça de seu pescoço. Eu desejava poder esfregar as memórias como se pudesse esfregar o sangue da minha pele. Acabou, ele se foi, e tudo que eu queria era esquecer seu rosto assustador e seguir em frente com minha vida e minha missão.

Após um bom tempo, relutante em deixar a água quente e calmante, eu terminei no chuveiro e vesti uma blusa e shorts para dormir. Will já havia terminado seu banho e sentou na cadeira no canto do seu quarto, inclinando-se nos cotovelos. Seu corpo estava rígido e imóvel, o cabelo ainda molhado de seu banho e sua camisa estava manchada de escuro com a umidade do peito e das costas.

— Você está bem? — perguntei enquanto me inclinava contra o batente da porta e cruzava os braços.

Ele respirou longa e profundamente, deixando os ombros relaxarem. Ele assentiu.

Parei na frente dele e passei a mão pelo seu cabelo. Ele fechou os olhos ao meu toque. Depois de algum tempo, ele se recostou na cadeira e olhou para mim.
— Como está o seu braço? — perguntei.

Ele arregaçou as mangas para expor a feia ferida vermelha, tudo o que restava do corte profundo feito pela espada de Merodach. Eu tracei a linha suavemente antes de puxar sua manga para baixo. Esse corte foi feito para mim, não para ele, um golpe que poderia ter me matado. Eu olhei para cima para encontrar o seu olhar fixo no meu rosto.

— E o outro lugar que você foi ferido? — perguntei, minha voz trêmula.

Ele se levantou e ergueu a parte inferior da camisa para me mostrar a ferida quase curada em todo o seu abdômen. Meu coração batia forte quando levantei minha mão para sua pele, meus dedos trêmulos roçaram o músculo duro, e ele descansou a testa contra a minha. Quando puxei minha mão, ele se endireitou e olhou para mim com calma e compostura.

— Eu deveria ir. — Eu me virei e dei um passo em direção à porta, mas ele pegou minha mão e me girou ao redor, puxando-me para ele com força quando soltei um suspiro de surpresa.

— Não — disse ele. Seus olhos eram um arrebatador fogo verde, me perfurando por um batimento cardíaco que parecia uma eternidade, e então sua boca se abriu avidamente contra a minha. Seu beijo foi abrasador, explorando, seu peito empurrando contra o meu. Meus braços se enrolaram ao redor de seu pescoço enquanto sua boca se movia sobre a minha e suas mãos envolviam a minha cintura. Minhas costas. Minhas bochechas. Passando pelo meu cabelo ainda úmido. Meus dedos cavaram em seus ombros e deslizaram até a parte de trás do seu pescoço conforme seus lábios encontravam minha garganta, sua respiração quente contra a pele macia. Seu nariz e lábios roçaram meu pescoço e ele beijou uma trilha do ponto delicado atrás da minha orelha pela minha garganta. Ele deixou a alça da minha blusa cair e seus lábios pressionaram o meu ombro nu. Ele estava sorrindo e então eu também, rindo baixinho em seu cabelo, cheia de tanta felicidade e *retidão*. Eu estava pronta para isso. Eu queria isso. Minhas mãos tocaram seu pescoço e mandíbula, brincando com a orelha e o colarinho da camisa. Ele riu também, mas havia algo em sua risada que fez meu estômago revirar e vibrar, algo rico e furioso. Meus dedos viajaram para o sul e mergulharam em sua cintura, se atrapalhando com o cinto.

Ele parou abruptamente, assim como quando ele me levou para casa depois daquela festa idiota da faculdade e eu tentei seduzi-lo. Só que desta vez ele não se afastou de mim. Seu próximo beijo foi leve e breve, inseguro, e eu fiquei sóbria instantaneamente. Ele olhou para mim, procurando cada centímetro do meu rosto e corpo. Sua mão passou pelo meu cabelo e segurou minha bochecha, apertando meu lábio inferior.

— Eu te amo — disse eu contra o seu polegar, beijando-o outra vez.

De repente ele ficou sem fôlego. — Eu sempre te amei.

Seus lábios encontraram o lugar sob o meu queixo, aquela pele ultra-suave lá, e inclinei a cabeça quando fogo se enfureceu através de mim. Sua mão livre descansou no meu quadril, seu polegar fazendo pequenos círculos lá. Ficamos parados trêmulos, presos novamente naquele lugar que sempre nos pegava, meu corpo tremendo nervosamente contra o dele. Não havia mais volta agora. Ele não conseguiria se afastar de mim dessa vez. Ele não podia me dizer não e se afastar de mim. De novo não. Então eu fiz um movimento.

Minhas mãos deslizaram por sua pele e puxei a bainha de sua camisa para cima. Ele ficou congelado por muito tempo, até que finalmente, lentamente, levantou os braços e eu puxei sua camisa sobre sua cabeça e o toquei, o músculo esculpido ao longo de séculos de guerra. Ele era lindo. Por um momento eu esqueci de respirar. *Respire*, eu disse a mim mesma.

Oxigênio trouxe minha mente para onde meu corpo estava – contra o dele. Ele baixou a cabeça e beijou meus lábios, docemente desta vez, com concentração cuidadosa. Apertei meus olhos fechados quando muita emoção fluiu por mim naquele instante. O desejo entorpeceu meus pensamentos, mas com aquele beijo eu de repente lembrei que o amava há séculos, do jeito que ele me amava. Eu me amaldiçoei por esquecer quão profundamente eu me importava com ele e por esquecer seu rosto e seu nome quando voltei a este mundo como Ellie Monroe.

— Nós não temos que fazer isso — sussurrou ele. — Nós podemos parar.

— Não — disse eu rapidamente. Eu tomei fôlego para firmar minha voz. — Eu não quero parar.

Ele assentiu gentilmente e sua boca voltou para a minha. Mãos experientes traçaram minha espinha, enviando arrepios para os meus dedos, apagando minha dúvida. Levantei meus próprios braços sobre a minha cabeça, convidando-o para avançar, e ele tirou minha blusa. Lutei com meus nervos, tremendo por toda parte enquanto permitia que ele me visse. Ele só fez uma pausa por alguns momentos, olhando para mim antes de se pressionar no meu corpo e me beijar ferozmente.

Quando sua pele nua roçou a minha, respirei fundo e estremeci. Eu podia sentir quão forte seu coração batia no peito, ecoando meu próprio pulso acelerado. Era estranho sentir a pele nua de alguém contra a minha, mesmo que fosse dele – um corpo que eu conhecia tão bem quanto o meu, ou pelo menos eu pensava assim. Ele recuou um pouco e olhou nos meus olhos. Seus lábios se separaram e os meus estavam inchados com seus beijos.

— Você tem certeza? — sussurrou ele, seus olhos se movendo por cada centímetro do meu rosto. Seu olhar era carregado, como se ele sentisse muito de uma vez para contê-lo.

Eu respondi pegando sua mão e levando-o para a cama. Ele deitou comigo, seu corpo pairando sobre o meu. Ele nunca me tocou mais gentilmente do que agora. Ele se moveu devagar e seu olhar estava colado ao meu quando deslizou meu short sobre meus quadris e minhas pernas. A hesitação em seu toque havia desaparecido completamente, mas ele não era menos terno. Uma de suas mãos deslizou pelo meu lado e ao redor da parte de trás da minha coxa, puxando-me para mais perto dele. Ele beijou minha boca e seus lábios moveram-se para o sul, beijando e tocando-me em lugares que eu nunca soube que poderiam experimentar tais coisas. O tempo se moveu em ondas de consciência... Momentos em que eu estava completamente ciente de onde estava e, em seguida, outros momentos em que me afastei e não sabia absolutamente nada além de uma bela sensação de toque físico. A dor, quando esse momento finalmente chegou, foi tão breve, tão fugaz, que logo passou, o que me invadiu em seu lugar consumiu meus sentidos. Cada parte dele se movia tão graciosamente quanto em batalha, tão fluido e tão preciso. Cada vez que nossos olhos se encontravam, a conexão era tão feroz que tirava o meu fôlego. Depois de tudo que passamos juntos, depois de centenas de anos, eu nunca imaginei que poderíamos encontrar uma intimidade mais forte do que sentíamos anteriormente.

Então, enquanto ele me beijava e seu corpo se movia com o meu, uma faísca indesejada de preocupação me fez perguntar se as coisas mudariam entre nós depois desta noite. Elas já haviam mudado entre nós quando ele me beijou pela primeira vez nos destroços do armazém? Mas nada sobre isso era errado. Era bonito. Eu me senti mais amada e viva do que nunca. Após passar tanto tempo sentindo-me mais e mais desumana quando o meu poder divino me reivindicou, ele me trouxe de volta. As batalhas que lutei e o sangue que derramei ameaçou desvencilhar minha humanidade, a qual eu me agarrei tão desesperadamente, mas ele me manteve junta com facilidade. Com cada beijo e toque ele me salvou, ele me aproximou da Terra, dele. Eu nunca me senti mais humana. Nunca tomei uma decisão mais acertada. Parecia que estávamos caindo do céu por séculos e finalmente encontramos o chão. Sua alma estivera tão espancada e rasgada,

doendo para voltar para casa. Para ele, eu estava em casa. E para mim, ele era a maré carregando-me para lá.

* * *

Horas depois, acordei com uma leve entrada de ar e meus olhos se abriram. O quarto ainda estava escuro e eu ainda estava deitada na cama de Will, nua, com apenas os lençóis nos cobrindo, e estávamos emaranhados nos braços um do outro. Ele deitou de lado, de frente para mim, com os olhos fechados. Toquei seu lábio inferior e a parte de trás do meu dedo traçou sua mandíbula até seu ouvido. A cruz e corrente de prata em volta do pescoço dele estavam espalhadas no travesseiro. Ele não fez nenhum outro som além de suas respirações longas e gentis enquanto dormia. Ele bufou e rolou de costas, soltando um leve ronco.

Envolvi minha mão em torno de sua bochecha e beijei seu pescoço. Seus lábios se curvaram naquele sorriso secreto dele e grogue ele despertou do sono. Antes que estivesse totalmente acordado, eu beijei sua garganta de novo, mal capaz de impedir a risada boba de meus lábios, e então eu beijei seu peito, seu ombro, sua bochecha, sua têmpora e finalmente seus lábios. Ele passou a mão em volta da parte de trás da minha cabeça e me puxou para mais perto, aprofundando o beijo. Eu me afastei, inclinando-me sobre ele, e meu cabelo caiu sobre seu rosto. Seus olhos estavam brilhantes, olhando para mim com uma maravilha e satisfação que eu só sonhava em ver neles.

As costas de seus dedos roçaram minha bochecha. — Eu quero acordar assim todos os dias — disse ele.

Meu corpo aqueceu todo o caminho até os dedos dos pés e eu sorri para ele. Ele me puxou e me beijou gentilmente, suas mãos trabalhando sua magia. Eu me afastei e escovei meu nariz em sua bochecha. Ele olhou para mim e manuseou meu queixo.

— Como você está? — perguntou ele, sua voz suave e séria. — Como você se sente?

Afastei o cabelo dele da testa, de modo que ele ficou bagunçado, mas adorável. — Maravilhosa. Surpreendente. Linda.

— Você está feliz?

Eu sorri, me inclinei sobre ele e o beijei novamente, devagar dessa vez. — Eu nunca estive mais feliz.

Ele sorriu. — Eu amo você, Ellie. Não quero deixar este momento. Quero estar perdido em você para sempre.

Eu me recostei na cama e me enrolei contra ele, descansando minha bochecha em seu peito. — Eu queria que nós pudéssemos ficar aqui e deixar o mundo continuar sem nós. Eu gostaria que pudéssemos ser normais.

Ele passou os braços em volta de mim e me puxou para mais perto. — Sem nós, o mundo não continuará. Quando tudo isso acabar, poderemos respirar. Eu prometo. E você sabe que não quebro minhas promessas.

— Eu sei — disse eu. Tracei seus lábios com as pontas dos meus dedos e ele os beijou.

Nós entramos e saímos do sono até que o sol se levantou e banhou o quarto em luz dourada. Tanto quanto eu adoraria ficar deitada na cama o dia todo, meu estômago roncando era muito exigente e muito vocal sobre suas necessidades. Eu me arrastei debaixo dos lençóis para me vestir, sentindo as borboletas novamente e totalmente consciente de que ele podia ver tudo de mim. Puxei meu short e vesti minha blusa, olhando para Will, que me assistia. Mordi o lábio, incapaz de me impedir de pensar em quão incrível ele parecia deitado ali.

— Eu quero café da manhã, mas você é muito tentador — disse a ele.

Ele sorriu. — Nós temos o dia todo, sabe.

Uma onda quente flutuou no meu estômago e precisei me forçar a sair do quarto. Eu fucei em torno da cozinha e decidi que hoje era um dia de panquecas. Não demorou muito para o Will se juntar a mim na cozinha, fingindo estar curioso sobre a chapa que eu comecei a esquentar. Enquanto eu misturava a massa de panqueca no balcão, ele se aproximou de mim, pressionando seu corpo contra as minhas costas e mergulhando a cabeça por cima do meu ombro. Seus lábios roçaram meu pescoço e suas mãos apertaram meus quadris.

— Will…

— Eu gosto de cozinhar, não é?

Eu ri e me mexi para longe dele, com a tigela na mão. — Eu estou tentando fazer comida aqui. Não sou a melhor doméstica, então você deve estimar isso.

A expressão se tornou um pouco séria. — Sempre.

Entendendo o outro significado em sua resposta, eu fechei a distância entre nós e o beijei antes de retornar ao balcão para terminar. Polvilhei canela na massa e soltei gotas de panqueca na chapa. Enquanto eu fazia o café da manhã e brincava com Will, era um alívio não me preocupar com nada por alguns minutos. Parecia que não tínhamos tido uma pausa por tanto tempo.

Terminei meu café da manhã, coloquei meu prato na pia e voltei para a mesa. Parei ao lado do assento de Will e ele olhou para mim com um olhar curioso. Eu subi em seu colo, uma perna de cada lado dele, e coloquei meus braços sobre seus ombros. Meu sorriso malicioso combinou com o dele.

— Olá — disse eu.

Seu sorriso aumentou e suas mãos caíram na minha cintura. — Olá. Posso ajudar?

Segurei seu rosto e o beijei, sem deixar de notar que havia algo diferente no meu beijo. Ele pareceu notar também. Havia uma facilidade casual no meu beijo, uma falta de qualquer timidez ou dúvida persistente entre nós. Eu agora podia beijá-lo da maneira que eu sonhava em beijá-lo, deixá-lo saber exatamente quanto eu o queria sem sentir que era errado fazer isso. Havia esse sentido intenso de liberdade em nosso toque, não havia razão para se segurar mais. E isso era incrível.

Ele segurou minhas coxas e se levantou, me beijando enquanto me levava para cima.

16

UM SERVIÇO MEMORIAL EM GRUPO SERIA REALIZADO na escola para todos os adolescentes mortos na casa de Josie. Eu fiz um objetivo de explorar pistas sobre possíveis localizações do Pentalpha antes do serviço, e nós agiríamos no dia seguinte. Eu sabia que tinha uma conexão especial com a relíquia desde que fui eu quem a fez, e provavelmente seria capaz de sentir sua energia. Isso seria muito útil uma vez que a pesquisa começasse.

Não tive a chance de sair com Kate antes do funeral e/ou contar a ela sobre o que aconteceu entre Will e eu. Toda vez que eu pensava nisso, eu me encontrava mordendo meu lábio e sentindo aquelas borboletas espontâneas. Eu sabia que essa conversa garantiria uma festa do pijama e longa conversa de menina. Kate e eu tínhamos muito a dizer uma a outra antes de eu ir.

O memorial à luz de velas trouxe um humor sombrio para os adolescentes recém-formados e suas famílias. Meus sorrisos dos últimos dias não poderiam ter protegido meu coração da tristeza que me dominou quando voltei para a minha escola pela primeira vez desde a formatura. Eu sentei com Kate, Chris, Rachel e Evan entre o resto dos meus antigos colegas no campo de futebol sob o céu noturno sem fim, e a ausência de Landon era dolorosamente perceptível. Em minhas mãos, eu segurava uma das rosas que ele me deu no meu décimo sétimo aniversário, a qual minha mãe havia secado para mim. Ela sempre amou secar flores. De certa forma, essa rosa era para os dois. Havia vários colegas que eu procurei, mas não vi, e o aborrecimento de todos era uma nuvem baixa, pesada, sufocante. Não havia como explicar como era estranho todos estarem tão tristes, quando a última vez em que nós estivemos aqui e todos juntos, não sentíamos nada além de pura alegria e excitação.

Nosso diretor fechou o serviço dando um discurso que trouxe todos às lágrimas. Kate apertou minha mão quando nos levantamos de nossos assentos e saímos das filas de cadeiras para nos alinhar e prestar nossos respeitos. Um altar coberto de fotografias emolduradas dos mortos, flores e velas estava na plataforma na qual os oradores se apresentaram, e todos na fila passaram em uma sombria

procissão chorosa. Pessoas deixavam pequenos presentes que tinha um significado entre eles e aqueles que foram perdidos: pulseiras de amizade, uma bola de futebol, uma fita que dizia: *A garotinha do papai,* e mais fotos do falecido e de seus amigos e familiares. Decidi então que queria escrever cartas para cada uma das famílias, para expressar minhas condolências por suas perdas. Deixei a rosa de Landon na frente de sua foto, e Kate pegou minha mão e deitou sua bochecha no meu ombro quando paramos para olhar a foto dele. Nós três fomos próximos por quase toda a nossa vida, e realmente senti como se houvesse um buraco em mim agora. Eu sabia que Kate deveria sentir o mesmo. Perder Landon me deu tanta tristeza, mas também senti uma raiva intensa contra o demoníaco que havia feito isso para nós. Para todos nós.

Kate e eu fomos nos encontrar com Will, Marcus e Ava depois, que nos acompanharam e ficaram de vigia. Nós contornamos as arquibancadas onde as famílias dos alunos estavam sentadas, e uma mão agarrou meu pulso, me puxando para as vigas que sustentam as arquibancadas. Fiquei surpresa quando reconheci os rostos vermelhos e inchados de Harper Knight, Josie Newport e alguns amigos. Harper soltou meu braço rudemente, olhando para mim com crueldade.

— O quê? — perguntei, mas estava mais preocupada com a aparência de Josie. Ela parecia absolutamente angustiada, com lágrimas frescas em suas bochechas e sua maquiagem e cabelo geralmente perfeitos estavam uma bagunça. — Você está bem?

— Nós vimos você — rosnou Harper, com o rosto contorcido de raiva. — Você sabe o que realmente aconteceu, não é?

Eu fiquei sem palavras. — Eu...

Kate se interpôs entre nós, ligando o charme de pitbull. — Ei. Saia de perto. Nós não temos ideia do que você está falando.

— Não, eu acho que você tem! — Harper empurrou Kate e Kate teria balançado o punho se eu não tivesse a segurado.

— Pare com isso! — Josie chorou e agarrou o ombro de Harper. — Vamos apenas embora.

Harper a ignorou. — Não minta para mim, Ellie. Nós vimos você com esses monstros. Nós vimos você com malditas espadas. Eu não sou cega e não sou a única que viu! O que você fez, sua psicótica? Você matou aqueles garotos?

Quase engasguei com o ar em meus pulmões. — Oh meu Deus! Eu perdi um dos meus melhores amigos também!

— Como você se atreve? — exigiu Kate e empurrou Harper no peito, derrubando-a para trás. — Que diabos é seu problema?

Comecei a me afastar, sentindo as lágrimas ardendo nos meus olhos e náuseas subindo pela minha garganta. Eu já me sentia culpada o suficiente pela morte de Landon e as mortes de todas as outras pessoas, mas a última coisa que eu poderia lidar seria ser diretamente acusada de matá-los.

— Nós vimos você, Ellie! — gritou Harper para as minhas costas. — Você não pode negar!

Eu me virei e caminhei até seu rosto. — Você quer saber o que eu estava fazendo? Eu estava tentando te salvar cadela. Você estaria *morta* se eu não estivesse lá! Todos vocês estariam!

Kate pegou meu braço. — Ell, não.

Eu sabia que ela estava com medo que eu desfizesse meu disfarce, mas eu já havia perdido a paciência. — Não me importo não mais! Harper, você está certa. Eu sei o que aconteceu. Esses monstros eram reais e eu sou alguém capaz de matá-los. É para isso que essas espadas são. Fiz tudo que pude naquela noite. Eu lutei. *Tudo* que eu faço é lutar. E lutar contra *você* não vale o meu tempo, então saia da minha frente.

Ela ficou boquiaberta para mim, Josie choramingando ao lado dela, seus outros amigos em silêncio. Eu girei e fui embora o mais rápido que pude, Kate nos meus calcanhares. Will apareceu do nada e me puxou para seus braços para me confortar. Marcus estava atrás dele, observando com nojo as garotas que acabamos de deixar, e Ava juntou-se a ele, sua própria expressão dura e irritada.

Will levantou meu queixo para encontrar seu olhar. — Qual é o problema? Você está bem?

Dei de ombros, exausta e triste. — Sim. Apenas alguém me dando uma porcaria.

Ele parou de repente e fiquei surpreso ao ver Josie andando em minha direção, enxugando as lágrimas com a manga fina da blusa. Harper e os outros não estavam à vista.

— Ellie, eu sinto muito — fungou Josie. — Eu sei que não deveria desculpá-la, mas ela está com raiva e magoada. Um dos garotos mortos era seu novo namorado. Isso não torna certo ela me atacar, no entanto.

Dei a ela um curto e grato sorriso. — Eu entendo o que é querer alguém para culpar.

Seus olhos piscaram no chão e passaram pela minha cabeça, e ela parecia hesitante. — O que você disse é verdade? Sobre aquelas coisas que estavam na minha casa, matando pessoas? Eu vi você com as espadas também. — Ela olhou para Will. — E você também estava lá. Você realmente luta contra eles?

— Você disse a ela? — perguntou Will, surpreso.

— Sim — confessei. — Eles mataram meus pais, o Sr. Meyer e aquelas pessoas na sua festa. Me desculpe, eu não consegui salvar todo mundo. É impossível para mim, mas eu ainda tento muito.

— Você precisa de alguma ajuda? — perguntou ela com genuína doçura.

— Eu tenho ajuda — disse eu. — Obrigada. Estou prestes a ir embora, Josie. Amanhã, na verdade. Preciso encontrar algo muito importante que pode me ajudar a parar algo ainda pior do que os monstros que mataram nossos amigos. Se eu não voltar… se eu nunca mais te ver… bem, obrigada por ser gentil, Josie. Você é uma pessoa boa e sempre foi legal comigo.

Ela franziu a testa. — Você parece tão triste.

Sorri para ela e lutei contra uma lágrima. — Eu tenho que ir. Tchau, Josie.

Para meu choque, ela me puxou para um abraço. — Tchau, Ellie. Esteja segura.

Deixei meus ombros relaxarem depois de um momento. — Você também.

Quando nos separamos, fiquei triste por deixar Josie. Ela realmente era uma garota legal e eu sentiria falta dela. Se eu sobrevivesse a essa guerra, eu a visitaria. Eu faria muitas coisas. Iria aos antiquários com Nana novamente, como nós costumávamos fazer. Kate e eu perderíamos um milhão de horas vagando pelo shopping. Talvez eu até me juntasse a uma banda de rock. Se sobrevivesse a esta guerra, então eu realmente viveria. Saborearia cada momento no sol, pegaria tantos flocos de neve na minha língua quanto pudesse, e amaria tão ferozmente quanto meu coração permitisse. Eu não deixaria os demônios tirar mais nada de mim. Não deixaria ninguém tirar o que me fazia… eu.

* * *

Will e eu nos sentamos na sala de estar da casa, trabalhando duro com Ava, Cadan e Marcus, examinando os guardiões de relíquias conhecidos e escolhendo quais eram os mais promissores. Poderíamos escolher alguns locais em cem, mas no final, o Pentalpha podia não estar em nenhum deles. Nossas chances de sucesso não pareciam tão boas.

— E essa aqui? — perguntei, puxando a foto de uma garota – não, uma ceifeira angelical – da pilha.

Ava sacudiu a cabeça. — Ela protege uma relíquia demoníaca, uma lâmina que Lilith usou para matar bebês nos berços.

Exalei em frustração. — Você conhece todos esses guardiões de relíquia e o que eles estão guardando, mas nenhum deles pode nos ajudar.

— A maioria deles eu conheço — concordou ela. — Não esses três.

Ela empurrou três folhas de arquivo na direção de Will e eu, e espiamos por cima da mesa para dar uma olhada. O primeiro documento tinha uma pequena fotografia de um macho ceifeiro presa a uma folha listando suas características físicas, aparentemente para fins de identificação, e o nome de uma cidade estava circulado em tinta vermelha no canto superior direito: Apache Junction, Arizona. O segundo arquivo listava o nome do ceifeiro como *Desconhecido* e contava com um mapa de uma região no Brasil, com uma pequena vila perto de Manaus em destaque. O último arquivo tinha apenas um ponto de interrogação rabiscado em vermelho sobre um mapa da Bélgica.

— O que você tem? — perguntou Cadan.

— Esta é toda a informação que existe sobre esses guardiões e suas relíquias — explicou Ava. — Eu tenho a coleção mais abrangente de informações sobre guardiões das relíquias e estes três são um mistério para mim. Deve ser que o sigilo é a principal prioridade deles. Eles querem permanecer desconhecidos porque o que eles estão protegendo é de maior poder. Estas são as três relíquias que precisamos rastrear.

— Excelente — disse Will. — Ellie e eu vamos rastrear o guardião do Arizona. Marcus e Ava vão para o Brasil.

— Eu posso verificar a Bélgica — ofereceu Cadan.

Balancei a cabeça. — Você não vai sozinho.

— Eu ficarei bem — disse ele.

— Você está trabalhando com a gente agora — disse eu. — Trabalhamos em equipe. Você não vai sozinho.

Ele deu de ombros, parecendo desapontado, mas aceitando meus termos. — Qual é o meu trabalho, então?

— Guardar a cópia do grimório de Nathaniel — disse eu. — Eu confio em você para mantê-la segura. Merodach queria afastar seu poder de nós e Sammael pode enviar mais bandidos para nos parar. Ainda precisamos deste livro para convocar Azrael e esperançosamente realizar a minha ascensão, mas preciso do Pentalpha primeiro.

— Vamos nos preparar para sair, então — disse Marcus, animado. Ninguém ficava mais entusiasmado com uma missão do que ele.

— Vou marcar um voo para Phoenix hoje à noite — disse Will para mim.

— Parece bom — respondi.

Ele se levantou e foi para o escritório usar o computador. Ava se levantou, se despediu e nos desejou boa sorte. Marcus me deu um abraço enquanto eu o levava para a porta.

— É melhor eu avisar Kate o que está acontecendo antes de ir — disse ele. — Ela ficará furiosa se eu partir sem um adeus.

Eu ri. — Sim, ela iria bater em você até virar uma polpa, com certeza.

— Vejo você em breve — disse Marcus, e me deu um beijo na bochecha. — Vá chutar alguns traseiros, ok?

— Você também.

Fechei a porta e me virei para descobrir que só Cadan permanecia no cômodo. Ele se levantou e colocou as mãos nos meus ombros.

— Você ficará bem sem mim? — perguntou ele, seu olhar cálido e procurando o meu.

— Claro. Você ficará bem sem mim?

Ele sorriu. — Eu não posso.

— Eu ficarei bem — assegurei a ele. — Não espero uma luta. Vamos apenas verificar essa relíquia, e se for o Pentalpha, então traremos para casa. Não se preocupe comigo.

— Eu vou, de qualquer maneira.

— Só não me dê uma razão para me preocupar com *você*, ok?

— Você não precisa.

Eu me afastei dele e comecei a andar em direção ao escritório. — Deixe-me pegar o livro de Nathaniel para você antes que esqueçamos — falei para ele.

Will não estava no escritório quando cheguei lá, mas o computador ainda estava zumbindo e nossas informações de voo estavam impressas ao lado dele. Puxei o grimório da prateleira onde eu o escondi e voltei para a sala de estar. Eu diminuí quando ouvi as vozes de Will e Cadan.

— Eu queria te agradecer — disse Will, parecendo forçar as palavras —, por salvar minha vida. E por mantê-la segura.

— Não foi nada, na verdade — respondeu Cadan. — Não mencione isso.

— Não é verdade que não foi nada. Eu tenho sido... menos que gentil com você. Sinto muito por bater em você.

— Você tinha todo o direito de fazer isso.

— Independentemente disso, eu não deveria ter batido em você — disse Will. — Peço desculpas. Honestamente.

— Tentarei não lhe dar outro motivo para me bater.

Will fez uma pausa e eu espiei na esquina para eles. — Você fez tanto por nós dois — disse ele. — Você comprovou sua lealdade. Tem sido difícil abandonar o passado, mas você conquistou meu respeito. E minha confiança.

Desta vez, foi Cadan quem não respondeu imediatamente, mas quando ele fez, suas palavras foram cheias de sinceridade. — Obrigado, Will.

— Irmãos? — perguntou Will.

— Amigos? — Cadan estendeu a mão.

Uma hesitação. — Sim. — Will apertou a mão de Cadan. — Amigos.

Não pude segurar meu sorriso. Este era o momento que eu estava esperando. Virei a esquina e saltei para os ceifeiros, dando a ambos um sorriso enorme e sábio. — Olá-á-á-á-á — cantei e empurrei o grimório para as mãos de Cadan. — É bom ver que vocês estão se dando bem.

Cadan deu um pequeno sorriso envergonhado. — Eu verei vocês dois por aí.

— Tchau! — Quando ele se foi, eu me virei para Will e juntei a bainha de sua camisa entre meus dedos, sorrindo para ele.

— Chega disso — resmungou ele para mim, mas o canto de seus lábios tentou puxar uma risada. — Você é tão...

— O quê?

— Uma espiã!

— Eu não estava espiando!

— Você estava escutando. — Ele estreitou os olhos e tentou não sorrir.

— Talvez eu estivesse. E daí?

Ele me beijou, forte no começo, mas suspirou contra meus lábios e relaxou em um beijo lento e gentil. Quando nos separamos, ele parecia um pouco triste.

— O que há de errado? — perguntei a ele, procurando em seus olhos por respostas.

— Eu gostaria que não tivéssemos que sair de novo — confessou. — Eu gostaria que pudéssemos apenas ficar aqui e ser feliz.

— Bem, nós não faríamos muito se fizéssemos isso — disse eu. — Pense na missão como férias. Aposto que no Arizona está quente nesta época do ano.

— Calor e frio não fazem muita diferença para ceifeiros.

— E você é uma Debbie Downer[10] — disse a ele amargamente. — Voltaremos para casa logo. Quanto mais cedo fizermos tudo isso, mais cedo poderemos relaxar.

Ele assentiu, mas parecia indiferente. — Devemos nos arrumar.

— Não posso esquecer minha antena parabólica. Os alienígenas podem ter informações valiosas.

Ele riu. — Talvez eles possam nos dizer onde está o Pentalpha.

Meu sorriso desapareceu um pouco. — Antes de irmos, eu queria escrever cartas para as famílias que perderam seus filhos naquela noite.

Ele me deu um olhar gentil. — Isso é algo que os humanos fazem um pelo outro em momentos de perda?

— Pode ser — respondi. — Eu só quero expressar como estou triste de uma forma que não envolve mais derramamento sangue. Depois de perder meus pais, Nathaniel, Landon e Sabina, estou sentindo muito agora, e posso ser uma das poucas pessoas que entende o que essas famílias estão experimentando.

— Se você enviá-los, eu posso colocá-los em envelopes e carimbá-los — ofereceu.

— Isso seria bom.

---

10 Debbie Downer é o nome de um personagem fictício do Saturday Night Live que estreou em 2004, e que foi inventado e interpretado por Rachel Dratch

Entramos no escritório e peguei um caderno de folhas soltas, envelopes, selos e uma caneta. Will sentou na cadeira em frente ao meu lugar na mesa e olhou curiosamente para o meu caderno e caneta.

— Você não precisa de cartões? — perguntou ele.

— Os cartões parecem tão genéricos e insinceros — disse eu. — Não quero dizer a mesma coisa para cada família.

Passei um tempinho escrevendo as cartas. Compartilhei minhas memórias dos meus colegas para os pais deles, escrevi o quanto eu estava arrependida, e como desejava que a noite tivesse acabado de forma diferente. Parei horrorizada quando vi Will colocando as cartas desajeitadamente em seus envelopes.

— O que você está fazendo? — Eu peguei o papel de suas mãos.

— Estou colocando-os nos envelopes, assim como você pediu — disse ele.

— Dobre no estilo de cachorro-quente para que se encaixem.

— Dobre-os... o quê?

— Qual o problema com você? Você está dobrando no estilo hambúrguer, o caminho mais curto, e eles não se encaixam assim.

— Do que você está falando?

Peguei um pedaço de papel e o dobrei no sentido do comprimento. — Estilo cachorro-quente, viu? Parece um cachorro-quente. — Dobrei transversalmente. — E estilo hambúrguer. Parece um hambúrguer.

— Parece um pedaço de papel.

— E você parece um idiota. Apenas dobre-o desta maneira e não enfie o papel no envelope.

Ele balançou a cabeça e sorriu enquanto cuidadosamente dobrava as folhas do jeito que eu queria que ele fizesse. — Você é tão ridícula.

— Estou ciente — respondi. — Eu só quero que as cartas pareçam limpas, sabe?

— Eu sei. Desculpe por ter estragado um par.

— Tudo bem — disse eu. — O que você acha de embalar e soltá-las na caixa de correio no caminho para o aeroporto?

— Parece bom.

Terminei a última carta e juntei todos os envelopes. — Bem, é isso — disse eu, e tomei uma respiração profunda. — Hora da Aventura.

PARTE DOIS

Réquiem para uma Guerra

17

— EU REALMENTE ESPERO QUE ESTA RELÍQUIA ESTEJA EM ALGUM LUGAR com ar-condicionado — murmurei enquanto jogava minha mochila no banco de trás da picape que alugamos.

Will revirou os olhos, sorrindo. — Vamos parar em um posto de gasolina no caminho e pegar um ventilador à bateria.

Fiz um pequeno e alegre sinal de aprovação e entrei no banco do passageiro. — Você tem que dirigir, no entanto. Não assumirei a responsabilidade de evitar tatus na estrada.

Ele contornou a frente da caminhonete e entrou no lado do motorista. — Tenho certeza de que não há tatus no Arizona.

— Por que você sabe disso? — perguntei a ele, olhando-o como se ele tivesse um terceiro olho. — Os tatus devem estar no Arizona. E Michigan. Eles são tão fofos.

— Você é tão estranha.

— Apenas dirija. Sem queixas.

— Sim, senhora.

Nós fomos para o leste do aeroporto no circuito 202 e pegamos a saída em direção a Apache Junction. Dirigimos ao redor do centro e dos bairros vizinhos para tentar pegar qualquer traço da relíquia ou a energia de seu guardião. A cidade parecia completamente normal e não podíamos sentir nenhum ceifeiro, angélico ou demoníaco, e certamente sem relíquias. Quando o sol começou a se pôr, eu já havia perdido a paciência.

— Quanta certeza Ava tinha de que havia uma relíquia aqui? — perguntei a Will, olhando para ele.

— Ela pode ter marcado apenas a maior cidade vizinha.

Eu gemi. — É como procurar uma agulha no palheiro. Ou melhor, uma agulha no deserto. Vamos para as áreas mais rurais.

Ele olhou para o GPS no painel. — Que tal pegarmos 88 fora da cidade e irmos para o norte através das montanhas em direção a Tortilla Flat?

— Por que não? — Eu rolei minha janela e deixei entrar o ar fresco. — O calor não é tão ruim à noite e as estrelas são incríveis. É bom aqui fora, hein?

— Sim — respondeu ele. — Muito sol durante o dia. Bom lugar para esconder uma relíquia poderosa. A luz do sol torna este lugar mais desagradável para os demoníacos.

Suspirei. — Sempre prático. Você alguma vez gosta de algo só para se divertir? Além de beber cerveja e tocar música, quero dizer.

— Na verdade não.

— Se há uma coisa que eu vou te ensinar, é aproveitar as pequenas coisas.

Ele me deu um lindo sorriso. — Ainda temos um caminho a percorrer. Ensina-me agora.

— Tudo bem — disse eu. — Vou aceitar esse desafio. Abaixe sua janela.

Ele me olhou desconfiado, mas abaixou a janela de qualquer maneira. — E?

— Coloque seu cotovelo para fora. Assim — apoiei meu cotovelo na porta e inclinei minha cabeça para fora da janela. — Sente o vento quente no seu cabelo? O cheiro empoeirado do deserto? Há algumas boas músicas no rádio. Não há tráfego nem nada aqui. É uma boa noite, sabe?

Ele respirou fundo e deixou o vento pegar seu cabelo escuro. Ele olhou para as estrelas por alguns momentos e depois olhou para mim. — Sim — disse ele. — É uma boa noite.

Sorri e fechei os olhos, absorvendo tudo o que meus sentidos podiam suportar – e foi quando meus sentidos pegaram algo que eu não esperava. Havia um zumbido de eletricidade em cada centímetro da minha pele exposta, muito parecida com a estática de um aparelho de televisão.

— Will — disse eu, observando todos os minúsculos pelos dos meus braços se erguerem no ar. — Will, vire na próxima estrada.

Sem duvidar, ele virou na próxima à direita em uma estrada estreita e rochosa. Segurei a maçaneta da porta quando a caminhonete quase me empurrou do meu lugar. A presença ficou mais forte quanto mais tempo ficávamos nesta estrada, como se tudo o que emitisse a energia me chamasse. Eu estava certa que tudo o que eu detectei era uma relíquia. Havia muito poder aqui para não ser. Rezei para que tivéssemos encontrado o Pentalpha.

Demorou alguns quilômetros através do deserto vazio antes dos faróis brilharem em um trailer que parecia estar a muito tempo estacionado na poeira. O telhado caiu um pouco e o corrimão da pequena varanda estava quebrado e pendurado. A porta da frente desgastada e batida se escondia atrás de uma tela surrada que girava em suas dobradiças, e as janelas estavam cobertas com uma espessa camada de sujeira.

Honestamente, o lugar parecia abandonado.

— Está aí — disse a Will.

Não havia nenhum caminho visível, então ele saiu da estrada em frente ao trailer, dirigindo sobre as rochas e plantas. Seu rosto de jogo estava ligado quando desligou a caminhonete.

— Deveríamos bater na porta? — perguntei, sem saber como iríamos proceder.

— Isso não importa — respondeu ele. — O guardião já sabe que estamos aqui. Esteja preparada para lutar, apenas no caso.

Eu assenti, mas esperava que não precisássemos. Quando saímos da caminhonete, um ceifeiro angelical apareceu pela porta do trailer e desceu as escadas rangentes. Will se adiantou, aproximando-se com cuidado. O ceifeiro usava roupas muito mais limpas do que o estado de sua casa, e seus cabelos foram cortados perto do couro cabeludo. Seus olhos, uma cor de ameixa suave que brilhava um pouco na escuridão, nos estudou curiosamente. Ele parecia ter concluído que Will também era angelical, mas a maneira como ele esfregava os bigodes no queixo me fizeram duvidar que ele soubesse quem eu era.

— Indique seus negócios — disse ele, sua voz carregava um leve e incomum sotaque. — Não gosto de pessoas aparecendo na minha porta. E se livre da garota. Eu não permito humanos.

— Esta é a Preliator — anunciou Will, e os olhos do ceifeiro dispararam. — Eu sou o guardião dela. Nós viemos investigar a relíquia em sua posse.

Ele caminhou em nossa direção, o olhar fixo em mim, seus passos lentos e uniformes. — É verdade? Você é a Preliator? Você é muito pequena.

Escolhi ignorar essa última adição. Ele parecia nervoso, então fiz um esforço para parecer amigável. Estendi uma mão para ele. — Oi. Eu sou a Ellie.

O ceifeiro observou minha mão aberta por alguns momentos, tempo suficiente para tornar as coisas bem estranhas, e deu a Will um olhar inseguro.

Quando Will não quebrou o braço imediatamente, ele pegou minha mão e segurou-a com firmeza. — É uma honra. Eu sou seu servo e meu nome é Icarus.

Dei a ele um sorriso caloroso. — Muito prazer em conhecê-lo, Icarus. Você pode nos mostrar a sua relíquia, por favor?

— Sim, sim — disse ele. — Entre.

Will e eu seguimos Icarus para o trailer. O interior estava escuro, com apenas alguns poucos móveis esparsos. Os armários da cozinha estavam quebrados e o carpete cheirava a mofo. Eu não queria parecer rude cobrindo minha boca e nariz do cheiro, mas foi muito difícil não fazer. Will, educadamente, não deu sinal de desconforto, embora seu olfato tivesse que ser cem vezes mais forte que o meu. Icarus estendeu a mão, apontando para ficarmos parados, e cruzou a estreita sala de estar para uma das janelas. Ele puxou o cabo de persianas e o chão entre nós se separou com um zumbido mecânico, revelando uma escada em espiral de aço, descendo até um poço bem iluminado.

— Isso não é o que eu esperava — murmurei para Will. Ele parecia não se incomodar com a passagem secreta, como se elas aparecessem o tempo todo na vida real.

— Que relíquia você está procurando? — perguntou Icarus ao voltar para onde estávamos.

— É chamado de Pentalpha — explicou Will. — É extremamente poderoso e criado pela própria Gabriel. Tem a capacidade de evocar os Caídos.

— Ah — disse Icarus. — Uma de suas próprias criações, Preliator? Desculpe, eu não reconheço essa palavra, mas fico feliz em mostrar o que tenho. Talvez você saiba quando vir. — Ele começou a descer as escadas. — Me siga. Todos os guardiões das relíquias têm sua própria maneira de sobreviver e proteger seus encargos. A casa acima desta instalação é mais ou menos uma camuflagem. As pessoas geralmente não vêm batendo, e se os demoníacos me rastrearem, eles não encontrarão muito. Também age como uma precipitação de abrigo. Você sabe, apenas no caso. Depois da Segunda Guerra Mundial, os anos cinquenta me deixaram um pouco nervoso com os humanos e sua afinidade com explosivos. Então eu fiz uma atualização quando os abrigos contra bombas estavam em toda parte durante a Guerra Fria. Não que eu seja paranoico. Eu sou cuidadoso. Apenas no caso.

Atirei a Will um olhar desconfortável. — Não, claro que não. Então você está aqui há sessenta anos?

— É quanto tempo tem sido? — perguntou ele. — Fiz modificações algumas vezes. Seja cuidadosa onde você pisa e onde toca nas paredes. Existem dispositivos defensivos acionados pelo toque.

— Este lugar tem armadilhas? — perguntei, de repente, em pânico.

— Um pouco — respondeu ele. — Sim.

Parei de repente, fazendo Will esbarrar em mim. — Por que você não disse alguma coisa? Como passamos por elas?

— Não se preocupe — disse Icarus casualmente. — Eu as desativei quando abri as portas. Tenho a habilidade de controlar dispositivos de metal e elétricos. Mas você nunca sabe. Eu poderia ter perdido uma, então tenha cuidado.

Engoli em seco. — Apenas no caso?

— Sim.

Mordi o lábio e decidi prosseguir por minha conta e risco. Icarus parecia contente navegando pela escadaria repleta de armadilhas, então eu queria dar a ele o benefício da dúvida. Chegamos ao fundo do poço e encontramos um corredor feito inteiramente de aço, o que levou a uma enorme porta pesada com um elaborado adorno de fechaduras de alta segurança. Um feitiço angelical repelindo o demoníaco foi pintado em vermelho na porta e no chão de metal em frente a ela. Eu não precisava chegar perto para cheirar que a tinta era na verdade sangue – sangue *fresco*.

— Você já teve um ataque de demoníaco? — perguntei a Icarus.

— Eles nunca chegaram tão longe — respondeu ele. As fechaduras clicaram, zumbiram e se retraíram, permitindo a porta se abrir. Atrás da porta havia outro corredor, mas este parecia que pertencia a uma casa comum. Um corredor tinha um tapete e se abria em uma sala com sofás de couro e um número insano de livros espalhados e empilhados em torres inclinadas. Apesar dos talentos de Icarus com metal, não havia muitos aparelhos para serem vistos.

— Você mora aqui embaixo? — perguntei.

— Sim — disse ele. — Eu não saio muito, a não ser para conseguir comida e qualquer outra coisa que eu precise.

— Não poderia dizer.

— Essa é a vida de um guardião — meditou ele. — Você deve saber.

Espiei por cima do meu ombro para o meu Guardião de rosto duro. — Will definitivamente não sairia muito, a menos que eu o faça ir.

Icarus nos levou a um quarto. — Quando alguém tem algo precioso, a pessoa tende a não querer deixar fora de vista — disse ele.

— Eu entendo muito bem — respondeu Will.

Icarus olhou para o teto, e um painel assobiou e deslizou para o lado, permitindo que um cofre de metal fosse retirado de um espaço escuro em uma espécie de aparelhador de alta tecnologia. Eu me maravilhei com todos os dispositivos estranhos que Icarus tinha aqui e perguntei como ele vivia antes da eletricidade ser inventada. Imaginei que ele era muito entediado naquela época.

— Você provavelmente não abriu isso em um tempo — disse eu. — Espero que você se lembre da combinação.

— Não há combinação — respondeu o guardião da relíquia e olhou para a porta do cofre. Depois de um momento, coisas mecânicas dentro clicaram e giraram e a porta se abriu, assim como as fechaduras da porta do corredor. Icarus alcançou e removeu um objeto maior do que eu esperava. Era uma estátua – não o anel Pentalpha.

Soltei um suspiro cansado de decepção. — Não é isso que estamos procurando.

— Não? — perguntou Icarus. — Este é o ídolo de Pazuzu, capaz de invocar o demônio desse nome. Eu tenho protegido por duzentos anos.

Enquanto a relíquia era incrivelmente poderosa, forte o suficiente para me fazer sentir um pouco tonta, definitivamente não era o que precisávamos. — A relíquia que procuramos pode convocar qualquer demônio, não apenas Pazuzu. É um anel, mais ou menos.

Icarus franziu a testa. — Sinto muito. Não tenho nada disso. Eu gostaria de poder te ajudar.

Um horrível pavor nauseante começou a rastejar pela minha barriga e as piores preocupações sussurraram na minha cabeça. Nós chegamos tão longe para encontrar essa coisa, mas foi um beco sem saída. Eu teria que ligar para Ava pela manhã para ver se ela encontrou alguma coisa. Nós precisávamos encontrar o Pentalpha antes de qualquer outra pessoa. Tudo dependia disso.

Uma mão tocou meu ombro. — Hey — disse Will gentilmente. — Só porque não está aqui não significa que nós não vamos encontrar. Ainda temos que verificar

com Ava e Marcus, e ainda há a Bélgica. Se não pudermos encontrar o Pentalpha, então vamos encontrar outra maneira de evocar Azrael.

— Bélgica, você diz? — perguntou Icarus. — É um segredo muito bem guardado entre os guardiões que existe uma relíquia supremamente poderosa escondida na Bélgica, protegida pelo mesmo guardião por quase seiscentos anos. Ninguém sabe o nome do guardião. É assim que ele está bem escondido.

— Isso soa promissor — disse eu, na esperança de parecer entusiasmada, mesmo com a dúvida rastejando através dos meus pensamentos.

— Vamos sair de manhã — disse Will.

— Vocês têm um lugar para ficar? — perguntou Icarus. — Vocês são bem-vindos em minha casa. Eu insisto. Esta instalação é muito mais segura do demoníaco do que um motel.

Após todas as viagens e lutas que fiz nas últimas setenta e duas horas, eu estava mais do que disposta a bater na primeira superfície macia que encontrasse. — Isso seria ótimo, Icarus. Obrigada.

Ele parecia satisfeito com isso e devolveu o ídolo de Pazuzu ao seu lugar seguro e escondido no teto. — Vou te mostrar um quarto. Há alguns quartos, mas eu raramente tenho convidados, como você pode imaginar. Prometo que você encontrará as acomodações muito confortáveis. Vocês estão com fome?

— Nós dois precisamos comer — disse eu.

Os olhos amendoados de Icarus cresceram em um tom vibrante de excitação. — Eu amo cozinhar. Devo ter cem livros sobre isso. Já que não cozinho com muita frequência para os outros, deixe-me fazer esse prato incrível que tenho estado morrendo de vontade de experimentar...

Ele tagarelou enquanto nos fazia vários pratos deliciosos. Por mais excêntrico que ele fosse, eu gostava dele. Ele era um cara muito interessante. Imaginei que poderíamos ser amigos. Mas eu sabia muito bem como era a vida de um guardião. A amizade não costumava se misturar.

Quando terminamos de comer, eu estava tão cheia que me matou para me movimentar e ajudar os garotos a limpar. Quando tudo foi deixado de lado, Icarus nos levou ao pequeno quarto em que ficaríamos durante a noite.

— Vou lhe mostrar outro quarto, Ellie — ofereceu Icarus e começou a sair.

Eu o parei. — Está tudo bem.

Ele me deu um olhar curioso. — Oh. — Ele fez uma pausa, pensativo. — Está bem então.

— Vou pegar nossas malas — ofereceu Will e desapareceu da sala para navegar pela estranha casa subterrânea.

O quarto era aconchegante, com paredes pintadas de verde floresta e uma grande cama fofa contra uma parede. Eu desabei no colchão e pensei em adormecer antes que Will voltasse com minhas coisas. Quando senti meu cabelo sujo de poeira, percebi que não conseguiria dormir sem tomar banho primeiro. Talvez o deserto não fosse para mim, afinal.

Também percebi que Icarus ainda não havia saído. Suja, sentei-me e afastei meu cabelo do meu rosto. Sua cabeça estava levemente inclinada para o lado, como um pássaro verificando um verme. Felizmente ele era angelical e eu não corria o risco de compartilhar o destino de um verme. Talvez.

— Você é muito estranha — observou Icarus.

— Obrigada — respondi, um pouco insegura. — Você também é.

— Eu aceito isso.

— Fantástico.

Ele hesitou, sua expressão em branco. — Você também é muito diferente do que imaginei que fosse. Você é um arcanjo, mas você é tão...

— Humana? — terminei por ele.

— Sim — disse ele. — Você é muito humana. Por quê?

Pisquei, novamente incerta. Então dei de ombros. — Bem, se é como um pato...

— Eu não entendo.

— Estou na Terra há muito tempo — continuei. — Eu sou humana há muito tempo. Não lembro como é ser um arcanjo.

— Você e seu Guardião parecem próximos.

— Estamos juntos — expliquei.

— Interessante.

— Há algo de errado com isso?

— Não — disse ele. — Acho que não. Mas eu não teria esperado isso.

— Nosso relacionamento não é sem seus desafios — disse eu. — Acredito que nos faz uma equipe mais forte, no entanto. O amor faz você lutar mais por instinto.

— Também interessante — observou Icarus. — Eu queria poder entender esse tipo de fortaleza.

— Um dia você poderá.

— Eu não vou — respondeu ele. — Mas está tudo bem. Estou feliz que você tenha encontrado. Mantenha-o perto do seu coração.

— Eu vou — prometi.

— Estou feliz em conhecê-la, Ellie — disse Icarus. — Boa noite.

Sorri para ele. — Estou feliz em conhecê-lo também. Obrigada.

Ele me deu uma reverência lenta e superficial antes de sair do quarto. Alguns momentos depois, Will voltou e jogou minha mochila na cama.

— Tenho as suas coisas — disse ele.

— Obrigada. Vou tomar banho. Você irá dormir?

Ele assentiu. — Sim. Tenho a sensação de que não vamos descansar muito depois desta noite, então eu vou dormir tanto quanto puder.

— Boa ideia — disse eu com um sorriso cansado. — Voltarei em alguns minutos.

Ergui minha bolsa por cima do ombro e procurei no corredor pelo banheiro. Tomei um banho rápido para tirar a sujeira do meu cabelo e quando voltei ao quarto, as luzes estavam apagadas. Eu subi na cama ao lado de Will o mais silenciosamente que pude, então não o acordaria. Eu me aninhei contra seu corpo e descansei minha bochecha em seu peito, seu batimento cardíaco, uma canção de ninar de metrônomo.

Entrei e saí do sono por um tempo, cada vez tão curto que eu não estava dormindo por tempo suficiente para sonhar. Algo continuava me puxando para fora e acordando, mas eu não conseguia dizer exatamente o que. Antes que eu percebesse o que estava fazendo, eu estava escorregando da cama vestindo os meus sapatos e saindo na ponta dos pés. Senti uma energia me puxando para fora da casa subterrânea e para a noite. Todas as portas destrancaram diante de mim, balançando-se para me deixar passar, e subi a escada sinuosa até a superfície em uma espécie de transe. Meus sapatos fizeram ruídos suaves no chão de madeira rangente do frágil trailer, e quando abri a porta da frente e empurrei a tela rasgada para o lado, fiquei muito consciente de que eu apenas me deixei atrair para o espaço aberto.

E outra coisa estava aqui também.

18

EU NÃO ERA ESTRANHA AO CALOR E À LUZ DA GLÓRIA de um arcanjo. Michael ficou parado diante, em todo o seu brilho, aquele olhar frio e duro fixo em mim. Eu me senti tão primitiva e frágil naquele momento, enquanto olhava para ele, e vi o que eu fui uma vez. Mas em toda a sua beleza, não havia vida nele, nem felicidade. Havia algo diferente nele hoje à noite, algo cintilando em seu rosto sem emoção, o qual ele lutava com todas as suas forças para esconder – algo que eu poderia jurar que era raiva.

Mesmo que fosse cautelosa com sua presença, eu esperava que ele estivesse aqui para entregar uma mensagem, algo que poderia nos dar uma vantagem contra os Caídos. — Michael? Você está aqui para nos ajudar?

— Estou aqui para o Guardião — respondeu ele, em sua voz gélida e vazia.

No instante seguinte, Will estava ao meu lado. Seu poder zumbiu em torno dele e eu sabia que ele podia sentir através do nosso vínculo que me sentia ameaçada. Michael não estava aqui em paz. Nenhum de nós era tolo o suficiente para abaixar nossas guardas.

— Eu sei por que você veio — disse Will, sua voz sombria e desafiadora.

As vestes de Michael tremulavam sob sua armadura dourada em uma brisa invisível, suas asas abertas e largas. Seus pés estavam firmemente no chão, mas ele se elevou sobre nós. — Eu avisei você, Guardião.

De repente, percebi o motivo exato da chegada de Michael. — Você está falando *sério*? — cuspi para ele. — Você vira as costas para esta guerra, se recusa a entrar enquanto Sammael está correndo solto, enquanto ceifeiros demoníacos massacram os humanos em público e ameaçam não só a Terra, mas também o Céu, e *agora* você mostra seu rosto? Minha vida sexual é realmente sua prioridade? Não é de se admirar que nosso lado esteja em uma merda tão profunda.

— Aceitar a vida de tutela é aceitar a vida de servidão — explodiu Michael, sua voz tocando acima do meu. — O Guardião não deve perseguir seus próprios anseios e desejos, e especialmente não é permitido perseguir um arcanjo.

— É sobre ele quebrar regras que eu nunca ouvi falar, ou é o fato de que ele é um ceifeiro? — exigi. — Qualquer que seja a regra que você insista em impor, não há motivos aqui. No céu, eu sou um arcanjo, mas aqui é a Terra, e aqui embaixo, não importa que eu tenha o poder de um arcanjo. Na Terra, eu sou humana e não respondo a ninguém.

— O castigo do Guardião não envolve você, Gabriel — disse Michael.

— Como o inferno não!

— Ellie — disse Will em um tom calmo e cuidadoso, me avisando. Eu entendi a preocupação dele, mas agora não era hora de ter cuidado para não irritar um arcanjo.

— Você sabia que eu viria caso você desobedecesse — disse Michael a Will. — Você ultrapassou seus limites. Você não tem respeito pela sua carga, ceifeiro?

— Como você ousa perguntar isso a ele? — gritei. — Este ceifeiro derramou mais sangue por mim do que você ou qualquer um dos nossos irmãos e irmãs já derramou. Nenhum de vocês tem ideia do que é aqui embaixo. Os Ceifeiros Angelicais são a única razão pela qual existe alguma vida na Terra, e você não tem nenhuma reverência por eles por causa do que são. Eles estão perdendo a vida pela sua causa!

— São ferramentas — disse Michael, seu olhar me perfurando. — Assim como nós.

Balancei a cabeça em desgosto. — Se é isso que você pensa, então você não tem nada pelo que lutar. E se não tem nada pelo que lutar, então não tem como vencer esta guerra. Essa é a diferença entre você e eu. Eu tenho algo por que lutar. Os ceifeiros e eu não somos zangões irracionais. Nós estamos lutando por nossas vidas, para a vida de todos! Não graças a você, vamos vencer esta guerra.

— A missão do Guardião é mantê-la viva até que ele esteja morto — disse Michael. — Ele aceitou esse dever quando ofereci a ele, e ele desobedeceu às minhas ordens.

— Ele não é seu para comandar! — falei. — Will é meu Guardião e ele está livre para viver a vida dele.

O lábio de Michael se curvou. — Ele não é livre. Ele está ligado à vontade dos anjos.

— Honra me liga a ela! — falou Will de repente. — Vou segui-la até a beira da noite e voltar. Você mesmo disse que eu sou *dela*.

Michael tirou a espada da bainha e Will invocou a dele em um flash de luz e prata.

— Você vai obedecer a um arcanjo.

Will ergueu sua espada para Michael e seu poder surgiu ao seu redor, um violento choque de sombras e escuridão. — Eu não obedeço a você. Obedeço a Gabriel e eu a amo. Isso me faz mais forte que todos os outros, porque eu nunca vou desistir. Não há nada em existência que eu seja mais querido. Ela é tudo para mim. Ela é minha como eu sou dela, em todos os sentidos. Eu não cederei a você, Michael, porque você é não meu mestre. Eu respondo a Gabriel somente. Derrube-me se você quiser, mas não desistirei dela sem lutar, e tenho lutado por muito tempo. Ainda tenho muito em mim.

— Então você escolheu a morte — disse Michael friamente.

Soltei uma respiração afiada de horror e me joguei entre eles. — Não! — falei para Michael. — E se você o matar, então é praticamente uma sentença de morte para todos nós. Will tem sido meu Guardião por quinhentos anos. Nenhum outro Guardião chegou perto de me proteger por tanto tempo. Por que você considera sequer matar o melhor soldado que você já teve quando estamos tão perto do fim? Como você pode estar com raiva dele e de mim?

Ele me deu um olhar vazio. — Não estou bravo. Eu não sinto nada.

— E essa é a sua fraqueza, Michael! Você não sente nada! Isso significa que você não entende. Mas eu sim, irmão. Compreendo. Eu sinto. Eu amo. Amo meu guardião. Você o deu para mim! Deus me fez humana! Quantos milhares de anos você assistiu a humanidade? O que todos eles fizeram? Todos amavam. Como Deus poderia ter me feito humana e você me deu o meu Guardião e esperava que eu não o amasse?

— O amor é a doença que atingiu Lúcifer — respondeu Michael. — Foi o que começou a guerra.

— Não — disse eu com firmeza —, seu ódio e inveja da humanidade eram mais fortes que seu amor por Deus e por nossos irmãos e irmãs. Se a única emoção que ele sentia fosse amor, então ele poderia ter aceitado que nosso Pai também fosse dedicado às suas criações humanas. Mas Lúcifer não amava e você sabe disso assim como eu. O amor não teve nada a ver com o mal que Lúcifer fez desde sua rebelião.

— Isso pode ser verdade — disse Michael. — Mas o amor é tão perigoso quanto o ódio. Tenho permanecido forte e fiel a Deus porque a emoção não obscurece minha mente. Devo me concentrar na minha missão e também o Guardião.

— Michael, por favor — implorei. — Você me deu uma incrível sabedoria. Por favor, ouça minha própria sabedoria para você. Will não é perigoso. Ele me dá algo para lutar e me faz feliz. Você não pode executá-lo.

— Ele desobedeceu. A desobediência garante a morte.

— Eu o amo — disse eu em voz baixa, meus lábios tremendo. — Nenhum amor pode justificar a morte. Por que você tiraria isso de mim?

Michael ficou em silêncio, seu olhar suavizou quando ele olhou de mim para Will, e uma luz fraca de esperança cintilou no meu coração. — Você lamentaria por ele.

— Sim — disse eu. — Eu choraria por ele, eternamente com o coração partido. Essa alma humana me deu muitas bênçãos e maldições. Eu sou a única da nossa espécie que já sentiu a felicidade mais perfeita e a tristeza mais verdadeira... *por causa* dessa alma. Meu amor pelo meu Guardião é uma dessas bênçãos. Isso não é uma maldição.

— Eu quero confiar em seu julgamento, irmã.

— Você *pode* — prometi. — Por favor, confie em mim. Preciso de toda a ajuda que posso conseguir, e isso inclui a sua. E se você matar meu Guardião, então eu nunca te perdoarei. Não posso estar em guerra com você também. Por favor, *por favor*, Michael, meu irmão. Não o mate.

Eu chorava agora, e o arcanjo me encarou com espanto abjeto. Ele deslizou em minha direção e se abaixou, olhando para o meu rosto como se eu fosse uma aberração. Enterrei meu rosto em minhas mãos enquanto chorava, enxugando as lágrimas das minhas bochechas e fazendo um horrível estremecimento no alto da garganta. Eu odiava o jeito que Michael me olhava então, quando o assombro vazou através de seu exterior sem emoção. Ele levantou um dedo na minha bochecha e pegou uma lágrima em sua pele clara que era feita de luz dourada. Ele estudou a gota e olhou para o meu rosto.

— Estas são lágrimas humanas — disse ele, sua descrença clara.

Inalei. — Sim. Eu *sou* humana. Por que você não entende isso?

— Eu nunca vi você chorar.

O ridículo quase me fez rir. — Estou te implorando para não matar a pessoa que eu amo. Claro que ficarei um pouco emotiva.

— Eu não quero que você chore — disse ele. — Isso me deixa com medo por você. Você não deveria chorar e eu não devo sentir medo.

— Você me odeia? — perguntei a ele.

— Claro que não — disse ele gentilmente.

Uma lágrima pegou na borda dos meus lábios. — Você me ama como sua irmã?

Sua boca se abriu para responder, mas nada saiu.

— Tudo bem — sussurrei. — Você está preocupado comigo porque você me ama. Não tenha medo de sentir alguma coisa. Nosso Pai nos fez assim. Ele não cometeria um erro.

— Eu... — disse Michael, e a emoção transbordou em seu rosto. Sua testa franziu de exaustão e ele parecia impressionado com o que sentia. Ele fechou os olhos e respirou fundo antes de abri-los novamente. — Você é minha irmã, Gabriel.

— Então não faça isso — implorei a ele.

Ele ficou quieto novamente por vários momentos agonizantes, retornando ao seu estado sem emoção. — Mantenha-o. Tenho fé em você, irmã.

Will e eu demos suspiros de alívio, mas levou alguns segundos antes que Michael guardasse sua espada. Sua expressão permaneceu imutável enquanto apagava a sentença de morte de Will.

— Obrigada — disse a ele. — Muito obrigada. Eu preciso de você, Michael. Me ajude a derrotar Sammael e Lilith.

— Se pudesse, eu faria — respondeu ele. — Mas minhas ordens são de permanecer no Céu e proteger nossos mundos. É seu dever proteger a Terra. Desculpe, Gabriel.

— Não posso fazer isso sozinha. Preciso de mais anjos aqui embaixo.

— Não podemos desobedecer nossas ordens — disse Michael. — Isso inclui a mim.

— Você já ouviu falar de algo chamado gládio sagrado? — perguntei. — Disseram-me que o inimigo teme que essa arma destrua Sammael.

— Sim — respondeu ele. — O gládio pertence à Azrael.

Olhei para Will. — Isso é uma ótima notícia.

Will assentiu. — Azrael deve ter usado essa arma para derrotar Sammael antes e ele ainda deve tê-lo. Pelo menos sabemos exatamente onde está e não precisamos procurá-lo.

— É possível eu me tornar um arcanjo de novo? — perguntei a Michael. — Se eu tivesse todo o meu poder, então seria páreo para Sammael.

— É possível — disse Michael —, mas a destruiria.

Foi como se tivesse recebido um soco na minha barriga, o choque de suas palavras uma decepção de entorpecer a mente. — O quê? Destruir-me?

— Nenhum corpo humano pode suportar tanta energia — explicou Michael. — Um mero vislumbre da glória de um anjo queimará os olhos das órbitas normais de um humano. Você tem poder divino suficiente em você para lidar com a glória angelical por curtos períodos de tempo, mas prender toda a sua verdadeira força dentro deste corpo mortal vai matá-la. A morte pode não acontecer instantaneamente, mas seria inevitável. Você é instável como já é, com suas emoções humanas diretamente em conflito com seu poder angélico. Você deve ter sentido isso acontecer antes, quando invocou sua força total.

— Você está dizendo que eu me tornaria uma bomba relógio?

Ele me deu um único aceno de cabeça. — De certo modo.

Will fechou a distância entre nós e colocou uma mão reconfortante no meu braço. — Devemos abandonar o plano, então. É muito arriscado.

— Por quanto tempo meu corpo poderia sobreviver com o meu poder total? — perguntei a Michael.

— Ellie… — Will apertou a mão em mim.

— Você viveria até que usasse esse poder — disse o arcanjo. — E precisaria de tudo para matar os caídos.

— Então eu poderia sobreviver até que eu matasse Sammael e Lilith.

— Isso é possível.

— Ellie! — Will pegou meu queixo e virou meu rosto para o dele, perfurando os olhos nos meus. — Nós vamos encontrar outra maneira de vencer.

— Se este é o único caminho, então estou feliz em fazê-lo — disse a ele. — Eu sei que é horrível, mas se me matar, então eu posso voltar.

— Isso não pode ser garantido — falou Michael, chamando nossa atenção de volta para ele. — Se você morrer como um arcanjo na Terra, ao invés da humana que é agora, você provavelmente não será reencarnada.

Deixei suas palavras penetrarem, considerando o que elas realmente significavam que aconteceria comigo. Eu me senti desvanecendo em meus pensamentos, mas a pressão da mão de Will na minha pele me manteve de pé. Tomei uma respiração trêmula e olhei em seu rosto. O medo ressoou em seus olhos verdes e ele deu um quase imperceptível sacudir de cabeça.

— Há sempre outro caminho, Ell — sussurrou ele.

Mordi meu lábio e engoli em seco. — E se não houver?

— Eu *farei* outra maneira — jurou ele e segurou meu rosto. — Não a perderei para sempre.

— Se este é o meu destino, então eu o abraço — disse eu.

Seus polegares roçaram minhas bochechas suavemente e seu olhar era firme e absoluto. — Não. Você tem poder para mudar seu destino. Você pode lutar contra isso. Nós vamos lutar juntos.

— Se eu tivesse mais informações, diria o que sei — disse Michael. — Mas o que você pede nunca foi feito.

Eu me afastei de Will e me aproximei do arcanjo. — Então você está dizendo que não sabe tudo, que pode haver uma chance de estar errado.

— Isso é possível.

Assenti, pesando minhas opções na minha cabeça. Sempre havia esperança. Eu necessitava me apegar a tudo que eu tinha, não importava o quanto aquela esperança parecia fraca. — Obrigada.

Michael se curvou em um arco baixo e vasto. — Eu devo ir agora. Posso sentir meu tempo neste mundo escorregando. Adeus, irmã. Boa Sorte. Vá com Deus.

O arcanjo desapareceu em um flash de luz, e meus olhos levaram algum tempo para se ajustar de repente às trevas. Eu me virei para Will, me forçando a encará-lo e a conversa que estávamos prestes a ter.

— Will…

— Não vamos tomar uma decisão até falarmos com Azrael — sugeriu ele. — Ele ainda pode ser capaz de lutar.

— E se ele não puder? — perguntei. — Ou não for?

— Então vamos descobrir outra coisa.

— Eu farei o que tiver que fazer.

— Você não morrerá por isso.

— Se eu tiver que morrer para salvar a todos, então eu vou em um piscar de olhos. O mundo é mais importante do que eu.

Ele balançou a cabeça e inalou uma respiração cheia de raiva. — Eu nunca a deixarei fazer isso.

Joguei minhas mãos, exasperada. — Não é uma decisão sua!

— Eu vou te parar.

— Will — disse eu, meu tom firme. — Eu ordeno que você me deixe fazer o que preciso fazer para parar os Caídos.

Seu lábio inferior tremeu e ele sugou enquanto aceitava a derrota. Seu olhar caiu e ele não respirou por alguns momentos agonizantes. — Se você fizer isso, então você me matará também.

Lutei contra um soluço e toquei sua bochecha, suavemente virando seu rosto para o meu. — Não. Você não desistirá. Você deve continuar lutando.

— E você? — sussurrou ele, sua voz se quebrando. — Você não pode desistir também.

Uma lágrima rolou no canto do meu sorriso. — Eu sempre volto para você.

A dor no rosto dele estava dolorosamente clara. De repente, ele passou um braço em volta da minha cintura me puxou contra ele, me beijando. Eu quebrei o beijo, incapaz de respirar enquanto lutava para me impedir de chorar. Ele me segurou perto, e enterrando meu rosto em seu peito quente, fechei os olhos com força. Eu não queria morrer. Não queria terminar, mas eu faria caso tivesse que parar essa guerra.

19

DE MANHÃ, NOS DESPEDIMOS DE ICARUS. Will e eu não conversamos muito em nossa viagem de volta para Michigan. Eu poderia dizer que ele não estava com raiva, mas estava definitivamente pensando. Eu decidi deixá-lo, deixá-lo descobrir o que ele precisava em sua cabeça. Eu já havia me decidido sobre meu próprio plano de ação, mas uma parte de mim esperava que Will encontrasse uma maneira de me impedir de fazer o que eu precisava fazer. Estranhamente, acabar com a minha vida não era o que eu tinha tanto medo. Embora não pudesse lembrar qualquer coisa do céu ou o que era ser um arcanjo, eu já vi o suficiente em Michael, Azrael e Sammael para ter certeza de que eu não queria ser como eles. Eu não queria mudar e me tornar alguém que realmente não era mais eu. Queria ser quem eu era: Ellie.

Marcus e Ava também chegaram a um beco sem saída, como nós, e a tutela de Cadan do grimório por alguns dias transcorreu sem problemas. Ninguém se incomodou em desembalar nada e a bagagem de todo mundo ficou ao redor da sala de Will enquanto discutíamos nosso próximo passo.

— Ellie e eu vamos para a Bélgica — disse Will. — Icarus parecia ter certeza de que algo grande está escondido lá, então pode ser sábio todos nós irmos.

— Posso conseguir passagens de avião para amanhã — ofereceu Marcus. — Encontrar alojamentos não deve ser difícil também. Assim que chegarmos, devemos nos dividir para cobrir mais terreno.

— Concordo — disse Ava. — Caso haja uma situação em que uma equipe não aguente sozinha, devemos permanecer perto o suficiente para que possamos nos encontrar rapidamente.

Senti-me satisfeita com o nosso plano até agora e, apesar da minha exaustão, fiquei entusiasmada e otimista pela próxima etapa da nossa pesquisa. — Segurança é uma prioridade — acrescentei à sugestão de Ava. — Eu acho que Cadan deveria se juntar a você e Marcus. Will e eu podemos levar o grimório conosco para mantê-lo seguro.

— Feito — disse Cadan. — Conheço alguns lugares demoníacos onde podemos nos encontrar.

— Não fique muito distraído — avisei com um sorriso provocante. — Estamos fora para chutar bunda específica.

— Certo, chefe — disse ele com uma saudação.

— Mais uma coisa — disse eu. — Quando evocarmos Azrael, quero que todos nós estejamos lá. Se ele não lutar para nós, então teremos que discutir nosso Plano B.

Will levantou-se abruptamente e saiu da sala sem dizer uma palavra. Mudei no meu lugar e Cadan pegou meu olhar com um interrogativo. Eu balancei a cabeça para ele, esperando que minha resposta não-verbal fosse uma sugestão forte suficiente para ele não abrir a boca.

Marcus se levantou, quebrando o silêncio constrangedor. — Na mesma nota, eu vou ver Kate e dizer adeus.

Na saída de Cadan, ele baixou a cabeça ao meu ouvido. — Você me deixará saber se algo estiver errado, ok?

— Sim — disse eu honestamente. — Estamos sob muito estresse e ele está apenas preocupado.

— Entendo — disse ele com um sorriso. — Vejo você do outro lado da lagoa.

— Você entendeu.

Ele seguiu Marcus pela porta e eu me virei para ir encontrar Will, mas Ava me alcançou e segurou meu braço.

— Ellie, ei — disse ela em voz baixa. — Você está bem?

Mordi meu lábio, incapaz de esconder meu nervosismo. — As coisas ficaram intensas no Arizona.

— Aconteceu alguma coisa?

Eu não sabia o quanto eu queria revelar a ela sobre a visita de Michael, porque, de alguma forma, o que aconteceu lá, parecia algo entre Will e eu. — Michael apareceu.

Seus olhos se arregalaram e — *Oh* — foi tudo o que ela disse.

Sua estranha resposta conhecedora me fez pensar o quanto ela sabia sobre a extensão do meu relacionamento com o Will. Eu ainda não disse nada a ninguém sobre nós dormindo juntos – e isso não era algo que eu particularmente queria discutir com Ava, dada sua curta história com ele.

Quando não falei mais nada, ela continuou em um tom cuidadoso. — Will me disse que ele estava preocupado que Michael faria uma visita se certas coisas acontecessem.

Com isso, eu tinha certeza que Ava acabara de me dizer que ela havia percebido. — Nossa conversa terminou com uma boa nota, eu acho.

— Então as coisas estão tensas com você e Will por causa de Michael, não por causa de...

Isso é tão estranho. Isso é tão estranho. — Sim, definitivamente por causa de Michael quase executando Will.

Ava estudou meu rosto. — Isso não é tudo, no entanto. É?

Ela era antipaticamente intuitiva. — Perguntei a Michael se havia uma maneira de eu me tornar Gabriel e ter meu poder total. Ele disse que se eu me tornasse um arcanjo, atingir minha força total aniquilaria meu corpo mortal. Ele também não sabia se que eu voltaria caso morresse como Gabriel. O que significa que isso seria o fim para mim.

— Ah — murmurou ela, a simpatia em seus calorosos olhos índigo. — E agora, Will está determinado a impedir você de ascender.

Forcei um sorriso. — Na mosca.

— Bem, a resposta é fazer o que você acredita que deve fazer — disse ela — , mas é muito difícil realizar isso em torno de alguém tão forte e determinado como Will. Ele não quer que você morra, isso é tudo. E pelo que vale, eu não quero que você morra também.

— Obrigada — disse eu com uma risadinha. — Você e eu, então. Espero que haja uma maneira de vencer o Sammael e Lilith sem me matar também, mas se não houver, então eu sei o que devo fazer.

— Eu acredito que você pode fazer qualquer coisa — disse Ava.

Fiquei em silêncio, maravilhada com o quão longe nós chegamos, ela e eu. — Obrigada.

Com um aceno de cabeça, ela apontou para o corredor em que Will havia desaparecido. — Vá falar com ele.

Não foi difícil encontrar Will. Quando ele precisava pensar e se refrescar, ele geralmente saía. Ele parecia preferir o ar livre, de qualquer maneira. Ele sentou no banco do balanço na beira do lago e assistiu enquanto eu deslizava para o assento ao lado dele.

— Eu sinto muito por ter mencionado isso — disse a ele.

Ele balançou a cabeça. — Não sinta. Eu não deveria ter deixado isso me aborrecer. Os outros precisavam saber tudo o que estamos considerando. Apenas não estou disposto a considerar este plano.

Eu não queria recomeçar a discussão, e tive a sensação de que ele também não queria. Puxei minhas pernas para o banco e me enrolei contra ele, descansando minha cabeça em seu ombro enquanto ele envolvia um braço em volta de mim. — Nós vamos ficar bem — prometi a ele. — Vamos pegar mais um avião, encontrar o Pentalpha, conseguir que Azrael seja nosso exterminador, pegar uma jaqueta de couro e óculos escuros, e ficaremos bem.

Ele não disse nada e só me segurou mais apertado.

* * *

Eu me despedi de Nana mais tarde naquele dia antes de ir à casa de Kate para assistir filmes e relaxar. Ela abriu a porta e me deu um grande abraço. Foi muito bom vê-la depois da montanha-russa emocional que foi essa de viagem ao Arizona.

— Quando Marcus saiu? — perguntei enquanto nos dirigíamos para o quarto dela.

— Na verdade, eu voltei da casa dele há uma hora — respondeu ela. — Imaginei que eu poderia também ajudá-lo a embalar… e outras coisas.

— Elegante — disse eu, revirando os olhos.

Ela fechou a porta e se sentou em sua cama. — Eu fiz ele prometer trazer você para casa.

— Nós vamos trabalhar muito duro nisso — disse eu. Eu tirei seu fichário de filmes dos armários sob sua televisão. — O que você quer assistir primeiro?

— Algo incrível e divertido.

Folheei as páginas, examinando os títulos. — Que tal *As Patricinhas de Beverly Hills*?

— Perfeito.

— Que tal, *Garotas Malvadas*?

Kate soltou um suspiro longo e feliz. — Você está lendo minha mente agora?

— Habilidades naturais, obviamente — disse eu, e coloquei o DVD no player.

Passar algumas horas com minha melhor amiga, assistir filmes e brincar, me ajudou a compreender aquele sentimento de normalidade que eu não sentia há tanto tempo. Eu me preocupei que essa noite final de paz fosse tornar mais difícil para eu deixar a minha vida, mas sentada lá com a Kate, lágrimas nos meus olhos de rir, e nosso anuário sênior aberto entre nós, eu decidi que não desistiria sem um inferno de luta, que seria inquebrável. Eu não lutava apenas pela minha vida, eu lutava por Kate também. Pela vida de todos. Eu não podia decepcioná-los.

Ela deve ter notado meu olhar distante, porque descansou a cabeça no meu ombro. — Você está bem, Ell?

Dei de ombros, indiferente. — Eu só quero que isso acabe.

— Marcus me disse que estava preocupado com você.

Fiz uma nota mental para chutá-lo no joelho por me colocar nessa conversa com Kate. — Eu ficarei bem. Prometo.

Ela fez um barulho ininteligível de descrença. — Ele também disse que você e Will estavam agindo de forma estranha, e que eu não deveria dizer nada. O que, claro, significa que eu vou. E acabei de fazer. Então, explique, por favor.

Um sorriso secreto escapou do meu controle. Esta era uma conversa que não tive medo de ter. — Algo aconteceu. As coisas mudaram.

— Algo bom por esse sorriso estúpido em seu rosto. — Ela riu e, em seguida, seus olhos ficaram enormes. — Oh meu Deus! Você dormiu com ele!

Mordi meu lábio. — Sim.

— Por que você não me disse imediatamente? — perguntou ela, parecendo magoada.

— As coisas ficaram muito loucas.

— Entendo — disse ela. — Então, derrame. Como foi? — Ela piscou para mim.

— Ele foi muito gentil — respondi. — Ele foi bom para mim.

Ela sorriu. — Estou feliz por você. Fico feliz que as coisas tenham funcionado para vocês. O relacionamento de vocês tem sido tão alto e baixo há muito tempo.

— Foi difícil — concordei. — Estou triste por termos esperado tanto para ficarmos juntos. Provavelmente é tarde demais agora.

Ela me observou, e o olhar em seu rosto me disse que ela entendia o que eu queria dizer. — Esta viagem não será como a última, né? — perguntou ela, sua voz cheia de tristeza.

Fiquei quieta por um momento. Eu queria ser honesta com ela, mas não queria preocupá-la. Se morresse, eu não queria que a última lembrança de Kate fosse triste. — Não — respondi.

— Você sabe que pode me dizer qualquer coisa.

— Posso não voltar desta vez — confessei, e mordi a ponta da minha língua para manter a compostura. — O melhor cenário é que encontraremos este anel, o Pentalpha, e convocaremos o anjo que derrotou Sammael antes. Se esse anjo não puder ou não for lutar, precisaremos de outro anjo. Eu.

— Você se tornará um arcanjo de novo?

Assenti. — Há uma arma que pode matar os Caídos, mas apenas outro anjo pode usá-la. Mas se fizer isso, então todo esse poder torrará meu corpo humano.

Seus lábios se separaram e ela balançou a cabeça em descrença. — Mas se você morrer, apenas voltará. Você vai reencarnar novamente.

— Não temos como saber com certeza se eu morrer como um arcanjo — disse eu. — Quando um anjo morre, é isso. É o mesmo para ceifeiros. Eles acabam. O céu é para as almas humanas.

Um vislumbre de esperança brilhou em seus olhos. — Mas você tem uma alma humana.

— Exatamente — disse eu. — Então nós não sabemos o que aconteceria comigo.

— Pelo menos há a possibilidade de você voltar — disse Kate. — Ou talvez você iria para o Céu. Não quero que você morra, no entanto. Eu sentiria muito sua falta. E eu não teria ninguém para brincar.

— Você tem Marcus para assediar — ofereci.

Ela fez uma careta. — Sim, mas eu preciso da minha melhor amiga mais.

Sorri para ela. — Ficará tudo bem. Tudo sempre termina de alguma forma.

— Eu acho que sim — disse ela. — Você será *você* depois de se tornar um anjo de novo?

— Eu ainda serei eu — prometi, mas não estava certa se isso era verdade ou não.

— Asas seriam legais.

— Sim.

— Difícil de encaixar através das portas, no entanto. E você passaria por camisas como pipoca, como Will.

Eu ri. — Sim.

Ficamos em silêncio por alguns momentos, nosso filme ainda estava passando, mas nenhuma de nós estava realmente assistindo. Ambas estávamos perdidas em nossos pensamentos.

Kate deu um suspiro trêmulo como se tentando não chorar. — Não quero que seja a última vez que eu te vejo.

— Se não for, então a primeira coisa que faremos quando eu voltar será ir às compras — disse eu. — E então nós vamos viajar. Eu sinto que salvar o mundo deveria nos garantir pelo menos uma semana no Caribe.

— Pelo menos — concordou ela. — Vamos levar os meninos, deitar em uma praia da ilha em algum lugar, fazê-los nos abanar com folhas de palmeira – não, as *asas* deles. Vou apostar meu peito direito que nenhuma princesa ou celebridade jamais foi abanada por asas. Nós somos tão legais.

— As mais legais.

O sorriso travesso de Kate iluminou seu rosto. — Sabe, com aquela coisa de guerreiro-servente entre você e Will, você poderia fazer alguma coisa bem excêntrica...

— Kate!

Ela começou a rir tanto que estava ofegando por ar. — Estou brincando! Bem, mais ou menos. Mas você sabe que eu só digo essas coisas para fazer seu rosto se transformar em um tomate, certo? É um hobby.

Olhei para ela. — Eu tinha uma forte suspeita.

Ela beliscou minha bochecha. — Você é tão baunilha. Eu te adoro.

— Sentirei sua falta, garota — disse a ela.

Ela suspirou e me deu um sorriso suave. — Sentirei sua falta também.

20

A VIAGEM PARA A BÉLGICA FOI LONGA E CANSATIVA, mas assim que nosso avião entrou no terminal em Bruxelas, senti uma nova vida e uma nova determinação em mim. Eu tive algumas horas de sono durante o voo, então estava descansada o suficiente para encontrar o resto da nossa equipe imediatamente. Ava e Marcus viajaram juntos, e Cadan teve que esperar até o anoitecer para voar. Alugamos um carro pequeno e fomos para o café onde planejamos nos encontrar antes de dar o primeiro passo para localizar o Pentalpha. O café estava lotado e tinha som ambiente suficiente para não sermos ouvidos por ninguém sem habilidades auditivas de ceifeiro. Sem mencionar que meu café era incrível.

Ava espalhou um mapa sobre a mesa entre nós. Ela pegou uma caneta e circulou um distrito em Bruxelas e a cidade de Liege, a cerca de uma hora de carro. — Conheço dois guardiões de relíquias na Bélgica — disse Ava. — Nenhum deles protege o Pentalpha, mas eles podem nos dar pistas sobre a identidade ou localização do guardião. Maeghan é local, Berengar está em Liege.

— Shotgun Liege — disse eu rapidamente.

Os ceifeiros olharam para mim como se tivesse crescido um terceiro olho em mim.

— O quê? — perguntei, nem um pouco embaraçada. — Seus waffles são mundialmente famosos. Eu vou para Liege se apenas por suas relíquias poderosas e waffles incríveis.

— Eu gosto de waffles — disse Cadan.

Sorri para ele. — Certo. Você estará na Equipe Waffles com Will e eu.

Will apenas deu de ombros. Ele me aceitou por quem eu era e não parecia se importar em estar no time Waffles.

Marcus deu a Ava um olhar patético. — Por que nossa equipe não pode ter um nome legal?

Ela olhou para ele antes de limpar a garganta. — Continuando, eu não posso te dar uma localização exata em Berengar. Você terá que procurá-lo, e não será fácil. Os guardiões das relíquias gostam de ficar escondidos.

— Entendi — disse eu. — Se eu chegar perto o suficiente da própria relíquia, poderei sentir.

— Não deve demorar muito para localizar Berengar — disse Will com confiança. — Acredito que teremos o Pentalpha ao anoitecer.

Marcus levantou da cadeira. — Ava e eu vamos sair então. Quanto mais cedo encontrarmos essa coisa, mais cedo tudo isso acabará.

— Vamos agitar, garotos — falei para Will e Cadan.

Reunimos nossos pertences e saímos, mas peguei o braço de Ava e ela se virou para mim.

— Algo errado? — perguntou ela.

— Você sabe muito sobre os guardiões — disse a ela. — Por que você nunca se tornou um?

— Não gosto de me esconder — respondeu ela. — Passei muito tempo sozinha no escuro. Estar fora no campo nas linhas de frente é mais certo.

Sorri para ela. — Sim é.

— Tenha cuidado lá fora.

— Você também — disse eu. — Entraremos em contato assim que encontrarmos Berengar. Um waffle gigante e delicioso dirá que encontramos o Pentalpha primeiro.

Ela retornou meu sorriso. — Você tem um acordo.

— Eu espio com meu olho de ceifeiro... — resmungou Cadan —, algo manchado.

Olhei por cima do ombro para ele do banco da frente. — Você está trapaceando. E é provavelmente uma vaca que está muito longe para os meus olhos humanos verem. Escolha algo perto da estrada.

— Bem. Eu espio algo verde.

— Grama, árvores, nuvens e céu não contam. Você é terrível neste jogo.

Ele bufou. — É um jogo estúpido.

— Escolha alguma coisa ou farei o Will brincar.

Will deu a ele um olhar de reprovação no espelho retrovisor. — Por favor, escolha alguma coisa.

Cadan suspirou e examinou a paisagem. — Eu espio algo marrom.

Olhei pela janela, incapaz de ver muito mais do que colinas verdes e céu azul. — A cerca? — perguntei, apontando para ela.

— Você venceu — anunciou ele, desanimado. — Eu admito a derrota. Você é poderosa demais para alguém tão fraco como eu.

— Não desista tão facilmente. Estou entediada.

— Conte os postes da cerca.

— Que tal eu contar o seu rosto? — resmunguei.

— Ooh, arde.

Eu me virei para olhar para ele por cima do meu ombro, mas assim que o vi, comecei a rir. Ele sacudiu a cabeça e riu comigo – ou de mim. Poderia ter sido também.

Will saiu da A602 e se dirigiu para o centro de Liege propriamente dito. Nós não tínhamos realmente um plano quando entramos na cidade, e isso pareceu tão desorganizado quanto a nossa viagem ao Arizona. Sugeri que estacionássemos o carro e pegássemos algo para comer enquanto vagávamos, esperando eu sentir alguma coisa. Andar pelas ruas aparentemente aleatórias de Liege foi difícil, mas a incrível arquitetura e arte magnífica fizeram uma divertida aventura. A noite começou a cair e encontramos um pequeno restaurante que eu tive certeza que servia waffles. Comi dois deles empilhados com calda de chocolate e chantilly e estava me sentindo muito mal do estômago quando saímos. Eu realmente não me importei em comer mais do que os ceifeiros, embora eu tivesse a sensação de que Will se arrependeria de não pedir um segundo.

Saímos do restaurante e percorremos as ruas pedregosas até tarde da noite, ouvindo a mistura vibrante de conversas e música francesa e flamenga. Quando peguei a sensação de energia de ceifeiro não suprimida nas proximidades, mudei-me para o Grim com Will e Cadan nos meus calcanhares. Ainda não vimos o ceifeiro, mas Will pegou meu ombro para me parar.

— Tenha cuidado — avisou. — Se podemos senti-lo, então ele provavelmente pode nos sentir. Nós não estamos escondendo nosso poder e ele pode ficar alarmado com a energia demoníaca de Cadan.

Era fácil eu esquecer que Cadan não era angelical. Nós precisávamos ser cautelosos ao nos aproximarmos dos outros ceifeiros – especialmente ceifeiros que conheciam Cadan de vista. Embora o lado paterno de Will possa ser desconhecido para todos além de nós, muitos ceifeiros estavam cientes de que Cadan era filho de Bastian.

— Deixe-me ir sozinho — ofereceu Will. — O ceifeiro não se sentirá tão ameaçado.

— Não — disse eu —, é minha responsabilidade. Fique com Cadan.

— Ell — disse Cadan em voz baixa.

Eu me virei para ele e congelei quando vi um ceifeiro parado a não mais de três metros de nós, o mesmo que nós seguimos. O ceifeiro era alto, todo de preto, o que o fez derreter nas sombras. Eu me perguntei se ele esteve à vista o tempo todo em que o sentimos, mas ainda era capaz de nos iludir. Ele avançou, suas botas estalando na calçada, e pude ver que sob o cabelo preto desgrenhado havia um rosto duro com características fortes e uma barba espessa. Seus olhos castanhos se acenderam em vermelho enquanto seu poder agitava-se ao seu redor, sombras e fumaça piscando.

— Não estamos aqui para lutar — falei para ele.

Sua cabeça inclinou em um gesto curioso e ele continuou andando em nossa direção. Will estendeu o braço para invocar sua espada, mas coloquei a mão em seu peito. O ceifeiro deu a Cadan um olhar cruel, mostrando os dentes e assobiando como um animal. Em vez de puxar uma arma e atacar imediatamente, ele circulou nosso grupo, nos estudando.

— Você fala inglês? — perguntei com cuidado, tendo certeza de não mostrar nenhum medo.

— Sim — respondeu ele, com um sotaque grosso e áspero que eu não reconheci, mas podia imaginar que era muito, muito velho.

— Você é o guardião da relíquia chamado Berengar?

Após alguns segundos, ele me deu um único aceno de cabeça.

— Eu sou a Preliator — disse a ele. — Estou procurando uma relíquia conhecida como Pentalpha, o Anel de Salomão.

Seus olhos se demoraram nas tatuagens de Will. — Eu sei quem você é. E sei quem ele é. Seu último guardião não era tão alto.

Fui tomada por surpresa. — Nós já nos conhecemos?

— A muito tempo atrás. Eu senti a sua presença desde a sua chegada a esta cidade. Nunca esperei ver você de novo, e especialmente não na companhia de uma Cria do Inferno.

— Ele é meu amigo — disse eu com firmeza. — Sua presença não será contestada. Berengar, peço que você entregue sua relíquia para mim.

Ele fez um som brusco em resposta. — Não poderei te ajudar.

— Você tem o Pentalpha? — perguntou Will.

Berengar sacudiu a cabeça. — Não. Possuo o livro de Raziel. Contém todos os segredos de Deus.

Fechei os olhos e exalei quando a decepção de mais um beco sem saída me puxou para baixo em uma onda esmagadora. Eu sabia que ainda tínhamos a chance de encontrar a relíquia, mas nosso objetivo parecia se afastar mais e mais a cada dia.

— Não se preocupe — disse Will suavemente. — Está lá fora em algum lugar.

— Você conhece o Pentalpha? — perguntou Cadan a Berengar.

O guardião da relíquia voltou seu olhar para Cadan. — Não falo com demoníaco.

Raiva correu por mim. — Então fale comigo — rosnei.

— Sim — disse Berengar. — Ouço alguns rumores sobre isso e seu guardião. O Pentalpha nunca fica em um local por muito tempo, alguns anos no máximo. Falei com um ceifeiro angelical há algum tempo, que me disse que ela conhecia o guardião Pentalpha e acreditava que ele havia sido transferido para a Bélgica. Se ainda está aqui, eu não sei.

— O ceifeiro mencionou onde na Bélgica?

— Não — respondeu Berengar. — Mas você pode perguntar a ela. Evolet vive do outro lado do rio, em Bressoux. Se você quiser lhe pedirei que venha a Liège.

— Obrigada — disse eu, embora fosse preciso mais do que isso para me fazer gostar dele. A maneira como ele fez uma careta para Cadan, mesmo enquanto falava comigo, me deixou louca, mas eu precisava lembrar que Berengar não conhecia Cadan.

* * *

Berengar arranjou para nós encontrarmos a Evolet em um pequeno café a alguns quarteirões de distância. Nós achamos uma mesa no pátio do lado de fora e não demorou muito para que dois ceifeiros se aproximassem e se sentassem. A garota que eu assumi ser Evolet tinha cabelo loiro puxado em uma trança sobre o ombro, e olhos azuis como estrelas em chamas. Sua companheira era uma ceifeira com cabelo escuro encaracolado, e sua expressão não era muito amigável.

A garota estudou meu rosto intensamente e Will endureceu ao meu lado. Coloquei a mão em seu braço para que ele soubesse que podia relaxar, mas o que o fez sentir-se defensivo também me afetou.

— Você é realmente a Preliator? — perguntou a menina em um leve sotaque francês.

— Sim — disse eu. — Você é Evolet, certo?

Ela assentiu. — Sinto muito pela minha imposição de reforço. Calix não gosta de sair por aí com humanos. Nem eu, aliás, mas o que Berengar tinha a dizer me interessava. Eu não confio nele frequentemente, daí a presença de Calix.

— Isso é chocante — murmurei, pingando sarcasmo. — Berengar foi tão agradável.

Quando seu olhar pousou em Cadan, um sorriso curioso se espalhou por seus lábios rosados. — Que interessante. Cadan, filho de Bastian. Você está rolando no lixo ultimamente, não é, Preliator?

— Ei! — bati.

— É melhor você observar suas palavras — disse Will em um tom frio e sombrio. — Ele não é o único filho de Bastian.

Evolet olhou para Will agora. — Ainda mais interessante.

— Agora que estabelecemos sua intolerância — resmungou Cadan —, você pode nos ajudar?

— Eu não acho que alguém possa ajudá-lo — respondeu ela.

Will se levantou da mesa, uma mão apertada em um punho, a outra pronta para desembainhar sua espada. Cadan olhou para ele com uma expressão de incerteza.

— Relaxe — disse Evolet com facilidade, afundando-se na cadeira. — Não foi uma ameaça.

— Não entendo — disse eu em descrença. — Você não pode me dizer que já desistiu.

Seus olhos azuis de fogo encontraram os meus. — Estamos nos preparando para a guerra contra um inimigo além de qualquer um de nós. Sammael transformará este mundo em cinzas.

Eu a encarei com mais força. — Eu não deixarei isso acontecer.

Ela bufou, divertida. — O Pentalpha é real.

— Eu sei que é — disse eu, minha paciência diminuindo. — Eu o fiz.

Ela ficou quieta por vários segundos e depois levantou uma das mãos. Energia despertou nas pontas dos seus dedos e as mechas negras de poder dançaram em sua palma. — Há duas pessoas nesta Terra que sabem onde o Anel de Salomão está escondido. Eu sou uma delas.

— Eu sou o arcanjo Gabriel e você vai me dizer o que sabe — pedi.

Cadan se levantou para se juntar a Will, e Calix cruzou os braços sobre o peito, bufando. O jogo de intimidação não nos levaria a lugar algum. Eu precisava que Evolet cooperasse. De repente, Evolet sorriu e abandonou seu poder. — Eu gosto de você — disse ela. — Você tem coragem.

— Minha vida esta completa. Mesmo.

— Você vai querer ir para Aalst — disse Evolet por fim. — Oeste de Bruxelas. O guardião da relíquia está lá.

Respirei um suspiro de alívio e mentalmente cruzei os dedos na esperança de não atingirmos outro beco sem saída com essa pista. — Parece que estamos retrocedendo — disse eu aos meninos.

— Você é bem-vinda para coletar e tentar usar o Pentalpha — continuou Evolet. — Desejo-lhe boa sorte. Se você fosse sábia, encontraria um lugar tranquilo para se esconder como o resto de nós.

Olhei para ela com nojo. — Você está falando sério? Que covarde. Não vou me esconder em um buraco e deixar o mundo cair em pedaços porque estou com muito medo de lutar. Como você pode viver consigo mesmo?

Ela sorriu e seus olhos brilharam. — Eu *vivo*.

— Você é a desculpa mais triste de um ceifeiro angelical que eu já vi — rosnei para ela. — Você tem o dever de proteger a Terra e o Céu.

Raiva torceu o rosto dela e ela se inclinou sobre a mesa. — As coisas que conheço fazem de mim um alvo de primeira para o demoníaco. Você tem alguma ideia do que eles fariam se eu fosse capturada?

Zombei. — E você acha que *eu* não sou um alvo? Que seu pior pesadelo nunca aconteceu comigo mais vezes do que qualquer um pode contar? Eu fui pega. Fui despedaçada. *Ainda* sou um alvo. E ainda estou lutando, ao contrário de você.

Evolet ficou quieta, me observando friamente. — Eu gosto de você. E espero que o que você está tentando fazer funcione. Por todos os nossos esforços.

Eu me levantei da cadeira, deslizando-a para trás e deixando-a guinchar pelo chão. — Eu gostaria de poder dizer que foi bom conhecer você. Nós temos uma missão a cumprir. Obrigada pela dica.

Will e Cadan me seguiram para fora do café e para as ruas. Enquanto voltávamos para onde estacionamos o carro, diminuí meu ritmo para igualar o de Cadan. Seu olhar estava fixo no chão enquanto andávamos e eu enganchei um braço ao redor do dele.

— Você está bem? — perguntei a ele.

Ele olhou para mim finalmente, seus olhos de opala quietos e distantes. — Claro. Eu fui tratado muito pior, acredite em mim.

— Eu sei — disse eu. — Mas você não é lixo. Não importa o que alguém diga. Ninguém pode escolher de onde vem, e de onde você vem não faz de você quem você é.

— Não é inteiramente verdade — respondeu ele, dando-me um sorriso de lado. — Você é do céu, afinal de contas. Precisar dizer mais?

Revirei meus olhos e empurrei seu ombro. — Estou falando sério! Eu sei que deve ser difícil para você, estar perto de tantos ceifeiros angelicais que só veem o que você é, em vez de *quem* você é.

Seu sorriso desapareceu e ele levantou a cabeça, olhando para frente. — Nem todo mundo me dará uma chance como você, e mesmo com você levou tempo. Não é justo eu segurar algo contra aqueles que não tiveram tempo para me entender. Além disso, não estou disposto a me redimir a eles. Quero me redimir para *mim*. E para você. Isso é tudo que importa.

Apertei mais firme seu braço e paramos na rua. Ele olhou para mim, seus olhos brilhando na escuridão.

— Você se redimiu — disse a ele, sentindo um pouco melancólica com suas palavras. — Para mim, pelo menos. Você precisa me dizer se houver algo que eu possa fazer para ajudar.

Seu sorriso retornou e ele passou um braço em volta dos meus ombros, me puxou para perto, e beijou o topo da minha cabeça, muito parecido com um irmão. — Você só se preocupa em salvar o mundo, ok? Eu não preciso de salvação.

Começamos a andar novamente para conversar com Will, que havia parado um pouco à frente. Ele nos observou, sua expressão difícil de ler. Não havia raiva ou ciúme no rosto, apenas um esforço visível para compreender. Assim como

Cadan dissera, levaria tempo para os outros aceitarem que ele havia virado as costas para o demoníaco. Foi especialmente difícil para Will, dado seu passado, e embora levasse mais tempo para ele ficar tão confortável com Cadan quanto eu, acreditei com todo o coração que ele chegaria lá um dia.

21

— NÓS VAMOS PARA AALST — disse a AVA ao telefone quando estávamos de volta à estrada.

— Algum local específico? — perguntou Ava. — Endereço, interseção, marco?

— Nenhum que nós sabemos — respondi, com um olhar para Will no banco do motorista.

Silêncio e depois: — Qual é o plano?

— Você e Marcus vão à nossa frente — instruí. — Estamos uma hora atrás de vocês.

— Vejo você em breve. — Ela desligou.

Quando chegamos a Aalst, achei a cidade extremamente sublime em sua quietude sonolenta. Will estacionou ao lado de uma rua íngreme e nós caminhamos por uma rua de tijolos muito estreita para até mesmo uma faixa de carros, com prédios pitorescos pintados em vários tons de creme e pastel que revestiam a passagem em ambos os lados, até que encontramos um pub aberto. Desde que nós não sabíamos nada sobre o guardião da relíquia, supostamente localizada em algum lugar perto da aldeia, eu esperava que talvez ele tivesse aparecido em algum momento para um dos moradores.

Alguns homens corpulentos com suas canecas de cerveja estavam espalhados em cabines e mesas dentro do pub. Parecia que a multidão de turistas havia passado por esta hora tardia e os únicos clientes restantes eram aqueles buscando relaxamento e uma cerveja depois do trabalho. Eu ansiava pelo fim do dia, mas nós já decidimos encontrar um hotel para passar a noite apenas depois de terminarmos de investigar a aldeia. Os homens no pub nos deram olhares descontentes, mas curiosos, quando nos sentamos em bancos vazios no bar.

O homem careca atendendo no balcão nos perguntou em flamengo se queríamos alguma coisa. Mostrei meu mais doce e agradável sorriso. — Americanos — disse eu, e gesticulei para mim, Will e Cadan.

O garçom assentiu, entendendo. — Americanos — repetiu ele com um forte sotaque. — Precisa de uma bebida?

— Sim, por favor — disse eu. — Você tem chá?

Ele riu e balançou a cabeça. — Não. Sem chá. Vocês são estudantes?

— Jornalismo — respondi, pensando rapidamente. — Estamos escrevendo uma história sobre lendas locais. Histórias de criaturas voadoras e coisas assim.

Suas mãos se atrapalharam em torno de um copo e escorregou de seu aperto para bater no chão. Troquei um olhar com Will e Cadan antes de assistir o barman com curiosidade.

— Nenhuma história aqui — resmungou ele, seu rosto avermelhado. — Você deveria sair. Não há nada aqui para vocês encontrar, filhos.

— Sinto muito — disse a ele. — Eu não queria incomodá-lo. Estamos interessados apenas em...

— Não — disse ele, seu tom firme e duro, e ele se inclinou sobre o balcão, ficando na minha cara. — Você não encontrará nada aqui.

Will se levantou e bateu a mão no balcão, avisando o homem para se afastar. — Isso é perto o suficiente — rosnou ele.

— Obrigada, de qualquer maneira — disse eu para o garçom e deixei meu banco. — Vamos lá.

Quando saímos correndo pela porta e descemos a rua, Will se inclinou perto do meu ouvido e disse: — Nós estamos sendo seguidos.

Eu me virei para ver que um dos homens de dentro do pub agora estava na rua estreita, de cabeça baixa e mãos enfiadas nos bolsos. Eu não senti nenhuma ameaça desse homem, mas ele estava claramente nervoso e deixou os ceifeiros nervosos.

— Garota americana — chamou em voz baixa, também grossa com um sotaque flamengo. — Você procura por lendas?

— Sim — disse eu. — Você conhece alguma criatura como a que estamos procurando?

— Eu conheço. — Seus olhos eram enormes no escuro. — Mas você pensará que sou louco. Todos acham que sou louco.

Eu sorri. — Me conte.

— Você conhece Kasteel van Mesen? — perguntou ele, baixo e cauteloso. Ele olhou por cima do ombro uma vez.

Precisou mencionar o castelo abandonado para eu lembrar. — Sim, eu ouvi falar dele.

— O diabo de Kasteel van Mesen — continuou o homem. — Asas negras e olhos brilhantes... os outros pensam que sou louco, mas não sou. Eles acham que a história é ruim para os negócios.

Will teve um brilho de reconhecimento em seu olhar. O que este homem descreveu parecia poder ser um ceifeiro. — E você viu essa criatura com seus próprios olhos?

Ele assentiu. — Trabalhei como guarda de segurança durante anos, mas sou o único a ver o diabo.

Não é de admirar que os amigos do pobre homem pensem que ele é louco. Felizmente para ele, eu acreditava em bestas aladas. — Essa é uma boa história — disse a ele. — Obrigada. Teremos que fazer uma visita e ver se podemos encontrar este diabo.

O homem começou a descer a rua, mas pouco antes de desaparecer no pub novamente, ele parou. — Tenha cuidado, menina. O diabo roubará sua alma.

Eu o olhei até que ele se foi e tentei me livrar de suas últimas palavras. Uma terrível preocupação, que o Ceifeiro escondido no castelo em ruínas poderia ser demoníaco, passou pela minha cabeça.

Continuamos nossa jornada de volta para o carro e peguei meu celular para ligar para Ava. — Como vai a pesquisa? — perguntei quando ela atendeu.

— Eu a informarei — respondeu ela. — Evolet ligou. Você causou uma boa impressão.

— Assim como ela — resmunguei. — Ela disse alguma coisa útil?

Ava riu suavemente na outra linha. — Apenas uma pista onde poderíamos encontrar o guardião. Ela ficou surpresa por estarmos na Bélgica. Você já encontrou alguma coisa?

— Vamos verificar Kasteel van Mesen agora — disse eu.

— Boa ideia. Na verdade, estamos a caminho de uma fábrica abandonada.

— Vamos nos reagrupar depois. Posso ligar de novo após investigarmos o castelo.

— Um passo de cada vez — respondeu. — Boa sorte para você.

— Igualmente. — Eu abaixei o telefone, resolvida a não ir ao encontro com os outros de mãos vazias.

Evolet parecia ter certeza de que o guardião do Pentalpha se escondia dentro de Aalst, e um aldeão alegou que viu um demônio alado no mesmo local. Eu senti que nós estávamos finalmente perto, e não descansaria até que eu tivesse a relíquia na minha mão.

Will abriu a porta do carro, mas Cadan colocou a mão no meu ombro e me parou antes que eu pudesse subir.

— Eu acho que ficarei aqui — disse ele.

Olhei para ele em confusão. — O quê?

— Os guardiões das relíquias realmente não gostam de mim, e não quero causar mais problemas — disse ele. — Eu quero que você continue. Eu ficarei sentado até encontrar o guardião.

Eu sabia que ele estava certo, mas eu não queria deixá-lo para trás, mesmo por algumas horas. Ele pareceu notar minha hesitação e sorriu. — Você ficará bem. Eu ficarei bem. Vá com o Will e pegue esse anel. Enquanto isso, manterei meus olhos e ouvidos alertas caso alguém nos siga. Eu te darei cobertura.

Assenti e engoli em seco. Havia uma chance de que Sammael tenha ordenado que alguém nos seguisse, ou que Sammael e Lilith poderiam estar nos caçando neste exato momento. Antes de morrer, Merodach deixara claro que Sammael havia recuperado sua força e estava pronto para pegar minha alma e levar essa guerra para o próximo nível.

Will pigarreou. — Eu concordo com você. Os guardiões das relíquias têm sido defensivos e potencialmente hostis. Espero que este seja o último com o qual vamos lidar. Vamos nos juntar a você quando estivermos prontos para convocar Azrael.

— Então eu verei vocês muito em breve — disse Cadan. Ele abriu as asas, penas de prata cintilando douradas à luz da lâmpada, e saltou para a noite.

* * *

Kasteel van Mesen estava escuro, decrépito e ainda imponente. Foi construído por uma família real no início do século XVII, mas algumas centenas de anos depois, tornou-se uma fábrica e foi então renovado em um colégio interno para as filhas de famílias da elite vitoriana. Uma magnífica capela neogótico foi construída adjacente a ela, mas a fortaleza acabou sendo abandonada e deixada

para se decompor. Embora tivesse sido ultrapassado pelos elementos e pela vegetação selvagem, eu vi algumas coisas que eram muito bonitas. O telhado havia desabado sobre muitas alas, mas as colunas, arcos e incrustações de tijolos e pedras ainda mantinham sua forma. O castelo decadente tinha uma sensação muito esquecida de conto de fadas.

Nós exploramos o perímetro até que encontramos uma entrada limpa o suficiente para passar, já que a maioria das portas e janelas no nível do solo estavam bloqueadas por detritos e grossas videiras. Nós atravessamos uma porta dupla alta com um lado mal aderido à sua dobradiça e entramos em um salão outrora grandioso. O teto havia desmoronado há muito tempo, e agora trechos de árvores pequenas e verdes cresciam do chão, espiando entre pedaços do telhado e pesadas vigas de madeira.

— É muito perigoso atravessar por aqui — disse Will. — Vamos encontrar outro corredor.

Eu o segui de volta pela porta e desci outro corredor escuro. Este foi forrado com grandes janelas, seus quadros intricados e encantadores, mas o vidro estava quase todo quebrado e polvilhado no chão. Pedaços de gesso nas paredes foram arrancados para revelar tijolos antigos por baixo.

— Vocês não deveriam estar aqui. — A voz de uma jovem inglesa ecoou de algum lugar no corredor escuro e meu coração subiu na minha garganta. O som assustou pássaros invisíveis e eles se espalharam nos escombros e vegetação.

— Olá? — falei, procurando na escuridão por sinais de movimento. — Você é o guardião da relíquia? Nós estamos aqui pelo Pentalpha.

Silêncio. Eu olhei, mas ainda não pude ver nada. Olhei para Will, cuja mão direita estava aberta, pronta para invocar sua espada. E então uma sombra se moveu dentro das sombras, e nenhum de nós poderia desembainhar nossas espadas antes de uma figura encapuzada nos atacar da escuridão, asas escuras se espalhando tão largas quanto poderiam, enchendo o corredor. Uma mão apareceu debaixo da manga da capa e uma palma bateu no peito de Will, esmagando-o contra a parede. Poeira e lascas de tinta explodiram no ar espesso quando ele bateu com um baque e um grunhido. A maior parte do rosto do ceifeiro estava escondida sob o capuz, mas lábios cheios e uma construção feminina sob o manto revelavam que ela era do sexo feminino. O ceifeiro tentou dar um soco em mim, mas eu a bloqueei. Ela jogou uma enxurrada de ataques adicionais que eu consegui desviar

com meus antebraços. Ela era rápida – e *forte*. Toda vez que eu tentava respirar e dizer a ela quem eu era, eu precisava me concentrar em bloquear outro ataque.

Fui forçada a recuar de seu ataque, todo o caminho até meu calcanhar encontrar a borda da escada que nós acabamos de subir. Eu ofeguei quando meu impulso me arrastou para fora dos meus pés. O ceifeiro saltou no ar acima de mim para me derrubar com força, mas chutei seu peito com um pé enquanto caía no lance de escadas, lançando-a sobre minha cabeça. Minhas mãos lutaram pelo corrimão de ferro forjado e meu corpo parou, encolhendo-se contra os degraus duros. As asas do ceifeiro bateram uma vez no teto alto da escada, controlando seu voo enquanto me encarava de cima, e seus pés tocavam a parede. Seus joelhos se dobraram e seu poder explodiu; as dobras de seu manto se agitaram nas chamas esfumadas de energia e nuvens de poeira e detritos. Então ela se lançou para mim. Eu me virei, na esperança de desviar seus punhos novamente e com medo de que, se invocasse minhas espadas, o guardião se sentiria ainda mais ameaçado.

Antes que eu pudesse encontrar o ataque do Ceifeiro, Will apareceu acima de mim. Ele pegou o guardião pela garganta e jogou-a sobre o corrimão com um rugido. Pulei apenas para vê-la pousar em seus pés e sair de vista. Will pulou o corrimão para correr atrás dela e eu o segui. Ao contornarmos a esquina da escada para entrar no corredor escuro, o manto preto do ceifeiro entrou no espaço entre nós de uma sala à nossa direita.

— Will! — falei de trás dele.

Ele se virou bem a tempo de encontrar o golpe dela, bloqueando o punho antes que se conectasse com sua cabeça. Claramente este ceifeiro preferia emboscar. Agarrei seu ombro e a puxei para longe dele, mas ela desviou o meu punho e conseguiu bloquear tudo o que Will e eu jogamos para ela. Ela era precisa, movendo-se como se antecipasse nossos movimentos, e eu podia sentir alguma estranha familiaridade em seu estilo. Pulei para fora do alcance e ela focou sua atenção em Will.

O guardião da relíquia parou de repente e, quando Will girou o punho, ela se afastou. Seu rosto estava cheio de reconhecimento, mas ela também parecia confusa e incrédula. Ela ficou surpresa que a Preliator e seu Guardião tentariam pegar o que ela protegia? No entanto, não parecia que ambos a surpreendemos – apenas *Will*. Ele era tudo o que ela podia olhar, e em vez de bater nela novamente, Will diminuiu a velocidade até parar e voltou a olhar para o outro ceifeiro.

Ela puxou o capuz de cima da cabeça, e finalmente eu pude ver quão surpreendentemente linda ela era. Cabelos compridos e ondulados da cor de nogueira escura emolduravam um lindo rosto com grandes olhos amendoados, tão extraordinariamente verdes quanto os de Will.

— William? — perguntou o guardião da relíquia. — É você?

Ele olhou para ela, incrédulo, como se achasse que ela era um fantasma. Finalmente, ele falou.

— Mãe?

22

FIQUEI BOQUIABERTA, OLHANDO PARA AMBOS, para trás e para frente entre seus rostos, seus olhos idênticos – até o modo como se portavam era o mesmo. Repassei seus movimentos na minha cabeça, como eram graciosos e calculados, e eu não tinha dúvidas de que essa ceifeira era a mãe de Will, Madeleine.

Ela correu para Will, segurando seu rosto nas mãos, tocando suas bochechas. Ele olhou para ela e seu corpo estava rígido nos braços dela, ainda em estado de choque. Eu não podia imaginar o que ele sentia quando sua mãe, que ele acreditava estar morta durante a maior parte de sua vida, abraçou-o.

Will estava sem fôlego, congelado de espanto. — Você está viva.

— Sim — respondeu ela, e lágrimas rolaram sobre suas bochechas. — Sim, meu filho. Estou viva.

— Como isso é possível? — perguntou ele, sua voz se quebrando. — Onde você esteve? Pensei que você estava morta.

Madeleine sorriu, um gesto tão parecido com Will que me atordoou por um instante. — Eu me tornei a guardiã da relíquia mais poderosa.

Ele engoliu e ofegou por ar. — *Você* tem o Pentalpha?

— Por muitos anos. — Ela o soltou e olhou ao redor dele para mim. — Quem é você? Você não é um ceifeiro – isso eu posso sentir – mas sua força é incrível. Não sei o que você é.

— Ela é a Preliator — disse Will.

Madeleine exalou bruscamente e olhou para mim. — Você... — ela parou e voltou seu olhar para Will. — Isso significa que você é...

Ele deu um único aceno, sua expressão dura. — Por quinhentos anos, eu fui o guardião dela.

— Você é *o* Guardião — disse ela, piscando em choque por alguns momentos antes de sorrir para ele. — Estou muito orgulhosa de você. — Seus olhos verdes retornaram aos meus. — É uma honra infinita estar na sua presença, Preliator.

— Eu sou apenas Ellie — disse com um sorriso caloroso. — É uma honra conhecê-la também. Will me contou sobre você.

Madeleine colocou a mão no colarinho da camisa e tirou um anel de ouro amarrado em um cordão de couro em volta do pescoço. Mesmo na luz fraca, preso entre os dedos, o anel pareceu brilhar. — Você deve querer isso.

Não havia palavras para o alívio e excitação que fizeram meu sangue cantar quando finalmente vi o Pentalpha. Eu o reconheci imediatamente, mas não me lembrava de forjá-lo, desde que não lembrava nada do meu tempo no céu. Mas este anel... Foi para isso que viemos aqui. — Por favor — disse eu. — Nós precisamos convocar um anjo.

Ela levantou o anel, puxou o cordão sobre a cabeça, soltou o cabelo e segurou-o por um momento olhando para ele. — Eu tive isso por um longo tempo. Vai parecer estranho não ser mais seu protetor.

— Isso deve ser um enorme peso fora de seus ombros — disse eu.

Ela se inclinou para mim e colocou o anel na minha mão. Eu senti seu poder em contato, o choque de eletricidade e calor queimando no meu braço e no meu peito tão rápido que engasguei. Eu sabia que seria capaz de convocar um anjo com este anel, que até agora controlava apenas os demônios. Eu sabia que eu era a única que poderia exercer o poder absoluto sobre isso, que era uma parte de mim e da minha própria magia angelical.

— Eu ouvi — disse Madeleine —, da língua daquele que é meus olhos e ouvidos no mundo exterior, que a Preliator é realmente o arcanjo Gabriel em forma humana.

— É verdade — confirmou Will. — Nós pretendemos convocar Azrael para que ele possa lutar do nosso lado contra Sammael e Lilith.

— Então a fera está solta. — Madeleine tinha um olhar pensativo e intenso. — Por favor, venham ao meu quarto. Tenho certeza que vocês têm perguntas para mim, assim como eu tenho para vocês.

Madeleine nos levou até a escada que nós destruímos, por um corredor brilhante com a luz da lua, e em um quarto que tinha algumas velas acesas. Havia uma pequena mesa redonda no centro do quarto com uma vela acesa e uma única cadeira empurrada contra ela. Na parede oposta, havia uma cama estreita com uma colcha desgastada dobrada ordenadamente. Um gerador zumbia suavemente ao lado de uma cômoda coberta com outra vela e um rádio que estava desligado.

Um fogão e uma pia estavam na outra parede, e eu me perguntei se esse quarto poderia ter sido um pequeno apartamento privado durante o período em que a fortaleza foi usada como escola. Do armário acima do fogão, Madeleine pegou uma chaleira e a encheu de água. O fogão estalou até que uma pequena chama acendeu e ela colocou a chaleira sobre ele.

— Por que você partiu sem se despedir? — perguntou Will de repente, deixando escapar, como se estivesse tentando segurar a questão por um tempo.

Madeleine gesticulou para que nos sentássemos na cama enquanto ela se sentava na pequena mesa. O colchão de molas gemeu embaixo de nós. — Eu não podia deixar ninguém saber que eu me tornaria a guardiã dessa relíquia — disse ela, sua voz triste. — Até você. Eu te amei tanto e partiu meu coração ir embora, mas não consegui recusar Michael. Quando o guardião anterior da relíquia morreu, ele me escolheu por um motivo. Ele colocou algo importante nas mãos mais capazes que ele poderia encontrar. Você, de todas as pessoas, deve compreender.

— Você poderia ter dito alguma coisa — disse Will. — Qualquer coisa. Você não precisava me dizer por que precisava ir embora, mas pelo menos me dizer que estava indo. Eu pensei que você estava morta.

— Sinto muito, querido — murmurou ela. — Eu nunca quis te causar dor. Eu só queria protegê-lo caso nossos inimigos soubessem que eu era a guardiã do Pentalpha. Eu temia que se você soubesse qualquer coisa eles machucariam você para chegar até mim.

Ele balançou a cabeça. — Eles tentariam. Não os levaria a lugar algum.

Ela sorriu. — Você sempre foi forte, William, e aqui está você, o Guardião da Preliator.

— Você nunca soube? — perguntou ele.

Madeleine parecia triste. — Não. Estou em reclusão há muito tempo para proteger essa relíquia. Confiei na Evolet para me manter informada sobre o que estava acontecendo no mundo a cada poucos meses. Suponho que foi ela quem os levou até mim. Onde está Nathaniel?

— Ele está morto — respondeu Will. — Já faz alguns meses agora.

Madeleine fechou os olhos por vários momentos. — Eu gostaria de vê-lo novamente. Devo tudo a ele. Esta guerra deu e tirou muito de nós todos.

— Quanto você sabe? — perguntei. — Sobre a guerra.

— Muito pouco — confessou. — Eu não sabia até hoje que Sammael e Lilith estão em nosso mundo. Ouvi sussurros que Bastian estava procurando pelo sarcófago de Sammael.

A mandíbula de Will endureceu com a menção do nome de Bastian. Eu o estudei, sabendo que ele tinha um milhão de perguntas para sua mãe, e eu não falaria até que ele tivesse dito o que precisava.

— Você sempre soube que Bastian era meu pai? — perguntou Will finalmente.

O olhar dela vacilou, mas eu não sabia se era pelo fato da pergunta dele a surpreender. — Sim, mas não contei a ele.

— Você o amava?

— Sim — disse ela fracamente. — Eu amei.

— Por quê? — perguntou ele, mal conseguindo manter a descrença de sua voz. — Como?

Ela levantou o queixo defensivamente, como se não sentisse vergonha. — Algumas coisas que deveriam ser erradas não parecem assim. Ele me mostrou mais de uma vez que não era sem coração. Eu esperava que ele viraria as costas para o Inferno por mim, mas o puxão era muito forte. — Havia uma rachadura em suas defesas, apenas uma fratura, mas a tristeza estava lá.

Will não perdeu a fraqueza de Madeleine e sua expressão endureceu. — Você ficaria triste em saber que ele está morto?

Ela respirou fundo, parando antes de falar. — Você ficaria irritado se eu dissesse que sim?

— Não — disse Will. — Se você uma vez o amou, então espero que você fique triste.

— Como ele morreu? — perguntou ela, sua voz quieta. — Por sua mão?

— Por outra.

Ela ficou em silêncio por alguns momentos antes de se levantar para cuidar da chaleira. Ela nos trouxe uma xícara de chá e eu deixei o meu esfriar em minhas mãos antes de tomar um gole. Tentei não me sentir estranha aqui, conhecendo a mãe de Will pela primeira vez, mas não pude evitar. Talvez se as coisas não estivessem tão tensas entre eles, então isso teria sido mais fácil de suportar.

— Como você chegou...? — Will pareceu lutar com o fim da pergunta.

— A me envolver com ele? — Ela tinha um pequeno sorriso triste. — Eu sabia quem ele era antes de conhecê-lo, embora eu ainda fosse jovem. Ele era notório, caçado por muitos dos mais poderosos ceifeiros angelicais. A primeira vez que eu o vi com meus próprios olhos, eu havia perseguido alguém que estava no fundo do poço em uma emboscada liderada por Bastian. Eu matei seis, até que o único remanescente era o próprio Bastian. Eu estava exausta, ferida e certa que ele me mataria, mas ele não matou. Ele me deixou viver. Depois disso eu parecia continuar correndo para ele. Levei um tempo para perceber que era de propósito, e levei mais tempo para me apaixonar por ele.

Will balançou a cabeça. — Mas ele era um monstro. — Sua mão apertou em um punho e eu a cobri com a minha para lhe oferecer conforto.

O olhar de Madeleine não perdeu o gesto. — Ele nem sempre foi assim. Ele me disse que a avó dele era Antares. O sangue angelical em suas veias o fez diferente, criou uma luz na alma dele. Mas depois de um tempo, ele simplesmente parou de sentir e deu boas vindas ao seu lado demoníaco dominante. Uma vez ele me disse que para sempre é muito tempo para continuar lutando. Eu não percebi até que era tarde demais que ele falava sobre lutar contra ele mesmo. Eu gostaria de saber como explicar para você como era essa bondade dentro dele, e como ele revelou isso para mim.

Will sentou em silêncio ao meu lado, sua expressão dura e contemplativa. Ele estava tentando entender o que Madeleine explicou sobre seu pai, mas eu não precisava de ajuda. Foi assim que me senti sobre Cadan, que lutou com unhas e dentes contra o que seu pai se tornou e o que ele também estava destinado a se tornar. Desde o primeiro momento em que conheci Cadan, senti a luz nele que Madeleine sentiu em Bastian, mas aquela luz o salvara das trevas na qual seu pai fora consumido.

— Foi difícil para ele — disse Madeleine gentilmente —, como sei que tem sido para você, William. Mas você é mais forte do que ele era. Seu coração é muito puro para o sangue demoníaco em você se apoderar.

Seus olhos verdes encontraram seu olhar idêntico. — Como você sabe que não vai? Há escuridão em mim e eu sinto isso todos os dias.

Apertei a mão dele com mais força. — Você não é seu pai. Você provou isso para mim todos os dias por cinco séculos.

Madeleine estudou nossos rostos e nossas mãos entrelaçadas, mas ela usava a mesma expressão inflexível e ilegível que Will usava quando ele estava pensando.

Will exalou e seu olhar ficou distante. — Eu tenho a eternidade para viver, mas não tenho tempo suficiente para aprender quem eu realmente sou. Não até esta luta acabar. Nós temos o Pentalpha e isso é tudo que importa agora.

Ele se trancou de novo, como eu temia que ele fizesse. Ele enfrentaria o próprio inferno antes de assumir suas próprias emoções, porque a verdade era um inimigo muito mais aterrorizante e um que ele não podia controlar. Ele ficou de pé, sua mandíbula apertada e ombros tensos.

Eu levantei com ele. — Madeleine, você vai nos ajudar?

— Claro — disse ela. — Eu não sou mais um guardião de relíquia. Minha espada e vida estão à sua disposição.

Eu sabia que Will ficaria feliz em ter sua mãe ao seu lado e que ela seria uma aliada inestimável. Eu também queria conhecê-la. Era como conhecer uma lenda, alguém de quem você ouviu falar e imaginou como seria ficar cara a cara. E os olhos dela... eram os olhos de Will.

— Voltaremos amanhã — disse eu a Madeleine. — Preciso descobrir como vou usar o Pentalpha para convocar Azrael. Nós temos um ceifeiro demoníaco conosco, então temos que levar o sol em consideração. Provavelmente chegaremos à tarde, quando o sol não estiver tão alto.

A testa dela fez um movimento quase imperceptível. — Demoníaco?

Will falou antes que eu tivesse uma chance. — Outro filho de Bastian.

— Ah. Eu entendo. — Ela não pareceu surpresa com a notícia de que Bastian havia criado outro. Pelo menos Madeleine não seria tão hostil em relação à Cadan quanto os outros ceifeiros angelicais que encontramos, dado sua história com Bastian.

Nós nos despedimos de Madeleine e fomos para o carro. Enquanto andávamos pelo castelo abandonado, o celular no meu bolso tocou e percebi que havia esquecido completamente de ligar para Ava. Eu o puxei e respondi. — Desculpe — disse eu, culpada.

— Onde você esteve? — perguntou ela. Ela não parecia zangada, o que me fez sentir um pouco melhor sobre não ligar.

— Nós nos desviamos — confessei. — Mas temos ótimas notícias. Estou segurando o anel de Salomão agora mesmo.

Ouvi Ava exalar com alívio e retransmitir a notícia para Marcus. — Isso é fantástico — disse ela para mim.

— Que tal encontrar um lugar para descansar um pouco? — sugeri.

— Perfeito — respondeu ela. — Não sei sobre vocês três, mas Marcus e eu estamos exaustos.

— Cadan se separou de nós algumas horas atrás, então eu falarei com ele em um segundo. Enquanto nós voltamos para a cidade, você quer encontrar um hotel?

— Busque Cadan e eu te ligo novamente quando tivermos quartos em algum lugar.

* * *

Depois que Ava reservou para nós alguns quartos no Best Western em Aalst, ela me mandou uma mensagem com o endereço, que conectei ao GPS. Cadan estava mais perto do destino do que nós, então ele nos encontrou lá. Will e eu tínhamos o nosso próprio quarto, pelo que fiquei feliz. Ele ficou perturbado depois da reunião com sua mãe e eu estava preocupada que ele estivesse zangado com ela. Pensei que ver Madeleine novamente o deixaria emocionado, apesar do choque. Will aceitou a perda dela e a lamentou há muito tempo, e depois de perder minha própria mãe tão recentemente, pude imaginar que velhas feridas foram reabertas ao ver o rosto dela.

Will tomou um banho para remover a poeira e a sujeira que cobriam sua pele de escalar o castelo desmoronando, mas quando ele não saiu do banheiro depois de algum tempo, comecei a me preocupar com ele. A porta estava entreaberta, então eu bati uma vez e a abri. Ele estava em pé na pia, apoiando-se pesadamente em suas mãos na borda do balcão. Seu rosto estava encharcado como se tivesse espirrado água repetidamente. Toquei seu braço e beijei seu ombro, olhando em seu rosto.

— Quer conversar? — perguntei a ele enquanto esfregava suas costas suavemente.

Ele deu um suspiro profundo e trêmulo. Sua dor estava tão nua em seu rosto, gravando cicatrizes em sua pele que não foram criadas pela borda de uma lâmina. — Durante toda a minha vida, pensei que a razão pela qual ela nunca veio para casa naquela noite foi porque estava morta. Mas ela apenas *foi embora*. E não disse adeus.

— Quantos anos você tinha quando ela foi embora? — perguntei, e me encostei ao balcão do banheiro ao lado dele. Brinquei com o Pentalpha com o polegar e o indicador. Eu amarrei o cordão de couro em volta do meu pescoço para mantê-lo seguro, como Madeleine fez, e ficou um pouco abaixo do meu colar alado.

Ele não respondeu imediatamente, seu olhar desfocado. — Quinze.

Senti meu coração quebrar por ele, uma rachadura dolorosa no meio. Eu sempre soube que ele era jovem, até mesmo para um ceifeiro, quando a mãe dele desapareceu, mas nunca previ quão jovem ele era, até mesmo para um ser humano.

— Eu queria vingar a morte da minha mãe e só recebi treinamento básico dela — continuou ele. — Eu estava procurando por problemas e teria me matado se Nathaniel não tivesse me encontrado. Ele e minha mãe eram amigos, e então Nathaniel era tudo o que eu tinha há muito tempo. Até você entrar na minha vida, de qualquer maneira.

Ele olhou para mim e ofereci um pequeno sorriso. — E agora você tem sua mãe novamente.

— Não posso dizer o quanto estou feliz por ela estar viva — disse ele —, mas me sinto tão traído.

— Eu sei — disse eu suavemente. — Ela não é perfeita. Essa é uma dura verdade para aceitar quando se trata de pais. Nós os idolatramos e isso não é justo para eles ou para nós.

Ele ficou quieto, mas entendi como ele se sentia. Toda a sua vida foi gasta acreditando que a sua mãe era essa guerreira infalível, e agora a imagem que ele tecera dela em sua mente começara a desvendar. Ele não queria aceitar que ela era tão defeituosa quanto o resto de nós.

— Quando você for capaz de perdoá-la — ofereci —, então vocês poderão se reconectar. Ela parece ser uma pessoa incrível.

Ele se inclinou sobre mim e descansou a testa contra a minha. — Quando você começou a ser tão razoável?

Sorri abertamente. — Um de nós tem que ser. Normalmente é você, mas eu agradeço que você me deixe fazer isso. Talvez eu esteja apenas cansada e menos argumentativa.

Era sua vez de sorrir, mas havia um demoníaco nele. — Bem então. Terei que te manter cansada, então você não brigará tanto comigo.

— Oh, *jeez*... — foi tudo que eu podia dizer antes dele me beijar.

23

MINHA MÃE SENTOU NO SOFÁ AO MEU LADO E pegou um pouco de pipoca antes de passar a tigela para mim. Balancei a cabeça e fiz uma careta. Ela me olhou e revirou os olhos.

— Estou feliz que você se lembrou de um pouco de pipoca com seu sal — resmunguei e peguei a tigela, feliz por não ter um corte de papel. Seria como mergulhar minha mão em ácido.

— Eu gosto de sal! — disse ela com uma risada. — Processe-me.

— Por que você não está em um regime de prevenção de ataque cardíaco? — perguntei. — Papai, me ajude aqui.

Ele se sentou em sua cadeira favorita do outro lado da mesa e espiou por cima do jornal que estava lendo. Além da TV, a única luz na sala era a lâmpada ligada entre nós. — Ela tem razão, Diane. Como você pode até comer isso? Sal esmagando entre os seus dentes... É nojento.

Mamãe jogou as mãos para cima em derrota. — Tudo bem! Certo. Faça sua própria tigela. Esta é minha. Mantenha as mãos sujas fora disso.

Olhei para o meu pai. — Vocês são terríveis assistindo filmes de terror. Pai, sério. Largue o jornal e desligue a lâmpada. Você não pode se assustar com as luzes acesas.

— Quem disse que queremos ficar com medo? — perguntou ele, dando-me um olhar sério.

— Por que mais você quer assistir a um filme de terror? Não é pelo sangue, espero. — Fiz uma careta. — Então eu realmente me preocuparei com você.

Ele riu. — Não precisa se preocupar. Você sabe como meu estômago é fraco.

Com o canto do olho, peguei uma sombra passando pela janela do lado de fora. Olhei curiosamente e me levantei, observando para ver se a sombra aparecia na próxima janela. Em alguns segundos, apareceu.

— Eu já volto — disse eu distante, e fui em direção à porta da frente. Girei a maçaneta e abri a porta pesada, olhando para a escuridão. Grilos chilreavam e

ouvi pneus na estrada algumas casas abaixo. Do outro lado do grande gramado arborizado, a casa do meu vizinho mais próximo estava iluminada.

Além do habitual, não havia nada fora.

Certamente imaginei o que havia visto, voltei para dentro e fechei a porta. Minha respiração pegou na minha garganta quando vi o homem alado de pé na sala de estar entre os meus pais.

Eu gritei, mas meus pais não pareciam notar ele ou eu. Eu corri para eles, correndo em volta de uma coluna que quebrou minha linha de visão. Quando passei pela coluna, vi que o homem havia desaparecido. Deslizei até parar e virei, procurando por ele. Foi quando ele reapareceu, parado a poucos metros de mim na cozinha. Eu ofeguei e pulei para trás do balcão, quase derrubando um banquinho. eu peguei meu equilíbrio com uma mão no balcão e olhei para o homem. Ele não disse nada, apenas me observou, e depois de um momento me lembrei do rosto dele.

Ele parecia diferente – bonito, jovem, com brilhantes olhos dourados sob o cabelo macio e prateado. Não havia chifres, armaduras ou ossos que parecessem ossos de crianças. Suas asas não eram brancas, mas mais parecidas com a cor da luz do sol na neve, tão diferentes das hastes carbonizadas e quebradas que eu vi brotando de suas costas na última vez que nos encontramos. Ele apareceu como ele era quando ainda era um anjo do Senhor.

— Sammael? — perguntei, sem fôlego.

Ele sorriu, sem mostrar dentes, apenas uma rachadura no rosto que não continha sinceridade ou emoção por trás da expressão. Desumano. — Você se lembra de mim.

— Mas você caiu. — Balancei a cabeça, confusa. — Estou sonhando?

— Sim — respondeu ele. — E sim.

As coisas começaram a somar. Eu olhei para a sala de estar, onde meus pais estavam sentados, mas eles se foram. É claro que eles se foram, agora que eu sabia que estava sonhando. Meus pais estavam mortos. Esta noite não foi real. Não era nem uma lembrança. Estranhamente, eu ainda podia sentir o cheiro da pipoca.

— Você entrou no meu sonho — disse eu, e olhei para Sammael. — Por que você está aqui?

Ele deu um passo à frente, sua marcha anormalmente suave e sem esforço. O manto que ele usava fluía nos tornozelos de suas botas leves. Sob o manto estava

uma jaqueta de soldado de colarinho alto forrada com fechos de ouro e pequenas joias concedidas a ele por mérito em batalha. — Minha forma no mundo físico assusta você — respondeu ele. — Pensei que seria sensato aparecer como você me conhecia antes de Azrael me expulsar, porque não quero te assustar esta noite. Eu gostaria de conversar.

— Por quê? Você só vai tentar me destruir e mandar seus bandidos para matar mais pessoas que eu amo. Não tenho nada a lhe dizer, exceto que vou destruir você primeiro.

Seu rosto não mudou, mas seus olhos dourados brilharam. — Por que se preocupar em combater o inevitável? Eu sei o que você está fazendo. Coletando suas bugigangas e feitiços mágicos. Você tem o anel Pentalpha, do qual meus espiões me avisaram, mas não cometa o erro de acreditar que desde que você o possui, eu não posso vencê-la. Vou te encontrar, Gabriel.

— Você chegará tarde demais.

— Você está errada em acreditar que pode me derrotar quando ascender — disse ele. — Mas pelo menos você admite que o seu corpo humano é uma fraqueza.

— Não é uma fraqueza — respondi, rangendo os dentes. Eu queria lutar com ele, mas seria inútil atacá-lo em um sonho. — Esse corpo só precisa de mais poder. Não posso vencê-lo como apenas uma garota humana ou apenas como um arcanjo, mas combinado? Eu fatiarei você. Você tem medo do poder que minha alma humana adicionará a minha força ilimitada de arcanjo. Você sabe que é verdade, senão não estaria aqui tentando me assustar para desistir. Eu não desisto. Isso é algo que você deveria saber também. O que quer que você esteja aqui para fazer, me seduzir para o lado negro, ou o que for, não vai funcionar.

Ele se aproximou mais de mim, inclinando-se sobre mim, e seu nariz roçou meu pescoço, inalando lentamente. — Não estou aqui para seduzi-la com carne — disse ele, sua respiração quente contra a minha pele. — Eu posso oferecer o que você quer, a mesma coisa em que sua existência depende: *poder*.

— Tudo o que tenho em mim e tudo o que ganharei vou usar para destruir você.

Ele deslizou as costas de seus dedos ao longo da linha do meu queixo, mas o toque suave de penas só parecia o roçar das asas das moscas contra a minha pele. Eu estremeci de desgosto. — Você não vai querer — cantou ele no meu ouvido. — Não após experimentar o que posso te oferecer.

— Você está certo — resmunguei. — Eu provavelmente vou vomitar. Estou ficando com indigestão só de pensar nisso.

O rosto de Sammael endureceu e seus olhos dourados brilharam com fogo. — Você acha que isso é um jogo, Gabriel?

Olhei para ele, rangendo os dentes juntos. — Eu absolutamente não sei.

Ele pareceu amolecer então, mas era falso e momentâneo, como sujeira se transformando em lama na chuva. — Posso cheirar sua alma. Posso sentir o cheiro de infecção em uma ferida. Quando eu tomar, você será purificada.

— Não é assim que funciona — disse eu, não querendo me mexer e mostrar meu medo por ele. — Minha alma me deu uma sensação de caráter, me fez única de todos os outros. Não finja que não é o que você sempre quis.

Ele me circulou, rindo. — Uma alma, Gabriel?

— Uma identidade — corrigi. — É por isso que você virou as costas para o céu. É por isso que todos os Caído viraram. Você estava cansado de ser um drone irracional, um soldado que desempenhava suas funções e nunca teve permissão de sonhar. Você quer que sua existência signifique algo. Ser humano me deu uma chance de realmente viver em vez de apenas sobreviver. Não basta apenas existir.

Ele ficou quieto, seu olhar me estudando da cabeça aos pés. — Você está admitindo suas simpatias pelos caídos?

— Sim — disse eu. — De certa forma. Mas você transformou seu anseio em ódio e, em vez de liberdade, você só encontrou derramamento de sangue, sofrimento, e aprisionamento no inferno. Isso é tudo que você sempre terá. Eu sinto muito por você.

Ele levantou a mão e seus dedos longos e finos seguraram meu queixo, levantando meu rosto para o dele. — Você acredita sinceramente que encontrou a liberdade na Terra, que estar presa neste limitado corpo mortal faz você humana?

— Não apenas liberdade — disse eu. — Eu tenho uma chance de morar aqui. Liberdade não é apenas conseguir fazer suas próprias escolhas. Trata-se de aproveitar a vida que você tem para viver ao máximo. Essa é a beleza da mortalidade, do que faz alguém humano. O tempo é estimado. O eterno... tudo que eles têm é tempo.

— O que é bonito sobre a mortalidade? — perguntou ele. — Você, Gabriel, um poderoso arcanjo, despojado do seu verdadeiro poder. Uma coisa menor. Você vive, você morre, você vive, você morre. Um ciclo interminável de violência, dor e

sofrimento. Não há nada definitivo sobre a sua morte, que é a mortalidade no seu sentido intrínseco. As almas humanas vão para o Céu ou para o Inferno, mas a sua alma – esta coisa murcha que você se apega tão desesperadamente – é empurrada de volta para o seu corpo e você é forçada a fazer tudo de novo. Você acha que é livre? Você é uma escrava desta concha mortal.

Engoli em seco e cerrei os dentes. — Pelo menos eu não sou oca como você.

Sammael ficou em pé, olhando para mim com calma, como se não fosse afetado. Quando considerei a sombra da verdade em suas palavras, eu quebrei. Apenas uma pequena rachadura, mas foi o suficiente para deixar uma lágrima rolar pela minha bochecha e escorrer no canto da minha boca.

— Por que você os odeia tanto? — perguntei em voz baixa, meus lábios tremendo.

— Eles me enojam — respondeu ele, repulsão rolando em sua língua. — Criaturas vivas terrenas com sua alimentação, sangramento, luxúria. Seres puros como você – sua forma angelical, isto é – e eu, não precisamos de nada como a respiração e o sangue de que dependem essas imprudentes formas de vida. Não sei como você pode tolerar essa gaiola em decomposição de um corpo. Desde o momento em que você nasceu, você já está morrendo. Você não pode cheirar a podridão?

Balancei a cabeça, confusa. — Você os odeia porque eles estão vivos?

— As formas de vida são impuras — disse ele. — Nós anjos somos mais velhos que a própria vida, os primeiros seres feitos de nada e dado poder absoluto. Nós não temos limites. Mas aqui está você, consorciando com estes *ceifeiros* híbridos. Eu posso sentir o cheiro *dele* em você. Não consigo articular como estou desapontado com você. Volte para nós, irmã. Você ainda pode recuperar sua graça e eu não vou te matar. O céu vai cair e Lúcifer vai subir. Michael, Rafael, todos os nossos irmãos e irmãs morrerão, mas é necessário para a purificação. Eles são leais demais a Deus e suas criações humanas para serem influenciados. Gabriel, minha irmã, me ajude a purificar o universo da vida envenenada e restaurar o domínio dos anjos.

Balancei a cabeça novamente. — Não. Eu não posso ser influenciada também. Comecei a amar esses seres humanos e toda a vida na Terra. Se você deixar seu ódio de lado por um momento, passar algum tempo entre eles, você verá como a vida é incrível. Não há palavras suficientes em qualquer idioma – humano

ou angelical – para descrever quão incrível é a sensação da luz solar em sua pele, ou quão suave é o veludo das pétalas de flores, ou como é pular em um rio. Você odeia muito sem saber o que realmente é a Terra, como é amar, sentir amor e ser feliz. É por isso que sinto muito por você.

— Nada disso deveria ter sido...

— Mas é isso! — exclamei. — Sammael, você está dormindo há eras. A vida prosperou e se tornou algo realmente ótimo. Eu amo ser humana. Por que você não pode tentar entender isso?

Chamas se enfureceram naqueles olhos dourados. — Você não pode ser salva.

— Não, Sammael — disse eu, balançando a cabeça. — É você quem não pode ser salvo.

Ele bufou – não foi bem uma risada – e fez uma careta. — Azrael não pode lutar por você. No final, será você e eu.

— Estou contando com isso.

Ele sorriu, uma coisa horrível, como separar uma teia de aranha, e o mundo começou a desvanecer-se. Eu estava feliz em vê-lo ir e voltar ao mundo desperto.

* * *

O quarto do hotel estava escuro, mas a janela ostentava um halo de luz do dia ameaçando irradiar através da sombra escura. Nós fomos para a cama de madrugada e agora era quase meio-dia. Will ainda dormia ao meu lado, respirando suavemente. Estendi a mão para o criado-mudo e toquei meu colar alado. Parecia quente ao toque como sempre. Relaxei quando me senti aterrada ao mundo real em vez do sequestro de pesadelo que obtive do Senhor das Almas.

Assim que pensei nele, a lembrança de algo que Sammael havia dito me acordou completamente: — *Você ainda pode recuperar sua graça...*

Minha graça.

Olhei para o pingente alado e o coloquei na palma da minha mão. — Oh meu Deus — murmurei, virando o pingente na minha mão, examinando-o.

Will se mexeu, farfalhando os lençóis. — Você está acordada? — perguntou ele, grogue. Ele nem sequer abriu os olhos ainda.

— Minha graça!

Ele espiou confuso por um olho aberto para mim. — O quê?

— Nunca foi embora — disse eu enquanto a excitação da revelação brotava em mim. — Na noite em que Sammael foi despertado, ele disse que não podia sentir minha graça. Kelaeno quebrou meu colar e ele caiu – é por isso que ele não pôde sentir minha graça. Eu sempre tive esse pingente e sempre senti aquecer só para mim. Eu me sinto perdida e como se um pedaço de mim estivesse faltando quando não estou usando-o. Isso é porque um pedaço de mim está faltando quando não estou usando. O colar... Will, minha graça angelical está dentro dele.

24

COM O PENTALPHA NA MINHA POSSE E A CERTEZA férrea de que minha graça nunca me abandonou, senti-me estimulada a levantar e me mover. Se eu fosse capaz de, de alguma forma, explorar o poder contido dentro do meu colar, eu poderia até mesmo ser capaz de descobrir uma nova força, ou uma que foi perdida há muito tempo para mim.

Mergulhei no chuveiro antes de Will para que eu pudesse domar meu cabelo e me preparar, já que ele sempre pareceu demorar apenas cinco minutos antes que estivesse preparado para sair pela porta. Garotos eram realmente loucos.

Falando em aberrações... peguei meu celular para enviar um SMS para Cadan e ver se ele estava acordado.

R u[11] já alimentado?

Foi pelo menos um minuto antes de mandar uma mensagem de volta. **Que língua é essa?**

R U ACORDADO

Para meu extremo desânimo. O sol não é amigo da minha pele frágil.

Revirei os olhos, totalmente antipático. **Pobre bebê. Venha ao meu quarto o mais cedo possível.**

Ainda é cedo para me pedir em casamento, Ellie.

VENHA PRA CÁ.

Tão brincalhona. Me dê um minuto para vestir algumas roupas. Ou eu não deveria...?

Soltei um resmungo e não respondi. Meninos eram aberrações. Em seguida, liguei para Ava, pois ela nunca entendia mensagens de texto. Ela não estava tão entusiasmada com o século XXI quanto Cadan. Pelo menos ela tinha um telefone. Ela e Marcus já estavam de pé, então eles dirigiram-se ao nosso quarto imediatamente. Eles chegaram assim que Will saiu do banheiro, banho tomado e vestido com roupas limpas.

---

[11] Abreviação de ser/estar

— Você já descobriu como usar o anel? — perguntou Marcus. Ele examinou a relíquia entre seus dedos antes de deixá-la cair contra a minha pele.

— Acho que não preciso fazer nada — respondi. — É minha própria relíquia e deveria me obedecer. Posso fazer o que eu quiser.

— Bem, é ótimo que você esteja confiante — disse Marcus. — Espero que esteja certa.

Will deu um passo à frente e cruzou os braços. Seu rosto resoluto já estava atento. — Devemos convocar Azrael no castelo. Não precisamos de um anjo aparecendo onde os humanos possam vê-lo. nosso mundo já foi exposto o bastante. Então, vamos fazer uma boa refeição primeiro, pegar um pouco de energia e sair.

* * *

Madeleine esperava por nós um pouco além do limite de Kasteel van Mesen. Os ceifeiros e eu entramos, mas seu olhar estava colado apenas no rosto de Cadan. Ele, em troca, ficou igualmente chocado.

— *Você* — exalou. — Eles me disseram que tinham um ceifeiro demoníaco com eles, mas... você?

— Whoa, espere — interrompi. — Vocês se conhecem?

Cadan abriu a boca para falar, mas nada saía. Por fim, ele foi capaz de afastar os olhos de Madeleine para depois olhar boquiaberto para Will. Quando Cadan olhou para Madeleine, ele lutou para conseguir fazer as palavras passarem por seus lábios. — Você estava grávida?

Houve um raio de raiva em seus olhos verdes tóxicos. — Foi você, não foi? — perguntou ela a ele entre os dentes cerrados. — Você o matou. Parte de mim sempre soube que você mataria.

O silêncio de Cadan dizia mais que palavras. Cadan fez o que precisara fazer, e se ele não tivesse matado Bastian, então Will ou eu, teríamos matado. Tentei ler a expressão no rosto de Will, mas ele era uma parede de gelo ao meu lado.

— Sim, Ellie — disse ele finalmente, mas não olhou para mim. — Madeleine e eu nos conhecemos. Eu deveria saber que ela era a mãe de Will. Bastian não tinha exatamente o hábito de namorar ceifeiros angelicais. Na maior parte do tempo, ele apenas os matava.

— E você? — respondeu ela. — Mantendo a companhia de angelicais ao invés de arrancar suas partes do corpo? Como você mudou.

Ele olhou para ela. — Sim, eu *mudei*... algo que meu pai nunca pôde fazer. Nós todos fizemos algumas coisas bem complicadas. Nem mesmo você pode negar isso.

Sem outra palavra, ela girou nos calcanhares e pisou na grama em direção ao corredor escuro. Respirei fundo e dei um passo para segui-la, mas Will pegou meu braço. Olhei para ele e ele balançou a cabeça uma vez. Ava e Marcus ficaram em silêncio atrás de Will, seus rostos sérios.

— Por que você não disse a ele que estava grávida? — chamou Cadan. — Ele nunca soube. Não até recentemente.

Madeleine parou e, depois de um momento, virou. — Porque eu vi a maneira como ele tratava você — confessou ela. — E eu não queria isso para o meu filho. Havia alguma bondade em seu pai, mas ele não poupou nada disso para você.

Cadan estremeceu, como se as palavras picassem como um corte aberto. — Ele parou de sentir qualquer coisa depois você partiu. Se houvesse alguma bondade nele, ela foi embora com você.

Madeleine olhou para Will antes de voltar a olhar para Cadan. — Eu nunca quis machucar qualquer um, mas eu fiz o que precisava fazer. Você deve entender por que eu o deixei.

Ele deu um sorriso miserável. — Melhor que qualquer um.

— Eu avisei a ele que iria embora — disse ela. — Ele fez coisas que eram imperdoáveis. Quando percebi que teria um filho de um pai demoníaco, eu tive que partir e fugir de Bastian e dos outros. Eu amava Bastian, mas ele era perigoso. Se soubesse que eu estava grávida, ele teria tentado tirar William de mim. Você sabia que ele queria que eu me juntasse à causa dele, e você sabe que ele teria criado meu filho para seguir seus passos do jeito que ele fez com você. Sim, Cadan, eu fiz coisas das quais não me orgulho, mas esconder William de Bastian não está entre elas.

Cadan exalou, exalando um pouco. — Eu não desejaria o que vivi para ninguém.

— Olha — disse Madeleine. — Este não é o momento nem o lugar para resolver conflitos antigos... conflitos muito antigos. Ellie precisa convocar Azrael. Ela percorreu um longo caminho e estamos ficando sem tempo.

— Sim — disse ele. — Agora, temos coisas mais importantes para cuidar.

Toquei seu braço e ofereci-lhe um sorriso de apoio. — Obrigada. Madeleine, nós apreciamos isto.

— Vamos — disse ela para todos nós agora. — Eu posso levá-los para uma parte do castelo que é grande o suficiente para o anjo passar. Muita energia será necessária para trazê-lo ao nosso mundo.

Madeleine nos levou ao grande salão, cujo teto desmoronara há muito tempo. As estrelas no céu noturno brilhavam tão claramente, e a lua era pesada, baixa e gigantesca.

Puxei o cordão de couro por cima da minha cabeça e fechei meu punho ao redor do Pentalpha, sentindo o poder da relíquia fluir em minhas veias como se fosse uma extensão de mim. — Eu sou o mensageiro, Gabriel, ela que está acima de todos os poderes — falei para o espaço vazio acima. — Eu te evoco, Azrael, o Destruidor, senhor dos pastores da morte.

Levou um único instante para o anel se acender em volta do meu dedo. As chamas brancas lamberam meu punho, mas não me queimaram. Meu coração bateu contra meu peito e o poder que explodiu da relíquia apertou meus pulmões enquanto corria por mim, me fazendo ofegar por oxigênio. O espaço parecia tremular e ondular como o ar fervendo sobre o pavimento quente, e algo invisível rasgou um buraco através do ar, permitindo que um único feixe de luz atravessasse. A luz aumentou, forçando-se através da abertura no céu, e ficou tão ofuscantemente brilhante que não consegui olhar diretamente para ela. Apertei meus olhos contra ela, virando meu rosto para longe. Quando a luz diminuiu e pude ver uma vez mais, uma figura havia vindo através da costura no espaço, e suas asas abertas e brilhantes quando suas botas se fixaram no chão. Sua pele escura e armadura de prata brilhavam à luz da lua, corpórea e totalmente em nosso mundo. Ele estendeu a mão e examinou a palma da mão aberta.

— Passou... — disse ele suavemente para ninguém em particular —, muito tempo. O ar parece frio na minha pele. Posso sentir o cheiro das árvores.

Eu me perguntei se a última vez que ele foi corpóreo na Terra foi no dia em que expulsou Sammael do Céu. — Azrael — chamei. — Nós precisamos da sua ajuda.

Seu olhar percorreu os rostos dos ceifeiros nos meus flancos. — Estou ao seu serviço, irmã.

— Precisamos de um anjo para lutar conosco — expliquei. — O que somos não é suficiente. Você já derrotou Sammael duas vezes. Nós precisamos de você.

— Quando Sammael se juntou a Lúcifer e os outros Caídos, ele manteve sua força de arcanjo — respondeu Azrael sem perder uma batida. — Ele agora é mais poderoso que qualquer anjo abaixo dessa posição. Eu duraria apenas alguns segundos caso estivesse contra ele.

Olhei para ele em choque. — Você não lutará?

— Não posso.

— Não vai sequer tentar?

— Ellie — disse Will ao meu lado, em sua voz suave. — Só porque ele não pode lutar, não significa que ele não ajudará.

— Eu posso estar banido e enfraquecido — disse Azrael, dando um sorriso gentil para Will —, mas nunca paro de servir. Michael escolheu bem, Guardião. Fiel encontrado entre os incrédulos, fiel apenas ele.

Will observou o anjo enquanto suas palavras afundavam. — Como você pode nos ajudar?

Azrael estendeu a mão e um bastão brilhou em um flash de luz e energia, da mesma forma como nossas próprias armas apareciam quando as invocávamos. O bastão era mais alto do que Azrael, e na ponta do bastão havia uma arma de três pás que me lembrava um tridente, mas as duas lâminas externas eram em forma de crescente e de dois gumes como um partidário. A arma era cruel, mas elegante em seu design.

— O gládio sagrado — murmurei, reconhecendo imediatamente. Esta era a arma que Cadan disse que Bastian temia. Esta era a arma que eu usaria para matar Sammael e Lilith.

— Correto — disse Azrael. — Eu te darei a arma que baniu Sammael do céu. No entanto, você não será capaz de manejar o gládio sagrado em seu corpo humano. Você deve ascender para sua forma de arcanjo, a fim de tocar o gládio.

Tentei não olhar para Will, cujos olhos estavam grudados em mim e profundamente sentidos. Eu não estava pronta para enfrentar a possibilidade de novamente me tornar o ser que agora era um estranho para mim, e encarar o que significava ser um arcanjo. — Mas meu fogo angelical não funciona com nenhuma arma além das minhas espadas Khopesh.

— Quando for um arcanjo, você não terá limites para o seu poder. Qualquer lâmina que você conjurar para derrotar o demoníaco aceitará seu Fogo Angelical. Mas você deve esperar para usar o gládio sagrado até o momento em que precisar para conservar seu poder de arcanjo. Você deve ascender, me convocar em Armageddon, e eu lhe darei o gládio sagrado. Os exércitos da Besta te aguardarão lá, e você cantará um réquiem para uma guerra.

— No Armageddom? — perguntei confusa no início, mas depois me lembrei. Armageddon não é um evento como as pessoas parecem pensar atualmente, é um *local*. — Você fala do lugar do Fim dos Dias, o Armageddon, que é o mesmo lugar que Har Megiddo perto de Jerusalém.

Quando olhei para Will, percebi que ele pensava a mesma coisa. — É a colina de Megido em hebraico — disse ele, seu rosto se iluminando. — Armageddon é o nome grego para este monte, não um evento sinônimo do fim dos dias. É o lugar do fim dos dias.

— Correto — disse Azrael. — Há muito se previu que a batalha final começará no morro de Armageddon. Sammael e sua legião te encontrarão lá, Gabriel.

— Não há outro jeito de Ellie usar essa arma? — perguntou Will.

O olhar de Azrael era simpático. — Ela deve ser um arcanjo para usar o gládio sagrado, e é a única arma forte o suficiente para destruir os Caídos.

Tentei não revelar a minha tristeza quando entendi o que devo fazer, apesar do medo do que aconteceria comigo. — Então como eu ascendo?

— Há um feitiço que você e eu escrevemos juntos quando você foi ordenada a vir à Terra em forma humana. Vejo que você ainda tem o seu colar. Você precisará da sua graça. Junto com o feitiço, você precisará da prova de falhas, que foi mantida escondida no caso de um dia você precisar perder seus laços mortais e se tornar um arcanjo para lutar na Terra.

— Eu não tenho lembrança do céu. Você conhece o feitiço? O que é essa prova de falhas?

Ele andou em minha direção, seus movimentos fluidos e desumanos, e pressionou a mão na minha testa. Eu suspirei; as palavras antigas correram em minha mente em mil idiomas diferentes. Imagens brilhavam grandes feras humanoides, os Nephilim, esculpindo um caminho de destruição através de civilizações há muito tempo poeira, e guerreiros alados pintando o solo com o

sangue daqueles gigantes. Testemunhei as memórias de Azrael através de seus olhos. Eu me vi em pé em uma colina vestindo uma armadura feita de um metal estranho que não reconheci. Parecia ser feita de madrepérola, muito parecido com o meu colar alado, e estava salpicada de sangue, assim como minhas espadas Khopesh. Meu cabelo ardia como fogo. Na parte inferior da colina estavam os corpos de Nephilim, massacrados. As memórias de Azrael sussurravam na minha cabeça: — *Nós fomos enviados para erradicar as abominações*. — Os Nephilim eram os descendentes dos Grigori e seres humanos, mas não podiam ser controlados ou usados como os ceifeiros, que foram criados entre os Grigori – o Caído e o Sentinela igualmente. O dilúvio que o mundo acredita que Deus enviou para destruir os Nephilim não foi feito de água; foi uma inundação de inúmeras legiões de anjos, aço e sangue. Conduzido por mim. E então fui enviada sozinha para destruir os ceifeiros demoníacos. Eu não era nada mais que uma exterminadora.

O anjo da morte retirou a mão e olhei para ele, sentindo uma lágrima correr pelo meu rosto.

— Nós matamos todos eles.

— Não — corrigiu ele —, você manteve um deles.

Balancei a cabeça em confusão. — Mantive…?

— Pelo coração dele.

Náusea percorreu meu intestino. — A prova de falhas. O último Naphil[12] está vivo, salvo como um cordeiro para matança. — Eu estava tão enojada comigo mesma, com o tipo de monstro que já fui – e o monstro que eu me tornaria novamente.

Azrael colocou a mão no meu ombro. — Nós fazemos o que devemos para proteger este mundo.

— Como assassinato? — cuspi; a raiva fervendo sob a minha pele.

— Sacrifício — disse ele. — Os Nephilim destruíram a Terra e quase acabaram com a raça humana. Nós fizemos o que nos mandaram fazer, e não deveríamos nos sentir envergonhados. Mas você e eu sentimos.

Quando fechei meus olhos, afundei na memória de Azrael novamente. Eu estava na colina, minha armadura e asas brancas salpicadas de sangue. Meu rosto brilhou mais perto, imagens sem som clicando em sequência como um velho filme

12 Gigante no aramaico original

mudo, e vi que minhas bochechas estavam manchadas de lágrimas. Meu eu arcanjo examinou o campo de batalha cheio de corpos de anjo e Naphil, e chorei.

— Deus nunca mais nos enviou em força — continuou Azrael. — O dano foi muito grande. Desde então, tem sido sua tarefa destruir os ceifeiros demoníacos, sozinha. Embora eu sinta que a guerra com os Nephilins possa precisa se repetir contra as feras do Inferno.

Reabri meus olhos com uma nova determinação. — Onde está o último Naphil?

— Sinto muito, irmã — respondeu ele com pesar. — Mas não sei. Só você sabe.

Essa determinação ameaçou cintilar como uma chama de vela. — Ainda outra coisa impossível encontrar. Felizmente, fiz várias coisas impossíveis nas últimas semanas.

— Devo avisá-la, Gabriel — disse Azrael —, que se você ascender, sua força não ligada será muito instável neste mundo. Se você invocar o poder necessário para usar o gládio sagrado, ele destruirá sua forma terrena.

— Você tem certeza? — exigiu Will.

Azrael assentiu. — Não há como seu corpo sobreviver canalizando todo o poder necessário para destruir os caídos. Ela usará o gládio sagrado e morrerá.

Tudo o que Michael disse sobre o meu poder de arcanjo destruindo meu corpo quando eu ascendesse desabou sobre mim. Eu segurei a esperança de que talvez não precisasse ascender, e se eu ascendesse, que os anjos estariam errados. Que eu poderia fazer isso e ainda destruir meus inimigos sem me destruir. Mas agora eu entendi que deveria morrer uma última vez para acabar com essa guerra.

— Então não faremos isso — disse Will com uma dura finalidade em seu tom. — Nós vamos derrotar Sammael sem Ellie ascender e usar o gládio.

— Will — disse eu, sentindo uma paz estranha, mas estabelecida em mim. Eu me senti nublada e tonta, desanexada. — Está tudo bem. Eu me preparei para estar pronta para qualquer coisa. Estou bem com isso.

— Mas eu não estou — disse ele. — Lembre-se do que Michael disse: se você morrer como um anjo, então você pode não voltar.

— Tantas vidas serão salvas se eu fizer isso — disse eu. — É a única maneira de destruir Sammael e Lilith e...

— Não — disse ele com firmeza, e sua mão apertou a espada. Quando falou novamente, sua voz era suave. — Não.

Por um momento, parecia que só havia ele e eu na sala. Todo mundo se dissolveu.

Os olhos de Will se fecharam, apertando com pesar antes de se forçar a encontrar o meu olhar novamente. Ele estendeu a mão para mim, sua pele quente enquanto suas mãos roçavam minhas bochechas, e mordeu o lábio, sacudindo a cabeça muito ligeiramente.

— Não — disse ele novamente.

— Nós vamos ficar bem — disse a ele.

— Há sempre outro jeito.

— Desta vez não há — disse eu.

Seus olhos se moveram entre os meus, a boca aberta em choque. — Como você está tão calma?

— Acredito que sempre soube que chegaria a isso.

— Você não está destinada a morrer — disse ele. — Você sempre volta. Você não pode ir embora para sempre.

Meu coração estava partido, não por mim, mas por ele. — Eu sinto muito por ter que fazer isso.

— Ellie. — Ele sussurrou meu nome, fazendo-me perder qualquer determinação que eu tinha de ficar contra ele. — É por isso que eu não deveria te amar. Porque não vou deixar você fazer o que precisa. É fácil cumprir o meu dever quando não tenho nada a perder, mas agora tenho tudo a perder. Eu vou te perder.

Eu tinha um milhão de coisas para dizer a ele, mas as palavras não se encaixariam na minha cabeça o suficiente para formar algo coerente. Tudo que eu sabia e entendia era que eu precisava ser forte. Às vezes, após as pessoas aceitarem que iriam morrer, elas se tornavam autodestrutivas, como se não importasse se perdessem o tempo que lhes restava. Isso não seria eu. Se eu morresse, faria valer a pena.

Após uma eternidade agonizante, Will tocou meu cabelo daquele jeito familiar dele, segurando a mecha em seus dedos. — Não tenho isso em mim para deixar você partir.

Mordi o lábio para evitar que tremesse enquanto observava a agonia lentamente entorpecer o verde inimitável dos olhos dele. — Devemos fazer o que for preciso para proteger a Terra e o Céu. Tudo bem.

Ele não disse nada, apenas balançou a cabeça novamente.

— Gabriel — chamou Azrael. — O que será?

Olhei para o anjo e engoli meu medo. — Eu farei isso.

25

APÓS A PARTIDA DE AZRAEL, TODOS se reuniram para discutir nosso próximo passo e onde o último Naphil poderia estar escondido. Todos, exceto Will e eu. Will estava pensando, calculando. Ele já estava decidido a descobrir como vencer os Caídos de uma forma que não envolvesse eu arrancar corações e crescer asas. A notícia de Azrael foi difícil para nós, e não pude suportar o silêncio de Will.

Saí sem dizer a ninguém e me retirei para os aposentos de Madeleine, mas não demorou muito para Cadan me encontrar. Saudei sua presença quando ele se sentou ao meu lado, colocou um braço em volta dos meus ombros, e me deixou inclinar para ele.

— Não temos que falar sobre isso — disse ele, sua voz baixa e suave. — Eu só pensei que você precisava de alguma companhia.

Tomei uma respiração longa e profunda e soltei lentamente, mas a tensão não me deixou. — Não estou realmente certa do que preciso agora.

— Tudo ficará bem — prometeu. — As coisas acontecem do jeito que deveriam acontecer. E se você se tornar um arcanjo de novo, então você sempre foi destinada a isso. Se vale de algo, acho que você será um anjo muito foda.

— Você não sabe o que eles são, como *somos* — disse eu. — Azrael, Michael, eu – Gabriel, isso é – somos feitos de gelo. Não podemos sentir nada. Eu não quero ser assim.

Ele parou por um momento pensativo. — Eu conheço você e você não para de sentir. Você tem uma alma. Provavelmente a melhor que eu já conheci.

Não pude deixar de sorrir para ele. — Você é sempre tão positivo.

— Eu sei que você está com medo — disse Cadan. — E sei que está triste. Não há problema em ser os dois.

Ele e Will eram meio irmãos, mas eram tão diferentes. Cadan de alguma forma se tornou esse pilar de força e apoio para mim, do jeito que Will era, mas ele sempre sabia a coisa certa a dizer. A maneira como Will expressava seus sentimentos e lidava com as coisas que o incomodavam era muito mais física. Ele

era mais quieto, mas quando se abria para mim, era lindo. Cadan tinha essa intuição estranha que fez dele um amigo incrível.

— Ele se fechará agora — disse eu, lembrando como Will lamentou Nathaniel da sua própria maneira. Eu não queria que ele já me lamentasse.

Cadan pareceu entender de quem eu falava. — Se ele faz, não é porque não se importa.

— Eu sei — suspirei.

— Ele não desistirá de procurar uma maneira de contornar sua ascensão — continuou ele, pensativo. — Ele me lembra um pouco de Bastian dessa maneira. Ambos têm essa determinação implacável e são muito meticulosos em tudo o que fazem.

Ele estava certo, eu percebi, mas nunca diria isso a Will. Isso só deixaria as coisas mil vezes pior. Will provavelmente nunca aceitaria plenamente que Bastian era seu pai, e certamente nunca levaria bem ser comparado a Bastian. Will era bom, doce e gentil, mas eu vi o temperamento dele. Sua determinação implacável também incluía chutar traseiros. E quando Will chutava o traseiro, ele era muito completo. Ele chutava cada centímetro disso.

— Não falo isso de uma forma ruim — disse Cadan, interrompendo meus pensamentos. — Eu sinto muito se te aborreci.

— Não, eu não estou chateada — disse a ele. — Eu estava pensando que ideia terrível seria contar a Will o que você acabou de me dizer.

— Não tenho planos de repetir isso para ele. Nunca. E se você contar a ele o que eu disse, antes que ele me mate eu direi a todos como você ronca.

— Eu não ronco! — Eu ri. — Will saberia se eu roncasse.

O ar imediatamente ficou denso com a tensão. Eu sabia como Cadan se sentia em relação a mim, e o que acabei de dizer era como esfregar Will e eu no rosto dele. Por que eu nunca parava para pensar antes de abrir minha boca enorme? Cadan havia se sacrificado tanto para me ajudar, e deveria ser insuportavelmente desafiador para ele estar ao nosso redor o tempo todo.

— Ele é muito educado para dizer qualquer coisa — disse Cadan para quebrar o constrangimento entre nós, mas sua voz era pequena e frágil.

Eu fui junto, tentando soar como se nada tivesse acontecido. — Minha amiga Kate não é, no entanto, e depois das milhões de festas de pijama que tivemos, ela definitivamente teria me dito – e me chutado para eu acordar e me calar.

— Eu teria feito o mesmo — disse ele com um sorriso.

Estreitei meu olhar divertidamente para ele. — Então você está admitindo que acabou de mentir. Calúnia é ilegal, sabe.

Ele zombou e bagunçou meu cabelo com a mão. — Eu sou um ceifeiro. Vivo acima da lei. Lei humana, de qualquer forma.

A porta se abriu e Madeleine apareceu, seus olhos verdes fixos com interesse em Cadan e eu. Cadan afastou o braço do meu ombro devagar, quase com cautela. — Não pretendo interromper — disse ela em um tom baixo e lento.

— Espero que você não se importe eu ter vindo até aqui. — Tão estranho como eu sentia, ela ainda me assustava. Essa era a *mãe* de Will. Eu não sabia se me acostumaria com isso.

— Claro que não, Ellie — disse Madeleine. — Todo mundo precisa se retirar às vezes.

Cadan se levantou e o espaço ao meu lado ficou frio de repente. — É melhor eu voltar e me fazer útil. — Ele me deu um olhar reconfortante, mas o meu em troca era implorante e desesperado para ele ficar. Sua boca apertou se desculpando. Ficou claro que ele estava tão assustado com Madeleine quanto eu, mas por razões diferentes.

Após ele sair do quarto, Madeleine sentou-se ao meu lado. Estar sozinha com a mãe de Will antes de eu realmente saber alguma coisa sobre ela era realmente muito aterrorizante. Eu sempre me considerei uma pessoa sociável e tagarela, mas que tudo voou pela janela com Madeleine, que era obviamente uma das maiores fodonas no planeta. Por quinhentos anos, ela foi a guardiã da relíquia que eu fiz para ser tão poderosa que poderia convocar qualquer demônio. Eu vi apenas um vislumbre de sua destreza na batalha, mas foi o suficiente para saber que eu gostaria de tê-la do meu lado em qualquer luta.

Essa era a *mãe de Will*. Essas duas palavras continuaram girando na minha cabeça. Ela era impossivelmente linda. Seus olhos verdes e cabelos escuros eram os mesmos de Will, e também era quase tão alta quanto ele. Embora seu corpo fosse ágil, ela tinha força e firmeza em suas curvas que mostravam como ela era inquebrável.

— Eu tenho uma arma como o gládio — disse ela, com seu sotaque Inglês ritmado quebrando o silêncio severo entre nós —, se você quiser treinar com uma antes de aceitar o bastão de Azrael.

— Isso seria excelente — respondi com um pequeno sorriso. — Obrigada.

— Eu poderia ajudá-la a aprender a usá-lo.

Assenti. — Estou tão acostumada a usar duas espadas pequenas que isso será uma grande mudança. Posso gerenciar se eu tiver ajuda.

— Claro — disse Madeleine. — E peço desculpas se afugentei Cadan. Ele saiu com muita pressa.

Ofereci um olhar simpático. — Se você está preocupada que ele está te evitando, eu acho que ele ainda está em um pouco de choque.

— Nós dois estamos — concordou ela. — Ele e eu poderemos resolver as coisas em nosso próprio tempo. Eu me perguntei se o encontraria, ou Bastian, novamente, eventualmente, mas para ser honesta, eu estou muito mais chocada por ter visto ele com você e Will. Essa foi uma visão curiosa.

— Oh — disse eu. — Você quer saber como nos tornamos amigos?

— Se não se importa.

Permaneci lá, olhando para trás, e a imagem de ver o rosto de Cadan pela primeira vez naquela festa de Halloween brilhou em minha mente – depois de Will ter dado um soco no Fantasma de ópera mascarado. — Não há muito a dizer, eu acho. Ele se ofereceu para me ajudar. Demorou um pouco para eu confiar nele, mas estou feliz por ter feito isso. Ele salvou minha vida muitas vezes agora. Ele ganhou minha confiança.

— E Will confia nele também?

— Demorou muito mais tempo para Will fazer isso — disse eu honestamente. Eu contei sobre Cadan arriscando sua vida para me manter informada sobre os planos de Bastian e me salvar de Ivar. Falei sobre sua gentileza e me confortando quando eu estava no meu mais baixo. Contei a ela a história do que aconteceu na noite em que Sammael despertou, sobre Cadan nos protegendo de Bastian e depois o matando. Eu até contei a Madeleine sobre Cadan me levando para as Montanhas Rochosas para recuperar a raiz de Antares que curou Will. Ela escutou em silêncio, e peguei o fantasma de um sorriso em seu rosto quando terminei minha história. — Não sei como ele era quando você o conheceu, mas o Cadan que conheço agora é uma pessoa maravilhosa e boa, e ele significa muito para mim.

— Estou orgulhosa dele — disse Madeleine. — Cadan era muito mais jovem quando o conheci, e ele era desesperado pela aprovação do pai. Por baixo de tudo,

ele era bom... E até era meu amigo. Ele estava lá para mim quando Bastian estava em seu pior momento. Eu sei que Cadan só fez as coisas que fez para agradar seu pai, e seus pecados ainda parecem assombrá-lo.

Eu sabia que foi Cadan, junto com Ivar, que sequestrou Will para deixar Bastian torturá-lo nos dias que antecederam a minha morte pelos dentes de Ragnuk. Esse Cadan, eu acreditava, ficou para trás – todos nós – agora. — Que tipo de coisas? — perguntei.

— Ele matou. — Sua resposta foi simples, direto ao ponto. — Mas não mais do que você ou eu, e é injusto segurar isso contra ele. Os demoníacos e angelicais estão em guerra. Pelo menos ele deixou os humanos em paz. Eu nunca soube que ele caçava mortais. Ele diria a Bastian sobre as almas que ele havia colhido, e Bastian era arrogante o suficiente para acreditar que seus subordinados o temiam demais para mentir para ele. Eu, por outro lado, conheço um mentiroso quando vejo um.

Madeleine era razoável em sua avaliação das ações de Cadan. Enquanto eu conhecia Will, ele sempre foi tão firme em sua crença de que os caminhos do mundo eram preto e branco, tão bons e o mal estava claramente definido. Eu supus que os séculos difíceis de ser meu Guardião o deixou assim. Madeleine pareceu reconhecer os tons de cinza que eu procurava e acreditava existir. Esta percepção me deixou com menos medo dela.

— Estou feliz que Will cresceu longe de Bastian — disse a ela, grata. — Eu acho que você fez a coisa certa.

— Eu não sabia se Bastian deixaria o bebê viver — confessou ela. — Rumores sobre o nosso relacionamento já haviam começado a se espalhar, assim como o boato de que ele era meio angelical. Ele estava construindo seu exército então, fazendo um nome para si mesmo entre a elite dos demoníacos. Ele não podia se dar ao luxo de ter qualquer coisa marcando sua reputação – especialmente a criação de uma criança angelical. Aquelas últimas semanas tornaram mais fácil para eu deixá-lo. Ele teve seus momentos e ainda acredito que ele me amava, mas ele era cruel no núcleo.

Eu a estudei, surpresa com o que vi em sua expressão. — Parece ter uma parte de você que se arrepende de deixá-lo, ainda hoje.

Ela sorriu para mim, um sorriso terrível e triste. — Quando você ama alguém tão ferozmente, eles deixam uma marca em sua alma que nunca vai

embora, não importa o quanto você cava e rasga. Ele deixou uma marca na minha alma. Pelo menos as que ele deixou na minha pele desapareceram com o tempo.

Eu não tinha uma resposta. Imaginei que o relacionamento dela com Bastian não era o mais saudável, mas saber que ele a machucou fisicamente me fez ranger os dentes. Nenhum relacionamento era perfeito o tempo todo, e até mesmo Will e eu poderíamos ser rudes um com o outro quando os níveis de estresse aumentavam, mas a violência era imperdoável.

Madeleine apertou minha mão. — Eu não queria assustá-la. Existem inúmeras coisas que não foram ditas sobre o meu tempo com Bastian. Eu me mantive muito fechada.

— Eu não desabafaria nada disso perto de Will — avisei. — Ele pode encontrar uma maneira de trazer Bastian de volta à vida apenas para que possa matá-lo novamente. Ele pode fazer isso algumas vezes, na verdade.

— Essa parte do William não mudou então, eu vejo — disse ela. — Posso perguntar sobre você e meu filho?

— Eu... não... é claro que você pode. Sobre o quê?

Seu olhar ficou suave e gentil. — Ele está apaixonado por você. E você o ama tanto quanto. Eu, a princípio, imaginei, mas esta noite confirmou isso.

Mordi meu lábio. — É um pouco óbvio, não é?

Ela me deu um sorriso brilhante e largo. — Um pouco.

— Ele é incrível — disse a ela. — Mesmo.

Seu sorriso ficou um pouco triste. — Você o conhece há mais tempo do que eu.

— Estou feliz que você e Will possam ter a chance de se conhecerem novamente. Será bom para vocês.

— Ele mudou muito — admitiu.

— Todos nós mudamos — disse eu. — Nós crescemos.

— Lutar faz isso com você. — Ela me observou cuidadosamente, mas seu sorriso permaneceu. — Vamos encontrar uma maneira de você sobreviver a isso. Preciso da sua ajuda para conhecê-lo novamente.

Bufei um risinho com isso. — Eu não perdi a esperança. Farei o que tenho que fazer... ascender e lutar como um arcanjo, mas nunca vou desistir. Não quero morrer, mas sinceramente, estou com mais medo de me tornar um monstro irracional novamente.

— Novamente? — perguntou ela. — Pensei que você não conseguisse se lembrar do céu?

As memórias de Azrael de mim como Gabriel passaram pela minha cabeça mais uma vez. Houve lágrimas nos meus olhos. Devo ter sentido algo depois de massacrar os Nephilins. Se eu não conseguisse sentir nada, então não derramaria lágrimas por ninguém, especialmente por monstros. Lembrar que eu como Gabriel havia poupado um Naphil me deu esperança para o meu eu arcanjo, mas então lembrei que eu o poupei apenas para colher seu coração, e isso não soa como misericórdia. Eu odiava pensar em onde ele estivera preso por esses milhares de anos. Eu não queria matar essa criatura. Eu havia aceitado que eu poderia ter que me sacrificar para vencer esta guerra, mas sacrificar os outros era errado. Ainda assim, não havia outro caminho para eu ascender sem o coração do Naphil. Talvez tivéssemos feito algo bom em destruir todos eles. No entanto... se fossem apenas monstros horríveis, então por que eu chorara por eles?

— Os outros anjos que conheci eram assim — expliquei. — E sei que os anjos não têm permissão para sentir ou fazer suas próprias escolhas. Não quero parar de amar meus amigos e familiares ou matar sem discriminação como eu costumava fazer. Quando ascender, vou perder tudo o que me faz humana.

— Você ainda terá sua alma.

— Eu terei? — perguntei. — Se eu tiver, ainda não sei exatamente no que me transformarei sendo um anjo com alma. E depois que eu perder tudo o que sou, devo perder minha vida também. Ninguém parece ser capaz de me dizer qualquer coisa com certeza. Eu tenho medo do desconhecido.

Ela sorriu para mim. — Você é muito forte para se perder em qualquer coisa. Se você esquecer quem é, então vamos ajudá-la a lembrar. Você tem amigos incríveis com você que acreditam em você e te amam demais para deixá-la perder quem você é.

Madeleine estava certa. Eu tinha amigos e familiares em casa e havia trazido amigos e familiares nessa jornada. Nenhum deles jamais desistiria de mim, não importa quantas razões eu lhes desse para me abandonar. Eu precisava fazer o que deveria e eles me seguiriam para qualquer lugar.

— O que você acha de voltarmos para os outros? — perguntou ela, levantando-se e estendendo a mão para me ajudar. — Então eu vou te dar um tour pelo arsenal e podemos brincar com espadas.

Sorri e peguei a mão dela. — Soa como um plano para mim.

26

MADELEINE TRANSFORMOU UMA ANTIGA SALA DE AULA do castelo em seu próprio incrível arsenal. As paredes da sala estavam forradas de espadas de todos os tamanhos e origens, armas de fogo ao lado de lâminas de aspecto cruel, e uma variedade de machados de batalha. Havia até uma machadinha decorada com penas, e um parashu[13] elegante cuja lâmina curva e arrebatadora estava gravada com imagens de divindades hindus. Passeei pelas paredes, examinando e admirando a coleção como se estivesse em um museu, mas Will era como uma criança em uma loja de doces. Mordi o lábio para não rir, observando-o se esforçar para decidir qual arma pegar primeiro. Ele recuperou um belo exemplo de Falcata[14] celta-ibérica incrustada de ouro, só para devolvê-la ao seu suporte e retirar a saya[15] contendo uma lança Yari[16] incomum.

— Entendo que ele herdou sua tendência de aficionado em arma de você? — perguntei a Madeleine enquanto assistia a vertigem de Will sobre todos os novos brinquedos.

Ela sorriu. — A maioria dos ceifeiros tende a trazer artefatos amados com eles através dos tempos. Mantive poucos pertences que não são armas.

Pensei nas coisas que Will guardou todo esse tempo: a cruz que sua mãe lhe deu, os livros em suas prateleiras, suas guitarras, e até mesmo algumas das minhas próprias coisas, que ele manteve das minhas muitas reencarnações, como o meu colar de asas e a presilha de cabelo de fênix que ele comprou para mim do vendedor ambulante em Xangai. Eu me perguntei sobre Cadan, se guardou alguma coisa além de lembranças tristes durante os séculos.

Falando em Cadan... ele estava sentado em um sofá maltrapilho e mofado ao lado de Ava. Marcus encostou as costas contra a parede. Os três observavam

---

13 Parashu é a palavra em sânscrito para machado de batalha que pode ser empunhada com uma ou ambas as mãos.
14 A falcata é uma espada céltica usada na Hispânia pré-romana (a Península Ibérica), e é similar à espada grega kopis e à nepalesa kukri.
15 Bainha de uma espada japonesa.
16 Yari é o termo para uma das lâminas japonesas tradicionalmente feitas (nihonto) na forma de uma lança, ou mais especificamente, a lança de cabeça reta.

casualmente Will e eu enquanto Madeleine nos dava um tour pela coleção de armas.

— Qual é o gládio que você sugeriu que eu praticasse? — perguntei a Madeleine.

Ela seguiu para a seção de armas de sua coleção e recuperou uma alabarda que se assemelhava ao gládio sagrado de Azrael, mas de um design muito mais primitivo. Cada centímetro das armas feitas por anjos não eram apenas estranhamente bonitas, mas tinham uma presença sobrenatural nelas que lhes dava uma leve sensação de senciência. A espada de Will foi dada a ele por Michael, e assumi que minhas próprias Khopesh foram criadas por mim no céu. Nossas armas foram forjadas com o propósito de serem usadas na Terra. Eu só podia imaginar que tipo de poder o gládio sagrado poderia exercer em nosso reino, um reino em que nunca foi destinado a entrar. Então, novamente, eu já sabia a resposta para essa pergunta. O poder que essa arma divina poderia exercer, a quantidade de poder que eu precisaria invocar apenas para usá-la, me mataria.

Ava pôs a mão no meu ombro e me resgatou dos meus pensamentos. — Marcus e eu faremos as pesquisas para encontrar algumas localizações possíveis do Naphil.

— Boa ideia — disse eu. — Tem que haver alguém que saiba onde ele está. O Naphil pode ter proteção angelical. Verifique com todas as fontes confiáveis que você tem. Todo boato deve ser tratado como uma direção.

Ela deu um breve aceno de cabeça e saiu da sala com Marcus a reboque. Cadan permaneceu no sofá com seus braços cruzados e a cabeça inclinada para trás. Ele parecia estar cochilando. Voltei para Madeleine, que voltou para mim com sua própria alabarda nas mãos. Ela entregou uma para mim e senti o peso e o equilíbrio da arma. Isso tinha centenas de anos e ainda era perfeitamente equilibrado. As lâminas eram de dois gumes e ainda afiadas, sem sinais de ferrugem. Madeleine cuidara dessa antiguidade.

— Você sabe com o que Sammael luta? — perguntou ela. — Devemos ter você lutando contra ele com alguma coisa similar.

Estremeci ao me lembrar da arma que Sammael usou para brutalmente apanhar a alma de uma jovem e devorá-la. — Ele tinha uma foice, mas não sei se essa é a arma principal dele. Eu o vi usá-la para levar a alma de uma garota.

Sua boca se virou ao considerar isso. — Eu não gosto de alabarda contra alabarda. Estas armas são destinadas a serem usadas à distância, não em combate próximo, onde não há espaço suficiente entre você e seu inimigo para atacar. Você viu Lilith usar uma arma?

Balancei a cabeça. Eu gostaria de me lembrar de algo do meu tempo no exército do Céu. Eu não sabia nada sobre meus inimigos na batalha, nada que me desse uma vantagem. No entanto, uma vez que me tornasse Gabriel, tudo isso poderia mudar.

— Will — chamou Madeleine seu filho. — Ataque Ellie usando sua própria espada. A arma é grande o suficiente para minimizar as defesas da alabarda e tornar o seu uso um desafio.

Como se eu precisasse que uma luta com Will fosse mais desafiadora. Ele invocou sua espada como instruído e moveu-se para ficar a cerca de quatro metros de distância de mim, bem fora do alcance da minha lâmina.

Madeleine se posicionou ao meu lado e colocou as mãos sobre as minhas para guiar minha postura. — Sua mão direita é dominante, por isso deve ser a sua mão traseira. É daí que vem o seu poder. Essa mão guia a direção da lâmina. — Ela abaixou minha mão traseira, girando o cajado para que a lâmina levantasse até a altura do peito. — Esta é a sua ala. O calcanhar direito recuado, as mãos distantes uma da outra para manter o equilíbrio. Ai está.

Ela se afastou de mim e fez sinal para Will se preparar. — Vamos trabalhar em defesa primeiro. Não use o mastro para parar uma lâmina porque a lâmina cortará o mastro em dois. A alabarda é projetada para bloquear um ataque, pegando e enredando a lâmina do seu oponente com as lâminas externas da arma.

Will correu em minha direção, erguendo a espada sobre a cabeça e varrendo-a em um arco. Eu girei o bastão com a mão direita conforme instruído e levantei a ponta de lança. A espada de Will ficou presa na lâmina externa da alabarda parecida a um gancho. Antes que ele pudesse libertá-la, eu balancei o bastão em direção ao chão – a espada de Will enredada na minha era inimaginavelmente pesada – e ele foi incapaz de se retirar. Escorreguei a alabarda e ficou muito mais leve em minhas mãos. Voltei para o ataque rapidamente e empurrei a lâmina na direção da garganta de Will e parei. Não havia como eu tê-lo derrotado tão facilmente se ele não facilitasse para mim. Isso foi só para que eu pudesse me acostumar com as técnicas de uso da alabarda.

— Excelente instinto — disse Madeleine alegremente. — Você até passou a atacar sem minha instrução. Bem feito. Cadan.

Ele acordou e se levantou do sofá tão de repente que uma das pernas estalou e o sofá afastou. Ele praguejou quando sua bunda atingiu o chão de ladrilhos.

Madeleine caminhou em direção a ele e bateu no lado de sua cabeça enquanto ele se levantava. — Você. Vamos lá.

— O quê? Onde?

— Ellie pode praticar usando a arma enquanto você e eu conversamos — elaborou. — Nós não temos muito tempo.

Ao sair pela porta, Madeleine fez uma pausa para me dar um olhar de cumplicidade e um meio sorriso. Percebi então que sua conversa com Cadan era em parte uma desculpa para me permitir ter uma conversa com Will. Eles saíram e encarei meu Guardião mais uma vez.

— Você está pronta para ter uma chance nisso? — perguntou ele, seu tom de voz cuidadoso e hesitante. — Talvez devêssemos ir com calma pelo resto da noite.

— Não — disse eu —, não temos tempo para relaxar. Vamos apenas fazer isso.

Ele encolheu os ombros. — Como você deseja. — Ele se moveu mais rápido do que meus olhos poderiam seguir, reaparecendo na minha frente, balançando sua espada. Eu virei para o lado, evitando o golpe dele, mas ele antecipou esse movimento e já estava preparado para me seguir. Sua espada balançou novamente e levantei a alabarda para pegar seu ataque. O metal feito pelo homem era devastadoramente inferior à prata angelical da lâmina de Will e eu podia senti-lo lamentar com cada golpe, ameaçando quebrar. Quando Will e eu nos confrontamos, eu me tornei ciente de que ele não estava usando toda a sua força. Não havia como essa arma ter sobrevivido contra a dele. Eu fiquei com raiva, empurrando-o com mais força. Rodopiei e bati em suas costelas com o cabo do bastão. Ele grunhiu e tropeçou, mas não respondeu ao meu ataque imediatamente. Ele ajustou o agarre na espada e se esquivou do caminho do meu próximo golpe.

— Pare de se segurar! — gritei para ele. Ele não levava isso a sério? Eu precisava aprender como usar uma arma como esta ou falharia. Ele decidiu que não havia razão agora, porque eu morreria? Eu não era alguma garota morta

andando. Eu não era preciosa ou finita, e ele estava me irritando ao me tratar assim. — Apenas lute comigo!

Ele me lançou um olhar duro e se afastou, deixando sua espada desaparecer em um flash cintilante. — Não. Assim não. Não quando você está com raiva.

— *Você está* me deixando com raiva — respondi. — Temos que usar o pouco tempo que nos resta para nos preparar, e podemos também aproveitar o resto da noite para treinar. Você acha que isso é uma perda de tempo?

— Não — murmurou ele, baixo e duramente, mas não disse mais nada.

— Não? — repeti. — É isso? Isso é tudo que você tem a dizer sobre isso?

Seus olhos verdes perfuraram os meus. — Não.

Cerrei meus dentes com impaciência. — Eu sei o que é isso.

— Sabe? — exigiu ele. — Você ao menos se importa?

Olhei para ele, perplexa. — O que isso deveria significar?

Ele exalou pesadamente enquanto balançava a cabeça e baixava o olhar. — Deixa pra lá.

— Não, você não fará isso — briguei com ele. — Não me dê uma resposta evasiva quando tiver algo para dizer. Com o que não me importo?

Ele se virou para mim, os olhos brilhando. — *Comigo*! Você acabou de concordar em jogar sua vida fora, apenas desistiu de lutar, sem pedir minha ajuda ou considerar como me sinto. Eu te disse que não vou... não posso... Deixar você partir, e você não se importa se for tirada de mim.

Minha raiva e choque fugiram, substituídos apenas por uma tristeza incomensurável. — Eu me importo. Deus, eu me importo muito. Eu sei o quanto te machucou quando você pensou que eu parti depois que Ragnuk me matou...

— Eu não acho que você se importa — disse ele baixinho. — Você é tudo que eu conheço. Se você cair, eu caio.

— Não diga isso — disse eu. — Eu não deixarei você falar assim.

— Eu fiz uma coisa por quinhentos anos — disse ele. — E isso é proteger você – lutar ao seu lado, *estar* com você. Você me mostrou como viver, como ser humano. Quando você foi embora por décadas, eu não sabia o que fazer comigo mesmo. Não conheço mais nada. Não tenho nada sem um propósito, sem você.

Eu me senti derrotada. — Eu não quero morrer também. Estou com medo do que acontecerá comigo se eu morrer como arcanjo. Mas isso é muito maior do

que você e eu. Nós dois chegamos a esse conhecimento e compreensão do custo: suportando cada adversidade que vem com a guerra. Só nós tivemos que experimentar isso por centenas de anos e o fim está tão próximo. Podemos terminar isso de uma vez por todas, para todos. Inúmeras vidas dependem de nós – de você e de mim.

Ele sugou seu lábio daquele jeito familiar, mas só quebrou mais meu coração desta vez. Ele balançou a cabeça. — Eu gostaria de poder ser corajoso e altruísta por isso, mas desisti de tudo por essa guerra. *Tudo*. Eu não vou desistir de você. Você é a única coisa que eu me recuso a perder. Nunca, Ellie. — Ele tomou respiração trêmula. — Nunca.

— Não temos escolha — disse a ele.

— Eu vou salvar você.

— Você não pode. Não dessa vez.

— Então eu vou cair com você.

Balancei a cabeça e me afastei dele, levantando a alabarda mais uma vez. — Não. Você não pode falar assim. O que quer que aconteça comigo quando eu ascender e usar o gládio sagrado acontecerá, mas não até depois de eu ter parado Sammael e seu exército. Precisamos nos concentrar. Agora vamos lá. Luta comigo. Treine como você quer que eu viva.

Ele me deu um olhar desanimado e abatido, e invocou sua espada. Gesticulei para ele e ele assentiu em retorno enquanto respirava fundo. Ele levantou a lâmina e pulei em uma corrida, levantando o cajado para dirigi-lo em direção a ele, mas ele me surpreendeu. Ele não esperou pelo meu ataque; em vez disso, ele atacou primeiro. Sua espada pegou na curva das lâminas externas e parei seu ataque. Empurrei para desarmá-lo, mas sua extrema força combinada com o enorme tamanho de sua espada me impediu de arrancá-la de suas mãos. Minha concentração quebrou – eu me imaginei nessa posição contra Sammael e um tremor deslizou por mim, permitindo que Will me dominasse. Ele me obrigou a dar vários passos para trás antes de acertar o pé no meu peito. O bastão se soltou da lâmina de Will e perdi o equilíbrio. Minhas costas bateram na parede com um baque duro, quase tirando o ar do meu peito. Eu simplesmente não tinha em mim para continuar esta noite. Eu estava emocionalmente muito exausta.

Deslizei para o chão, jogando o gládio de lado e deixando-o bater na pedra. Quando não levantei, Will guardou sua espada e se aproximou de mim. Então,

lentamente, ele se sentou ao meu lado, colocou os braços ao meu redor, e me levou para mais perto. Nós permanecemos lá em silêncio, com minhas pernas emaranhadas sobre o seu colo e meus dedos enrolando em torno da bainha de sua camisa enquanto uma de suas mãos colocava meu cabelo atrás da minha orelha. Eu queria ficar assim, envolta em seus braços, até o mundo acabar. Eu queria ficar humana. Não quero ser um arcanjo novamente. Não queria mudar e me tornar uma máquina de guerra sem coração. Não queria quebrar o coração de Will. Não queria usar uma arma que me mataria. Acabaria comigo. Eu não queria o fim.

Com minha alma se partindo, eu me afastei de Will e me forcei a ficar de pé.

Ele me observou, mágoa torcendo suas feições. — O que há de errado?

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— Você me disse uma vez que me amava porque eu era humana — disse eu, minha voz baixa. — Você ainda me amaria quando eu for um anjo? Mesmo que eu não seja mais humana?

— Sempre — disse ele, olhos verdes brilhantes. — Mesmo que você pare de me amar.

Eu me senti começar a desmoronar e deixei o arsenal e ele sentado no chão.

O castelo estava estranhamente quieto enquanto eu vagava pelos corredores e observava a luz do amanhecer espreitando através de cada janela. Eu me perguntei onde os outros estavam. Ava, eu tinha certeza de que ainda estava trabalhando duro para descobrir a localização do Naphil e dirigindo Marcus como um burro de carga. Eu imaginei se Cadan também ocuparia um quarto no castelo ou retornaria ao hotel para descansar durante o dia. Madeleine... Eu não sabia. Eu não a conhecia bem o suficiente. Eu me perguntei como foi a conversa dela com Cadan, e se eles fizeram às pazes.

Passos interromperam meus pensamentos. Meu primeiro pensamento deveria ter sido que os passos pertenciam a um dos meus amigos, mas o instinto mandou meus nervos correndo em brasas. Deixei meus sentidos se esticarem para sentir a identidade do andarilho. Estendi a mão e uma única Khopesh brilhou na minha mão. Eu virei a esquina e encontrei um rosto que eu não esperava ver em um milhão de anos.

Era Ethan Stone.

27

— VOCÊ! — EXCLAMEI. — O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AQUI?

Ethan estava com um sorriso de pura e doce satisfação. — Estou aqui para conversar com uma velha amiga.

— Como você me achou?

Ele zombou. — Meus espiões são muito melhores que os de Sammael. Na verdade, um deles me contatou em Liege. Eles estão quentes em sua cauda, pequena bola de fogo.

Fiquei em choque. — Seus soldados humanos podem enfrentar ceifeiros demoníacos?

— Mercenários — corrigiu ele. — Tecnicamente. Eles são ex-militares que serviram em algumas das regiões mais violentas do mundo. Alguns estavam em uma força especial que lutava contra senhores da guerra no Congo. Eles se saíram bem contra seu próprio ataque em minha casa, não foi? Os ceifeiros tendem a desacreditar o poder humano porque somos, bem, mortais. Para criaturas que têm a capacidade de viver eternamente, a mortalidade é uma fraqueza. Podemos não ter asas e garras, mas temos explosivos.

— Você vai me dizer por que está me seguindo?

— Eu sempre fiquei de olho em você — respondeu ele em um tom desconcertantemente casual. — Está no meu melhor interesse. Quando você me disse que procurava evocar um anjo, eu sabia que sua próxima tarefa seria encontrar o anel de Salomão. Também deduzi que Azrael seria o anjo que você evocaria para lutar contra Sammael, desde que ele já derrotou os Caídos antes, mas apostei que a resposta dele seria um grande e gordo *não*. Azrael foi rebaixado – não tem como ele enfrentar Sammael – e já que ele é o único anjo com uma tendência a dobrar as regras, você tem apenas um anjo com que pode contar: você mesmo. Estou certo?

— Sim — resmunguei. — Você ganha uma estrela dourada de perseguidor.

— Brilhante. — Seu olhar arrastou-se para ambas as saídas da sala. — Eu amo estrelas douradas e estar certo. Agora, antes que seu Guardião corra para

remover minha cabeça antes de se incomodar em pelo menos me dar uma boa repreensão, devemos prosseguir. Você poupou minha vida e eu gostaria de ajudá-la. Sim, você pode ter pegado a coisa mais valiosa que eu possuo, que era aquele livro magnífico, mas eu posso perdoar.

— Estou muito desesperada, então vou pegar o que puder — disse a ele. — Como você pode me ajudar?

— Sendo o colecionador que sou, também coleciono informações — explicou ele. — Eu gosto de histórias, especialmente histórias que por acaso têm verdade nelas. Descobri há muito tempo que você precisa do coração de um Naphil a fim de ascender, e assim deduzi, desde que os Nephilim foram exterminados, que um ou mais foram poupados. Eu queria um para minha coleção.

Meu queixo caiu. — Você... *o quê*? Você tem um em sua casa?

Ele riu. — Não, claro que não. Eu o encontrei e percebi que ele não caberia na minha casa, então o deixei onde estava.

Meu cérebro ficou dormente com o choque. — Você sabe onde o Naphil está?

— É o que estou tentando dizer, sim. — Todo o humor sumiu de sua expressão e tom. — Mas não quero apenas que você encontre o Naphil. Dê à besta alguma misericórdia. Eu vi barbárie, Preliator, mas nada assim.

Meu queixo se endureceu. — Isso não me surpreende.

— Outra coisa — continuou Stone. — Azrael lhe disse o que fazer com o coração quando você o tiver?

— Não. — Fiz uma pausa em horror. — Eu não tenho que comer, não é?

— Você pode evitar isso — respondeu ele. — Mas precisará de um ritual da compilação de feitiços do Grimório de Antares que seu amigo Nathaniel copiou. Imagino que ele não entendeu muito bem o que tinha quando se trata de passagens sobre você. Nós nos correspondíamos mais frequentemente quando ele soube que você era Gabriel.

Eu me senti triste com o pensamento de Nathaniel. — Nós te encontramos através de um pacote que você enviou para ele. Você o conhecia bem?

— Somos colecionadores — explicou Ethan. — Nós nos entendíamos. Estive em contato com ele por vários anos. A maior parte da minha vida, na verdade. Fiquei triste ao saber da morte dele.

— Ele não *morreu*. Ele foi assassinado.

— Sim — disse Stone, com voz gentil. — Imagino que você esteja muito familiarizada com a perda.

Eu não queria falar sobre tudo e todos que perdi até agora. — Então, você e Nathaniel eram amigos? Eu sei que ele manteve contato com paranormais e você me disse que é um psíquico.

— Eu te disse *de certa forma*.

Olhei para ele. — É extremamente irritante que você tenha que me dar a resposta mais confusa possível todas as vezes.

— Estou velho, entediado e sem hobbies. Isto é novo.

— Quem é você, Ethan Stone? — perguntei em um tom muito sério. — Ou devo dizer, o que você é?

Ele sorriu. — Essa é a questão, não é?

E então isso me atingiu. — A linhagem na América que Nathaniel me contou sobre... você é um dos descendentes, não é?

Seu sorriso se alargou. — Estou feliz em saber que não sou descendente de uma idiota.

Meu cérebro cambaleou enquanto eu o circulava, olhando boquiaberto para ele, estudando-o, verificando semelhanças em suas feições que eu vi em mim. Vi tudo agora. Foi por isso que Lauren havia detectado minha presença em sua assinatura psíquica no envelope, e por que a energia era tão intensa e violenta. Ela teve uma reação semelhante quando usou suas habilidades para sentir uma conexão entre o Sarcófago e eu, no qual Sammael foi sepultado. Apenas um anjo tinha esse tipo de poder. Fazia perfeito sentido Nathaniel manter contato com Ethan Stone, e porque ele sabia muito sobre o nosso mundo, embora fosse psíquico. Mas ele era mais que um mortal psíquico. Meu poder – poder angélico – estava em seu sangue.

— Há quanto tempo você sabe? — perguntei a ele, ainda sem fôlego.

— Mesmo sendo um menino crescendo em Surrey, na Inglaterra, eu sempre soube que tinha habilidades que pessoas normais não tem — disse ele. — Mas não foi até que minha mãe me apresentou a Nathaniel que eu soube quem eu era. Seu sangue angélico fluiu através do lado da minha mãe por mais de trezentos anos. Nathaniel manteve o controle de toda a minha árvore genealógica, desde que você se casou com um homem mortal e teve um filho antes que essa sua encarnação morresse em batalha.

Apesar da incrível descoberta de um dos meus descendentes, essa informação era amarga e cruel. Eu odiava pensar nos homens que eu amara que não eram Will. Se soubesse como ele se sentia por mim, eu nunca teria sequer considerado alguém. Eu me lembrei do que Will me contou quando descobriu que Cadan tinha sentimentos por mim: — *Por séculos eu assisti você com todos, menos eu.* Suas palavras agora me deixaram tão brava comigo mesma, mas ele nunca me disse que me amava até a noite seguinte, após jogarmos o sarcófago no mar. Se eu soubesse...

— Ellie? — A voz de Ethan Stone me afastou dos meus pensamentos.

Se eu soubesse e desse meu coração apenas a Will, então Ethan Stone não estaria aqui. Seus antepassados, meus descendentes, nunca teriam vivido. Eu não poderia me arrepender do que fiz, e que deu vida aos outros. Eu era o arcanjo da nova vida. Nada era mais precioso para mim. Estava mais do que disposta a desistir de mim para salvar toda a vida na Terra.

Ethan Stone colocou a mão no meu ombro. — Isso é muito para absorver. Compreendo.

Ele não entendeu tudo, mas foi um gesto legal.

— Na verdade, eu sei — disse ele. — Você e seu Guardião não enganam ninguém, nem mesmo um velho idiota como eu.

— Ser um assustador invasor de mente é seu único talento?

— Claro que não — respondeu ele. — Também sou um espertinho talentoso.

— Isso já está aparente o suficiente — resmunguei. — Nathaniel me disse que meus descendentes não podem controlar o Fogo Angelical, então o que mais você pode fazer?

— Permitir a minha preguiça inerente — disse ele com facilidade. Ele ergueu a mão direita e pequenos objetos passaram pela minha cabeça em direção a ele, quase cortando minha pele. Os objetos – pequenas pedras coletadas dos detritos espalhados pelo chão – pousaram em sua mão aberta. — Eu poderia ter apenas tirado todas elas do chão, mas não preciso. Brilhante, eu sei.

— Com toda a seriedade, é — disse eu, maravilhada com as pedras na mão dele. Eu toquei em uma e arrepiou minha pele com energia, como eletricidade estática. — Quão forte é essa habilidade? Você pode pegar coisas que são mais pesadas que pequenas pedras?

— Como uma pessoa?

— Sim — disse eu. — Você poderia me pegar?

— Posso fazer mais do que te levantar — respondeu ele. — Quando era mais jovem, eu tinha menos controle sobre isso. Precisei aprender rapidamente.

Eu me encolhi. — As pessoas se machucaram?

— Elas sabiam o risco — disse ele com um aceno de desdém. — A maioria delas, de qualquer forma.

— Você poderia se defender de um ceifeiro? — perguntei. — Se você fosse atacado?

Ele deu de ombros e depois recuou vários passos. — Corra para mim.

Fiquei de boca aberta para ele. — O quê?

— Ataque-me.

— Novamente, o quê?

— Apenas *corra* para mim!

Eu me lancei em direção a ele, mas só dei três passos antes que a mão dele levantasse e meu corpo fosse arremessado na direção oposta. Meus pés tocaram o chão no mesmo instante em que fui levantada. Will passou a mão ao redor da garganta de Ethan Stone e agora segurava o homem acima de sua cabeça.

— Foi apenas uma demonstração amigável, asseguro-lhe! — gargarejou Stone, mal conseguindo respirar.

— Você a atacou — rosnou Will, acrescentando apenas um fio de cabelo de pressão para fazer os olhos do homem inchar.

— Will! — gritei para ele enquanto recuperava o meu equilíbrio. — Solte-o. Ele não estava me machucando – apenas mostrando seus poderes. Ele é um dos meus descendentes.

Isso não pareceu fazer Will querer bater menos em Stone. Na verdade, Will olhou ainda mais forte, mas eu entendi. Este humano era meu descendente e de um homem que não era o Will. Will não tinha razão para gostar dele. Mesmo assim, ele soltou Ethan ao meu pedido e cruzou os braços.

— Obrigado — disse Ethan, e alisou seu terno e cabelo. Will não lhe deu nenhum espaço. Eu revirei os olhos. A porcaria idiota de macho nunca terminaria.

— O que você quer? — exigiu Will.

— Ajudá-la!

— Ele sabe onde está o Naphil — expliquei. Eu me virei para Stone. — Que é... onde, exatamente?

— O Templo de Salomão — disse Ethan Stone. — Você realmente gostava de Salomão, devo dizer.

— Mas ninguém sabe exatamente onde isso está — disse a ele. — É o mesmo templo que protegeu a arca do Pacto por um longo tempo. Ninguém jamais foi autorizado a escavar o Monte do Templo. E se há um Naphil enterrado vivo lá, então não há como chegar lá.

Ele parecia despreocupado. — Não, não. O templo em Jerusalém foi saqueado pelo rei Nabucodonosor – completamente saqueado e destruído. Mas dois templos foram construídos. Aquele em Jerusalém protegia a Arca da Aliança, e um segundo em Alepo, na Síria, abrigava o último Naphil.

— Ain Dara — disse Will em voz baixa.

Olhei para Stone, confusa. — Mas aquele templo foi construído pelos hititas, não pelos israelitas.

— Partes dele, sim — respondeu ele. — Os templos gêmeos são quase idênticos se você olhar para a escavação das ruínas de Ain Dara e as descrições do Templo de Salomão em Sião, na Bíblia Hebraica. Os Hititas na área Ain Dara foram construídos acreditando que o Naphil era um dos seus deuses mais destrutivos, um deus da tempestade chamado Addu. Eles o adoraram, construíram gigantescos leões de basalto e esfinges ao redor dos relevos de querubim, e esculpidas pegadas enormes na terra levando em direção ao Santuário, que é a sala sagrada interna do templo.

— Salomão construiu templos gêmeos — repeti, espantada. — Você pode nos levar até lá? Você pode nos ajudar encontrar o Naphil?

— Posso fazer isso — concordou Stone. — Tenho contatos em Israel e na Síria.

— Will — disse eu, e chamei a atenção do meu Guardião. — Quando terminarmos em Ain Dara, podemos seguir para Har Megiddo.

Ethan soltou um longo assobio. — É realmente onde tudo acabará?

— É verdade — disse eu vagamente. — Estou cansada de jogar tag com o inimigo. Estou fazendo tudo que preciso para dar ao nosso lado a melhor chance de vencer esta guerra, e então eu vou para o Armageddon enfrentar Sammael e terminar isso de uma vez por todas. Eu só estou com medo de não termos soldados suficientes para ajudar na luta contra o exército de Sammael. Ele terá milhares de ceifeiros demoníacos para nos combater lá.

— Todas as crias demoníacas para encontrar o angelical — meditou ele. — Precisamos de mais soldados angelicais. Tenho certeza que meus mercenários ficariam felizes em lutar por você. Eu não acredito que eles já tenham batalhado com um exército de ceifeiros antes. Será como a manhã de Natal para eles, os animais sanguinários.

— Ava e Marcus podem reunir os angelicais — sugeriu Will. — Minha mãe também tem seus contatos. Enquanto encontramos o Naphil, eles podem reunir nossos amigos e aliados e os amigos *deles* e aliados. Podemos construir um exército dentro de uma semana – dias. Estamos todos esperando por isso.

Com um raio de esperança, percebi que talvez pudéssemos fazer isso, afinal. — Você sabe onde todo mundo está? — perguntei. — Vamos reunir o grupo e descobrir isso. Enquanto a ideia é nova em nossas mentes, podemos organizar como reuniremos tantos ceifeiros angelicais quanto possível.

— Podemos voar para a Síria ainda esta noite — ofereceu Ethan. — Vamos levar meu jato particular para um posto militar que usei na última vez que viajei para Ain Dara. Um monte de dinheiro pode convencer muitos homens a ficarem muito desinteressados em nossos negócios. Aviso a vocês, isso não será uma missão fácil.

— Por enquanto, vamos descansar um pouco — disse eu. — Muito está prestes a acontecer para todos nós.

Pela primeira vez em algum tempo, Will sorriu para mim.

Dei a ele um olhar cético. — O quê?

— Nada — respondeu ele. — Apenas orgulhoso de você, isso é tudo.

Então eu sorri para ele.

28

APESAR DE QUÃO EXAUSTOS TODOS PARECIAM, eles ficaram muito alertas enquanto ouviam a explicação do nosso próximo plano. Enquanto Ava, Marcus e Madeleine reuniam seus aliados, Cadan chamava seus próprios amigos. Eu ficaria surpresa se Cadan tivesse outros amigos angelicais, mas ele pareceu confiante, no entanto. Ethan Stone já estava ao telefone com seus homens e o piloto de seu jato. As coisas estavam caindo no lugar.

Adormeci na volta ao hotel, mas acordei tempo suficiente para seguir Will até o elevador e para o nosso quarto. Deitei na cama desejando poder voltar à feliz inconsciência, mas Will não deixou até que nós pedimos serviço de quarto e conseguimos alguma comida em nossos estômagos. Uma refeição por dia não era adequada para nenhum de nós. Se eu sobrevivesse a esta guerra, eu voltaria para Michigan e inalaria comida de verdade feita pela vovó. Mesmo que o hotel só servisse café da manhã a essa hora, eu pedi uma omelete. Após ter verdadeiros waffles belgas, eu não perderia meu tempo pedindo alguma versão crua do hotel. A menos que eu voltasse à Bélgica, eu nunca seria capaz de comer waffles novamente, para ser honesta, agora que eu estava estragada. Isso era muito doloroso.

Eu não conseguia lembrar quando caí no sono – ou se adormeci com meu rosto no meu café da manhã, mas acordei horas depois com Will balançando meu ombro. Eu dormi até depois da meia-noite, mas agora chegou a hora de encontrar Ethan Stone e voar para a Síria. Tomei um banho rápido e frio para me acordar e terminei de embalar antes de levarmos nossa bagagem até o lobby. Ethan Stone já estava nos esperando, apoiado em uma elegante limusine preta. Seu motorista pegou nossas malas e as colocou com segurança no porta-malas. Ele andoou ao redor da limusine para abrir as portas traseiras para nós entrarmos.

— Devemos chegar logo após o amanhecer — explicou Stone. — Isso nos permitirá viajar com segurança pelo deserto. O sol é muito forte para qualquer ceifeiro demoníaco considerar nos atacar durante a luz do dia.

— Você está oficialmente convidado em todas as nossas aventuras — disse a ele quando deslizei pelo assento e parei ao lado da janela. Will tomou o seu lugar ao meu lado.

Ethan sentou-se no assento oposto ao nosso, afundou-se profundamente nas almofadas, cruzou uma perna sobre a outra, e acenou com a mão sobre o painel sob as janelas. O painel deslizou – um resultado de uma exibição do poder dele ou o dispositivo sendo ativado por movimento – e uma bandeja surgiu em seu lugar com um zumbido preguiçoso, exibindo copos de cristal, uma jarra de gelo e uma garrafa de conhaque. Stone derrubou a garrafa sobre um copo.

— E nós estamos saindo — disse ele, e sorriu para nós.

* * *

O jato particular de Ethan Stone era pequeno comparado à maioria das aeronaves comerciais, mas voava suavemente, e em poucas horas aterrissamos em um pequeno aeródromo no meio do deserto. A pista terminava em uma cerca de três metros de altura de arame coberta com arame farpado. No lado oposto do aeródromo havia um prédio velho e empoeirado, sombreado por uma torre de vigia tripulada. Tive um forte sentimento de que havia mais nessa base militar do que nos disseram.

Stone saiu da aeronave primeiro e cumprimentou um homem brandindo um fuzil muito grande. Eles conversaram como se fossem velhos amigos, falando em árabe rápido e alegre. De repente, o homem com a arma gargalhou alto e bateu nas costas de Stone com tanta força que ele perdeu o equilíbrio e franziu a testa com a dor. Ethan acenou para nós e descemos a rampa, Will na frente como um guarda-costas. O sol estava insanamente brilhante e quente, e senti como se minha pele estivesse fritando nos meus braços, embora eu usasse uma camisa fina por cima de uma blusa e calções de linho. Cadan, apesar de ter enfrentado a luz do dia por mim anteriormente, nunca seria capaz de lidar com isso. Stone tinha razão sobre estarmos a salvo de forças demoníacas até o anoitecer.

Passamos por grupos de homens rudes com tantas armas penduradas em seus uniformes que pareciam árvores de Natal retorcidas decoradas pelo Poderoso Chefão. Com que tipo de maníaco estávamos viajando que mantinha esse tipo de companhia mafiosa o tempo todo?

Tentei ignorar os olhares curiosos e maliciosos dos homens, mas imaginei que eles não viam garotas de dezessete anos passando com muita frequência. Os homens de Stone pegaram nossa bagagem, mas sabendo que estaríamos investigando templos antigos, eu mantive uma mochila cheia de água engarrafada, comida, uma lanterna com baterias, e uma muda extra de roupas, apenas no caso. Nós seguimos Ethan e o homem com quem ele esteve conversando até o prédio empoeirado. Logo depois, um jipe estava estacionado em frente a um portão fechado cercado com mais guardas armados. Este deveria ser o nosso passeio, e estava mais do que pronta para sair deste *aeroporto* improvisado.

Stone trocou mais algumas palavras com o homem, entregou-lhe um envelope gordo do que provavelmente era dinheiro, e voltou sua atenção para Will e eu. — Subam — instruiu. — Yusri nos escoltará para o nosso destino hoje.

— Outro motorista? — perguntei, espiando por cima do assento para o homem de camisa havaiana atrás do volante. Ele se virou e nos deu um sorriso agradável. Ele parecia um cara legal, mas peguei o vislumbre de uma arma saindo do cós de seu short caqui.

— Claro — respondeu Stone. — Não seja boba. Nunca dirijo para lugar algum.

Estudei o GPS no painel enquanto Yusri configurava o mapa. — Aleppo? Por que vamos lá primeiro? Pensei que íamos para Ain Dara. É melhor você não tentar me enganar, Stone.

— Não há *trapaça*, asseguro — respondeu ele. — A superfície de Ain Dara foi reduzida a escombros. Não há como acessar os canais subterrâneos lá. Nós vamos entrar por uma porta diferente.

Will fez um barulho impaciente. — Você pode ser um pouco mais específico?

— O sistema subterrâneo de Ain Dara se conecta com o templo do deus da tempestade Addu, na cidadela no centro de Aleppo. Este templo tem cinco mil anos, mais velho que os palácios otomanos, as fortificações construídas por Ghazi após as Cruzadas, as igrejas bizantinas, as colunatas construídas durante as conquistas de Alexandre, o Grande... É mais antigo que tudo construído sobre ele. As passagens subterrâneas correm por quilômetros e quilômetros.

Eu assenti, entendendo o plano. — Então, vamos acessar Ain Dara do subsolo.

— Espero que você tenha trazido sapatos de caminhada.

Fiz uma careta para as minhas sandálias. — Meh — murmurei em resposta. Pelo menos eu tinha minha mochila cheia de suprimentos.

— Vamos precisar de muita lanterna de propano — disse ele. — Estará malditamente escuro lá embaixo.

* * *

Alepo só podia ser descrita como uma cidade construída de ouro – isto é, de pedra calcária dourada e tijolo de areia.

As ruas eram uma mistura vibrante de línguas, de pessoas usando roupas ocidentais e do Oriente Médio, e os aromas de óleos e especiarias. Nós navegamos em direção à antiga cidadela no centro da cidade, passando por turistas e moradores locais, automóveis e carroças puxadas por burros. A cidadela, sentada no topo de uma colina gigantesca, nunca ficava fora de vista, então nunca nos perderíamos, mesmo que Stone parecesse inteiramente certo de seu caminho pelas ruas sinuosas. Nós entramos da mesma forma que os turistas, através de uma grande ponte de pedra sobre o que antes era um fosso, e em direção ao imponente portão de entrada.

Ethan Stone pegou um celular e discou um número. — Estou aqui. Até breve. — E desligou. Ele nos guiou por grupos de turistas e seus guias, e por áreas abertas de escavações feitas por arqueólogos. A Cidadela era uma série de diferentes níveis de escavações, algumas seções limpas e outras barricadas para visitantes, e tivemos que pular por cima e pelas bordas curtas quando não havia degrau de pedra. As paredes de alguns edifícios ainda estavam com pouco dano à sua estrutura, enquanto outras foram reduzidas a escombros, embora deixando plantas claramente definidas. Passamos por arcos de pedra de cores alternadas e através de magníficas colunatas forradas com lindas colunas helenísticas. A cidade inteira, com sua rica variação em estilos antigos, era incrível. Eu queria desviar do nosso caminho e explorar tudo, mas tínhamos uma missão a cumprir. Eu me perguntei, por um momento fugaz e triste, se quando eu me tornasse um arcanjo de novo, eu me importaria com a beleza da Cidadela.

— Olá! — chamou uma mulher atraente em seus trinta e poucos anos e acenou. Vestindo shorts cáqui e um chapéu de sol de abas largas, ela parecia ter saído do set de um filme do Indiana Jones nem cinco minutos atrás.

— Rebekah — cumprimentou-a Ethan Stone e beijou ambas as bochechas. — Ellie, Will, conheça a Dra. Rebekah Massi. Ela é uma velha amiga e cúmplice em muitas aventuras. Ela me mostrou achados arqueológicos que não estão disponíveis para visitantes regulares, incluindo algumas passagens ainda sendo escavadas.

Ela jogou a longa trança de cabelo escuro por cima do ombro e sorriu para nós. — É maravilhoso conhecer vocês — disse ela, sotaque forte. — Ethan me disse que estão interessados em descer no sistema de túneis sob o Templo Addu. É realmente um labirinto muito emocionante. Os túneis ainda estão principalmente intactos. Não encontramos muitos que entraram em colapso.

Meus olhos se arregalaram e meu estômago se revirou. Por mais claustrofóbica que eu não fosse, eu não queria ser enterrada viva na Síria. ou em qualquer lugar.

Ethan estendeu um braço. — Devemos?

A Dra. Massi nos conduziu em direção ao templo do deus da tempestade, que era um poço desenterrado com paredes de pedra calcária. Para mim, não parecia muito diferente das ruínas ao redor, mas Rebekah nos explicou a planta intrincada e para que cada sala era usada. Nós fomos a uma seção do chão feito de blocos de pedra que estava livre de poeira, ao contrário do chão circundante, e parecia que eles foram examinados atentamente. Ela acenou para Ethan e ambos levantaram as pedras de onde estavam encaixadas, revelando uma escotilha feita de madeira que parecia ter sido preservada no calor escaldante do deserto. Observei com fascínio absoluto quando os dois cuidadosamente puxaram a escotilha por uma alça de ferro. Abaixo estava um poço, grande o suficiente para um homem adulto deslizar, que descia às trevas.

— Legal — murmurei, e troquei olhares com Will. Ele parecia tão excitado quanto eu.

— Vocês estão prontos? — perguntou Rebekah, com um largo sorriso no rosto. — Tem uma pequena queda, mas limpei o perigoso banco de areia que poderia ter quebrado nossos pescoços e joguei sacos para amortecer nosso pouso. Eu vou primeiro.

Ela colocou a mão na bolsa e pegou uma lanterna de propano. Ela acionou um interruptor e uma pequena chama brilhou para a vida. Não parecia muito, mas quando ela se posicionou através do eixo, aquela pequena chama iluminou a

escuridão mais intensamente do que eu teria imaginado. Então ela se foi e um momento depois seus passos bateram na terra dura com um ruído seco e farfalhar dos sacos. Olhei por cima da borda, profundamente no fosso. Rebeca sorriu para mim, segurando a lanterna sobre a cabeça e o brilho transformou sua pele de caramelo em ouro.

— Eu vou em seguida — ofereceu Stone. Ele jogou a mochila no buraco e a seguiu.

— Vá — disse Will. — Vou fechar a escotilha e vigiar a retaguarda.

— Ou encará-la — provoquei.

Ele lambeu os lábios e eles puxaram um sorrisinho de lado. Sorrindo para ele, eu passei meu corpo através do buraco até minhas pernas balançarem no ar e tudo que eu precisava fazer era me soltar. Ele me deu um olhar reconfortante e deixei meu corpo cair. Meus sentidos aceleraram quando caí e caí de pé com graça e sem esforço. Saí do caminho para Will me seguir e me esforcei para ver onde Ethan e Rebekah foram. Eles estavam conversando logo à frente de Will e eu, iluminados pelo brilho de suas lanternas. Para meu espanto, o túnel fora esculpido em rocha sólida. O ar aqui era mais frio e menos seco e, francamente, era mais agradável do que acima do solo. Peguei minha mochila e acendi minha lanterna. Comecei a tirar outra para Will, mas ele colocou a mão no meu braço.

— Guarde — disse ele. — Não preciso de uma para ver. Três são suficientes.

— Exibido — resmunguei.

— As passagens se abrem para lugares escondidos por toda a Cidadela — falou Rebekah adiante. Nós andamos um pouco mais rápido para alcançar. — Encontrei quatro que levam à cidade, mas este viaja o mais longe até agora. Em uma das minhas explorações, fiz a descoberta de uma vida: uma antiga cidade subterrânea entre Ain Dara e Aleppo, bem como a cidade de Derinkuyu, ao norte daqui. Capadócia – agora moderna Turquia – que já foi a pátria da civilização hitita. Os hititas pareciam ter tomado uma cidade preexistente construída por uma civilização desconhecida e fez dela a sua casa. Acredito que eles fizeram o mesmo com a cidade em que estou levando vocês hoje. Estou ansiosa para revelar a cidade, mas não até que eu saiba o que está além da porta no Santuário. Por isso liguei para o Ethan.

— Porta? — perguntei.

— Uma enorme, seis metros de altura, e feito de basalto sólido — respondeu ela. — Tem gravuras em uma língua que nunca vi e relevos de criaturas que eu acreditava no início ser Querubins, mas em uma inspeção mais próxima, eram criaturas que não vi em nenhuma estrutura da Mesopotâmia, ou em qualquer outro lugar do mundo. A linguagem escrita cortada na pedra é muito mais complexa do que qualquer linguagem dentro de milhares de anos de sua datação. É quase estranho.

— A língua é enoquiana — explicou Stone, olhando para nós, a luz do fogo dançando em seu rosto e fazendo ele parecer um pouco mais jovem. — A linguagem angelical. Não foi nenhum espanto Rebekah não reconhecê-la.

— Você pode ler? — perguntei surpresa.

— Mais uma vez — disse ele —, gosto de saber das coisas.

Meu olhar caiu no chão do túnel. — Não lembro bem disso. Eu não achava que alguém soubesse disso, não mais.

— Você pode lembrar novamente muito em breve.

Desta vez, foi Rebekah quem olhou para trás. — Lembrar? Você é um pouco jovem para ser uma linguista.

Ethan Stone deu uma tosse desconfortável. Não percebi até agora quão mal informada esta arqueóloga era sobre o que estava acontecendo lá fora. Eu precisava ter cuidado com o que dizia agora.

— Quem é você mesmo? — perguntou ela, ficando um pouco desconfiada. — Você também parece um pouco jovem para ser um estudante universitário. Will, eu posso ver, embora não pareça do tipo. Um pouco musculoso, ele é. Ambos são muito curiosos.

— Nós somos o que ele diz. — Eu não sabia como me explicar, então eu mantive minha boca fechada. A única razão pela qual Rebekah se juntou a nós foi para ajudar a navegar neste labirinto de túneis, uma vez que ela o conhecia melhor.

Nós continuamos por milhas por tanto tempo que comecei a cantar músicas na minha cabeça para passar o tempo. As passagens ramificaram aleatoriamente e fizemos algumas voltas aqui e ali. O chão subiu e caiu, e às vezes o túnel ficava mais largo ou mais estreito. Passamos por alguns lugares onde o teto parcialmente desmoronou, forçando-nos a escalar rochas e escombros. De vez em quando passávamos por estátuas de esfinges e até mesmo de um homem alado que deveria ser um anjo. Nós devemos estar perto.

Um forte estrondo sacudiu as paredes do túnel e o chão, e a poeira saltou em nuvens grossas. Rebekah ofegou e Ethan praguejou. Will permaneceu em silêncio e fechou a distância entre ele e eu.

— Uma caverna? — perguntei com medo enquanto empurrava minhas mãos na parede para me equilibrar.

Stone franziu a testa e estudou o teto. — Isso não parecia uma caverna.

— Nem soava como uma — acrescentou a Dra. Massi.

Eu me virei para Will, que me encarou. — Ceifeiro.

Um pequeno ruído de confusão escapou de mim enquanto eu olhava para ele e para a escuridão. Coloquei uma mão em seu braço, instintivamente, aproximando meu corpo do dele. — Will?

— Não está atrás de nós — disse ele em voz baixa. — Está à frente.

Eu me virei para o outro lado e olhei além dos dois humanos com a gente. Não havia muito espaço aqui para lutar e proteger nossos companheiros, mas também não havia uma rota de fuga para nós quatro. — Ethan, Rebekah — disse eu. — Fiquem atrás de nós.

— O quê? — perguntou ela, boquiaberta para nós. — Por quê? O que está acontecendo?

Ethan a pegou pelo braço e a conduziu apesar de seus protestos. — Devemos ouvi-los.

Um segundo estrondo reverberou, mas desta vez o som era claramente um rugido bestial.

— Vocês devem começar a correr — disse Will. — Continue indo até...

— *Will!* — gritei, interrompendo-o.

Uma figura surgiu da escuridão atrás de Will – uma ceifeira – e pegou a parte de trás da camisa de Will, puxando-o mais para baixo pelo túnel, suas asas batendo densamente no espaço estreito enquanto desapareciam. Rebeca gritou alto e penetrante enquanto se agitava para trás, arrastando Ethan Stone com ela, e sua lanterna caiu no chão. Levou-me um longo segundo da minha vida para decidir se devia protegê-los ou correr atrás de Will, mas eu confiava em Ethan para tirar Rebekah daqui. Meu Guardião precisava de mim.

Ao nosso redor no túnel, os escombros começaram a cair, pequenos pedaços de rocha e poeira atingiram o chão. O som da batalha e o barulho dos corpos contra

a pedra fizeram o túnel ressoar. Segundos depois, pedaços de pedra caíram do teto. Encarei com medo a direção que os humanos correram.

— Ethan! — gritei. — Dentro da caverna! Voltem para lá!

Eu podia ouvir os gritos estridentes de Rebekah, enquanto Ethan lutava para orientá-la. O túnel rugiu e tremeu quando o teto desabou de algum lugar na direção deles. Eu girei e fui para onde Will seguiu com a Vir. Na extremidade do alcance da luz da minha lanterna, Will empurrou a ceifeira demoníaca contra a parede de pedra, sua espada acendendo contra a dela enquanto ela lutava sob sua força.

— Mova-se! — gritei para ele.

Ele se afastou da ceifeira, que foi deixada em confusão, e disparou mais para baixo do túnel e fora do caminho. Joguei a lanterna na cabeça dela e ela assobiou, balançando a espada para desviar o objeto. A lâmina perfurou o pequeno tanque de propano e explodiu. O fogo envolveu seu torso e ela guinchou, batendo nas chamas queimando a carne em seu rosto. Invoquei minhas espadas, acendi o Fogo Angelical, e a ataquei. Ela arranhou as últimas chamas, o rosto queimado, cru e torcido com raiva. Levantei uma espada e a cortei em seu peito, dividindo sua pele e roupas.

A espada de Will estalou através de seu peito e se projetou para frente de seu corpo. Ela engasgou e gemeu em agonia, olhando para a lâmina. Ela olhou para mim, sangue escorrendo por seu queixo queimado. Ela rosnou quando a espada se retirou.

— Sammael sabe o que você está fazendo — sussurrou ela. — Ele sabe da sua ascensão planejada.

— Sabe? — perguntei. — Ele está convidado para a festa, se ele descer.

Ela fez um som hediondo e brutal. — Você nunca verá as extremidades de seus exércitos. Eles cobrem a terra como uma tempestade cobre o céu, mas o sol nunca mais se elevará.

Revirei meus olhos. — Sim, sim. Vocês demoníacos pensam que são Shakespeare. Muito bom. Adeus. — Então cortei a cabeça dela e o resto dela se queimou.

29

LEVOU ALGUM TEMPO PARA A DRA. MASSI SE ACALMAR e falar em um tom de voz razoável. Ela se sentou no chão de costas para a parede enquanto devorava sua sexta barra de granola e nós explicamos a ela o que ela viu. Ethan Stone retornou após uma curta caminhada para verificar a condição do túnel.

— A passagem está completamente bloqueada — explicou ele, e exaustivamente, sentou-se ao lado de Rebekah. — Só podemos continuar. Desculpe-me pelo ceifeiro. Eu esperava estar certo sobre a luz do dia.

Dei de ombros. — Não há luz do dia aqui.

— Ela deveria ter esperado por nós — disse Will. — Sammael sabe que Ellie está tentando ascender, e se ele sabia onde o Naphil foi mantido, então é provável que ele tivesse posto um vir demoníaco para nos interceptar. Precisamos ser mais cuidadosos e estar preparados para qualquer coisa.

Rebeca começou a murmurar algo e tive que encará-la para entender o que ela dizia. — Anjos, demônios, eles são reais. Eu acredito em Deus, mas nunca em monstros.

Will se aproximou dela e estendeu a mão para ela tomar e ajudou-a a ficar de pé. — Esta é a Terra Santa — disse ele. — Todos nós acreditamos em coisas diferentes quando se trata de Deus.

— Temos que continuar — disse eu a eles. — Temos quatro horas até o pôr do sol e muito mais túnel para navegar. E agora precisamos encontrar uma maneira de sair daqui que não seja por onde viemos.

— Este é o único canal para a cidade — argumentou Rebekah. — O Santuário tem apenas uma saída e essa é a nossa entrada.

Dei-lhe um olhar duro. — Há sempre uma saída. Essas passagens não podem levar a lugar nenhum.

— O que você está procurando além daquela porta? — perguntou ela, virando-se para Ethan Stone. — O que está no Santuário?

Ele respirou fundo, sabendo que sua resposta soaria como insanidade para ela. — O Santuário de Air Dara é onde o último dos Nephilins está aprisionado. Eu o vi.

A Dra. Massi não disse ou fez nada no começo. Então ela riu. — *Nephilim?* As bestas meio-anjos que Deus inundou o mundo para matar?

— Não com água — acrescentei. — Com anjos como eu. Eu sou a forma humana do Arcanjo Gabriel. Meus irmãos, irmãs e eu os limpamos por ordem de Deus para purificar a Terra. Mantive um deles vivo no caso de precisar ascender para a minha forma completa de anjo.

— Como você é um anjo? — perguntou ela, incrédula. — Você é uma adolescente.

— Eu me tornei humana para lutar contra monstros na Terra — disse a ela. — É pegar ou largar.

Ela balançou a cabeça em confusão. — Como isso ajudaria você a se tornar um anjo de novo?

— Preciso usar o coração dele de alguma forma — respondi sombriamente. — Agora, eu só tenho que pegá-lo. Um passo em uma vez, certo?

— Isso tudo é um absurdo — disse ela.

Will levantou os pertences de Ethan e Rebekah e os entregou aos seus legítimos proprietários. — Negue tudo o que você gostaria, mas você viu o que aconteceu aqui minutos atrás. Agora temos que continuar. Você pode ficar aqui, mas te aconselho a vir com a gente, pois pode haver mais ceifeiros.

Ela ficou boquiaberta, claramente com medo dele desde que testemunhou a batalha, mas ela deveria saber que ele estava certo. Não havia jeito de sairmos, e no caso de outro monstro aparecer, ela não queria ficar sozinha. Depois de alguns momentos, ela pegou sua mochila e lanterna e começou a andar ao lado dele.

— Você é um deles, não é? — perguntou ela. — Ellie é um anjo, mas você não é.

— Não — disse Will. — Eu sou um ceifeiro, mas luto por ela. Eu luto pelo céu.

Atrás deles, me aproximei de Ethan. — Você não deveria ter trazido alguém conosco que não conhece o nosso mundo — disse a ele em voz baixa. — Nós a colocamos em perigo, e agora ela está nos atrasando.

— Rebekah conhece o sistema subterrâneo muito melhor do que eu — disse ele. — Nós nunca vamos encontrar a cidade sem ela. Ela é um bem inestimável. Nunca imaginei que precisaria contar a ela sobre os ceifeiros. A maioria das pessoas não quer saber que existem monstros.

Isso não era algo que eu pudesse discutir. Lutei para manter este mundo em segredo de Kate, mas porque eu também lutei para mantê-la em minha vida, isso tornou quase impossível. Agora ela pode ter pesadelos de néon daquela festa à luz negra na casa da Josie para o resto da sua vida.

— A entrada da cidade está à frente. — Rebekah nos chamou por cima do ombro.

Agora que estávamos com duas lanternas, a passagem subterrânea parecia muito mais escura, e quando o teto e o chão começaram a se alargar, nosso caminho iluminado tornou-se cada vez mais sombrio. Finalmente nós chegamos a um conjunto de escadas que levavam a uma grande câmara com filas de colunas de apoio e arcos que se ramificavam em muitos cômodos e corredores.

— Nós escavamos centenas de cidades subterrâneas em toda a Turquia — explicou Rebekah. — Muitas estão conectadas por quilômetros de sistemas de túneis como o que viemos de Aleppo. Eles são como belas colchas de retalhos, contendo peças de muitas civilizações diferentes e expandidas através dos tempos. Encontrei exemplos de artefatos do período frígio, hitita e até mesmo bizantino aqui. Esta sala era provavelmente uma área para o comércio. Os quartos ao lado eram uma vez estábulos e um celeiro. A temperatura subterrânea preservava a comida e mantinha as condições de vida confortáveis. Não acredito que essas cavernas tenham sido usadas muito para habitação, mas principalmente para armazenamento e outras finalidades. A porta do Santuário está claramente marcada.

Ela nos guiou ainda mais pela cidade, que era escura, fria e silenciosa. Eu podia ouvir os ecos de água escorrendo à distância. Passamos por relevos de deuses e demônios da Mesopotâmia, e quando a porta apareceu, era ainda mais gigantesco do que eu imaginava. Joias foram incrustadas na pedra, e desde que elas não foram roubadas, eu acreditava que ninguém encontrou esta porta antes da Dra. Massi e Ethan Stone. Foi esculpida do chão ao teto com imagens da guerra contra Nephilim: corpos de gigantes cobriam o fundo do relevo abaixo de uma camada de imagens representando uma violenta batalha de Nephilim carregando armas

arcaicas atarracadas contra anjos alados e armados empunhando espadas. No alto, uma figura alada inspecionava a carnificina da crista de uma colina, o cabelo fluindo e as duas mãos levavam espadas flamejantes. Aos pés da figura estava o nome, a única palavra enoquiana que eu lembrava, porque foi tatuada no braço de Will. Meu nome: Gabriel Engoli em seco, lembrando-me da memória de Azrael de mim no final desta batalha, um reflexo assustador da escultura que eu vi agora com os meus próprios olhos.

— Assim que vi esta porta — disse Ethan, sua voz ofegante de excitação — , eu sabia o que estava no Santuário além, que as lendas eram verdadeiras.

— Nem todas as lendas são feitas de heróis honrados — disse eu baixinho. — O que tudo isso diz? Não consigo ler o resto deste texto.

— O Enochiano ao longo da borda da porta descreve a vitória dos anjos sobre os Nephilins e diz: — Esta barreira deve render-se apenas à carne e ao sangue da Mão Esquerda.

— Eu — disse eu, olhando para a bela linguagem descrevendo tais atos horríveis de violência.

— Na maior parte — respondeu ele. — Isso significa que a sua forma humana, o vaso de carne e sangue, deve abrir esta porta. Acredito que fui capaz de abri-la porque o seu sangue mortal flui através das minhas veias. Nós compartilhamos material genético.

— Como se abre?

— Uma frase secreta deve ser pronunciada — explicou ele. — E então você deve oferecer seu sangue.

— Então vá em frente — instruí. — Você é quem fala a língua angelical.

— Enochiano não funcionou — disse ele. — De qualquer forma, estamos aqui para o seu propósito, não meu. Você sempre teve a intenção de abrir essa porta.

— Que idioma funcionou?

— Tentei alguns idiomas, mas o velho hitita foi bem-sucedido. Sua frase secreta será diferente da minha, porque a sua conexão com o Naphil, a criatura que se acredita ser um deus pelo povo que construiu este templo é diferente do meu. Eles pensaram que os anjos eram deuses e você deveria considerar-se como tal.

Encarei a porta pensativamente. — Eu deveria exigir que a porta se abrisse para um dos seus deuses, para a Mão Esquerda.

— Eu acho que você precisa apenas dizer à porta quem você é — sugeriu Stone. — E provar isso com sangue.

Isso soou completamente absurdo. Como se a porta fosse um guarda em vez de apenas uma porta. O que alguém diz para uma porta? Decidi seguir o conselho de Ethan Stone e dizer à porta que uma batalha entre os deuses aconteceu e eu, liderando meus exércitos, venci. Aquilo não era nada.

Abri a pele da minha palma com uma pedra afiada e pressionei meu sangue contra a porta. Limpei minha garganta e fiz uma oração silenciosa para não tropeçar em minhas palavras. Então falei: — *Huullaanzais siúnaan tarsikemi kisaat. Lim dingerlim halziihhuun nu lukuran huullanuun.*

Prendi a respiração, esperando que algo acontecesse. Alguns segundos depois, a porta estremeceu na pedra, a poeira subia e as placas gigantescas de basalto ergueram-se para dentro, revelando uma escada que levava a uma passagem escura. Um segundo depois, tochas irromperam com grandes chamas que iluminaram uma escadaria de pedra calcária de quinze metros de largura. Nós descemos. Os degraus eram lisos e não desgastados pelas eras, e as paredes foram esculpidas com mais representações de anjos atacando inimigos e os alados vitoriosos em pé sobre as pilhas dos mortos. Assim que chegamos ao topo das escadas, Rebekah soltou um gemido agudo, visivelmente tremendo de medo.

O corpo de um gigante – cinco metros de altura – estava contra a parede mais distante do Santuário. Seu torso subia e descia fracamente enquanto ele respirava, mas pesadas correntes de ferro envolviam seus pulsos, tornozelos e pescoço. As esculturas de anjos em guerra continuaram nos quatro lados da câmara, mas onde as imagens estavam ao alcance do Naphil, elas foram arrancadas com raiva até não serem identificáveis. Dentro de algumas das linhas irregulares havia sangue seco e unhas quebradas. A sua cabeça moveu-se e seus quentes olhos castanhos – a única parte dele que parecia mais humana – perfuraram os meus debaixo de cabelos compridos que se torceram e emaranharam em grossos cachos. Ele descobriu o que restava de seus dentes quebrados e amarelos, enegrecidos nas gengivas. Sua pele pálida e suja tinha cortes profundos e negros com podridão que nunca curava, cortes que eram elegantes da maneira que foram cruelmente esculpidos. As marcas eram roteiro

angelical, um feitiço para manter sua força atada. Se curassem, o feitiço seria desfeito, então outro seria esculpido em sua pele para evitar que as feridas se curassem.

Lágrimas escorriam pelas minhas bochechas e cobri minha boca com as mãos para me impedir de soluçar. Ethan Stone me avisou da barbaridade, mas nada poderia ter me preparado para isso.

— Não chore por mim, Gabriel — disse o Naphil em uma voz rouca e profunda, grossa com o sotaque de uma linguagem humana há muito extinta, fazendo as paredes tremerem. — Eu sou apenas uma vítima da guerra.

Enxuguei minhas lágrimas e forcei uma resposta. — Você me conhece?

— Você parece diferente — respondeu ele. Suas correntes sacudiram quando seu corpo mudou. — Muito diferente. Mas eu reconheceria seu rosto em qualquer lugar, mesmo quando não estivesse manchado de sangue. Você finalmente veio acabar comigo? Tenho esperado pela morte por milhares de anos.

— Eu sinto muito — disse eu. — Não posso começar a dizer o quanto me arrependo do que fiz com você.

— Não há necessidade de mentir. Anjos não sentem arrependimento.

— Eu sei — disse a ele. — Eu tenho uma alma humana.

Ele se arrastou até mim como uma aranha, suas correntes e articulações ósseas raspando no chão de pedra. Seu corpo era mortalmente magro, todos os ângulos agudos e a pele pálida como um fantasma se apertavam sobre os ossos, mas de alguma forma ele sobrevivera todo esse tempo. Eu só podia imaginar que era o seu lado angelical que o manteve vivo em agonia. — Você é um paradoxo, pequeno Gabriel. Você não é o que é, e deseja perder o que faz você ser o que não é.

Levei alguns momentos piscando para dizer: — O quê?

— Você é humana, você é anjo, você não é agora — disse o Naphil. — Sua humanidade brilha. Por que você desejaria renunciar a isso?

— Eu não desejo! — disse eu. — Não quero ser quem eu fui uma vez. Quero ficar humana, mas não posso. O mundo está em perigo.

Ele fez um barulho feio. — *Novamente?* Quem é seu inimigo desta vez?

Suas palavras ardiam. — Os ceifeiros demoníacos, liderados pelos Caídos Sammael e Lilith. Eles pretendem levar cada alma humana para o Inferno e destruir o Céu e a Terra.

— Você diz que se arrepende do que fez, mas está diante de mim agora preparada para repetir suas ações. É preciso matar para salvar uma vida. Essa é a base da guerra, não é?

— Essa é uma verdade terrível — admiti. — Mas sete bilhões de almas humanas não merecem uma eternidade no inferno. Mesmo você não pode negar isso.

Ele estudou meu rosto, seus olhos vagando e curiosos. — Quem dirá quem está certo e quem está errado em ambos os lados de uma batalha?

— Meu único desejo é proteger as vidas e almas imortais das pessoas neste mundo — disse eu. — A raça humana não pode se defender dos ceifeiros. Este planeta vai queimar e não sobrará nada!

— Não posso negar os crimes da minha espécie — disse o Naphil. — Minhas próprias mãos estão permanentemente manchadas por sangue inocente. Mas nunca quisemos destruir tudo. Nós só queríamos mais.

— Todos nós queremos mais — disse eu. — Essa é a parte de você que faz parte do seu lado humano. Também sinto isso. Eu quero mais. Quero viver, mas minha vida não é tão importante quanto bilhões de vidas.

Um olhar distante surgiu em seu olhar. — Eu não saberia o que significa viver mais.

— Dizer o quanto estou arrependida nunca compensará o que foi feito com você — disse eu. — Isto é bárbaro.

— Eu não merecia menos do destino — disse o Naphil. — Eu assassinei, Gabriel, e você aprisionou um criminoso. Essa é a diferença entre os nossos pecados.

— Então você entende por que eu devo matá-lo agora? — perguntei a ele.

— Eu sempre soube que você viria até mim um dia e por quê — disse ele. — Tenho tido milhares de anos para aceitar que fiz o mal e que esta é minha punição. Congratulo-me com a morte. Conte-me sobre essas feras, os ceifeiros demoníacos.

— Eles se reuniram contra nós e estão matando tantos humanos quanto podem e enviando as almas deles para o inferno. Não podemos mais deixar isso acontecer. Temos que pará-los de uma vez por todas. Sammael e Lilith, os Caídos liderando os demoníacos, querem aniquilar toda a vida, tudo.

O Naphil tentou se levantar, mas seus músculos estavam claramente atrofiados. Ele caiu novamente e sua cabeça pendeu sobre os ombros. Ele olhou tristemente para o chão. — Estou cansado — disse o Naphil. — Estou cansado deste buraco na terra.

— Eu gostaria de poder lhe oferecer um destino melhor — disse a ele. Eu não queria nada mais do que libertá-lo e deixá-lo ver o céu novamente, sentir o sol em sua pele, deixá-lo viver. Mas eu não podia. Ele não podia viver, e nem eu. Já me perguntei se eu poderia sacrificar outros para vencer esta guerra, e agora que eu sabia que poderia responder a essa pergunta com um *sim*, eu me odiava.

O olhar lamentável do Naphil encontrou o meu. — Matar para salvar muitas vidas, Gabriel. Comece comigo. Me dê uma morte honrosa.

— Sinto muito pelo que tenho que fazer — disse eu.

— Não se desculpe por isso — disse ele. — Isso é misericórdia. Não quero mais viver assim. Seja qual for o destino que cumprimente minha alma após a morte, deve ser melhor do que o peso das velhas correntes de ferro.

Will deu um passo à frente. — Eu farei isso, Ellie. Não...

— Não — disse eu com firmeza —, eu fiz isso com ele. Devo terminar isso.

O Naphil me observou enquanto eu me movia em direção a ele e invocava uma única espada na minha mão.

* * *

Nunca esquecerei a sensação da pele do Naphil quebrando sob o metal da minha espada. Obriguei-me a vê-lo morrer enquanto o sangue de sua vida jorrava de seu corpo abatido. Seus olhos só deixaram os meus quando ele morreu. Envolvi seu coração, que era do tamanho de uma bola de basquete, com o linho que Rebekah me deu e coloquei na minha mochila.

No momento em que saímos do Santuário, as tochas se apagaram e a câmara se transformou em escuridão, engolindo o cadáver do Naphil. Nós começamos o caminho de volta e exploramos vários túneis que terminaram em uma parede de pedra ou outra caverna. Rebekah e Ethan andaram bem à frente de Will e eu, examinando um mapa do sistema de túneis entre eles.

— Derinkuyu tinha um poço de ventilação que também era usado como um túnel — disse Massi animadamente. — A maioria dos veios de ventilação são muito

apertados para qualquer um de nós passar, mas um através do qual a água era puxada deve ser largo o suficiente. Podemos ser capazes de usá-lo para sair.

Ela saiu apressada, mergulhando em pequenas portas e girando em torno de colunas, e os sons escorrendo que eu ouvi desde que entramos na cidade ficou mais alto enquanto a seguíamos. A passagem se tornou uma escadaria que nos levou para cima e depois novamente para baixo até que se abriu em uma grande caverna cheia de água que emitia um misterioso brilho azul. O teto tinha pelo menos dois andares e no ápice, um raio de luz do dia brilhou através de um poço e atingiu a água.

— Oh, excelente — disse Ethan Stone. — Uma saída. Ainda bem que eu tive certeza de ser mordido por uma aranha radioativa para que eu possa escalar essas paredes e teto e tirar minha bunda para fora daqui.

Will estudou o buraco por um longo momento. — Eu não acho que isso funcionaria — murmurou ele enquanto a piada sem graça de Ethan passava por cima de sua cabeça. — Eu poderia voar até lá. É estreito demais para voar até o fim, mas eu poderia escalar. Se eu sair, posso encontrar uma corda ou procurar outra saída.

Balancei a cabeça. — Bem pensado. Talvez possamos sair daqui na hora do jantar. Estou faminta.

Ele tirou a camiseta e me entregou para que eu pudesse guardar na minha mochila. Ele se aproximou da borda da água e suas asas se espalharam com uma graça lenta até a largura total de quatro metros. Rebekah respirou fundo e exclamou, mas conseguiu manter a compostura. Will saltou no ar, suas asas erguendo uma nuvem de poeira do chão, e ele subiu pelo centro da inclinação de luz do sol dourado. Levou apenas um único golpe de asa poderoso para alcançar o eixo. As mãos dele cavaram em sulcos na rocha e ele puxou seu corpo para dentro do túnel estreito, os músculos em seus braços e costas torcendo e esticando com força. Suas asas se recolheram em sua pele e suas botas chutaram para empurrar-se mais alto até que ele estivesse fora da minha vista. Meu intestino apertou por vários longos minutos enquanto ele escalava o buraco e prendi a respiração quando não pude mais ouvi-lo.

Então algo caiu no poço, batendo na rocha, e um balde amarrado no final de uma corda apareceu e espirrou na água.

— Ellie! — chamou a voz de Will da superfície. — Ellie, faça os outros nadarem até o balde e pendurar-se. Deve ser forte o suficiente para aguentar o peso enquanto eu puxo vocês, um a um.

— Deve haver uma aldeia ativa construída em torno deste poço — disse Rebekah.

Mergulhei meus dedos na água para testar a temperatura. Era surpreendentemente fria, mas nos aqueceríamos quando chegássemos à superfície e à luz do sol. — Vocês vão primeiro — instruí.

Rebeca entrou na água cautelosamente, movendo-se lentamente enquanto seu corpo se ajustava ao frio. Ela estremeceu um pouco quando começou a nadar, a cabeça e a mochila balançando acima da água cristalina. Ela alcançou o balde e tentou subir, mas era muito pequeno. Ela aceitou a derrota e meramente se pendurou. Ela deu a corda um par de puxões e Will a levantou no ar devagar e suavemente, com facilidade. A vez de Ethan foi a próxima, e então finalmente chegou a hora de eu entrar na água. Dei uma pequena arfada com o frio e tentei impedir minha mochila de submergir com o coração do Naphil envolvido dentro. Cheguei ao balde, gentilmente coloquei minha mochila lá dentro e agarrei a corda apertado. Puxei uma vez e olhei para o buraco brilhante, desejando poder ver o rosto de Will. O balde começou a subir e meu corpo balançou para a esquerda e para a direita enquanto eu era levantada. Determinada a não olhar para baixo, olhei para o buraco até que a luz do sol praticamente queimou minhas retinas. O poço era estreito e as paredes de pedra arranhavam minhas roupas enquanto eu era erguida. Tentei me enrolar em uma bola para impedir meu corpo de bater do lado o máximo que pude, mas meu cabelo ainda ficou preso em pedaços afiados de pedra se projetando.

Quando cheguei ao topo, mãos me agarraram e me levantaram na luz do dia ofuscante. Tropecei em uma borda rochosa – a parede do poço, eu percebi, enquanto meus olhos se ajustavam à luz brilhante – e pegava meu equilíbrio antes de atingir o chão. Eram os braços de Will ao meu redor. Senti o cheiro dele antes que pudesse olhar para o seu rosto. Eu olhei em volta dele para os outros. O poço estava situado no centro de uma pequena e incomum aldeia composta por casas altas, em forma de cone, feitas de barro e tijolo. Rebekah agachou-se, conversando com um menino de calça jeans empoeirada. Ethan, amaldiçoando uma

tempestade, lutava com as correias de sua mochila, que algumas ovelhas implacáveis realmente queriam o que ele havia lá.

— Camisa? — pediu Will.

Levei um momento para lembrar que eu a havia guardado por precaução para que suas asas não rasgassem o tecido. Nós trouxemos poucas mudas de roupa conosco. Eu tirei a camisa da minha mochila, que estava principalmente encharcada com água, apesar da minha tentativa de mantê-la seca e entreguei a ele. Eu também verifiquei o coração. O embrulho de linho ainda estava molhado de sangue, mas não parecia que o coração foi danificado. A água parecia ter lavado muito do sangue. Agora só precisávamos nos preocupar em como sairíamos do meio do nada, na Síria.

Ethan Stone soltou um rugido triunfante quando recuperou sua mochila e, ainda molhado, caminhou até nós. Ele puxou um estojo de plástico à prova d'água da bolsa e abriu-o para recuperar um telefone via Satélite.

— Você pensou em tudo, não foi? — perguntei a ele, perplexa e aliviada ao ver o telefone.

— Não em tudo — respondeu ele enquanto brincava com alguns botões. — Telefone via satélite com GPS habilitado, sim. No entanto, eu não trouxe toalhas. — Ele colocou o telefone no ouvido. — Yusri? Olá? Estamos prontos para a coleta.

30

ETHAN STONE NOS EXPLICOU QUE O RITO DA minha ascensão só podia ser realizado em solo sagrado, e foi ideia de Will viajar para Israel. O confronto final seria em Armageddon, em Har Megiddo, e decidi que deveria subir em algum lugar muito sagrado. Depois de tudo, não havia lugar melhor para alguém se tornar um arcanjo do que no Reino dos Céus. Eu queria maximizar o poder que poderíamos extrair da Terra para este feitiço. Eu precisava ser tão forte quanto eu absolutamente poderia.

Depois que Yusri nos pegou em um helicóptero, Ethan nos ofereceu um quarto em um hotel de luxo em Aleppo, mas eu só queria sair de lá. Alugamos um jipe para deixar a Síria e seguir para Jerusalém. Mesmo se eu quisesse dormir durante a noite, eu nunca seria capaz de adormecer. Eu me sentia nauseada e inquieta com o que aconteceu em Ain Dara. Algo dentro de mim havia mudado, transformou-se – como se agora estivesse faltando um pedaço da minha humanidade. Eu estava acostumada a ter sangue nas minhas mãos, mas isso era diferente.

Ethan Stone prometeu que voaria para Jerusalém à primeira luz. Will e eu arrumamos nossas coisas no jipe e saímos. Nós também não queríamos ter a chance de encontrar mais capangas de Sammael. Se ele passasse em Aleppo, então haveria mais. Will e eu precisávamos continuar nos movendo para diminuir nossas chances de sermos encontrados.

A viagem foi mais de trezentas milhas em noite escura. Eu dirigi, em parte, na tentativa de curar minha inquietação e me dar algo para focar. Para meu espanto, isso deixou Will sem nada para se concentrar além de sua preocupação comigo.

— Você fez o que deveria fazer — disse ele gentilmente.

Olhei para ele antes de voltar a olhar para a estrada. — Eu tenho dito a mim mesma muito isso ultimamente e sei que é verdade. Eu simplesmente não gosto de fazer o que devo fazer.

— Você não é a única — disse ele.

Exalei. — Você ficará bem quando eu me tornar um anjo de novo?

— Não sei — respondeu ele. — Estou apenas seguindo sua liderança aqui.

— Se eu fizer isso, então temos uma chance de vencer o Inferno. Isso é tudo que importa.

Ele ficou quieto por alguns segundos. — Não tudo. — Antes que eu pudesse responder, ele falou primeiro. — Não vou impedir sua ascensão. Você é a única coisa que eu não posso ser egoísta, mas eu sou, no entanto. Finalmente entendi porque Michael me proibiu de amar você. De certa forma, isso me torna um Guardião mais forte, mas em outros aspectos estou aleijado. Eu nunca esperei ter que desistir de você.

— Quando Michael pediu para você se tornar meu Guardião, você pensou em dizer não?

Ele caiu mais profundamente no banco, pensativo. — Nem mesmo uma vez. Em vez disso, eu me perguntei se estava disposto a desistir da minha vida por você, a morrer por você. Eu me perguntei se eu estava disposto a me tornar dispensável e insignificante, abandonar meus próprios sonhos e desejos e me tornar um servo. Quando ele me pediu para ser seu Guardião, eu considerei apenas pensamentos egoístas, e percebi que eram coisas que eu podia sacrificar. Eu sabia que queria apenas ter você em minha vida, protegê-la e segui-la, para que no final eu não perdesse nada. Mas agora perderei você após acreditar que a teria para sempre. Esta é a primeira vez, desde que eu me tornei seu Guardião, que sinto como se tivesse desistido de tudo, que eu sinto vazio. Você foi um presente.

Olhei para ele novamente, apenas para encontrá-lo me observando com aqueles olhos verdes cristalinos. — Acredito que há uma chance de ser eu mesma quando for um arcanjo de novo, e que sobreviverei usando o gládio sagrado.

— Vou orar por isso — disse ele.

* * *

Chegamos em Jerusalém pouco antes do amanhecer. Will assumiu a condução por volta do meio do caminho, então consegui dormir um pouco, mas não estava nem perto do que eu precisava. Nós decidimos que precisávamos alugar um quarto em algum lugar e descansar antes de fazermos qualquer outra coisa. O tamanho da cidade nos permitiu desaparecer na multidão e dificultaria que nossos

inimigos nos rastreassem, então encontramos uma discreta pousada imperceptível que tinha vagas. Mandei uma mensagem com a nossa localização para Ethan Stone. Depois de algumas horas de sono intermitente, acordamos com uma batida feroz na porta. Will se levantou, esfregando os olhos, para deixar Ethan entrar no quarto. Puxei as cobertas sobre a minha cabeça e me escondi, mas mantive um olho espreitando para ele.

— Bom dia, bom dia — cantou Stone tão alegremente que eu queria quebrar as rótulas dele. Ele colocou dois grandes sacos de papel pardo sobre a mesinha de jantar redonda em frente à cama. — Oh, não olhe para mim assim. Eu te trouxe o café da manhã!

O cheiro de comida me tirou do meu esconderijo. Virei o cobertor e rastejei do outro lado da cama em direção aos sacos de comida. Eu peguei um e rasguei. Meu estômago rugiu como se eu não comesse em dias. Dentro havia um recipiente de plástico com ovos e outro com uma salada e um grande pedaço de pão. — Aw, sem bacon? — perguntei.

Ethan me deu um olhar de reprovação. — Você está brincando, certo?

— Sim, idiota. — Puxei os ovos primeiro. — Obrigada pelo café da manhã.

— Está bom — disse Will, aprovando com a boca cheia enquanto mergulhava o pão em algum tipo de pasta. — Ainda não temos um plano de ação. Nós só queríamos chegar aqui em Jerusalém.

Ethan colocou um folheto turístico sobre a mesa. — Igreja de St. Anne. É para onde vamos.

Deslizei para mais perto para poder dar uma olhada. A capa apresentava uma fotografia de uma bela e antiga Igreja católica romana construída de ouro e de pedra cinzenta. — Por quê?

— Porque paguei um zelador para deixar um portão destrancado — respondeu ele. — Além disso, tem nove séculos de idade e supostamente a basílica fica no local de nascimento da Virgem Maria. Além disso, a acústica é incrível. Estou morrendo de vontade de tocar AC/DC lá por anos.

Escolhi ignorar isso. — Então, comida agora. Qual o próximo passo?

— Comprar coisas para seu rito de ascensão — respondeu ele, e me entregou uma folha de papel. — Agora não vá toda colegial estridente em mim. Estamos comprando ervas, não sapatos. Eu tenho uma lista e você tem uma lista. Será como uma caçada. Agora você pode ficar toda estridente.

Olhei para ele e li a lista de ingredientes que ele solicitava para o feitiço.

— Depois, nos encontraremos em St. Anne. — Ele começou a ir em direção à porta, mas virou antes de sair. — Não apareça até depois das dez ou onze horas, ok? Todos na cidade velha estarão no Festival de Luz, então não devemos nos incomodar. Não queremos que ninguém passeie enquanto estamos tentando empurrar um arcanjo nessa sua pele.

Então Stone foi embora.

Sentei na cama, encarando a lista de ingredientes em minhas mãos. Will se sentou ao meu lado, pegou a folha de papel das minhas mãos e colocou de lado. Ele pegou minhas mãos e as segurou. Meus dedos pequenos e finos se encaixando perfeitamente em seus calos, como peças de quebra-cabeça. Minhas mãos se moveram sobre as dele, meus dedos traçando as linhas na palma da sua mão, e então eu coloquei a mão dele na minha bochecha. Tive um pensamento horrível de que não lembraria nem me importaria com como a pele dele parecia contra a minha quando eu ascendesse. Eu me perguntei, se eu tocasse nele o máximo que pudesse, a sensação seria queimada em minha memória e se tornaria permanente, sem força na Terra ou no Céu capaz de separá-la.

Will sentiu minha tristeza através do nosso vínculo e me puxou para perto. — Nós vamos passar por isso. Nós sempre passamos.

— Nós nunca passamos por algo assim — sussurrei. — Nunca nada tão incerto.

Ele ficou quieto a princípio, pensativo. — Encarar o desconhecido é uma parte da vida, algo que os humanos têm feito desde sua criação, sem nenhum poder especial. Eles sobreviveram por pura vontade e coração. Você tem as duas coisas, mais forte do que qualquer um que eu já conheci. Não sabemos exatamente o que acontecerá esta noite, mas você tem a vontade e o coração para passar por qualquer coisa, mesmo através disso. Eu acredito em você.

— Mas por que eu tenho que perder quem eu sou para salvar o mundo?

Ele levantou meu queixo para que eu não pudesse evitar seu firme, mas gentil olhar. — Se você esquecer quem você é, eu só terei que te acordar de novo como sempre fiz.

Mordi o lábio, e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele me beijou, e eu não estava mais com medo.

* * *

Ao cair da noite, o festival da luz que Ethan mencionou que serviria como uma distração para nós estava em pleno andamento. Do topo do Monte das Oliveiras, a música vibrava como trovão e as luzes laser dançavam em toda a atmosfera baixa. Milhares e milhares de pessoas estavam presentes, derramando através de todas as ruas, exibições imaginativas de cavalos galopando feitos de monstros leves e sombrios brincando atrás de árvores, figuras brilhantes de homens escalando paredes de pedra... a velha cidade estava viva e surreal, e eu queria parar e aproveitar as festividades, mas não havia tempo para isso.

St. Anne's era ainda mais bonita pessoalmente e à noite. Holofotes dourados iluminavam as paredes, mas os nossos movimentos estavam encobertos com segurança dentro do Grim. Nós entramos por uma porta de madeira e passamos por um pequeno pátio cheio de flores incríveis. Ethan nos encontrou na entrada da frente e nos permitiu entrar. Humanos que passavam nunca nos notaria enquanto ficássemos escondidos no Grim.

Ethan já havia espalhado nossos ingredientes para o ritual no chão de pedra fria, e Will me ajudou a colocar as ervas, os óleos e o incenso para classificar e medir. Assim que coloquei o grimório entre eles, Ethan usou seu poder para abrir o livro e as páginas se estabeleceram em uma passagem escrita em Enochiano.

— Este é o feitiço? — perguntei a Ethan.

Ele estava mexendo dentro de uma mochila no altar quando respondeu: — É. Vou precisar falar as palavras. Você pode ficar lá e ficar bonita enquanto Will me ajuda. Eu serei seu Frankenstein e Will será meu – muito maior que o normal – Igor.

Will suspirou enquanto acendia o incenso e as velas e os colocava, um por um, nos degraus do altar abaixo de Ethan. Quando olhei para Ethan novamente, ele estava tirando uma docking station[17] para MP3 com bateria de uma mochila. Ele o colocou no chão e ligou o seu iPod.

— Não achei que você estivesse falando sério — falei para ele. — Você não pode tocar isso aqui.

17 Uma Docking Station é um pequeno suporte onde encaixa o notebook. Ela serve para aumentar as funções do notebook, melhorando o acesso a outras tecnologias e facilitando o uso de vários dispositivos acoplados ao mesmo tempo no notebook.

— Estou *sempre* falando sério — respondeu ele. De repente, *Highway to Hell* do AC/DC explodiu no silêncio e ecoou no teto abobadado da catedral.

— Você está brincando comigo? — reclamei, lutando comigo mesma para não jogar o livro na cabeça dele.

— Oh, caramba — disse ele enquanto se atrapalhava com o botão para desligá-lo. A basílica ficou silenciosa novamente. — Isso foi inapropriado. Desculpa!

Olhei para Will em busca de apoio, mas ele estava sorrindo de orelha a orelha, tentando não rir. Empurrei seu ombro com tanta força que ele quase caiu. — Pare de rir!

Ele recuperou o equilíbrio e colocou as mãos para cima, incapaz de conter o riso. — Isso foi engraçado! Você tem que admitir.

— *Não foi* engraçado — assobiei. — Foi horrível. Você é horrível, Ethan.

— Não — disse ele enquanto brincava com o iPod. — Com classe. Sempre elegante.

Música explodiu mais uma vez, desta vez *Thunderstruck*. Ver Will rir me fez perceber que precisávamos de algum tipo de leveza. Eu tive que saborear este momento de bom humor e diversão, porque não poderia saber quando ou se eu teria outro assim. Eu não sabia quando seria a próxima vez que eu veria Will rir.

Terminei de medir os óleos e o incenso necessários e os coloquei em pratinhos de cerâmica. Desembrulhei o coração do Naphil, que ainda estava vermelho e brilhante como quando eu o cortara do peito de seu dono, como se nenhum pedaço dele tivesse começado a apodrecer. Ethan me deu uma tigela de barro para colocar o coração e me instruiu a ungir o órgão com os óleos corretos. Então chegou a hora de ficar na basílica enquanto Ethan mergulhava o polegar em três óleos diferentes e desenhava linhas no meu nariz e lábios. Ele também colocou o óleo no meu colar e então recuou.

A música se foi e os únicos sons que eu ouvia agora eram os aplausos distantes dos espectadores no Festival da Luz e as batidas do meu coração. A luz de velas nos degraus abaixo de mim lançou um brilho na basílica, ocasionalmente interrompida por raios de luz vindos de fora. Ethan levantou o livro para ler o feitiço angelical, sua voz um eco assombroso através da catedral.

O medo, como ondulações ao contrário, ficando mais forte à medida que se espalhava, tomou conta de mim. Tentei olhar para Will, mas quando olhei, fiquei impressionada com a memória da primeira vez que eu o testemunhei em agonia,

quando a minha esmagadora culpa e dor derramou nele através da tinta nas tatuagens que nos uniam. A magia angelical nos deu uma conexão mais profunda do que qualquer outra coisa neste mundo, e embora seu objetivo fosse alertá-lo quando eu mais precisava dele, essa magia também era muito cruel. Tentei conter o meu medo, porque eu sabia que minhas emoções ecoavam em Will e o fazia sentir tudo o que eu sentia através da dor física. Ele sentia meu medo como facas em seu intestino, e não queria que a minha última ação como eu... como Ellie... causasse dor a ele.

O olhar de Will capturou o meu e segurou firme. — Olhos em mim — disse ele. — Meu rosto, Ellie. Olhos em mim. Não tenha medo.

O verde de seus olhos era tão brilhante e sua respiração ficou cada vez mais difícil. Lágrimas incertas rolaram pelo meu rosto e o observei lutar para ficar em pé. Ele sabia que eu descobri como meu sofrimento o afetava fisicamente e isso só esmagava mais meu coração.

— Deixe-me levá-lo — murmurou ele. — Está bem. Deixe-me ter isso. Deixe-me fazer isso por você.

Assenti, sufocando uma terrível tragada de ar. Eu podia sentir as palavras antigas tomando efeito. Uma luz cresceu dentro de mim, um calor que era estranho, mas ainda parecia familiar. Eu não podia mais ver o rosto de Will. A luz que senti dentro de mim começou a brilhar através da minha pele, dando-me um brilho próprio. Eu assisti a luz se juntar ao longo da teia de aranha de veias na minha pele, substituindo meu sangue por ouro brilhante, até que eu brilhava como um farol. Eu me atrapalhei com o meu colar, meus dedos passando pelo cordão de couro carregando o Pentalpha, e encontrei meu colar alado, e agarrei-o com força. Segurei entre meus dedos como se fosse minha tábua de salvação, meu último elo com minha humanidade, mesmo que contivesse a graça de arcanjo que tiraria minha humanidade como carne dos meus ossos.

A luz, minha glória se libertando de suas correntes, estava ficando muito brilhante e eu mal conseguia manter meus olhos abertos. Ethan continuou cantando, embora eu não conseguisse mais vê-lo. Meu corpo parecia ter uma mente própria; a magia me levantou do chão enquanto meu cabelo chicoteava ao redor do meu rosto como se eu estivesse presa em um furacão. Olhei para baixo, forçando meus olhos a abri para que eu pudesse ver o que estava acontecendo. Ethan acendeu um fósforo e jogou-o na tigela com o coração do Nephilim, e o órgão

vermelho acendeu e pegou fogo. Meu corpo balançou enquanto a fumaça do coração ardente e óleos perfumados me envolvia. Cheirava a carne cozida e a flores de um funeral.

— Ellie — chamou Ethan, praticamente gritando sobre o vento correndo pela igreja. — Ellie! Seu colar! Quebre e liberte sua graça!

Puxei o pingente, quebrando o fecho, mas não tive a chance de jogá-lo no chão de pedra. Ele quebrou sozinho na minha palma em um flash de luz, e em vez de dispersar, aquela luz – minha graça – recolheu-se como uma coisa senciente e agarrou-se a mim, minhas roupas, meu cabelo, espalhando-se por cima do meu corpo e afundando na minha pele.

— Oh meu Deus — respirei. — Feche seus olhos, Ethan. Feche seus olhos!

Algo dentro de mim explodiu e a luz em erupção foi brilhante o suficiente para fritar retinas humanas das suas órbitas. Minha glória e graça me devoraram, me mudaram, me encheram de uma sensação de que eu há muito esqueci. Havia um calor intenso ao meu redor e depois se transformou em calor, em calor ofuscante que queimava as bordas da minha roupa. Pedaços queimados foram soprados para longe. Meu cabelo era um tornado de fogo ao redor do meu corpo. Minhas omoplatas formigaram e ficaram dormentes, e jurei ter vislumbrado uma pena caindo no chão.

Então não senti nada. Não vi nada. Eu não sabia quanto tempo eu fiquei assim na brancura, mas a eternidade terminou em um instante. O fogo e a luz desapareceram e as velas se apagaram, encharcando a catedral na escuridão. Meus dedos tocaram o chão, botas silenciosas na pedra, e meu cabelo se estabeleceu ao meu redor. Meus ombros já não estavam dormentes, mas se sentiam pesados com o peso das minhas asas.

— Os olhos dela — murmurou o humano quando passei por ele. — Eles são de puro ouro. Ela ascendeu.

Meu Guardião olhou para mim, lábios entreabertos, e deu um passo à frente para me seguir. — Ellie?

Eu parei. As penas das minhas asas roçavam o chão, penas brilhantes da cor do luar com apenas um sopro de ouro, e as recolhi, dobrando-as contra minhas costas. — Eu não sou Ellie.

Sua boca se fechou, sua mandíbula apertou. Eu vi essas coisas, reconheci a dor em seu rosto, mas não senti nada.

Continuei andando em direção às portas do santuário. — Eu sou Gabriel.

31

— ELLIE! — GRITOU MEU GUARDIÃO ATRÁS DE MIM, mas não parei. — Gabriel! Onde você vai?

Eu o ignorei e continuei na multidão celebrando o Festival da Luz. Poucos humanos não me notaram, mas suspeitei que fosse porque ainda não havia recolhido minhas asas. Eu precisaria ir para o ar em breve.

Jerusalém havia mudado desde a última vez que vi com meus olhos de arcanjo. Lembrei-me de passar por aqui apenas esta noite na minha forma humana, lembrei-me de tudo, mas experimentar estas ruas de neon agora era diferente. Lembrei-me de pensar que as luzes eram bonitas, mas agora eu me perguntava o que fez essas luzes bonitas? Eu não sabia se entendia o que *bonito* significava.

Meu Guardião fez um som irritado enquanto empurrava a multidão para me acompanhar. — Ellie, Deus, droga...

— Eu aceito sua presença, Guardião — disse a ele enquanto observava várias mulheres usando vestidos brancos com tubos de luz girando ao nosso redor na rua. — Mas não estou em perigo.

— Você me aceita? — assobiou ele. Ele agarrou meu braço e me puxou para o peito dele.

Torci meu braço até que ele se inclinou para o lado errado e gritou, mas agarrei seu pulso com a minha mão livre antes que ele pudesse soltar. Seus joelhos se dobraram e bateram no chão. — Como você ousa me tocar, terráqueo? — rosnei, expondo os dentes.

Ele ficou boquiaberto para mim. Ele não parecia entender que ele era apenas um ceifeiro. Eu me lembrei... Eu me lembrei de que ele havia me tocado antes, que eu havia deixado, que eu tinha... Mas eu era um arcanjo agora. Eu não deveria ser tocada.

— Hey — disse uma voz calma à nossa direita. Pertencia a um jovem que olhou para minhas roupas carbonizadas e asas gigantescas. Ele pareceu aceitar que eu fazia parte do show. — Existe algum problema aqui?

Soltei meu Guardião e acenei com a mão, empurrando meu poder no peito do humano e soprando-o para longe de mim. Ele caiu no meio da multidão com um grito, derrubando uma tela de luz com ele.

— Ellie! — gritou Will para mim com raiva. Quando olhei para o meu Guardião, vi a repulsa em seus olhos verdes. — O que você está fazendo?

Continuei no meu caminho. Ele gritou meu nome humano atrás de mim enquanto lutava para me alcançar. Eu fiz a varredura dos topos dos edifícios ao meu redor e vi o Domo da Rocha. Abri minhas asas e elas me levaram para o ar. Voei rápido, movendo-me como uma bola de fogo, uma estrela cadente, e me acomodei no topo da cúpula dourada, espalhando minhas asas para ajudar a manter o meu equilíbrio. Inalei o ar frio da noite com os aromas inebriantes de Jerusalém. Eu não deveria respirar. Eu ascendi e me tornei um arcanjo, mas esse corpo... eu ainda era parcialmente humano.

Meu Guardião caiu menos graciosamente na cúpula. Suas botas escorregaram e suas asas se dobraram nas costas dele. — Ellie, que diabos? Você acabou de fugir. Você está bem? Como se sente?

Ele chamou minha atenção e olhei para ele, meu cabelo chicoteando ao redor da minha cabeça. — Não entendo suas perguntas.

— Oh não — disse ele tristemente —, não deixe isso ser real.

— Eu simpatizo com o seu apego.

— Você *o quê*? — Seu corpo balançou suavemente ao vento. — Quem *é* você?

— Você sabe quem eu sou.

Ele balançou a cabeça, sua raiva clara. — Você não é minha Ellie.

— Não, eu não sou — disse eu. — Não do jeito que você me conhecia. — Deslizei para o lado da cúpula e saltei para o telhado plano.

Ele me seguiu, pulando para voltar ao meu lado. — Mas ela está lá. Ela é uma parte de você.

— Isso é verdade — disse eu. — Eu sou Ellie, mas também sou Gabriel. Não sou humana. Não mais.

Ele estendeu a mão para mim e comecei a me afastar, mas parei e permiti que ele tocasse minha bochecha. — Eu perdi você?

Seus dedos contra a minha pele estavam quentes e não desagradáveis. Tanto quanto eu queria afastá-lo, eu não fiz. — Eu estou bem aqui.

— Você não entende, não é? — perguntou ele, seu tom carregado de tristeza. — Você não sente nada. Você nem me conhece.

Algo instintivo e incontrolável agitou meu peito, uma onda de calor e saudade. — Eu posso sentir. Posso sentir seu toque.

— Não é isso que eu quero dizer — disse ele. Ele respirou fundo e mordeu o lábio superior, um gesto que me deu mais sentimentos indesejados. — É mais que isso. Você não se lembra de mim? Você não me conhece?

— Eu me lembro de você — disse eu em voz baixa. — Will.

Ele recuou e cerrou os punhos, seus lábios trêmulos. — Você diz meu nome como se não me conhecesse.

Foi então que me afastei e a frieza voltou. — Eu conheço você. Você é meu guardião.

Ele olhou para mim, de queixo caído e patético. — É isso aí?

Abri minhas asas e comecei a me afastar dele. — Sinto muito.

Ele balançou a cabeça. — Você nem sabe o que é desculpas. Você se deixou ser só outro anjo sem coração.

Sobre o meu ombro, estreitei meu olhar para ele. — E você é apenas um ceifeiro.

Ele não disse nada por vários momentos, e quando eu estava prestes a sair, ele respirou fundo e falou. — Isso… isso é muito mais cruel do que qualquer coisa que alguém já fez comigo. Isso é pior para mim do que se você tivesse morrido. Isso é tortura.

Estudei-o, perplexa, enquanto a agonia em seu rosto se aprofundava. Eu sabia a extensão de suas emoções para mim e sabia como me sentira sobre ele, mas agora eu sentia... nada. Eu lembrei, mas os sentimentos eram apenas memórias, coisas distantes, desbotadas, longe do meu alcance. Talvez não houvesse nada, afinal. Quando olhei para o rosto do meu Guardião, para a tristeza e a dor em seus olhos, me arrependi do que eu havia dito a ele. Isso não era nada que eu já sentisse antes no céu. Anjos foram criados para serem soldados perfeitos. Não sentíamos arrependimento, misericórdia e, certamente, nenhuma compaixão. Eu era um arcanjo mais uma vez, mas mudei.

Algo no meu bolso vibrou. Tirei um dispositivo, algo que minhas memórias humanas recordaram ser um celular. Eu olhei para ele e Will o pegou da minha

mão. Ele demorou um instante para identificar o botão na tela e, em seguida, pressionou o telefone no ouvido.

— Alô? — respondeu ele. — É o Will. Sim. Tipo isso. Apenas nos encontre no hotel. — Ele recitou o endereço e desligou. — Era Cadan.

— Ah — disse eu. — O ceifeiro demoníaco.

— Meu irmão — rosnou Will. — E seu amigo. É melhor não tratá-lo como você me trata.

Não respondi a isso.

— Estou chamando Ethan e dizendo a ele para limpar as evidências deixadas para trás na igreja — continuou ele. — Ele pode nos encontrar no nosso quarto de hotel, onde nos reuniremos com Cadan. Você se lembra onde...?

O resto da sua pergunta foi perdido para os meus ouvidos. Eu já havia voado e o deixado.

* * *

Precisei esconder minhas asas quando voltei para o nosso hotel. Os mortais de hoje não foram tão acolhedores da minha presença como foram na última vez que visitei como um arcanjo. Os tempos mudaram. Eu vivi todos eles, e fiquei grata por manter minhas memórias humanas. Eu teria tido muito mais dificuldade em navegar neste novo mundo sem elas.

Mas as lembranças também tornaram as coisas mais complicadas. Meu Guardião... Como eu me permiti ter sentimentos por ele – amá-lo – estava além de mim, mas fui humana por tanto tempo. Fui construída para ser um soldado, a máquina perfeita, criada para buscar e destruir. Comandei minhas próprias legiões de anjos que devastou e baniu os exércitos de Lúcifer eras atrás. Quando me disseram que eu seria mandada para Terra para destruir a semente demoníaca das abominações de Lúcifer, Sammael e Lilith, eu sentira o primeiro lampejo de emoção desde a minha criação. Eu estava... incerta. Eu vi os humanos, assisti eles crescerem de criaturas sem idioma para uma espécie com ideias e ambições, e não estava certa se seria capaz de andar entre eles. De sentir como eles. De sorrir do jeito que eu os vi sorrir. Eu carregava um segredo obscuro no meu coração: eu queria essas coisas. Quando me tornei mortal, Deus me deu uma alma humana. Ele me disse que seus anjos não eram tão perfeitos quanto Ele esperava que

pudéssemos ser, que havia algo faltando em nós, algo que nos impedia de alcançar nosso pleno potencial como sua criação. Ele disse-me que minha alma humana era um dom que me salvaria – salvaria a todos nós. E então eu senti a segunda emoção desde a minha criação: dúvida.

Meu tempo no céu sempre foi tão breve entre minhas mortes mortais e não me lembrava de nada no instante em que voltava ao meu vaso humano. Isso era frustrante. Não importa o quanto eu treinasse com meus irmãos e irmãs no céu, ou quanta força eu reuni no meu poder arcanjo, tudo ia para o lixo no momento em que voltava para a Terra.

Quando Michael descobriu os planos de Bastian para libertar Sammael e Lilith, minhas ordens eram para permanecer no céu. Na minha próxima reencarnação, eu tive que ser mais forte, mais rápida e mais certa para derrotar os Caídos. Nós esperávamos que quanto mais eu atrasasse meu retorno à Terra, mais provável era a chance de eu manter minhas memórias como meu verdadeiro eu. Infelizmente, isso teve o efeito oposto e eu tive ainda mais dificuldade de recuperar as minhas memórias humanas. Eu me afastei ainda mais e só fiz de mim mesma mais humana, uma coisinha chorosa – uma adolescente humana.

Mas agora meu poder havia retornado. Surgiu em mim como um rio torrencial à espera de ser desencadeado. Agora que ascendi, tudo se provou valer a pena. Ainda havia algo dentro de mim que se agitou e sussurrou para mim, algo que tinha um diferente e incomensurável poder próprio: minha alma. Ela ficou comigo através da minha ascensão, porque se tornou uma parte de mim. Minha alma era quem eu era, o indivíduo único em que eu me tornara.

E ainda assim… essa versão humana de mim provou ser mais forte que qualquer encarnação anterior. Como uma menina humana, eu senti medo intransponível, mas superei isso. Senti amor e lutei mais duro pelos meus amigos e familiares por causa disso. Enfrentei inimigos que deveriam ter me derrotado, e ainda assim, saí viva. Havia força em meu eu humano que ninguém poderia ter antecipado, ou talvez alguém fez e ele estava certo. Talvez essa alma humana fosse um presente depois tudo, assim como Deus me prometeu.

Mas isso deveria me salvar? Salvar todos nós?

Encontrei a chave do meu quarto de hotel no meu bolso. uma vez lá dentro, eu joguei minhas roupas queimadas no lixo e coloquei calça jeans limpa e uma

camisa. Meu estômago roncou, me surpreendendo. Eu não esperava sentir fome agora que eu havia ascendido. Isso me fez pensar como eu era humana.

A porta se abriu e meu Guardião emergiu, seu rosto cerrado de raiva, e assim que me viu, alívio se derramou sobre ele. — Graças a Deus você está aqui. Por que você partiu assim?

— Você disse que nos encontraríamos com todos aqui — disse eu.

— Você deveria esperar por mim! — gritou ele. — Devemos ficar juntos!

Coloquei minha palma na minha barriga. — Estou com fome.

Seus olhos se arregalaram. — Você está...? O que há de errado com você?

— Esta forma é estranha para mim.

— Estranha?

— Eu era humana há apenas alguns minutos — disse eu. — Agora sou um arcanjo. — Estendi minhas mãos e apertei-as em punhos, observando os tendões e articulações se movendo e se contraindo. — Há sangue nas minhas veias. Eu não deveria ter fome, nem me sentir cansada ou precisar respirar. Na verdade, não sei o que me tornei. Eu sou um arcanjo, mas sou mais que isso.

Ele levantou ambas as mãos e tocou os lados do meu rosto, deixando seus dedos derramarem em meu cabelo. — Você sabe exatamente o que você é.

Estudei como o olhar duro em seu rosto suavizou ao me tocar, como se tocar em mim fizesse isso com ele, consolava-o. — Você é muito peculiar.

— Estou apenas sendo eu — disse ele. — Você é quem está agindo estranho.

— Lembro-me de tudo — disse a ele, e não o afastei. — Você me amou.

— Eu ainda amo, mesmo que você não me ame mais. Eu prometi a você que amaria.

Eu não conseguia desviar o olhar do rosto dele, não importava o quanto tentasse. — Isso não é permitido.

Seu olhar caiu e ele pegou uma das minhas mãos. Ele chegou perto dos lábios. — O que não é?

— Você não tem permissão para me tocar.

— Então me pare. — Seus olhos brilharam intensamente. Seu nariz e lábios escovaram minha palma, sua respiração quente na minha pele, e essa sensação descompactada voltou para mim.

— Não quero — disse a ele. — Eu não deveria querer que você me tocasse.

— Você cheira a jasmim — disse ele suavemente. — É o creme que você coloca na sua pele todas as manhãs depois do banho. Você ainda cheira como a garota humana que você era minutos atrás. Você ainda é ela. Eu conheço este seu corpo, assim como conheço o meu. Você ainda é minha Ellie.

Seus lábios encontraram meu pulso e ele fechou os olhos enquanto beijava a pele macia ali. Eu tremi e afastei-me dele, com medo desse sentimento que ele me deu, que era mais do que físico. Lembrei-me também do jeito que ele me fez sentir, mas não entendi. Eu sabia o que ele sentia e que eu sentia o mesmo, mas essas emoções foram embora e nunca deveriam ter existido em primeiro lugar.

Ele olhou para mim com os olhos cheios de uma mistura de mágoa e determinação. — Eu trarei você de volta para mim.

Comecei a dizer alguma coisa, mas a porta se abriu novamente e outro ceifeiro atravessou. Este era o ceifeiro demoníaco, o irmão do meu Guardião, e atrás dele, um segundo ceifeiro demoníaco apareceu.

— Ei, pessoal — cumprimentou Cadan. — Você se lembra de Ronan, certo?

Reconheci o cabelo cor de gengibre do alto Vir e os olhos cor de laranja. Ele usava uma expressão cautelosa e seu olhar se desviou de Will para mim. — Gabriel — disse ele, seu tom cuidadoso.

Cadan me observou cautelosamente, me estudando. Quando se aproximou, senti sua energia demoníaca arranhando o meu próprio poder como garras de gato em uma parede, cavando através de tinta e gesso com um guincho. Cerrei meus dentes com força e esmaguei minhas unhas na palma da minha mão para me manter aterrada. Eu havia chamado esse ceifeiro demoníaco de meu amigo, esse ceifeiro demoníaco que me disse que me amava. As emoções em mim agora eram tão agitadas, tão conflitantes, e eu não sabia o que fazer comigo mesma. Eu era um arcanjo. O que eu fiz para merecer o amor de um ceifeiro demoníaco? Foi uma coisa estranha.

— Você está bem? — perguntou ele, observando meus punhos apertarem o mais forte que podiam. Ele deu um passo a frente, mas se conteve. Havia medo em seus olhos quando ele deu a Will um olhar de pânico. — O que você quis dizer com *tipo isso* no telefone?

— Ela é um arcanjo — confirmou Will. — Mas as coisas são… complicadas.

— Quão complicadas? Ela é perigosa?

Olhei para os dois. — Eu ainda sou capaz de ouvir você.

— Como você se sente? — perguntou Cadan. — Mais forte?

— Eu sei que sou mais forte e estou pronta para lutar — disse eu. — Devemos reunir nossas forças e encontrar o exército do inferno no Armageddom. Ronan é seu recruta?

— Eu sou, entre outros — respondeu Ronan rigidamente.

— Eu tenho um pequeno exército meu agora — disse Cadan. — Aqueles que foram leais a mim antes não tem mais medo de ficar contra Sammael.

— Bom — disse eu. — Eu sou grata por sua lealdade. Não tenho má vontade para com aqueles demoníacos que lutarão ao meu lado.

Ele me deu um olhar estranho. — Você tem certeza que está bem? Ellie, você está aí? Você parece... desligada.

— Ela ainda está se acomodando — disse Will, e cruzou os braços.

Encontrei seu olhar verde penetrante. Tanto foi agitado e não dito naquelas profundidades escondidas, e lembrei como eu uma vez consolei-o quando ele parecia assim. Fechei meus olhos com força. Lembrei-me de muito. Eu estava cansada com tudo isso.

A porta do quarto do hotel se abriu mais uma vez. Ethan Stone parecia sem fôlego e aliviado. — Você a encontrou. Excelente. Seria estranho se entregássemos pôsteres de *arcanjo perdido* por toda a cidade. Ninguém nos levaria a sério, pelo amor de Deus. Eles nos prenderiam!

— Ethan — murmurou Will em desaprovação.

— Bem, eles prenderiam você primeiro — continuou ele, apontando para Will. — Você é muito mais sombrio do que eu. As tatuagens. É isso que é.

Andei até ele, tendo que esticar o pescoço para olhar em seu rosto. — Obrigada por ajudar na minha ascensão. Você será recompensado com a nossa vitória.

Sua boca se contraiu. — *Após* a nossa vitória. Claro que há um problema. Meus homens estão dispostos a encontrar você em Har Megiddo, mas não tenho intenção de comandá-los, ou ficar por perto para a batalha. Eu tive bastante emoção com você para durar várias vidas.

— Você está partindo? — perguntou Will.

— Chore por mim se quiser — disse Ethan. — *Adieu*, meus amigos ceifeiros e, atualmente, amiga arcanjo. Me procure se você sobreviver ao apocalipse, sim?

Depois que Ethan partiu, Cadan deu uma atualização sobre o estado de nosso exército e o de Sammael. — Tenho cem ou mais pessoas recrutadas sob o meu comando. Eu já liderei na batalha antes e estou disposto a aceitar mais.

— Você já ouviu falar de Ava e Marcus? — perguntou Will.

Cadan assentiu. — Eles têm vários milhares de soldados, talvez o suficiente para formar uma legião, que chegará amanhã ao entardecer na colina. Todos os ceifeiros estão antecipando essa batalha. Eles estiveram prontos.

— Sammael sabe que estamos em Jerusalém — disse Ronan. — A batalha no Armagedom foi anunciada a muito tempo. Ele terá seus espiões observando a colina.

— Não vou esperar por ele — disse eu, olhando para o Pentalpha em volta do meu dedo. — Vou chamá-lo até mim.

Will me observou com um olhar cuidadoso. — Você tem certeza?

— Eu tenho o poder que preciso — disse eu. — É hora de lutar. Nós temos uma estimativa do número de nossos inimigos?

Cadan parecia sombrio. — Dez mil. Provavelmente mais. Ainda estamos em desvantagem de dois para um, mesmo com um arcanjo do nosso lado.

— Não esqueça como Davi derrotou Golias — disse a ele. — Não com habilidade em guerra ou grandes números, mas com fé. Você deve acreditar que podemos ganhar, ou não poderemos vencer. Tenha fé em mim e em você.

— Sempre. — Ele ofereceu um pequeno sorriso que durou apenas um momento e se virou em direção à porta. — O sol está chegando. Nos encontraremos na colina ao crepúsculo.

Os dois ceifeiros demoníacos me deixaram sozinha com meu Guardião mais uma vez. A quietude entre nós era estranhamente silenciosa e tão tensa quanto rachaduras no vidro. Embora ele se sentasse em uma cadeira à mesa e não dissesse nada, Will parecia estar se equilibrando na beira de gritar a plenos pulmões. Eu não sabia o que fiz. Eu estava exausta, não só da jornada e da minha ascensão, mas da batalha que eu travava dentro de mim. Minha humanidade, minha alma humana, não estava perdida; ela permaneceu como um pedaço teimoso de carne deixada pendurada no corte de uma espada, e era igualmente angustiante. Minha disciplina de arcanjo queria arrancá-la e jogá-la de lado, mas me agarrei a ela. Eu sabia que deveria soltar, mas eu não queria. Eu estava com medo. Reconhecer o meu medo deveria ser o primeiro passo da minha ruína.

— Você está preparada? — perguntou Will. — Devemos dormir algumas horas, comer e ir para a colina.

Recusei-me a cometer o erro de revelar meus pensamentos. — Eu tenho me preparado para isso por muito tempo. Vou evocar Azrael, reivindicar o gládio sagrado e derrotar Sammael e Lilith.

Ele se levantou e caminhou em minha direção, mas permaneceu a vários metros de distância. — Tudo bem se você estiver com medo. Eu sei que os anjos não devem sentir emoção, mas eu sei que você sente. Ainda posso sentir você através da conexão em minhas tatuagens.

Meu batimento cardíaco acelerou quando ele se aproximou de mim, não importa quão calma eu me esforcei para ficar. — Emoção é uma fraqueza.

— Não foi isso que você disse e acreditou.

— Eu estava errada.

— Você está errada agora — disse ele. — Você está mentindo sobre o que realmente pensa.

Olhei para ele. — Como você sabe o que eu penso?

Seu sorriso era curto e secreto. — Porque eu te amo há cinco séculos e conheço o seu coração. Você passou muito tempo ensinando-me a dobrar as regras e a seguir meu coração, e sabe o quê? Você estava certa. Então não tem como eu acreditar que tudo mudou em você uma noite.

— Eu sei melhor agora — disse a ele. — Qualquer coisa, além da obediência está errada.

Ele balançou a cabeça, seu olhar endurecendo. — Você não acredita nisso.

— Eu sou um arcanjo — disse eu. — Devo obedecer...

— E desistir da felicidade? — perguntou ele, me cortando. — Eu sei que você lembra como é ser humana. Você não pode negar isso.

Respirei fundo, invocando minha coragem. — Eu não nego isso. Minha humanidade me assombra.

— Então volte para mim — implorou ele. — A cada segundo que passa, eu vejo um pouco mais de Ellie em seus olhos.

Tentei não olhar para ele, palavras cuspidas para fora de mim como água. — Nós não devemos sentir. Sentir é desobedecer.

— Isso não é você falando — disse ele. — Eu a quero de volta. Quero a Ellie de volta.

— Esta é quem eu sou, Guardião.

— Não. Ela ainda está lá. — Ele me agarrou pelo pulso e me puxou contra ele, me assustando.

— Solte-me — pedi. — O que você está fazendo?

Seus olhos vaga-lumes, todas as chamas e sombras verdes, cauterizaram as minhas. — Estou te acordando.

Eu ofeguei quando ele abaixou a cabeça e me beijou com força, abrindo a boca contra a minha e me esmagando em seu corpo. Pressionei minhas mãos em seu peito, sentindo sua pele quente debaixo dos meus dedos, e sabia que eu deveria afastá-lo, mas eu não queria. Seu beijo trouxe memórias à superfície da minha mente, pensamentos que não pude experimentar sem... sem sentir com uma parte de mim que era mais profunda do que a minha pele, uma parte de mim que doía. Eu senti felicidade, conforto, e um desejo por ele, cada centímetro dele. Senti essa alma humana se mexer e gritar, batendo nas paredes que enjaulei quando me tornei um arcanjo novamente. Minha alma humana era o núcleo deste corpo, meu poder de arcanjo apenas uma extensão, algo alienígena. Eu precisava aceitar o que eu era agora: um arcanjo com uma alma humana. Eu estava feliz e isso me fez mais forte, mais determinada. Eu era um quebra-cabeça feito de peças que não pertenciam, mas quando ele me tocou, aquelas peças fundiram com perfeição, como se sempre tivessem sido feitas. Até parecia que ele sempre foi feito para me tocar.

Ele se afastou com uma respiração profunda, seus olhos ainda mais brilhantes do que estavam momentos atrás. Eles se espalharam por cada centímetro do meu rosto e voltaram a demorar nos meus lábios antes de seu olhar encontrar o meu, seus dedos entrelaçando meu cabelo. — Diga meu nome — ordenou ele, sua voz baixa e rouca.

Engoli em seco. — Will.

Sua mandíbula apertou e ele balançou a cabeça. — Não. Diga meu nome como você sabe que me ama. Como você se lembra do que sente quando eu te toco. Como você lembra do que eu sinto.

Fechei meus olhos e me lembrei do calor de sua pele na minha, o som de sua voz na escuridão, o som do meu próprio nome em seus lábios sussurrado em meu ouvido como uma oração.

Uma lágrima humana rolou pela minha bochecha e eu não tinha vergonha disso. — Will — respirei.

Ele sorriu aquele sorriso familiar que era só para mim, e mais uma vez eu entendi o que lindo significava. *Ele* era lindo. O amor que eu sentia por ele era lindo. Will. Meu Will. Depois ele me beijou de novo e me perdi nele.

32

ASSISTI A LUA SUBIR SOBRE HAR MEGIDDO do meu lugar na colina, com vista para um vale expansivo de terra verde, rico solo escuro e rocha. Sentei em cima de uma parede de pedra antiga construída em uma borda, uma perna pendurada na borda, e me inclinei no outro joelho. A pedra ainda estava quente do sol do dia, e as ruínas lançavam longas sombras em forma de garras no silêncio. A colina coberta de arbustos estava cheia de palmeiras altas e escavações novas descobrindo camadas sobre camadas da civilização humana. Logo a colina seria pontilhada de sangue também.

Will veio em minha direção, pulando por um baixo muro de pedra e correndo por uma escadaria esculpida na rocha. — Eles estão aqui — disse ele.

Olhei para frente, para uma grande sombra subindo a colina e sorri, acenando em aprovação. Ava, Marcus e Madeleine retornaram e, com eles, uma legião de ceifeiros angelicais. Meus três amigos vieram na frente com os outros ceifeiros angelicais servindo como meus generais, a elite. Reconheci os rostos de Berengar, Calix e Evolet. Uma fêmea de cabelo ardente, perto de Ava, deveria ser Maeghan, seu contato em Bruxelas.

— Ellie! — chamou Marcus. Ele parecia cansado, na verdade, todos pareciam. — Funcionou? Você é um anjo?

Respondi abrindo minhas asas, rasgando o tecido da minha camisa. Surpresa acendeu seus rostos – alguns mostrando medo – seus olhares percorrendo o comprimento das minhas asas, derramando-se sobre o brilho das penas ao luar. Só Madeleine me olhou com tristeza.

— Obrigada por se juntar a nós — disse a eles.

Evolet me deu um sorriso. — O que posso dizer? Você me inspirou.

— Minha senhora — murmurou Berengar, e caiu de joelhos. — Gabriel

O exército de ceifeiros angelicais se ajoelhou no chão, dobrando-se como uma onda quebrando a praia. Eu os examinei, amigos e estranhos que vieram aqui para talvez morrer por nossa causa, e me levantei do meu lugar na borda. Nós estávamos em desvantagem de dois para um, mas eu sabia que mais do que

proporção e espadas prontas eram importantes nessa batalha. Esses soldados tinham fé em mim como seu líder, e a fé era o que precisávamos para vencer.

— Levante-se — falei para eles, e o mar de ceifeiros voltou a seus pés, mil pares de olhos como um arco-íris de estrelas na terra escura. — Não desejo tributo. Desejo apenas fé em mim. Todos nós percorremos um longo caminho para nos encontrarmos nesta colina. Alguns de vocês podem ter medo, e isso está bem.

Olhei para Will abaixo de mim no chão, cujo sorriso estava calmo enquanto me observava.

— É natural sentir medo — continuei —, mas hoje eu ofereço coragem. É tudo que posso oferecer a vocês. Não posso garantir a vitória ou mesmo a vida de vocês, mas minha coragem e glória serão de vocês. Eu agradeço por lutarem comigo através das eras e por lutarem comigo esta noite, possivelmente pela última vez.

Uma grande energia rolando pelas colinas me fez levantar o meu olhar. Observei outro exército – este liderado por Cadan. Ele conseguiu, assim como eu sabia que ele conseguiria. Eu sorri, porque não tinha mais medo das emoções que senti. Entre os ceifeiros demoníacos que deram as costas para o inferno havia uma força de pelo menos cem humanos fortemente armados. Eles deveriam ser os mercenários prometidos de Ethan Stone, seres humanos que treinaram para combater os ceifeiros demoníacos – ainda assim esta noite eles submeteriam ao comando de um deles.

Ouvi sibilos e maldições, o arrastar de botas e tilintar de lâminas de metal vindo dos ceifeiros angelicais, que claramente não aceitavam os recém-chegados. Os humanos que se juntaram aos demoníacos tinham cicatrizes de batalha e pareciam estar ansiosos para a ação no campo. O que lhes faltava em números e força sobrenatural, eles compensavam com firmeza e paixão.

— Gabriel — disse Cadan quando ele parou no lado de Will e seus olhos opalescentes encontraram os meus.

Meu sorriso se alargou. — Meu amigo. — Levantei a cabeça para abordar o nosso exército crescente. — Hoje à noite nós somos todos amigos. O mundo não é tão preto e branco como acreditamos há muito tempo. Uma vez nossos inimigos, esses ceifeiros são agora nossos amigos e estamos unidos contra um inimigo comum.

Ronan veio à frente, ladeado por dois ceifeiros demoníacos, um macho e uma fêmea. — Estes são Anders e Adara — anunciou ele. — Eles se juntarão a Cadan e a mim na liderança da infantaria demoníaca.

Ofereci-lhes um sorriso caloroso e recolhi minhas asas pesadas. — Venham comigo — disse aos meus generais.

Eles me seguiram um pouco mais acima, na colina coberta, com as ruínas de uma antiga cidade ao longo de caminho destinado a turistas e escavadores. Eu acenei para eles em um pouco de terreno aberto onde estive planejando nossa principal tática. Eles estudaram minhas formações gravadas na sujeira. Marquei nossa localização na colina e abaixo no vale, aonde os exércitos do inferno viriam.

— Onde você aprendeu tudo isso, Ell? — perguntou Cadan, maravilhado, seus olhos seguindo o caminho das nossas formações.

Fiz uma careta para ele. — Eu sou o arcanjo Gabriel, perdendo apenas para Michael no céu. Levei nossos exércitos para a vitória sobre Lúcifer e depois sobre os Nephilins. Esta não é minha primeira batalha.

Sua boca se contraiu. — Oh, certo.

— Quando os exércitos demoníacos chegarem — disse eu —, eles vão esperar que nós sejamos defensivos, que defenderemos nossa posição e a colina. Não me importo com essa colina. É apenas rocha e sujeira. Não vamos esperar aqui enquanto eles nos sobrecarregam com seus números. Eles tentarão nos envolver, carregar nossa frente e dobrar em torno de nós como asas de ambos os lados até sermos esmagados. Nós devemos fazer isso com eles primeiro. Devemos fazer uma abordagem ofensiva.

— Temos que ficar espalhados — disse Will.

— Sim — concordei com um aceno de cabeça. — Isso nos espalhará e enfraquecerá nossas fileiras, mas se surpreendermos os exércitos de Sammael, então podemos até mesmo ter chances, talvez até ganhar a vantagem.

Madeleine estudou o diagrama na areia. — Mas como? Estamos no topo desta colina e eles podem ver tudo.

— Nem tudo — disse eu. — Eles não poderão ver por trás do morro e não esperarão que ataquemos por cima. Esta é uma batalha de infantaria, mas isso não significa que estamos limitados ao solo. Nosso centro – liderado por Will e Madeleine – descerá a colina no centro inimigo e os pegarão de surpresa. Eles certamente não esperam que tenhamos reforços demoníacos. Até mesmo eu nunca

esperei tantos. Obrigada, Cadan. Enquanto nosso centro dispara, eu quero nosso flanco – liderado por Marcus e Ava – para dobrar em torno do centro inimigo, prendendo-os. Vou precisar que vocês dividam os soldados humanos entre nosso flanco. Nossas forças demoníacas virão do alto. Vamos prendê-los na frente, à esquerda, à direita e de cima. Não daremos a eles nenhum lugar para fugir e vamos aniquilá-los.

— E os líderes deles? — perguntou Berengar. Lilith e Sammael?

— Deixe-os comigo — disse eu. — Não os ataquem, porque vocês não sobreviverão. Mantenham a formação, continuem em frente. Espere meus sinais para fecharem as asas e enxamearem de cima. Todos entenderam? Cadan, Anders e Adara, levem a infantaria de vocês para trás da colina. Não se envolvam até que eu diga. Ava, Marcus, o resto de vocês, preparem suas forças.

Cadan assentiu e levou seus generais com ele para mover as tropas demoníacas enquanto Ava e Marcus foram dividir as tropas angelicais na frente larga e fina com flancos que seriam bem-sucedidos perto dos exércitos de Sammael e Lilith.

Do outro lado do vale, uma parede de espaço começou a brilhar como o calor que subia da calçada. Sombras se moveram pela escuridão, dirigindo-se diretamente a Har Megiddo. Suas formas rastejaram pela terra como as chamas de um inferno lambendo o teto de uma sala em chamas, apenas essas chamas eram escuras como breu na noite. Os exércitos de Sammael começaram a derramar através do Grim – cinco mil ceifeiros demoníacos, talvez dez.

— Madeleine — chamei por ela, chamando sua atenção instantaneamente. — Envie batedores até as forças deles. Encontre Lilith e Sammael e retorne para mim com as localizações deles.

Ela deu um breve aceno de cabeça, abriu as asas e ergueu-se no ar. Agora era hora de convocar Azrael e reivindicar o gládio sagrado.

— Fique perto de mim — disse a Will e peguei a mão dele. — Preciso de sua força agora mais do que nunca.

Ele fechou os olhos e colocou a testa na minha. — Você tem isso.

Quando ele recuou, cerrei meu punho direito e falei para o céu. — Eu sou o mensageiro, Gabriel, ela que está sobre todos os poderes. Eu te evoco, Azrael, o Destruidor, senhor dos pastores, dos mortos.

Esperei aquele flash de luz brilhante anunciando a chegada de um anjo, mas não havia nenhum. Minha boca abriu em surpresa e medo e olhei boquiaberta para o anel no meu dedo. Ele ficou quente quando usei poder, mas Azrael não apareceu. Nada aconteceu.

— Não, não — gemi —, por que não funciona? Não entendo!

— Qual é o problema? — perguntou Will, com olhos brilhantes de preocupação.

— O anel — disse eu. — Não funciona. Fiz exatamente o que fiz quando convoquei Azrael da última vez. Não entendo porque falhou agora.

Will olhou para o horizonte escuro. — O exército de Sammael está chegando. O que deveríamos fazer?

Respirei fundo para acalmar meus nervos. — Lutarei sem o gládio de Azrael.

Madeleine voltou então, tocando do céu e dobrando as asas para trás.

— Sammael está lá embaixo? — perguntei.

Ela balançou a cabeça. — Lilith os lidera.

Meu queixo se apertou e procurei no exército demoníaco. — Onde está Sammael? É ele quem eu quero.

— Você não pode derrotá-lo sem o gládio sagrado — avisou Madeleine.

Dei a ela um olhar penetrante. — Tendo ou não o gládio de Azrael, eu devo lutar. Voltei para o Armageddon e agora devo encontrar meu irmão em combate.

— Ellie — implorou Will. — Os exércitos de Sammael estão aqui. Nós podemos combatê-los primeiro, depois descobrir por que Azrael não será convocado.

— Não — disse com firmeza —, nós devemos matar seu líder e os demoníacos se dispersarão confusos e sem ordens. Precisamos cortar a cabeça da serpente e depois lidar com o resto. Esta é a nossa melhor chance. Madeleine, assuma o controle da frente. Quando o demoníaco chegar à beira da colina, ataque.

Ela saiu e subi na parede de pedra mais uma vez. — Deus me dê força — sussurrei para as estrelas.

Os exércitos do Inferno inundaram o vale para colidir com os ceifeiros angelicais e demoníacos que lutavam pelo céu. Logo meus ouvidos se encheram de gritos de batalha, gritos agonizantes e o choque de metal.

— Eu sou o mensageiro, Gabriel, ela que está sobre todos os poderes — chamei. — Eu te evoco, Sammael, o Senhor das Almas e Anjo Caído da Morte. Eu

sou a vontade de Deus e você deve sair, Incubus, a serpente com cara de leão, o veneno de Deus...

— Já chega de xingamento. — Veio uma voz que enviou cobras pela minha barriga. — Eu ouvi você da primeira vez, irmãzinha.

O céu brilhou com escuridão, impossivelmente escurecendo a noite por um instante, e relâmpago dividiu as nuvens. A lâmina da foice rasgou o céu primeiro, incrustada com os olhos dos humanos cujas almas ele devorou, como se os olhos mortos fossem joias. Troféus pendurados do cajado da foice – pelos, ossos e dentes humanos e animais – e olhei para o rosto da caveira sorrindo montada sobre a enorme lâmina. Sammael, ostentando sua verdadeira forma caída, emergiu das sombras, suas asas esqueléticas e carbonizadas se espalharam para uma largura lamentável, as articulações rachadas e quebradas, e tendões rasgados. Sua armadura brilhava como manchas de óleo no luar, e os chifres na cabeça cortavam através da luz fraca como pináculos retorcendo em direção aos céus.

Ele tocou o chão, acertando a luz como uma pluma. Flanqueando-o estava seu par de ceifeiros leoninos de estimação que vieram através do vazio quando ele foi libertado do sarcófago. Seus casacos de ardósia escuros ondulavam sobre corpos elegantes e vigorosos, e quando seus olhos – tão dourados quanto os de Sammael e os meus – encontraram meu rosto, eles quebraram suas poderosas mandíbulas e os espinhos de ossos em suas crinas se arrepiaram. Will deu um passo para perto de mim, me protegendo enquanto eles circulavam nós dois.

— Gabriel, Gabriel — cantou Sammael. — Olhe para você, toda adulta e vindo para o Armageddon soar sua buzina. Eu te avisei o que aconteceria se você estivesse contra mim.

Invoquei minhas espadas Khopesh e o Fogo Angelical engoliu-a, a luz branca devorando as Trevas. Minhas asas se soltaram e me lancei do chão com um grito feroz. Levantei uma espada – e então os dentes apertaram meu tornozelo e me puxaram para a terra. Caí em minhas mãos e joelhos, esmagando a rocha em minha pele, e antes que eu pudesse me virar para ver o que havia em mim, arrastou-me para trás através da pedra. Eu me virei, batendo minhas asas para me libertar. Um ceifeiro leonino entrou na minha frente e virei a cabeça para ver o outro mordendo o meu tornozelo. Amaldiçoei quando o leonino na minha frente se mudou para a matança. A figura embaçada olhou para cima, sibilando como um

crocodilo quando Will passou a espada pelo pescoço dele. A cabeça do leonino foi espiralando pelo ar, sua crina cheia de espinhos espalhando-se pelo chão.

Com essa ameaça fora, eu empurrei minha bota livre na terra e impulsionei. Eu girei no ar, varrendo uma espada encharcada de Fogo Angelical em direção ao rosto do leonino restante. Era mais inteligente do que o irmão; ele me deixou cair e abriu sua mandíbula para rugir enquanto recuava. Minhas botas encontraram a terra novamente e pisei na direção do ceifeiro, as asas largas e as espadas balançando. Abaixou-se em suas coxas esqueléticas, cauda balançando para a esquerda e direita, garras amassando a rocha, entalhando a superfície. Então saltou, garras procurando por mim, mas expondo seu peito desprotegido. Eu me afastei e cortei uma espada, cortando profundamente o peito do Ceifeiro Leonino. Ele soltou um grito que era quase humano e caiu no chão, rasgando a terra com suas garras enquanto deslizava até parar. Ele girou e veio para mim novamente. Desta vez eu fiquei firme e não desisti enquanto golpeava minha espada novamente. Minha lâmina cortou a gaiola dura de osso e rasgou os órgãos sensíveis. O corpo do ceifeiro explodiu em Fogo Angelical e cinzas, vaporizando ao meu redor.

Não esperei que as chamas se dispersassem antes de aparecer, procurando por Sammael mais uma vez. Mas em vez dele, vi seu exército de demoníacos rastejando em direção ao sopé da colina.

— Madeleine! — gritei, rezando para que ela me ouvisse. — Em frente!

Quase imediatamente, nosso exército avançou. A linha da frente demoníaca, confusa como eu esperava, parou a sua marcha. Eles levantaram as espadas, transformando o ataque ofensivo em defensivo conforme as forças angelicais desciam em cascata e colidiam com o demoníaco. Houve um tremendo som, quase não identificável. Vozes grunhindo e corpos batendo, e golpes de espadas e mortes... Havia tanta coisa de tudo que era como um ruído branco implacável. O esmagador número de ceifeiros demoníacos começou a derramar em torno das bordas do nosso centro e vislumbrei alguns tentando subir a colina.

Apontei para eles e chamei Will: — Cuide deles! Não deixe que eles encontrem as forças de Cadan!

Will assentiu e saiu como um tiro, cortando os ceifeiros demoníacos transbordantes. Enquanto a força inimiga começava a enfraquecer e diluir a frente,

eu olhei para Ava e Marcus, que esperavam com as suas tropas, observando a batalha atentamente.

Pulei em uma rocha para poder ser vista e ouvida pelo meu exército. — Flancos esquerdo e direito, em frente!

Os gritos de batalha em resposta foram ensurdecedores; botas bateram na terra quando o restante da minha linha da frente varreu ambos os lados das forças demoníacas e se aproximaram. Entre os gritos metálicos de confronto de espadas, as armas de fogo pertencentes aos mercenários de Ethan Stone brilharam e explodiram como centenas de pequenos fogos de artifício. Corpos foram cortados quando os ceifeiros angelicais empurraram e esculpiram as tropas demoníacas, apertando-os mais uns aos outros.

Com um sorriso maníaco, eu me virei para sinalizar para a nossa infantaria do céu. — Cadan! — chamei, deixando o vento carregar meu grito. — Em frente!

Minha voz ecoou no esquecimento. Não houve resposta de gritos de batalha e correria de soldados.

Não havia nada. Ele não veio.

Oh Deus. Oh meu Deus. Onde ele estava? Onde estava Cadan?

Meu coração batia mais rápido e mais forte, como um trem subindo em minha direção. Eu não queria acreditar que ele me abandonou, me *traiu*. Cadan, meu amigo. Ele disse que me amava. Eu até… eu até o quê? Tinha sentimentos por ele? Amava-o, talvez?

— Cadan! — gritei. — *Cadan!*

Os ceifeiros demoníacos que eu acreditava que vieram lutar por mim, acreditava que poderiam nos ajudar a vencer essa batalha…

Eles se foram.

Eu estava louca de medo, girando, olhando em todas as direções, olhando para o céu, esperando vê-los mergulhando para engolir o inimigo e acabar com eles.

Meus olhos voltaram para o campo de batalha. Eu não podia mais ver Marcus. Eu assisti Berengar cair desmoronando em pedra. Madeleine foi derrubada por uma ursid e depois perdi a posição dela. E Ava. Ah Ava. Um ceifeiro demoníaco abriu a garganta e golpeou novamente, acertando a cabeça com o segundo ataque. Senti minha alma humana murchar e lágrimas vieram aos meus

olhos, escorrendo pelo sangue nas minhas bochechas. Procurei por Will, mas não consegui vê-lo. Havia muitos corpos lutando acima de mais corpos no chão.

Virei-me, incapaz de suportar a visão da carnificina, e virei à direita para Lilith. Tomei um suspiro forte e doloroso.

— Oh, alguém te deixou na mão? — perguntou ela como se falasse com uma criança com um joelho machucado. Então ela me deu um soco no rosto, fazendo minha cabeça retroceder. — De volta aos seus problemas de abandono, não é?

Eu rosnei e cortei minhas espadas de fogo angelical em direção a ela. Ela sacudiu um pulso e meu corpo subiu pelo ar. Minhas costas bateram em um muro de pedra entre uma fileira de ruínas desmoronando. Com outra onda de sua mão, eu fechei o espaço novamente e a frente do meu corpo bateu na parede em frente a passagem estreita. Eu gemi de dor quando seu poder esmagou meu corpo na rocha e argamassa. Ela me atirou através da estrada novamente, e desta vez através de uma parede. Eu caí em um monte de pedras em ruínas, sujeira e terra esmagando meu corpo. Lilith me levantou, cada parte de mim gritando em agonia pela montanha de detritos me cobrindo, e não percebi que estava sem as minhas espadas até que eu estava no ar e congelada por seu poder enrolando em volta dos meus membros. Eu me debati o máximo que pude, mas ela me segurou com muita força. Então me lançou sobre uma borda de pedra e em um buraco. Meu corpo bateu tão poderosamente no enorme altar sacrificial que a fundação de pedra entrou em erupção, deixando-me em uma cratera de minha própria criação e minhas asas quebradas se espalharam abaixo de mim. Foi demais para eu parar e notar a ironia da minha situação.

Estava desarmada, espancada e abandonada por Azrael e Cadan. Enquanto olhava para o céu escuro e sem estrelas, pegando a silhueta de Lilith no topo da borda que ela me jogou, uma lágrima escorregou na minha bochecha.

Não. Eu não poderia me sentir derrotada já. Cheguei tão longe, através de milhares de anos de tormento e guerra para chegar aqui. Eu não podia desistir, mas precisava de ajuda.

— Azrael — sussurrei enquanto lentamente me empurrava do chão, fechando meu punho em torno de algumas pedras. Sangue escorria pelo meu braço e a sujeira grudava no meu cabelo e roupas. — Azrael, *por favor*. eu preciso de você, Irmão.

Relâmpagos dividiram pelo céu, repetidamente cruzando, cada ataque e nunca desaparecendo. A atmosfera ficou pesada e baixa, pulsando, martelando com trovões. Eu olhei, perplexa, como as nuvens se separaram como se uma faca estivesse sendo puxada através delas, esculpindo um corte de um milhão de milhas de comprimento.

E então os anjos entraram pelo buraco no céu.

33

ELES ERAM TÃO BONITOS, OS ANJOS, ENQUANTO caíam do céu como pérolas balançando de um colar quebrado, brilhante e reluzente e caindo pelo ar. Os anjos desceram sobre os ceifeiros demoníacos como as forças de Cadan deveriam fazer. Um deles veio direto em minha direção, atirando como uma bola de fogo. Ele diminuiu e eu o reconheci. Suas asas prateadas refletiam a luz de sua armadura e sua pele escura era luminescente, olhos avermelhados listrados com ouro. Tive que piscar. Ele parecia um pouco humano em sua forma corpórea.

— Peço desculpas pela minha pobre pontualidade, irmã — disse Azrael, sorrindo de orelha a orelha —, mas eu trouxe alguns amigos.

Ele me ofereceu uma mão, e assim que a peguei, o calor subiu pelo meu corpo até as pontas das minhas asas, me curando instantaneamente. — Você veio — respirei, tendo que forçar as palavras para fora do meu choque total.

— Finalmente recebemos ordens para descer a Terra — disse ele alegremente. — Michael lidera a legião. Nós devastaremos as Crias do Inferno. Cabe a você derrotar Sammael.

— Mas não sozinha — veio outra voz. Antares se acomodou no chão ao lado de Azrael, seu reluzente cabelo castanho-avermelhado em torno dos ombros e asas. Ela havia retornado à sua antiga glória e era ainda mais dolorosamente bonita do que antes. — Não acredito que nossa barganha tenha sido totalmente equilibrada — disse ela. — Eu gostaria de corrigir isso hoje à noite, se você aceitar minha ajuda.

Estendi a mão para ela. — Obrigada.

Antares observou minha mão curiosamente, e então percebi como o gesto era humano. Mas ela me surpreendeu ao pegar minha mão e apertá-la. — Estou honrada de lutar com você — disse ela.

— E eu com você, mas... — Eu me virei para Azrael. — Perdi minhas espadas.

— Você não precisa mais delas. — Azrael estendeu o braço e o gládio sagrado brilhou a existência. Eu olhei para ele, banhando-me com a beleza da arma, e peguei o cajado ternamente em ambas as mãos. Fechei meus dedos ao

redor, sentindo o calor de seu curso de energia em mim e fundindo-se com o meu, como se fosse apenas uma extensão de mim – um quinto membro.

— Lembre-se do que eu te disse — disse Azrael, voz grave —, sobre convocar o poder de usar o gládio sagrado.

Olhei para encontrar seu olhar. — Eu sei. Estou pronta. Obrigada, irmão.

Antares invocou uma espada longa e elegantemente curva. — Eu te encontrarei no campo de batalha. Boa sorte para você. — Suas asas a levaram para o ar, e ela se foi.

— Preciso voltar a Michael agora — disse Azrael. — Todos os nossos irmãos e irmãs vieram para lutar e se despedir de você.

Sorri para ele. — Estou feliz por não estar sozinha quando repousar pela última vez.

Azrael pulou para o céu, bateu as asas uma vez e atirou em direção ao campo de batalha tão rápido que se tornou uma bola de fogo mais uma vez. Apertei o bastão do gládio sagrado novamente, testando seu centro de equilíbrio. Eu não era tão alta quanto Azrael, mas o gládio, se comportando como uma coisa senciente, parecia ajustar exatamente onde eu precisava.

— *Gabriel!* — gritou Lilith de raiva de cima.

Respondi seu chamado, saltando no ar, sentindo-me rejuvenescida pelo meu corpo curado e nova esperança. Os olhos negros da Rainha Demônio fixaram em mim enquanto eu mergulhava para ela, e o gládio sagrado se iluminou com o Fogo Angelical da lâmina ao punho. Ela desembainhou sua própria arma, uma lâmina fina quase tão alta quanto ela. De cima, eu golpeei, passando para a esquerda e para a direita com o gládio. Sua espada resvalou de cada ataque e ela chicoteou seu corpo para fora do caminho do gládio quando o empurrei diretamente em seu peito. Isso era meu ponto vulnerável, percebi, quando ela cortou meu braço. Eu me deixei abrir com todo ataque. Sibilei de dor e girei meu corpo, acertando o mastro da minha arma nas costas dela. Ela bateu na sujeira com um grunhido e minhas botas encontraram a terra.

— Eu te odeio — rosnou ela. — Você e tudo o que você representa.

— O sentimento é mútuo, asseguro-lhe — disse eu.

Nós circulamos uma a outra, procurando por qualquer sinal de fraqueza. Ela não usava armadura, então tudo que eu precisava era ultrapassar sua espada. O comprimento do gládio me ajudaria a fazer isso, mas eu ainda me sentia um

pouco desajeitada e sem uso para uma lâmina tão pequena em proporção ao longo cabo. Eu ataquei de novo e sua lâmina encontrou meu ataque; esquerda e direita eu ataquei, cortando tecido e carne enquanto ela me cortava. Eu me lancei do chão e chutei-a no peito. Enquanto ela cambaleava para longe, eu ergui o gládio sobre a minha cabeça e impulsionei. A lâmina mergulhou em sua barriga, apenas perto de seu coração.

Ela mostrou os dentes para mim, agarrou o cabo e arrancou a lâmina de seu corpo. Ela segurou firme e eu me recusei a soltar minha arma. Ela me arrastou para ela e cortou com sua espada. Quando me abaixei para evitar perder a cabeça, ela me chutou nas costelas e depois novamente sob o queixo. Eu virei de ponta a ponta através do ar e bati no chão com um grunhido, sentindo minhas costelas quebradas e mandíbula torcendo e se encaixando no lugar. A cura foi ainda mais angustiante do que quando elas quebraram. Lilith veio em minha direção e lutei para levantar, agitando, e cada músculo do meu tronco gritou enquanto as costelas curavam. Alcancei o gládio, mas ela esmagou a bota no meu pulso, quebrando-o também. Eu gritei de dor, me contorcendo.

— Minha música favorita! — disse Lilith alegremente. — Embora eu prefira o refrão aos versos. O que devo quebrar para você cantar o refrão?

— Ellie!

Minha cabeça virou para o lado bem a tempo de ver Cadan jorrando em nossa direção. Lilith rosnou, tendo notado ele também. Ela estendeu a mão, seu poder agarrando o corpo dele e jogando-o sobre sua cabeça através do ar. Ele bateu no chão rochoso com um baque e uma rachadura ensurdecedora e depois ficou imóvel.

Com minha mão boa, eu agarrei um pouco de terra e seixos, e assim que Lilith olhou para mim, eu joguei os destroços no rosto dela. Ela gritou e arranhou os olhos, mas perdeu o suficiente de foco para eu me libertar. Peguei o bastão enquanto me levantava e empurrei a lâmina com toda a força no peito dela, perfurando sua cavidade corporal e deixando-a inerte.

Lilith caiu de joelhos e a magia do gládio a matou, enviando relâmpago através de suas veias e crepitando em sua boca e olhos abertos. Arranquei a lâmina e ela começou a tremer violentamente, caindo de costas. Sua agonia finalmente desapareceu quando sua vida acabou, e o relâmpago consumiu-a em chamas de fogo-de-anjo. Quando o poder do gládio sagrado levou a vida da rainha demônio,

eu pude sentir isso lentamente levando o meu com ela. Eu usei muito da minha energia angelical para destruí-la, e não estava certa se tinha o suficiente para lutar contra Sammael. De repente, era mais difícil para respirar. Meus membros pareciam mais pesados e um pouco dormentes, como se estivessem cheios de areia.

Corri para onde Cadan caíra e caí no chão ao lado dele. Procurei por lesões, as quais curaram rapidamente, e segurei seu rosto, procurando seus olhos de opala.

— Cadan — disse a ele, virando o rosto para o meu.

Ele fez uma careta de dor quando se sentou direito. — Você a matou?

Assenti. — O que aconteceu? — perguntei a ele. — Por que você não moveu as forças? Onde estão Adara e Anders?

— Anders matou Adara — respondeu ele com um grunhido de desconforto quando os ossos que se quebraram voltaram para as posições corretas. — O traidor tentou nos impedir de nos envolver.

Raiva ferveu dentro de mim. — Onde está Anders?

— Lá — disse ele, com um gesto de cabeça em uma direção e depois na outra. — E acabou lá. Ele está em alguns pedaços depois que ele tentou me matar também. O traidor estúpido.

Eu sorri com isso, muito feliz que o que eu temia que tivesse acontecido não era a verdade. — Eu me preocupei que você tivesse me traído.

Sua expressão esmagada de dor. — Não. Nunca.

— Graças a Deus — disse eu, e o abracei.

Quando o soltei, ele sorriu para mim um pouco delirantemente. — Você é um lindo anjo. Você brilha. E você é foda. Assim como pensei que você seria. Você nunca decepciona.

— Atire-se em mim depois — disse eu com um sorriso. — Temos uma guerra para vencer.

Peguei a mão dele e o ajudei a ficar de pé. — Onde estão as tropas demoníacas?

— Ainda estão esperando — disse ele. — Anders me distraiu de ouvir o seu sinal e eu nunca os enviei.

— Tudo bem. O céu enviou reforços. Eu te dou meu sinal agora para se envolver. Limpe o que resta das forças de Sammael, eu vou encontrá-lo e destruí-

lo. Meu corpo está ficando cansado e tenho que fazer isso agora, antes que eu esteja fraca demais. Eu quero dizer bem...

Cadan pegou minha mão e me puxou para seu peito, me fazendo ofegar. Ele tocou minha bochecha, polegar escovando meu lábio inferior. — Não — disse ele gentilmente —, isso não será a última coisa que você diz para mim.

Seus olhos de fogo, endurecidos, apaixonados, moveram-se sobre meu rosto, minha garganta, meu ombro, minhas asas. Ele abriu a boca e inalou, mas não disse nada. Ele apenas deu uma quase imperceptível sacudida de cabeça e olhou para mim.

— Não tenho palavras — disse ele.

Olhei para ele e engoli, sentindo meu coração zumbir no meu peito. — Essa é a primeira vez.

Ele sorriu de lado e puxou meu rosto para o dele. Ele beijou minha bochecha, parando, demorando, como se tivesse todo o tempo do mundo para ficar assim. Ele me segurou, como se estivéssemos apenas dançando, e não pude deixar de fechar os olhos e me inclinar para ele. Esse tipo de conforto era algo que nunca experimentei como um anjo, esse tipo humano de amor, uma amizade.

Ele se afastou e abri meus olhos. — Obrigado — disse ele, todo o humor se foi de sua expressão. — Por me consertar.

— Você nunca precisou de redenção — disse a ele. Coloquei minha mão no peito dele. — Você tinha em sua alma tudo desta vez. Eu nunca teria chegado tão longe sem você.

— Você chegará mais longe — prometeu ele. — Não perca a esperança. Agora vá. Mate o Senhor das Almas.

Eu não tinha em mim para dizer a ele que eu já estava morrendo, mas entendi que ele sabia, eu só precisava encontrar minha força e continuar lutando. Apertei o cabo do gládio sagrado na minha mão. O bastão era tão sólido que não dava nem um rangido sob minha força.

Cadan se virou e correu para a parte de trás da colina onde suas forças esperavam. Fiquei de pé, apertei tanto que senti como se estivesse prestes a quebrar enquanto ouvia os gritos da legião de ceifeiros demoníacos que prometeram sua lealdade ao céu. Houve uma grande corrida de vento enquanto asas e garras voavam, escurecendo a crista do Armageddom com suas sombras conforme desciam sobre os exércitos do inferno.

Eu corri através de um caminho entre prédios desmoronando em direção ao topo de uma rocha para observar os ceifeiros demoníacos descerem sobre seus parentes. Procurei por Sammael, mas não consegui vê-lo. Onde ele foi quando seus ceifeiros leoninos me distraíram era um mistério.

— *Sammael!* — gritei. — Venha e mostre seu rosto, seu covarde! Sammael!

Uma mão apertou minha garganta atrás de mim, apertando ao redor da minha traqueia até que ela rangeu.

— Aqui estou, irmã — sussurrou ele, seus lábios gelados roçando minha orelha.

Eu bati a parte de trás do meu crânio em seu nariz. Ele rugiu de raiva e torci para longe, passando o gládio através do ar entre nós. A lâmina cortou seu peito.

O Senhor das Almas olhou para a faixa reluzente que coloquei em sua armadura e franziu a testa. — O gládio de Azrael.

— Parece familiar? — zombei, circulando-o.

— Quando ele e eu nos encontramos pela última vez — disse Sammael —, Azrael lutou comigo com essa lâmina.

— Ele deveria ter matado você com isso — rosnei. — Mas suponho que ele deixou isso para mim.

Eu o ataquei, cortando e empurrando a lâmina, forçando-o a se mover para trás. O bastão de sua foice retiniu contra o meu cajado, o Fogo Angelical iluminando o espaço entre nós, e seu fogo demoníaco explodiu, as chamas dançando obsidiana e meia-noite. Peguei a foice nas lâminas do gancho da alabarda. O fogo demoníaco queimando contra a minha pele parecia mais ácido do que chamas. Minhas asas bateram uma vez para lançar meu corpo no ar, arrastando a foice comigo enquanto eu espiralava sobre a cabeça de Sammael. Forcei sua arma ao chão e soltei-a para empurrar minha lâmina em direção ao seu rosto. O metal rasgou sua bochecha cinza-cadáver, tirando sangue. Ele se afastou, franzindo a testa e limpando a bochecha com as costas da manopla de obsidiana cobrindo sua mão.

Empurrei a lâmina novamente e ele saiu do caminho, esmagando seu cotovelo no meu rosto quando veio ao redor. Caí de costas no chão e chutei-o no joelho. Ele grunhiu e desmoronou para frente, e eu o chutei no queixo. Sua cabeça se afastou e ele cambaleou, caindo de joelhos. Eu me afastei, levantei, e voltei para

minha posição, exatamente como Madeleine me ensinara. Tentei não pensar nela, por medo de que estivesse morta junto com Ava.

Ofeguei por ar. Meu corpo estava curvando. Esse poder era demais para mim. Eu permaneci no Céu por décadas para ganhar poder, e agora estava me matando. Eu necessitava invocar tudo isso para usar o gládio sagrado e estava lentamente me destruindo.

Sammael estava zangado. Com sangue manchando o rosto e olhos dourados em chamas, ele se lançou contra mim, asas carbonizadas largas. Ele balançou a foice em chamas, elevando-se sobre mim, balançando ossos e dentes tilintando uns contra os outros, e a trouxe para baixo em um arco arrebatador enquanto eu erguia minha arma para parar a dele. A foice enganchou em uma das lâminas externas e completamente ao redor do cabo, e ele tirou o gládio das minhas mãos. Foi subindo pelo ar atrás dele, aterrissando a quase dois metros de distância de mim, e meu fogo se apagou como uma chama de vela. Antes que eu pudesse me arremessar para recuperar a arma, sua forma desapareceu e reapareceu na minha frente, bloqueando meu caminho. Eu corri para o outro lado, mas ele me bloqueou novamente. Eu precisava do gládio. Sem uma arma eu morreria imediatamente. Corri diretamente para ele, para sua surpresa, mas em vez de colidir com ele, eu caí no chão, deslizando através dos seixos, sujeira e as pernas dele. Eu parei de deslizar e rolei para manter meu ímpeto, coletando o gládio. Meu coração disparou. Senti minha força escorregando.

Ele colocou o pomo de sua foice no chão e levantou a mão. Seu poder serpenteou de sua forma e deslizou em direção a palma da mão, como os tentáculos de tinta enrolados em torno de seus membros blindados. Então seu poder direcionou para mim com força total, um tsunami negro de eletricidade e fogo do inferno. Eu avancei, mas foi tão forte que senti minhas botas escorregarem na terra, e fui forçada a dobrar minhas asas para protegê-las. O vento jogou seixos no meu rosto, chicoteou meu cabelo como chamas. Agarrei mais forte o cajado do gládio sagrado e dei um passo, mas não conseguia mais me mexer. Invocar o poder apenas para me manter de pé estava me drenando.

Vislumbrei uma sombra passando por trás da forma de Sammael e uma enorme lâmina perfurando seu corpo através da armadura. A espada escorregou e Sammael dobrou, e pude ver Will finalmente. Meu Guardião levantou a espada para atacar novamente, mas o poder de Sammael arremessou em seu peito,

derrubando-o, e me deu a força suficiente para me libertar. Will bateu no chão, e quando seus olhos verdes encontraram os meus, eu sabia. Eu não deixaria a distração ser desperdiçada.

Asas espalhadas, eu me lancei, minha energia explodiu como uma bomba e corri a toda velocidade em direção a Sammael. Empurrei o gládio, ele o afastou com a mão, e bati o pomo em suas costelas. Ao cortar a lâmina, estudei sua armadura, procurando por pontos fracos que me permitissem matar com um golpe. Minha melhor chance de matá-lo seria através de seu pescoço desprotegido. Os colares de metal do peito dele eram altos, mas não cobriam cada centímetro de sua pele vulnerável. Quando a foice enganchou nas lâminas externas desta vez, eu estava preparada. Arranquei do aperto dele e arremessei no chão. Eu girei o cajado ao redor do meu corpo e antes que ele pudesse recuperar sua lâmina, eu pressionei a ponta do gládio diretamente no oco de sua garganta, liberando um fio de sangue de sua pele macia.

Seus olhos dourados olhavam para os meus, sua vida firmemente em minhas mãos.

— Acabou — rosnei.

A dureza em sua expressão não vacilou, mesmo sabendo que ele estava prestes a morrer. — Eu não sou o único senhor no inferno. Outros se levantarão para tomar o meu lugar. A Estrela da manhã desejará vingança.

— Deixe que venham.

Cortei uma última vez e abri a garganta dele. Ele tossiu e engasgou, se afogando em seu próprio sangue. Eu o assisti sofrer, sentindo a parede que minha disciplina de arcanjo construiu em torno das minhas emoções se abaixarem completamente. Deixei minhas lágrimas correrem enquanto olhava para o rosto dele. Ele parecia além da dor agora, e perplexo com minhas emoções. Sua boca se moveu como se ele falasse, mas era incapaz. Relâmpago reluziu sob sua pele, uma vez, duas vezes, três vezes. E então seus olhos reviraram enquanto o sangue da vida esvaía, acumulando-se na sujeira abaixo de nós.

Eu me afastei, ofegante, e olhei para o campo de batalha, sabendo que eu tinha amigos entre os mortos. Ainda assim, nossas forças devastaram os exércitos do Inferno. Os corpos dos mortos se transformaram em pedra e o vale parecia mais um campo de pedregulho do que terra arável. Havia corpos humanos

ensanguentados e quebrados entre os ceifeiros. Meu coração ficou doente e eu estava cansada, muito cansada. Mas não havia terminado ainda.

— Ellie. — A voz de Will estava baixa atrás de mim. Fechei os olhos quando ele se aproximou e senti sua presença forte e gentil. Ele colocou as mãos nos meus braços, seu toque suave e quente.

— Onde estão meus amigos? — perguntei. — Eu quero vê-los.

Ele se afastou, as pontas dos dedos demoraram-se em minha pele e então começou a descer a colina. Meu aperto no gládio sagrado ficou fraco e quase o derrubei. Will chamou Marcus, e eles se encontraram nas as ruínas. Will abaixou a cabeça perto de Marcus e disse algo que eu não conseguia ouvir dessa distância. Marcus colocou a mão no ombro de Will e tive que desviar o olhar.

Vislumbrei Cadan andando entre os corpos. Ele se moveu em direção a um ceifeiro deitado nos escombros. Eu vi que o Vir caído era Ronan, ainda persistente. Cadan se ajoelhou ao lado dele e pegou sua mão. Eles trocaram palavras, e momentos depois, Ronan morreu. Eu queria chamar Cadan, consolá-lo enquanto ele sofria por seu amigo, mas depois lembrei que eu não queria que ele repetisse tão cedo o que havia apenas suportado. Eu não queria que ele me visse morrer. Nossas últimas palavras foram suficientes.

Will e Marcus caminharam para mim através dos escombros. Marcus me ofereceu um sorriso encorajador e triunfante que ainda não conseguia esconder sua tristeza. Suas roupas estavam rasgadas, imundas e ensanguentadas, e sua pele estava marcada por feridas ainda cicatrizando.

— Nós vencemos — disse Marcus. — Ellie, você fez isso.

— Não — respondi —, todos nós fizemos isso.

Seu olhar parecia procurar pelas lesões que me derrubavam, mas ele não encontraria nenhuma. — Os anjos estão ajudando nossas forças a matar o último inimigo. Os ceifeiros demoníacos que lutaram com Cadan foram poupados, mas os leais ao inferno foram destruídos. Pode haver outros deles em algum lugar no mundo, mas não há como reabastecerem suas fileiras antes de encontrarmos o último deles e exterminá-los. A guerra terminou.

Senti uma onda de alívio e alegria, e sorri. — Nunca pensei que esse dia chegaria.

— Nossos amigos sobreviveram? — perguntou Will.

— Ava está morta — disse Marcus, com a voz grave. — Ela foi derrubada por um Vir demoníaco. Cadan está ajudando os outros a procurar por sobreviventes.

Will olhou para o campo de batalha agora silencioso. — Minha mãe?

— Madeleine ficou ferida gravemente, mas vai viver. Evolet está com ela agora, certificando-se de que ela está curando.

— Você fez tão bem, Marcus — disse a ele. — Se você encontrar Azrael, por favor, agradeça a ele por mim. E diga a Kate que eu a amo.

Ele hesitou antes de sair, mas então ele me puxou para ele e me deu um forte abraço, enterrando seu rosto no meu cabelo. O gládio sagrado escorregou dos meus dedos e caiu no chão quando envolvi meus braços ao redor dele com a última das minhas forças. — Você é quem fez bem — sussurrou ele. — Eu verei você em breve.

Ele se afastou e fiquei triste ao vê-lo sair. Eu queria segui-lo, para ajudar Cadan a encontrar sobreviventes, para continuar, mas eu estava tão cansada. Minha respiração ficou ainda mais irregular e fechei meus olhos, sentindo o vento em minha pele, saboreando-o. Minhas asas desapareceram de volta em meus ombros, incapazes de manter a sua forma por mais tempo. Eu estava caindo antes que percebesse, mas braços fortes me envolveram e senti-o, senti seu cheiro, senti sua face áspera contra a minha.

— Eu tenho você — sussurrou Will, sua voz tão fraca que eu queria me agarrar a ele e confortá-lo. Ele sabia tão bem quanto eu que estava acabado. O poder infinito do gládio sagrado levaria mais uma vida esta noite.

Ele me pegou e me levou para um trecho de grama no topo do Armageddon, e este era o lugar onde eu morreria. As nuvens se foram e o céu noturno se abriu com uma cascata de estrelas brilhantes. O ar estava fresco na minha pele, e onde Will me tocou eu estava quente. Não era tão difícil respirar agora que eu estava deitada, mas as respirações vinham cada vez mais devagar. Meu batimento cardíaco não era tão feroz agora, mas bombeava uma sensação de serenidade através de mim que eu não temia. Pela primeira vez em muitas, muitas vidas, eu não tive medo de morrer.

Mas quando olhei para o rosto de Will, tudo mudou. A tristeza em seus olhos verdes era tão terrível e tão linda que fui vencida por isso. Eu só vi suas

lágrimas algumas vezes em quinhentos anos, mas ainda assim me quebraram todas às vezes.

— Não posso fazer isso — disse ele, tremendo. — Não posso dizer adeus a você para sempre.

Ofereci um sorriso tão doce e tão grande quanto pude, mas eu estava tão frágil. — Está tudo bem. Deveria ser assim.

Ele mordeu o lábio e disse: — E nós também.

Lágrimas rolaram pelas minhas bochechas e deslizaram em meu cabelo enquanto eu olhava para ele. — Sinto muitíssimo. Eu amo você. Por favor, saiba disso. É a única coisa que importa agora.

Ele balançou a cabeça. — Você não pode me deixar.

— Mas você não está sozinho — disse a ele. — Você tem sua mãe, seu irmão e seus amigos.

Ele tocou minha bochecha e traçou meus lábios. — Eu não sou nada sem você.

— Você se lembra da noite em que você me beijou pela primeira vez, quando eu te disse que queria viver?

Ele exalou, a respiração roubada dele, e assentiu. — Sim. oh, Deus, Ell...

Eu sorri para ele. — Eu vivi. Eu tenho vivido. Obrigada.

Ele não disse nada, mas uma lágrima caiu de seu olho e bateu na minha bochecha.

* * *

O tempo passou, mas eu não sabia dizer quanto. Will me segurou em seus braços e enrolei meu corpo nele, sentindo a subida e descida de seu peito enquanto respirava, ouvindo seu batimento cardíaco. Meu próprio coração desacelerou e fiquei mais fraca enquanto meu corpo quebrava, mas eu não desenredaria meus dedos ao redor da camisa dele. Eu o memorizei, seu cheiro, a sensação dele me segurando, cada contorno do músculo sob sua pele, todo rasgo nas roupas devido a batalha.... Eu queria que esse momento queimasse em minha mente, na minha alma, para que, onde quer que eu fosse, uma vez que fechasse meus olhos dessa última vez, eu não o esqueceria.

— Ellie — sussurrou ele, quebrando o silêncio entre nós.

Apertei meus dedos ao redor do tecido de sua camisa. — Sim? — Minha voz era minúscula, suave, nada mais do que o bater de asas de borboleta.

Seu peito estremeceu e senti uma gota quente de lágrima cair na minha mão. — Você ficou quieta. Pensei que você havia morrido.

— Não — disse a ele —, mas estou tão cansada.

— Fique aqui, por favor — sussurrou ele. — Estou te implorando.

— Vou tentar voltar — prometi. — Eu encontrarei uma maneira. Você vai me esperar?

— Vou esperar para sempre. — Seus lábios pressionaram o meu cabelo e ele inclinou meu rosto para cima. — Eu juro que ainda estarei aqui. Mesmo que você nunca volte, continuarei esperando por você.

— Eu lutarei por todo o caminho até aqui se for preciso — disse eu, segurando-o com mais força.

— Eu sei que você faria. Você é a garota mais feroz que já conheci.

Movi minha mão até o peito para embalar seu rosto e o puxei para mim. Respirei apenas enquanto o beijava. Ele me beijou gentilmente enquanto seus lábios se moviam com os meus. Então ele se separou com um som miserável, triste e beijou minha bochecha, minha têmpora, minha testa e meus lábios uma última vez.

— Eu estarei aqui — disse ele. — Por quanto tempo demorar. Um ano, dez mil. Eu não deixarei esse mundo até você voltar para mim.

Passei minha mão em sua bochecha até que não pude mais segurá-la. — Eu prometo que voltarei para você. Eu não esquecerei seu rosto. Eu voltarei.

E então o rosto de Will desapareceu.

EPÍLOGO

Will

A ÚNICA RAZÃO PELA QUAL EU ESTAVA AJUDANDO KATE a se mudar para seu dormitório foi porque Marcus me obrigou. E porque eu gostava de Kate, embora ela ainda me assustasse profundamente.

E porque ela me disse que eu precisava ser feliz novamente.

Eu não gostava muito da vida universitária em East Lansing. Era maníaca, alcoolizada e estudiosa, e havia muitas pessoas para me divertir. Mas me senti seguro de ceifeiros aqui. Desde a batalha no Armageddom, o número de ceifeiros demoníacos leais ao Inferno foi devastado. Ceifeiros não rondavam mais o Grim, caçando humanos. Havia alguns ceifeiros lá fora, mas tão poucos que dificilmente eram uma ameaça quando os pegamos, um por um. Nós e os anjos acabamos por dizimá-los. Eu estava, para ser honesto, entediado e fora de foco. Marcus, no entanto, estava claramente prosperando.

— Acho que posso me inscrever — confessou ele.

Kate deixou cair uma caixa de roupas na estreita cama idêntica do lado dela do quarto. — Você não pode simplesmente se inscrever, idiota. Você tem que ser aceito.

Ele deu-lhe um sorriso arrogante. — Oh, eles me aceitarão. Assim que souberem que estou na cidade, eles vão mandar seus estagiários mais sensuais me perseguirem na rua, acenando ofertas de bolsas de estudos impressas em papel timbrado manchado com marcas de batom.

Kate prontamente o socou no estômago e tirou o fôlego dele. — Encontre meus cabides para que eu possa guardar minhas roupas. Já está escurecendo e quero ir à festa. Todas as fraternidades ouviram que eu estava me mudando, e não quero deixar esses garotos esperançosos esperando. Meninos... — suspirou ela. — A atenção deles é tão limitada, sabe.

Marcus sorriu, pegou a blusa dela e a puxou para perto, e beliscou seu pescoço de brincadeira. Eu suspirei, balancei a cabeça e coloquei a televisão que acabara de trazer para ela na mesa. Tentei tanto desde que chegamos aqui não

olhar para o outro lado do quarto, onde Ellie deveria colocar suas próprias coisas hoje. Nunca percebi o quão difícil seria ajudar Kate a se mudar até que vi a cama vazia e a mesa. Meu coração tentou se quebrar novamente. Tudo era muito vazio agora.

Fazia dois meses e meio. A universidade não havia designado um colega de quarto substituto para Kate. As coisas seriam mais fáceis se houvesse alguém lá para preencher o vazio que Ellie deixou, mas não havia. Tudo que eu tinha dela eram suas espadas. Eu as envolvi em pano e guardei no meu quarto. Eu não podia nem mais olhar para elas.

Ellie morreu em meus braços. Mesmo como arcanjo, ela parecia tão pequena e frágil. Eu a segurei morrendo tantas vezes antes disso, mas o tempo final foi diferente. Nós chegamos tão longe desde que nos reencontramos. Nós amamos tão ferozmente. Ela foi minha apenas por um tempo tão cruelmente curto. Uns poucos meses em quinhentos anos não era tempo suficiente. Eu faria tudo de novo, no entanto. Eu a perderia para sempre novamente. Eu nunca devolveria aqueles poucos meses, mesmo por um coração menos partido.

Um por um, os anjos chegaram ao topo de Har Megiddo, onde me sentei, segurando o corpo dela perto do meu depois que ela morreu. Eu lutei ao lado deles naquela batalha, mas de perto, quando eles ficaram quietos observando-nos, eles pareciam tão bonitos quanto pareciam irreais. Os anjos não deveriam sentir emoção, mas eles estavam chorando. Todos eles. Suas lágrimas mancharam seus rostos impecáveis como chuva correndo em riachos através da pedra. Azrael foi o único deles que veio até mim, se ajoelhou na minha frente, e a tirou dos meus braços. Ele era o anjo da morte para levar sua irmã para casa. Eu não queria desistir dela, sabendo que seria a última vez que eu veria seu rosto. Eu morri naquela colina miserável com dela.

Fiquei com minha mãe por algumas semanas depois. Eu fiz como Ellie me disse, conheci minha mãe novamente, e durante essas semanas, eu senti vislumbres do que a felicidade costumava ser. Meu irmão não esteve por perto por quase um mês, mas Cadan tinha seu próprio jeito de luto, eu supus. Uma vez que nossa a dor desaparecesse, e todos os dias fossem menos difíceis de suportar, eu queria conhecê-lo como família, saber como era ter um irmão. Para me sentir menos vazio.

Eu queria seguir em frente, mas minha alma não me deixava. Todos os dias eu acordava com esperança, mas também era cedo para Ellie renascer – se renascesse. Não havia sinal dos anjos, nenhuma palavra sobre o que acontecera com ela. Eu até peguei o Pentalpha e tentei convocar Azrael ou Michael, e implorar para eles me dizerem se sabiam onde ela estava, mas o poder havia saído da relíquia como ela saíra deste mundo. Não havia palavras para o desespero que senti depois disso.

Mas eu rezava todos os dias para que ela voltasse para mim, de alguma forma. Eu nunca pararia de rezar.

— Você precisa de mais alguma coisa? — perguntei a Kate, tentando fingir que ela e Marcus não estavam praticamente rasgando as roupas um do outro enquanto eu ainda estava no quarto.

— Mmm — perguntou ela, afastando-se de Marcus apenas o suficiente para olhar para mim. — Não. Obrigada por tudo, Will.

— Na verdade — disse Marcus, desembaraçando-se dela e afastando suas mãos. Ele se aproximou de mim enquanto ela fazia beicinho. Ele baixou a cabeça perto da minha e disse em voz baixa: — Você se importa de sair por umas duas horas?

Atrás dele, Kate deu uma gargalhada. — *Duas* horas? Você deseja!

Bati a mão em seu ombro. — Certo, homem. Entendi. Eu poderia precisar de um pouco de ar fresco.

Saí do quarto do dormitório, fechando a porta, e fui até o elevador. O salão estava cheio de alunos e pais que ainda não terminaram a mudança. Coloquei minhas mãos nos bolsos enquanto entrava no elevador. Ressoou lentamente para o andar principal e, em seguida, as portas se abriram, permitindo que todos derramassem à minha frente. Passeei pelo saguão e saí noite adentro. O ar estava fresco e o céu estava claro e brilhante com estrelas, embora elas fossem um pouco difícil de ver entre a neblina das luzes da cidade.

Passei pelos altos edifícios do dormitório, pelos estacionamentos, tecendo em torno de veículos e indo para o campo além dos pequenos bosques. Era interessante como essa cidade movimentada e extensa terminava tão abruptamente e se tornava terra cultivável. De um lado da estrada, havia um campus universitário movimentado e do outro, havia campos, árvores e muitos cervos.

Um flash ofuscante de luz acima da minha cabeça me fez apertar e proteger meus olhos. Era diferente de qualquer coisa que eu já vi: uma estrela cadente, correndo em direção a Terra. Eu assisti com admiração, boquiaberto, e os pelos nos meus braços subiram, fazendo cócegas em mim. Minha mente correu com possibilidades, mas eu não tinha resposta para o que acabei de testemunhar. Então eu corri, sem saber exatamente o que eu estava seguindo, mas certo que não era um fenômeno natural. A energia que entrara em erupção dessa coisa era enorme, e o que quer que fosse, bom ou mau, era perigoso.

A estrela cadente desapareceu no topo das árvores e o chão deu um rugido tremendo, estremeceu tão forte que fui derrubado no chão. Eu me levantei da grama e continuei. Eu precisava saber o que era. Precisava saber. Eu estava perdido em um torpor, cego de todos os lados, além da frente. Nada importava no mundo, além de encontrar essa estrela caída. Corri através das árvores, minha camisa pegando galhos, mas não parei. As árvores começaram a afinar e então me vi em uma clareira, olhando para uma cratera rasa e fumegante na terra.

Eu não sabia quando parei de respirar, mas de repente ofeguei por ar. Calor e energia rolavam através da grama em direção aos meus pés. Caminhei para frente, deslizando pelo declive suave até a cratera, olhando na coisa no centro dela que emanava uma luz brilhante e lentamente se desdobrou diante de mim.

As asas da cor do luar e do ouro se desenrolavam de uma figura pequena e agachada. A luz que vinha dela era incrivelmente brilhante, mas não me importei, apenas olhei de olhos arregalados com uma esperança esmagadora e alegria cuidadosa. A garota se empurrou do chão, suas estranhas roupas brancas luminosas sob suas asas. Ela levantou a cabeça para olhar para mim debaixo de uma cachoeira de cabelos da cor de cerejas, chocolate e fogo, e caí de joelhos.

Ela sorriu, um gesto tão lindo e doce que senti lágrimas picando meus olhos. — Olá, Will.

— Impossível — respirei; incapaz de me recompor. Eu estava tremendo como se estivesse congelando, mas a luz dela era calorosa e gentil.

Ela se aproximou de mim, dobrando as asas para trás. Ela levantou a mão e meu corpo se ergueu espontaneamente. Estendi as mãos trêmulas para tocar seu rosto.

— Você é real — disse eu, olhando maravilhado para ela. — Isso não é um sonho. Gabriel, você voltou.

Seu sorriso se tornou algo que era muito humano e continha mil segredos.

— Me chame apenas de Ellie.